

Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ

Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde

ANA BEATRIZ RAMOS DE OLIVEIRA

**“ÁGUA RABELLO, A MARAVILHA BRASILEIRA”:
COMÉRCIO E PROPAGANDA DE UMA ÁGUA CURATIVA (1902-1940)**

Rio de Janeiro

2022

ANA BEATRIZ RAMOS DE OLIVEIRA

**“ÁGUA RABELLO, A MARAVILHA BRASILEIRA”:
COMÉRCIO E PROPAGANDA DE UMA ÁGUA CURATIVA (1902-1940)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientadora Prof^a Dr^a Dominichi Miranda de Sá

Co-orientador Prof. Dr. Ricardo Cabral de Freitas

Rio de Janeiro

2022

ANA BEATRIZ RAMOS DE OLIVEIRA

**“ÁGUA RABELLO, A MARAVILHA BRASILEIRA”:
COMÉRCIO E PROPAGANDA DE UMA ÁGUA CURATIVA (1902-1940)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª Dominichi Miranda de Sá (Programa de Pós Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz) – Orientadora

Prof. Dr. Ricardo Cabral de Freitas (Programa de Pós Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz) – Co-orientador

Prof^ª. Dr^ª. Serioja R. Cordeiro Mariano (Programa de Pós Graduação em História / Universidade Federal da Paraíba) – Examinadora Externa

Prof^ª. Dr^ª. Tania Pimenta Salgado (Programa de Pós Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz) – Examinadora Interna

Suplentes

Prof^ª. Dr^ª. Danielle Sanches Almeida (Fundação Getúlio Vargas) – Examinadora Externa

Prof. Dr. Flavio Coelho Edler (Programa de Pós Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz) – Examinador Interno

Rio de Janeiro

2022

Ficha Catalográfica

O48a Oliveira, Ana Beatriz Ramos de.

“Água Rabello, a maravilha brasileira” : comércio e propaganda de uma água curativa (1902-1940) / Ana Beatriz Ramos de Oliveira ; orientada por Dominichi Miranda de Sá. – Rio de Janeiro : s.n., 2022. 191 f.

Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) –
Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2022.
Bibliografia: 169-179f.

1. Medicamentos Fitoterápicos. 2. História da Farmácia. 3. História do Século XX. 4. Brasil.

CDD 615.19

Catálogo na fonte - Marise Terra Lachini – CRB6-351

AGRADECIMENTOS

Um trabalho como este nunca é feito sozinho, então, cito aqui aqueles que fizeram parte dessa jornada.

Primeiramente gostaria de agradecer à minha família. Meus pais, Carlos e Verônica e o meu irmão Pedro, que a todo momento me apoiaram, desde a escolha do meu curso em História até a decisão de realizar o mestrado no Rio de Janeiro. Da seleção até os últimos momentos de escrita eles estiveram comigo. Por isso, registro aqui, meu amor e a minha gratidão.

Agradeço à professora Serioja Mariano, pois, através da sua disciplina ministrada sobre História das Doenças encontrei o meu objeto de pesquisa atual. Também durante o desenvolvimento do meu tema do TCC ela me indicou a participação em um evento sobre História das Ciências, e foi durante esta busca que encontrei a seleção do PPGHCS, e só por isso estou aqui hoje concluindo a minha dissertação. Além disso, a professora foi uma apoiadora fundamental com a sua leitura no meu projeto de pesquisa, sinalizando assim os caminhos possíveis de acordo com meus interesses e possibilidades metodológicas. Agradeço, então, toda essa caminhada da graduação até também a pós graduação.

Agradeço à minha querida orientadora Dominichi Miranda de Sá por todo o apoio. Seus encaminhamentos de pesquisa, sua visão experiente aos desafios do trabalho, ao mesmo tempo, seu olhar extremamente humano diante das minhas inúmeras dificuldades e limitações durante o percurso. Não soltou a minha mão, confiou no meu tema, confiou em mim. Muito obrigada!

Agradeço também ao meu coorientador Ricardo Cabral de Freitas, que aceitou participar em conjunto deste trabalho, já em andamento. Contribuiu muito nesta dissertação, com sua experiência no tema, sua dedicação nas leituras, e sempre com ricas sugestões. Obrigada!

Agradeço à professora Tania Salgado Pimenta pela historiadora inspiradora que é, e por toda sua obra referencial para a História da Saúde e das Doenças. Sem o contato com as suas publicações certamente eu não teria encontrado o meu objeto de pesquisa. Agradeço também a leitura atenta ao meu trabalho, e suas importantes contribuições desde a sua participação em uma das aulas da disciplina de História da Farmácia pelo

PPGHCS/COC, na qual eu compartilhei parte da minha pesquisa e ali você já me apontou caminhos de análises. Gratidão!

Agradeço também à toda estrutura proporcionada pela Fundação Oswaldo Cruz e Casa de Oswaldo Cruz (COC) nestes dois anos de mestrado. Sinto muito orgulho por passar por essa instituição de ciência e que hoje reflete esperança nacional através da produção de vacinas no combate a pandemia da COVID 19. Agradeço por todo o ano de aprendizado cursando as disciplinas com professores extremamente renomados em suas áreas de atuação, e que contribuíram de forma muito proveitosa na construção deste trabalho. Também agradeço à Fiocruz e o Programa de Pós Graduação em História das Ciências e da Saúde pela bolsa de estudos que financiou toda a pesquisa. Sem esse apoio não seria possível concluir.

Quero agradecer aqui aos funcionários e funcionárias dos arquivos que foram muito importantes nos caminhos e achados para esta dissertação.

À Josilene e Graça, do Arquivo Particular Maurílio de Almeida. Foram companheiras fieis e apoiadoras durante minhas tardes neste espaço tão rico de pesquisa em João Pessoa.

A Ricardo Grisi, do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese da Paraíba, sempre atento as nossas buscas e sempre apontando os caminhos para encontrar mais informações sobre os nossos objetos.

A João Batista do Arquivo da Igreja da Misericórdia, sempre simpático e disposto as inúmeras vezes em que fui ver o mesmo documento.

Aos funcionários e administradores do Laboratório Rabelo que me forneceram documentos inéditos sobre a Água Rabelo e a família Rabelo.

Às funcionárias da Biblioteca Nacional, sem a ajuda delas não descobriria todos os percursos atravessados pela Água Rabelo nos jornais e revistas da época.

Agradeço, por fim, à Marise Terra, funcionária da Biblioteca de História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, que nas vésperas de natal, e em plena pandemia, me enviou a cópia de um trabalho fundamental para a esta pesquisa. Foi um presentão. Sem todos e todas vocês esta pesquisa não aconteceria.

Finalmente agradeço aos amigos e amigas, meu suporte emocional e minhas redes de afetos. Ao meu amigo fiel e amado Thiago Lira, que desde a graduação me apoiou e me apoia. Confiou muitas vezes mais em mim do que eu mesma. Sua amizade é um presente meu amigo.

Agradeço aqui à família que ganhei no Rio de Janeiro, na Aldeia Urbana do Estácio, onde tive a rica e inesquecível experiência de conviver com os nativos e proprietários desta terra Brasil. Ao abrigo proporcionado por Sallisa Rosa, sua amizade, sua força, sua escuta e suas falas foram fundamentais para o meu crescimento pessoal, levarei comigo para sempre. À Tapixi Guajajara e Sandra Benites pela amizade e pelos inúmeros ensinamentos, assim como todos os outros: Willian, Estefani, Mayara e Caio; E tantos outros: Guajaras, Fulniôs, Guaranis, Pataxós e Carajás; *Ha'evete*.

Aos amigos e amigas que ganhei durante o mestrado: Matheus R., Raisa, Ana Paula, Luana, Carol e Alessandra. Agradeço à companhia, às trocas acadêmicas, às sugestões, e aos necessários momentos de descontração.

Por fim, e não menos importantes, agradeço aos meus amigos: Giuseppe, Daniel, Diego, Amanda e André (Braço). Vocês foram a acolhida e minha sensação de pertencimento durante os meus retornos para casa. Gratidão!

*Dedico esta pesquisa ao
meu amado e querido avô, Brão.*

RESUMO

O objetivo principal desta dissertação é analisar a criação, circulação e usos da Água Rabello, um medicamento formulado em 1901 por Antonio José Rabello Junior, proprietário da Drogaria Rabello, sediada na cidade da Parahyba do Norte, hoje conhecida como a capital do Estado da Paraíba, João Pessoa. Compreendemos a Água Rabello como um produto popular, mas igualmente legitimado pelas “modernas” práticas médico-científicas do início do século XX. Tratava-se de um fitoterápico com função antisséptica, porém com indicações amplas de uso, que incluíam tanto partes internas quanto externas do corpo. Sua composição contava com extratos de plantas medicinais como Aroeira, Hortelã e Eucalipto. As principais fontes analisadas neste trabalho são os anúncios do medicamento veiculados em revistas e jornais que circularam entre os anos de 1902 a 1940. A partir dos reclames, analisamos os tipos de público e os usos indicados para a Água Rabello no seu processo de comercialização, que ultrapassou as divisas do Estado da Paraíba. Nesta pesquisa, também investigamos a intercambialidade entre as dinâmicas profissionais e familiares na Drogaria Rabello, bem como seus reflexos na elaboração de seus principais produtos.

Palavras chaves: História da Farmácia; Água Rabello; Águas Curativas; História da Paraíba; propagandas de medicamentos.

ABSTRACT

The main goal of this work is to analyse the invention, commercial circulation e medical usage of Água Rabello, a medicine created in 1901 by Antonio José Rabello Junior, owner of Drograria Rabello, located in the city of Parahyba do Norte, presently known as the Paraíba state's capital, João Pessoa. We think of Água Rabello as a popular/mass medicinal product but equally validated by the “modern” medic/scientific clinical practices from the early XX century. It was actually an herbal medicine with antiseptic properties, however with a large list of recommended uses, which included as intra-body (orally) as well as external applications. It's composition included medicinal plants, as Aroeira, Hortelã and Eucalipto, extracts. Our main sources for this work were Água Rabello magazine and newspapers' advertisements from the years 1902 to 1940. From this advertisement, we analyzed the Água Rabello's target consumer and recommended uses through its commercialization which overpassed the Paraíba state's limits. In this work, we also investigate the interchangeability between professional and kin dynamics in Drograria Rabello, as well as its relations to their main products.

Key-words: Pahrmary History; Água Rabello; Healing Waters; Paraíba History; Medicine advertisiments.

ÍNDICE DE FIGURAS, TABELAS E GRÁFICOS

FIGURAS

Figura 1 –	Drogaria Londres.....	71
Figura 2 –	Laboratório Rabello na Rua Cardoso Vieira, nº523.....	73
Figura 3 –	Laboratório Clínico na Pharmacia Rabello - Jornal O Norte (PB), 15 de novembro de 1912, p. 1.....	79
Figura 4 –	Anúncio Elixir de Carnaúba e Sucupira Composto.....	88
Figura 5 –	Certificado de participação da Exposição Universal de Saint Louis 1904.....	96
Figura 6 –	Medalha de Bronze, premiação Exposição Universal de Saint Louis 1904.....	96
Figura 7 –	Elixir de Carnaúba e Sucupira Composto premiado pela Exposição Universal de St. Louis.....	97
Figura 8 -	Certificado da Exposição Nacional de 1908 da comemoração da Abertura dos Portos.....	97
Figura 9 -	Medalha de ouro Exposição Nacional de 1908.....	97
Figura 10 -	Propaganda Elixir de Carnaúba.....	98
Figura 11 -	Diploma de honra pela participação na Exposição do Centenário da Independência de 1922.....	99
Figura 12 -	Anúncio da Água Ingleza Rabello - Jornal O Norte (PB), 04 de outubro de 1911, p.3.....	109
Figura 13 -	Embalagem Água Rabello. Na esquerda rótulo pré 1930.....	119
Figura 14 -	Atestado de uso da Água Rabello publicado em Jornal do Recife (PE), 10 de novembro de 1927, p3.....	121
Figura 15 -	Atestado de uso da Água Rabello, feito por João Felipe dos Santos, que considerava o medicamento " Um amigo da família	123
Figura 16 -	Atestado de uso da Água Rabello por Orestes Britto.....	123
Figura 17 -	Anúncio da esquerda, Medicina Indígena, Jornal A União (PB), 14 de janeiro de 1902, p.4.....	125
Figura 18 -	Anúncio da Água Rabello; Diário de Pernambuco (PE), 20 de maio de 1916, p.7.....	127

Figura 19 -	Anúncio da esquerda; Pequeno Jornal (PE), 30 de junho de 1917, p.1.....	128
Figura 20 -	Anúncios da Água Rabello na década de 20. Acima: Jornal A Pacotilha (MA), 03 de setembro de 1923, p. 1.....	131
Figura 21 -	Água Rabello Curativa – Jornal A União (RJ), 12 de outubro de 1924, p.7.....	132
Figura 22 -	Anúncio Uma Preciosidade – Revista Vida Capichaba (ES), 23 de maio de 1927, p.158.....	132
Figura 23 -	Anúncios da Água Rabello na década de 20.....	133
Figura 24 -	Anúncios da Água Rabello na década de 20.....	134
Figura 25 -	Água Rabello, a maravilha brasileira.....	137
Figura 26 -	Anúncio da Não esqueça que... Água Rabello.....	139
Figura 27 -	Anúncios da Água Rabello em jornais pernambucanos.....	140
Figura 28 -	Anúncio da Água Rabello sobre o uso do produto para queimaduras do sol.....	140
Figura 29 -	Anúncio da Água Rabello em revista especializada.....	141
Figura 30 -	Anúncios ilustrados da Água Rabello.....	145
Figura 31 -	Anúncios da Água Rabello.....	145
Figura 32 -	Anúncios da Água Rabello no mesmo modelo com pequenas diferenças.....	146
Figura 33 -	Anúncios da Água Rabello publicados no Diário de Notícias (RJ), 08 de fevereiro, p.9 e 05 de março p.2.....	146
Figura 34 -	Propaganda Água Rabello (anos 20-30) Fragmento de uma propaganda da Água Rabello.....	146
Figura 35 -	O remédio Doméstico em Diário Nacional (SP), 11 de setembro de 1927, p.7.....	154
Figura 36 -	Água Rabello Medicação de urgência, em jornal (CE), 28 de maio de 1933, p.1.....	155
Figura 37 -	Anúncio Oh! mães carinhosas – Diário Nacional (SP), 16 de setembro de 1927, p.7.....	158
Figura 38 -	Anúncio uma boa "dona de casa" – Revista A Noite (RJ)– 08 de agosto de 1939, p.16.....	158

Figura 39 -	Anúncio Água Rabello uma preciosidade. - Revista Vida Capichaba (ES) 12 de maio de 1929, p.12.....	159
Figura 40 -	O segredo da beleza de minha cútis. A Semana (RJ), 06 de abril de 1940, p. 2.....	160
Figura 41 -	Anúncio da Água Rabello destinado a exposição ao sol. Revista A Ilustração (PB) – 20 de junho de 1930.....	161
Figura 42 -	Anúncio da Água Rabello destinado a exposição ao sol. Revista A Ilustração (PB) – 20 de junho de 1930.....	162
Figura 43 -	Anúncio <i>Foot Ball</i> e a Água Rabello – Jornal do Recife (PE), 02 de agosto de 1927, p.3.....	163
Figura 44 -	Anúncio <i>Foot Ball</i> e a Água Rabello – Jornal do Recife (PE), 02 de agosto de 1927, p.3.....	164

GRÁFICOS

Gráfico 1	Anúncios da Água Rabello por periódico no ano de 1902.....	126
Gráfico 2	Quantidade de anúncios por ano e periódico (1913-1919).....	129
Gráfico 3	Quantidade de anúncios por ano e por periódico durante a década de 1920.....	136
Gráfico 4	Quantidade de anúncios por ano e periódico durante os anos 1930.....	142
Gráfico 5	Quantidade de anúncios em periódicos em 1940.....	148
Gráfico 6	Porcentagem dos anúncios por décadas de 1900 a 1949.....	150
Gráfico 7	Porcentagem de anúncios por Estado (1902-1940).....	151

TABELAS

Tabela 1	Árvore Genealógica da Família Rabello.....	63
Tabela 2	Locais em que o estabelecimento de Antonio José Rabello funcionou na Paraíba.....	72

Tabela 3	Tabela de medicamentos/produtos vendidos pela Drogaria/ Pharmacia	
	Rabello.....	83
Tabela 4	Algumas das formas uso e indicações da Água	
	Rabello.....	92

Sumário

Introdução.....	15
1. Do boticário ao farmacêutico?.....	23
1.1 Artes de Curar.....	25
1.2 Práticas de cura em confronto.....	31
1.3 Entre o acadêmico e o popular.....	38
1.4 Ensino e Instituições Farmacêuticas.....	42
1.5 Remédios e Boticas.....	50
2. De pai para filho: O ofício de formular na Drogaria Rabello.....	56
2.1 Uma breve trajetória de Antonio José Rabello e Rabello Junior.....	57
2.2 Sociedades da Drogaria Rabello.....	70
2.3 De Drogaria a Laboratório Rabello.....	73
2.4 Uma farmácia sortida.....	82
2.5 Da Parahyba para o mundo: os produtos Rabello nas exposições nacionais e universais.....	93
3 “Um vidro de Água Rabello representa uma farmácia completa”.....	101
3.1 Tradição das Águas Curativas.....	102
3.2 As águas e a higienização pessoal como um hábito moderno e de consumo.....	111
3.3 “Água Rabello, a maravilha brasileira”.....	114
3.4 A Água Rabello nos anúncios de jornais e revistas (1902-1940).....	124
3.5 Tipos e públicos das propagandas da Água Rabello.....	151
Considerações Finais.....	166
Referências.....	169
Anexos.....	180

Introdução

Na transição do século XIX para o século XX, o Brasil passou por grandes transformações sociais e políticas. Com o fim do Império e início da República, o país lançou-se em um novo projeto de modernização, que, ao longo do século XX, ganharia ares mais técnico-industriais. A consolidação da nova ordem política também dependia da afirmação de uma identidade nacional renovada. A ciência participou desse projeto. Reformas sanitárias foram colocadas em prática para o controle de epidemias, assim como campanhas de interiorização da autoridade estatal para apoiar a modernização de um país supostamente doente e atrasado. Um processo resumido na famosa frase de Miguel Pereira: “O Brasil é um imenso hospital”¹.

Dentre os processos vividos pelo Brasil durante a virada do século XIX para o século XX, temos um maior desenvolvimento do mercado farmacêutico nacional, com produção em larga escala de medicamentos, uma maior exploração da flora medicinal nativa para produção de remédios, e a criação de escolas e cursos de ensino regular farmacêutico mais consolidadas². A partir deste contexto histórico, temos a inauguração da Drogaria Rabello no ano de 1889, na cidade da Parahyba do Norte³, espaço no qual foi formulada uma das águas curativas do Brasil, a chamada Água Rabello.

A Água Rabello foi um fitoterápico desenvolvido no ano de 1901, pelo farmacêutico Antonio José Rabello Junior (1882-1958), com propriedades terapêuticas decorrentes da associação de diversas plantas medicinais: *Schinus terebinthifolius raddi* (Aroeira Vermelha), *Peltonodon radicans* (Hortelã do Brasil), *Eucaliptus globulus* (Eucalipto). Esta água tinha como característica principal na sua finalidade a ação antisséptica, que servia tanto para o uso interno como externo do corpo, como, por exemplo, o uso interno na higienização de nariz, boca e garganta; e o uso externo no caso de arranhaduras, contusões e etc. A versatilidade terapêutica da Água Rabello permitia a sua destinação a um público diverso, como está demonstrado nas propagandas presentes entre os anos de 1913 até 1940, que tomei como fontes nesta pesquisa de mestrado. Nesses anos, o remédio foi amplamente divulgado não só na Paraíba, mas também em

¹ SÁ, Dominichi Miranda de. A voz do Brasil: Miguel Pereira e o discurso sobre o “imenso hospital”. **História, Ciências, Saúde** – Mangueiras, v.16, supl.1, jul. 2009, p.333-348.

² OLIVEIRA, Isabella B. **A farmácia em São Paulo é um novo de redes: gênero e prática científica (1895-1917)**. Dissertação de Mestrado, PPGHS, USP, 2018.

³ Hoje João Pessoa, capital do Estado da Paraíba.

Pernambuco, Ceará, Piauí, Maranhão, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Mato Grosso do Sul.

A Água Rabelo⁴ é comercializada até os dias de hoje, e, por esta razão, surgiu o interesse por este objeto de pesquisa, pela história do produto; um medicamento com mais de 100 anos de uso e circulação e amplamente conhecido no Estado da Paraíba. Não há uma produção historiográfica sobre o remédio, seu período de criação, informações mais detalhadas sobre a família Rabello, que o criou e o produziu, e os caminhos que o medicamento percorreu além da Paraíba. Deste modo, tomei a Água Rabello, e as propagandas do produto em jornais e revistas entre as décadas de 1902 a 1940, como o meu objeto de pesquisa, no objetivo de aprofundar os conhecimentos sobre este remédio que faz parte do patrimônio cultural da saúde da Paraíba.

Alguns memorialistas paraibanos citam a Drogaria Rabello e principalmente os farmacêuticos do estabelecimento, Antonio José Rabello (1859-1925) e Antonio José Rabello Junior, mas as informações estão voltadas basicamente para as suas características pessoais e seus destaques sociais. A obra do memorialista e médico Oscar de Castro (1964), *Contribuições à História da Farmácia na Paraíba*⁵, e o livro *As raízes das ciências médicas na Paraíba: medicina, farmácia, odontologia e enfermagem*⁶, escrita por Humberto Nóbrega (1979), mencionam curiosidades sobre os farmacêuticos, como algumas informações sobre seu cotidiano, incluindo até descrição de sua aparência física. Recentemente o historiador Rafael Araújo (2020), em sua dissertação *O "Terrível Flagello da Humanidade": Os discursos médico-higienistas no combate à sífilis na Paraíba (1921-1940)*⁷, fez referências à Drogaria Rabello e especificamente a um outro medicamento comercializado pelo estabelecimento, o Elixir de Carnaúba e Sucupira, este usado no auxílio do tratamento contra a sífilis. A partir das informações retiradas dos textos de Nobrega, Castro e Araújo conseguimos mapear e identificar as informações até então publicadas sobre os Rabello e seu estabelecimento.

⁴ Água Rabelo com um L representa a grafia atual do medicamento.

⁵ CASTRO, Oscar de. **Contribuições à História da Farmácia na Paraíba**. Separata de Vida & Cultura, Órgão Oficial da Sociedade Cultural Luso Paraibana de Estudos e Pesquisa, 1964.

⁶ NÓBREGA, Humberto. **As raízes das ciências médicas na Paraíba: medicina, farmácia, odontologia e enfermagem**. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 1979.

⁷ ARAÚJO, Rafael. **O "Terrível Flagello da Humanidade": Os Discursos Médico-Higienistas no combate à sífilis na Paraíba (1921-1940)**. Dissertação de Mestrado PPGH-UFCG, 2020.

Em uma perspectiva de estudo sobre o campo da história da farmácia, apresentamos aqui algumas obras que foram relevantes para uma melhor compreensão sobre o processo histórico e contexto de produção e circulação sobre a Água Rabello.

Um dos principais trabalhos dedicados aos estudos sobre remédios, e que se aproxima do nosso objeto, foi desenvolvido pelo pesquisador José Pedro de Souza Dias (2012), em *Água de Inglaterra. Paludismo e Terapêutica em Portugal no século XVIII*⁸. Nessa obra Dias nos apresenta a Água de Inglaterra, um remédio de segredo, cuja fórmula era oculta do conhecimento público. Esta característica resultou em várias versões do mesmo produto e disputas as mais diversas para legitimar a “verdadeira” fórmula. Apesar de a Água de Inglaterra e a Água Rabello terem diferentes finalidades terapêuticas, ambas estão situadas em uma mesma tradição de cura a partir da crença nas águas curativas.

Para compreensão sobre as mudanças referentes à farmácia no Brasil foi importante compreender como se deu o processo histórico no qual esse ofício se instituiu. Flavio Edler (2006), em *Boticas e Pharmacias: Uma História Ilustrada da Farmácia no Brasil*⁹, escreveu sobre as boticas e farmácias brasileiras desde a Colônia até a República. Edler contribuiu para este trabalho ao apresentar, principalmente durante o século XIX, características da farmácia, sua estrutura como estabelecimento comercial, a formulação de remédios no período, além da abordagem sobre a questão institucional como a reforma do ensino regular de farmácia, a associação farmacêutica, e os debates sobre legitimidade científica através dos periódicos.

Sobre os boticários e as boticas especificamente no XIX, Betânia Figueiredo (2002), em *A Arte De Curar, cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*¹⁰, apresenta um pouco da noção de remédio de doença e corpo. Figueiredo contribui para o campo da história da farmácia ao apresentar interpretações sobre o ofício do boticário e as boticas mineiras. Com esse trabalho pudemos entender como funcionava uma botica no século XIX e a relação dos boticários com o público que eles atendiam. A partir da obra de Figueiredo identificamos algumas características da farmácia do século XIX citadas pela autora, que se apresentaram na história dos Rabello.

⁸ DIAS, José Pedro de Souza Dias. **A Água de Inglaterra: Paludismo e Terapêutica em Portugal no século XVIII**. Portugal, Editora Caledoscópio, 2012.

⁹ EDLER, Flavio Coelho. **Boticas e Pharmacias: Uma História Ilustrada da Farmácia no Brasil**. Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2006.

¹⁰ FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves **A Arte de Curar, cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais**. Vício de Leitura, Minas Gerais, 2002.

A autora Veronica Veloso (2007) também nos apresentou, em sua tese *Farmácia na Corte Imperial (1851-1887): práticas e saberes*¹¹, o processo de institucionalização farmacêutica que se iniciou já no século XIX. Por meio do trabalho de Velloso, entrevemos a emergência de uma nova inserção pública do farmacêutico, ainda no Oitocentos. Ou seja, a institucionalização do ofício, a implementação do ensino regular e a criação de leis e regulamentos específicos para o exercício da prática colocaram o profissional da farmácia em uma nova posição social. Desta maneira, acredito que esse é um ponto essencial para pensarmos os personagens históricos envolvidos diretamente com a Água Rabello no século XX: José Rabello e Rabello Junior.

Já sobre a farmácia durante o século XX, próximo do nosso recorte histórico da pesquisa, temos duas obras que auxiliaram a compreensão do lugar da farmácia durante o regime republicano. Um dos trabalhos foi escrito pela historiadora Isabella Oliveira (2018), *A farmácia em São Paulo é um novelo de redes: gênero e prática científica (1895-1917)*¹². Neste trabalho identificamos a compreensão sobre o processo da institucionalização farmacêutica através dos cursos regulares, no qual a autora destacou o acesso das mulheres a esta formação. Outro ponto relevante analisado por Oliveira é o exame sobre setores industriais da farmácia brasileira. A partir deste trabalho conseguimos compreender o movimento de produção de medicamentos a partir de uma flora nativa e o incentivo a farmacêuticos locais através de publicações em revistas especializadas.

Um outro trabalho que contribuiu para compreendermos a farmácia do século XX foi a publicação produzida por Monica Cytrynowicz e Ananda Stücker (2007), *Origens e trajetória da indústria farmacêutica no Brasil*¹³. Esta pesquisa nos trouxe importantes dados sobre as indústrias que se formaram neste período, os primeiros medicamentos produzidos e as primeiras empresas do Brasil, estas contemporâneas à Drogaria Rabello.

Alguns trabalhos nos auxiliaram para a análise e compreensão dos contextos históricos em que emergiram propagandas de remédios em jornais e revistas. Em

¹¹ VELLOSO, Verônica Pimenta. **Farmácia na Corte Imperial (1851-1887): Práticas e Saberes**. Tese de Doutorado, PPGHCS- FIOCRUZ, 2007.

¹² OLIVEIRA, Isabella B. **A farmácia em São Paulo é um novelo de redes: gênero e prática científica (1895-1917)**. Dissertação de Mestrado, PPGHS, USP, 2018.

¹³ CYTRYNOWICZ, Monica. STÜCKER, Ananda. **Origens e trajetória da indústria farmacêutica no Brasil**. Narrativa Um, São Paulo, 2007.

*Vendendo Saúde: A história da propaganda de medicamentos no Brasil*¹⁴, trabalho publicado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), é apresentada a diversidade publicitária do século XIX até o século XXI, quando as empresas nacionais começaram a apresentar seus reclames e passaram a disputar espaço nos jornais e clientela com as marcas de remédios do exterior. Este trabalho nos auxiliou a compreender principalmente a progressão editorial das propagandas da Água Rabello ao longo das décadas.

A partir dos principais estudos sobre história da farmácia e com o interesse de contribuir para este campo de pesquisa, temos o objetivo nesta dissertação de apresentar ao leitor uma análise histórica sobre a Água Rabello como um produto que carrega consigo características das terapias populares de cura, ao mesmo tempo que se apresentava como um medicamento científico, considerado pelos pares: farmacêuticos, médicos, e também aprovado pelos órgãos de fiscalização, como por exemplo, as Inspetorias de Higiene. Compreendemos também a criação da Água Rabello como um resultado do movimento de institucionalização da farmácia durante o Oitocentos, com as disputas de poder e de mercado entre os terapeutas da época, o que ainda envolvia as mudanças nas leis que regulavam a atuação profissional e funcionamento de serviços e comércio.

Por esta pesquisa ter como objeto a Água Rabello, e por se tratar de um medicamento ligado aos interesses comerciais, as propagandas de jornais nos pareceram um caminho viável para compreender como o produto era apresentado ao público. Inicialmente acreditávamos que se tratava de um medicamento elaborado e apenas comercializado na Paraíba. Com o avançar da pesquisa percebemos que outros Estados brasileiros tinham a Água Rabello em alguns dos seus jornais e revistas. Dessa maneira começamos a mapear os jornais que continham as propagandas, e assim identificamos a diversidade na linguagem e na forma pela qual esses reclames apareciam nos jornais.

Devido ao grande número de propagandas, separamos por décadas os jornais para identificar os diferentes tipos de anúncios, e o outro motivo de escolher as décadas foi a possibilidade de analisar continuidades e descontinuidades no número de anúncios e seus formatos. Os primeiros anúncios de 1902 a 1919 são propagandas mais de apresentação.

¹⁴ BRASIL. **Vendendo Saúde: A história da propaganda de medicamentos no Brasil**. Brasília, Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2008

Nelas encontramos a explicação de quem criou o medicamento, do que era feito, para que serviria. Optamos por iniciar o recorte da pesquisa partir da segunda década do século XX, 1910-1919, pois já encontramos reclames da Água Rabello nos jornais de Pernambuco, primeiro Estado, além da Paraíba, em que a Água circulou.

Avançando nas pesquisas sobre outras décadas do século XX, encontramos, entre os anos de 1920-1929, um número maior de propagandas em relação à década anteriormente citada, mas principalmente esta década foi marcada por uma maior abrangência espacial: jornais do Maranhão, Rio de Janeiro, Ceará, Espírito Santo, São Paulo, Pernambuco, Piauí e Mato Grosso veicularam propagandas do medicamento.

Na década seguinte 1930-1939, percebemos uma diminuição de anúncios em outros Estados, porém um aumento quantitativo em relação às demais décadas; nesses anos, a Água Rabello esteve presente apenas na Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro e Ceará. Nesta década é predominante a veiculação de propagandas em revistas. Também identificamos uma grande parte de anúncios mais ilustrados, que ocupavam espaços maiores.

O recorte da pesquisa se conclui em 1940, pois este é o único ano da década em que anúncios da Água Rabello foram encontrados exclusivamente em revistas cariocas. Nos anos seguintes, como veremos no trabalho, encontramos outros tipos de anúncios que fogem da proposta de análise desta pesquisa, e assim optamos por deixá-los para análises futuras.

A Água Rabello foi um negócio promissor para a família Rabello, por isso, documentos sobre o percurso profissional e pessoal da família foram também importantes para a análise. Tivemos acesso a algumas documentações do arquivo privado da empresa, como fotografias, certificados de participação de eventos, certidões de participação em exposições, recibos de alugueis, cartas, fragmentos de jornais, fragmentos de algumas propagandas, panfletos de divulgação de alguns medicamentos e relatos de usos da Água Rabello. Encontramos também documentos, como obituário, assentamento de batismo e certidão de casamento.

Os arquivos em que pesquisamos foram o Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese da Paraíba, o acervo privado do Laboratório Rabelo, arquivo particular Maurílio de Almeida, arquivo da Igreja da Misericórdia, arquivo da Igreja da Misericórdia, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, Jornais e Folhetins Literários da Paraíba,

acervo pertencente a UFPB-CCHLA (Centro de Ciências Humanas Letras e Arte) e o site Family Search.

Ao analisar as fontes e as problemáticas do trabalho, identificamos as características da pesquisa na discussão sobre História Cultural. A partir do momento em que é possível perceber no estudo sobre a Água Rabello elementos de cultura, modernidade, relações de práticas de consumo de medicamentos, relações de usos e apropriação social de produtos, temos em *A Invenção do Cotidiano 1 Artes de Fazer*¹⁵ de Michel de Certeau (1994), um caminho teórico possível para essa pesquisa. A abordagem nos ajudou a compreender os movimentos presentes na história da prática farmacêutica na família Rabello.

Uma outra reflexão assimilamos ao nosso objeto de pesquisa é a crença nas curas. *Os Reis Taumaturgos: O Caráter Sobrenatural do Poder Régio, França e Inglaterra*¹⁶, de Marc Bloch (1993), faz uma rica análise, historiográfica e teórica, sobre a legitimidade do poder taumaturgo dos reis. A pergunta principal de Bloch era: por que as pessoas acreditavam no poder de curar dos reis? Essa questão tem toda relação com minha investigação da legitimidade construída em torno de um produto médico amplamente consumido para muitos fins. Por isso, meu interesse analítico na promoção de seu uso pela publicidade sistemática, que apresentava a tradição do ofício farmacêutico na família Rabello, as propriedades de cura do medicamento, e a autorização do comércio do produto pelos órgãos de higiene e por ser formulado por um profissional formado, “habilitado” para criar fórmulas. Suas propagandas publicizavam todas essas chancelas.

Entendemos também a Água Rabello como um produto cultural híbrido devido à sua relação tanto com o universo científico quanto com o saber popular. Para este entendimento, utilizamos a obra de Serge Grunzinski (2001), *O pensamento mestiço*¹⁷, em que o autor apresenta o processo que definiu como mestiçagem cultural, ou seja, o resultado de misturas ocasionadas pelos encontros históricos e apropriação de sistemas de crenças por diferentes sociedades. Herdeira da tradição de águas curativas existente desde o século XVIII, a Água Rabello era também indicada por médicos segundo os

¹⁵ CERTEAU, Michel De. **A Invenção do Cotidiano, 1 Artes De Fazer**. Petrópolis, Vozes, 2014.

¹⁶ BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos: O caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

¹⁷ GRUNZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo. Companhia da Letras, 2001.

padrões técnico-científicos do século XX. Por isso, tinha a proposta de ser um remédio com amplo poder preventivo e curativo.

A dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo apresentamos o cenário das artes de curar durante o século XIX, período em que práticos de cura disputavam entre si a preferência da população na oferta de ofícios curativos quando médicos não eram acessíveis à toda população. Dentre os práticos de cura, apresentamos então neste capítulo os avanços institucionais em que grupos como os dos boticários e/ou farmacêuticos estabeleceram, através da criação de sociedades farmacêuticas, cursos regulares, e um maior destaque social através do reconhecimento da profissão. Além disso, também apresentaremos o funcionamento das boticas e os produtos comercializados por estas durante o Oitocentos.

No segundo capítulo apresentamos a Drogaria Rabello, um negócio familiar dos Rabello e que deu origem a remédios como a Água Rabello e o Elixir de Carnaúba e Sucupira Composto, os dois principais medicamentos produzidos e comercializados pelo estabelecimento. Neste capítulo também analisaremos a transição profissional que ocorreu de pai para filho: de Antonio José Rabello, um prático em farmácia, sem uma formação regular, mas que tinha reconhecimento social devido ao tempo dedicado ao ofício, e que investiu na formação do filho, Rabello Junior, para se tornar um farmacêutico diplomado pela Faculdade de Medicina da Bahia. Apresentaremos ainda neste capítulo as sociedades comerciais que se firmaram entre os Rabello e outros comerciantes, e que permitiu a expansão do negócio, assim como uma apresentação geral sobre a variedade de produtos vendidos neste comércio.

O terceiro e último capítulo desta dissertação está dedicado a apresentar a Água Rabello e sua publicidade nas revistas e jornais entre as décadas de 1902 a 1940 e os públicos para os quais o remédio era direcionado. Examinaremos também suas relações com a tradição de águas curativas e com as, então, novas práticas ligadas à higienização, como meio de prevenção de doenças e manutenção da saúde do corpo.

Capítulo 1

1. Do boticário ao farmacêutico?

De acordo com o a historiadora Veronica Velloso (2007), temos uma distinção entre boticários e farmacêuticos:

Boticários, [eram] o que aprendiam o ofício na prática cotidiana das boticas apareciam associados às corporações de ofício, características da idade média, correspondente à imagem de ‘cozinheiro do médico’ que poderia caracterizar tanto uma relação de inferioridade em relação ao médico, como um fazer alquímico, de conotação mágica [...]. Uma imagem ‘antiga’ que contrastava com a do ‘farmacêutico moderno’ que tinha como ambiente de trabalho um laboratório, onde se utilizava da química para analisar e manipular os medicamentos, assessorado por ajudantes, e não mais uma ‘cozinha’, onde se praticavam excêntricas alquimias.¹⁸

Durante o século XIX, boticário era a denominação mais usual para os práticos que formulavam remédios; denominação esta que vinha desde os tempos da colônia no Brasil. Entretanto, com o processo de institucionalização da farmácia, o termo “farmacêutico” passou a ser mais utilizado, principalmente por aqueles que buscavam a distinção do ofício a partir da formação regular.

Contudo, não havia uma distinção efetiva entre o boticário e/ou farmacêutico¹⁹, assim como entre boticas e farmácias, estabelecimentos comerciais nos quais ocorria a venda de medicamentos, entre outros produtos relacionados ao corpo e à saúde. Durante o século XIX, no cotidiano dos frequentadores das boticas e ou farmácias, ambos os ofícios significavam a mesma prática profissional.

No processo histórico, no entanto, identificamos momentos em que a diferenciação entre os ofícios foi objeto de debate entre os farmacêuticos, principalmente depois da criação do curso nas Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro no ano de 1832²⁰. A transição foi iniciada ainda durante o século XIX e se concretizou

¹⁸ VELLOSO, Verônica Pimenta. **Farmácia na Corte Imperial (1851-1887): Práticas e Saberes**. Tese de Doutorado, PPGHCS- FIOCRUZ, 2007, p.230.

¹⁹ Neste trabalho opto em distinguir farmacêuticos de boticários em situações em que surgem divergências de interesses entre práticos e profissionais formados de acordo com as exigências das leis do Império. Faço a mesma opção ao me referir a boticas e farmácias.

²⁰ EDLER, Flavio Coelho. **Boticas e Pharmacias: Uma História Ilustrada da Farmácia no Brasil**. Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2006, p. 63.

durante o século XX²¹. No processo de institucionalização da farmácia, identificamos algumas discussões entre os próprios farmacêuticos em relação à imagem que eles projetavam diante da sociedade. Por exemplo, a figura de que o boticário seria um “mercador da cura”, ou “cozinheiro do médico”, e que assim só estaria visando os lucros, ou estaria em uma relação hierarquicamente inferior aos médicos, sem formação em ciência.

Em 1875, Manoel Hilário Pires Ferrão, farmacêutico, chamou atenção em uma conferência chamada: *Da farmácia no Brasil*, para a distinção necessária que deveria ser feita pela classe²², na qual boticários seriam aqueles que poderiam ter boticas, sem possuírem formação científica. Já os farmacêuticos, à exemplo da França, seriam aqueles que possuiriam uma formação acadêmica²³. Isso não significou que, a partir deste momento, chamar o profissional que formulava e vendia medicamentos de boticário ficou em desuso, mas significa como a diferenciação entre os “habilitados e não habilitados” no ofício se fez necessária para esse grupo.

Neste capítulo vamos abordar algumas das mudanças institucionais que a farmácia sofreu durante o século XIX. Como ponto de partida, temos que analisar o contexto das artes de curar do Oitocentos em que boticários, curandeiros, barbeiros e parteiras atuavam no auxílio às práticas de cura. Através desse cenário, procuraremos compreender o processo de profissionalização do farmacêutico com a implementação do ensino regular de farmácia nas Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e Bahia, e com isso, analisaremos a distinção social, econômica e profissional adquirida por esses através da formação acadêmica.

²¹ FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. **A Arte de Curar, cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais**. Vício de Leitura, Minas Gerais, 2002, p.210.

²²Nesta dissertação me refiro a “Classe” como: “Conjunto de pessoas que têm a mesma função, os mesmos interesses ou a mesma condição numa sociedade” in DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/> > Acesso: 20 de janeiro de 2021.

²³ EDLER, Flavio Coelho. **Boticas e Pharmacias: Uma História Ilustrada da Farmácia no Brasil**. Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2006, p. 66.

1.1 Artes de Curar

Antes que a medicina acadêmica fizesse parte de forma usual na vida da população brasileira, algumas outras formas de cura eram realizadas. Práticos²⁴ estiveram a serviço da população oferecendo assistência nos momentos de padecimento de doenças. Assim, se estabeleceu desde a Colônia, na América Portuguesa, uma relação cultural de crenças nesses tipos de procedimentos como: uso de plantas medicinais, sanguessugas, sangrias, e curas através de rezas, entre outras práticas. Neste momento, havia uma grande interação dos saberes adquiridos pela interrelação entre indígenas, africanos e europeus²⁵.

As artes de cura foram terapêuticas populares que não estavam ligadas à formação acadêmica. Para a historiadora Verônica Velloso (2007): “[...] a arte conferia um caráter inventivo e qualitativo à ciência, através de um dos seus componentes – a inteligência como capacidade intuitiva – o saber fazer”²⁶.

Michel de Certeau (1980) fala que: “A arte é, portanto, um saber que opera fora do discurso esclarecido e que lhe falta. Mais ainda, esse *saber-fazer* precede, por sua complexidade, a ciência esclarecida”²⁷. Portanto, acreditamos que o saber fazer da classe farmacêutica carregava consigo características de uma produção exercida na prática, mas que, com o processo de institucionalização, reivindicava espaço junto a outras práticas “legítimas” e buscava se afastar do que poderia ser considerado popular, ou dos chamados charlatães.

Em geral as artes de cura eram ensinadas por práticos mais experientes a jovens aprendizes. Alguns terapeutas populares no Brasil foram benzedeiros, curandeiros, barbeiros, boticários e cirurgiões. A historiadora Betânia Figueiredo diz que:

[...] consideramos arte de cura não apenas os procedimentos, técnicos e cuidados com que buscamos o estabelecimento do corpo doente, mas toda uma diversidade de atenção para com o corpo, que percorre as práticas daqueles que se dispunham a auxiliar e socorrer para aliviar a dor, os cuidados de saúde no dia a dia e assim por diante.²⁸

²⁴ Refiro-me a práticos, todos aqueles agentes de cura que não tinham uma formação regular de ensino, apenas colocavam em prática seus conhecimentos sobre curar.

²⁵ CALAINHO, 2006; EDLER, 2007; FIGUEIREDO, 2002; MARQUES, 1999; SILVA FILHO, 2016.

²⁶ VELLOSO, Verônica Pimenta. **Farmácia na Corte Imperial (1851-1887): Práticas e Saberes**. Tese de Doutorado, PPGHCS- FIOCRUZ, 2007, p. 97.

²⁷ CERTEAU, Michel De. **A Invenção do Cotidiano, 1 Artes De Fazer**. Petrópolis, Vozes, 2014, p.129.

²⁸ FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves **A Arte de Curar, cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais**. Vício de Leitura, Minas Gerais, 2002, p.23.

Os boticários conseguiram destaque dentro das artes de curar no Império, principalmente pelo fato de que a formulação de medicamentos se fez necessária cada vez mais durante o século XIX. As artes de curar foram demarcadas por processos contínuos de disputas entre práticos como: médicos, farmacêuticos, curandeiros, barbeiros, cirurgiões, parteiras entre outros.

Boticários e médicos relacionavam-se de forma complementar no tratamento de um paciente. O médico diagnosticava e o farmacêutico produzia o medicamento, destinado ao tratamento. Mesmo assim, algumas tensões foram percebidas ao longo da história, como vamos apresentar mais à frente.

Um outro fator que pode ser levado em consideração sobre o relativo destaque de farmacêuticos nas artes de curar, e que contribuiu para o processo de institucionalização, foi que boticários, mesmo sem a formação acadêmica do seu ofício, eram comerciantes. Isso pressupunha que o profissional teria de possuir rendimentos para abrir uma botica e abastecê-la de medicamentos, ou seja, a possibilidade de estabelecer um comércio atestaria uma boa posição social. Todavia, no século XIX, as boticas não eram simples estabelecimentos comerciais, como afirma a historiadora Betânia Figueiredo (2002). As boticas eram espaços de sociabilidade nas províncias, constituindo encontros políticos e pontos de notícias, referências e de confiança da população²⁹. As boticas também eram os únicos estabelecimentos que podiam ficar abertos até 10 horas da noite³⁰.

Entre os séculos XVIII e XIX algumas instituições realizaram o controle e a fiscalização de boticários e de outros práticos de cura. O Protometicado (1782-1808) e a Fiscatura Mor (1808-1828)³¹ regulamentavam as artes de curar, reconhecendo oficialmente a atuação destes profissionais. Para obter o aval da Fiscatura-Mor, eram realizados exames para testar os conhecimentos dos que se submetiam a adquirir a licença. A Fiscatura delimitava através de uma autorização como cada prático deveria atuar³². No regimento de 1810, o boticário aparecia como o que tinha a prática mais fiscalizada:

²⁹ FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves **A Arte de Curar, cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais**. Vício de Leitura, Minas Gerais, 2002, p.195.

³⁰ *Ibidem*, p. 189.

³¹ *Ibidem*, p.54.

³² PIMENTA, Tania Salgado. Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX. In CHALHOUB, Sidney (Org) **Artes e Ofícios De Curar No Brasil**. Campinas, Editora Unicamp, 2003, p. 312.

se algum boticário vende remédios ativos, perigosos, ou venenosos sem receita de pessoa autorizada, como vomitórios, purgantes, cantaridas, preparações mercuriais, ópio e suas composições, e outros semelhantes, se substituem uns remédios por outros sem autoridade de quem receitou, se aviam receitas de medicina passadas por pessoas ilegítimas; se vendem remédios de segredo sem licença, e taxa do Físico-mor do Reino; se tem parceria com algum médico, ou cirurgião; se são prontos no aviamento das receitas a qualquer hora, se costumam desamparar a botica deixando nela aprendizes, que vendam remédios; se intrometem a curar, ainda que seja pelas receitas que vão a sua botica; se algum médico ou cirurgião, que substitui a falta de médicos, receita em latim, ou em breves; se obrigam os enfermos a aviarem suas receitas em botica determinada; se receitam medicamentos de composições com nomes desconhecidos para serem entendidos somente por algum boticário; se há quem venda, e faça remédios em sua casa sem título legítimo; se os sangradores sangram em febres e outras enfermidades médicas sem ordem de pessoa legítima; e se as parteiras, curam e aplicam medicamentos às moléstias das mulheres.³³

Mesmo com as restrições citadas pelo regimento de 1810, identificamos, através do olhar de Pimenta (1997), que, no século XIX, estes profissionais conheciam e aplicavam terapêuticas diversas³⁴. Principalmente nas regiões mais distantes das capitais, a “medicina prática” era também legalizada através da Fisicatura. Segundo os dados de Pimenta, os pedidos para autorização da “medicina prática” chegavam a 12% dos pedidos totais. Estes práticos eram aqueles que “acumulavam” mais de um conhecimento terapêutico e que oficialmente poderiam exercer suas atividades quando não houvesse médicos na região em que este atendia³⁵. No caso dos boticários e cirurgiões das artes de cura, estes tinham o maior prestígio na prática, para Pimenta. Durante a vigência da Fisicatura Mor, os boticários tinham 25% das solicitações das licenças, e os cirurgiões 39%³⁶. As licenças eram concedidas por 1, 2 ou 3 anos, e, em pouquíssimas situações, o prático poderia receber uma “licença perpétua”³⁷.

A categoria reconhecida pela Fisicatura como medicina prática nos mostra como as artes de curar eram diversas nas formas de atuação. Práticas comuns no século XIX vinham de tradições de curas diversas, assim, o conhecimento entre os terapeutas populares se interligavam, não se limitando a um único “saber fazer”. Estes múltiplos saberes no decorrer do século XIX foram motivo de disputas, especialmente quando seus

³³ Regimento para os delegados Físico-Mor do Reino 1810 *apud* Tania Salgado. **Artes de Curar: Um estudo a partir dos documentos da Fisicatura-Mor no Brasil do começo do século XIX**. Dissertação de Mestrado. Unicamp, São Paulo, 1997. p.32-33. (grifos meus)

³⁴ PIMENTA, Tania Salgado. **Artes de Curar: Um estudo a partir dos documentos da Fisicatura-Mor no Brasil do começo do século XIX**. Dissertação de Mestrado. Unicamp, São Paulo, 1997, p.67.

³⁵ *Ibidem*, p.70.

³⁶ *Ibidem*, p.36.

³⁷ *Ibidem*.

representantes sentiam que sua atividade era de alguma forma invadida pelos rivais, como foi o caso entre medicina e farmácia. Estas disputas, muitas vezes, estavam em torno de denúncias relacionadas a práticas consideradas ilegais. Assim, a Fisicatura-Mor concedeu licenças à “medicina prática” como uma forma de legalizar alguns profissionais de cura que atuavam de forma mais ampla, principalmente em lugares em que profissionais da medicina e da farmácia escasseavam.

Vale aqui destacar que a legalidade e ilegalidade aqui citadas foram resultado de embates entre os profissionais, nos quais os jogos de poderes e concessões aconteciam de acordo com a conveniência das necessidades no momento. Por exemplo, em momentos epidêmicos, alguns práticos populares assumiam um certo protagonismo nas inovações terapêuticas, quando nem mesmo os médicos tinham como controlar o mal³⁸. Como os casos de epidemias que assolaram o Oitocentos: cólera, febre amarela, varíola, peste bubônica.

Mesmo com a implementação do órgão fiscalizador do início do século, que oficializava práticas populares, o número dos terapeutas que procuravam pela licença ainda era considerado pequeno. Esse órgão atendia especialmente as capitais, limitando o acesso à regularização do exercício terapêutico para curandeiros de outras localidades. Para Tania Pimenta (1997),

A dificuldade da Fisicatura em fazer valer o seu regimento perante os terapeutas populares pode ser verificada pelo número de licenças e cartas concedidas referentes às categorias que lhe diziam respeito. Durante os 20 anos de atuação da Fisicatura-Mor no Rio de Janeiro, em apenas 207 sangradores, 66 parteiras e 27 curandeiros se oficializaram no Brasil, o que corresponde, respectivamente, a 16%, 5% e 2% do total de títulos expedidos.³⁹

Isso significa que nem todos os práticos, devido à vastidão territorial do Brasil, tinham interesse ou conhecimento desse tipo de autorização para seu exercício. Era difícil a fiscalização por parte do órgão, sendo possível identificar “os irregulares” através de denúncias, por exemplo. Ainda segundo a historiadora, a correlação entre buscar a licença

³⁸BELTRÃO, J.F.: “Arte de curar dos profissionais de saúde popular em tempo de cólera: Grão-Pará do século XIX. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos** vol VI (suplemento), 833-866, setembro, 2000, p.849.

³⁹PIMENTA, Tania Salgado. Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX. In CHALHOUB, Sidney (Org) **Artes e Ofícios De Curar No Brasil**. Campinas, Editora Unicamp, 2003, p. 310.

e obtê-la era derivada muitas vezes da rede de sociabilidade da qual o prático fazia parte⁴⁰. Em algumas situações de denúncia por exercício ilegal, alguns profissionais da “medicina popular” tinham o apoio da população que eles assistiam. Mobilizações, como abaixo assinados, eram recursos utilizados junto à Fisicatura⁴¹. Quando não o apelo popular, alguns curandeiros⁴² podiam contar com pessoas influentes socialmente com as quais tinham uma relação de confiança na sua prática e que também chancelavam a sua “eficácia” para outros membros da sociedade.

Na historiografia, curandeiros ganharam fama a partir dos bons êxitos em seus tratamentos. Alguns estabeleceram relações de confiança e apadrinhamento por parte de pessoas importantes, como foi o caso de Pai Manoel, em Recife, que foi um curandeiro que teve grande prestígio entre pobres e ricos durante o surto de cólera de 1856:

A fama de Pai Manoel espalhou-se em meio às camadas pobres da população e também às muitas famílias abastadas, que chegavam a mandar buscá-lo de carruagem para prestar socorro a seus parentes enfermos. Quanto às autoridades, essas chegaram a permitir as atividades do curandeiro, possivelmente para evitar que, em um momento que já era crítico, aumentassem as indisposições entre os governantes e o povo, atemorizado com a devastação promovida pela epidemia.⁴³

Já na Parahyba do Norte⁴⁴, temos o curandeiro Mão Santa que estabeleceu relações de sociabilidades que também lhe acarretaram prestígio. Em *Tambíá da Minha Infância*, escrito pelo memorialista Coriolano de Medeiros⁴⁵; ele diz:

Poucos dias depois de sua instalação, foi Mão Santa para curar o filho do Capitão do Porto Queiroz, **o qual não obtivera melhoras com as receitas médicas, tendo sido mesmo desenganado**. As esperanças dos pais do

⁴⁰ PIMENTA, Tania Salgado. **Artes de Curar: Um estudo a partir dos documentos da Fisicatura-Mor no Brasil do começo do século XIX**. Dissertação de Mestrado. Unicamp, São Paulo, 1997, p.68.

⁴¹ *Ibidem*, p.33.

⁴² Refiro-me a curandeiros aqui como: todos os práticos populares de cura. s

⁴³ FARIAS, Rosilene Gomes. Pai Manoel, o curandeiro africano, e a medicina no Pernambuco imperial. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.19, supl., dez. 2012, p.216.

⁴⁴ Parahyba do Norte foi o nome da capital até setembro de 1930. Após a morte de João Pessoa, estopim para a Revolução de 1930, a cidade passou a se chamar João Pessoa. Para ver mais: AIRES, José Luciano de Queiroz. *A Fabricação do Mito João Pessoa: Batalhas de Memória na Paraíba (1930-1945)*. In NETO, Martinho Guedes dos Santos, COSTA, Robson Xavier (org.). **Pesquisa em História: temas e abordagens**. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB/PPGH-UFPB, 2009, p.285-311.

*Este trabalho atravessa em seu recorte temporal um período de mudanças significativas na história cultural e política do Estado da Paraíba, então, sempre que me referir à Parahyba do Norte, estou me referindo ao período pré-1930. É uma referência direta à capital do Estado desse período. Quando me referir à Paraíba, estou me referindo ao Estado da Paraíba, no pós-30. Quando me referir à João Pessoa estou falando da capital da Paraíba, pós-30.

⁴⁵ O livro *Tambíá da minha infância*, é um relato pessoal de Coriolano de Medeiros, durante a sua infância no final do século XIX. A edição de ampla circulação do livro é de 1994. Tambíá é um bairro da capital paraibana.

enfermo se voltaram para o curandeiro e o êxito não se demorou. **Num momento roda a cidade se inteirava do milagre, e o Capitão do Porto não somente deu ao curandeiro sua estima como o acreditou perante várias famílias respeitáveis.** Desta sorte se afirmou e se consolidou o prestígio de Mão Santa na então cidade da Paraíba.⁴⁶

A fama destes curandeiros refletiu em insatisfação da classe médica, que exigia das autoridades mais controle. Após a implementação do ensino de medicina e da farmácia no Brasil, a exigência do diploma virou lei⁴⁷, então, em algumas situações, as acusações de práticas ilegais passaram a ser baseadas juridicamente. Mas, antes mesmo de o ensino regular ser uma realidade brasileira, denúncias daqueles que tinham ou não a autorização do órgão para realizar suas atividades já eram frequentes.

O processo da implementação do saber médico científico não foi uma prática facilmente reconhecida pela sociedade brasileira oitocentista, mais especificamente entre a população leiga. A cura também faz parte de um processo cultural de um povo. Sabemos que a história trata de continuidades e discontinuidades, por isso, leva-se um tempo para que novas práticas culturais sejam assimiladas e utilizadas por uma sociedade.

A relação entre médico e paciente se estabeleceu mais cotidianamente no final do Oitocentos⁴⁸. Havia uma desconfiança em relação ao médico. Nem sempre a procura por este profissional no momento de uma enfermidade era uma realidade frequente o início do século XIX. A maioria dos médicos formados no início do XIX adquiriram seus diplomas em países da Europa. Geralmente eram de famílias com alto poder aquisitivo que retornavam diplomados e como minoria no campo de cura nacional.

Em 1828, ano que findaram as atividades da Fisicatura-Mor, podemos dizer que houve uma reconfiguração do saber científico. Práticas que eram reconhecidas pelo Império, passaram, aos olhos da lei, a serem ilegais. No decorrer do século, houve algumas flexibilizações e proibições do exercício da medicina popular, entretanto, as

⁴⁶ MEDEIROS, 1994 *apud* FORTUNATO, Wuendisy.; MARIANO, Serioja R. C. Artes de Curar em combate: Medicina e Curandeirismos na Paraíba Imperial (1880-1889). In: **II Encontro Nacional de História Política: História, Rupturas Institucionais e Revoluções** 2017, João Pessoa - PB, p.3. (grifos dos autores)

⁴⁷ Com o passar do século XIX a exigência do título foi variando.

⁴⁸ FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves **A Arte de Curar, cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais**. Vício de Leitura, Minas Gerais, 2002, p.59.

disputas entre as artes mecânica e liberais⁴⁹ ficaram ainda mais acirradas, principalmente nos periódicos da época.

A imprensa tornou-se naquele período um grande filão para manifestação de ideias e construção de identidades políticas baseadas numa literatura ilustrada, ou seja, demonstrava, através de seus redatores e leitores, uma vontade de participar das decisões políticas implícitas no processo de consolidação da emancipação do Estado.⁵⁰

Havia uma divisão de opinião dos médicos em relação à Fisicatura. Alguns acreditavam que a forma não acadêmica⁵¹ de legitimar um saber médico seria uma fragilidade para a classe em relação a outros países nos quais a medicina estava mais desenvolvida, ou seja, para alguns a permanência das atividades da Fisicatura-Mor seria a perpetuação de uma forma não científica, e que pouco acompanhava a modernização da medicina⁵². Mesmo com o fim da Fisicatura Mor e o início do Protomedicato, em 1782, os embates prosseguiram, como vamos analisar no próximo tópico.

1.2 Práticas de Cura em confronto

Mesmo com a institucionalização da medicina, as práticas de cura continuaram a vigorar no país de forma clandestina, o que resultou em muitas tensões ao decorrer do século. A historiadora Gabriela Sampaio (2001), em seu livro *Nas Trincheiras da Cura: As diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial*, nos apresenta algumas das disputas que ocorreram ao longo da segunda metade do século XIX. Segundo Sampaio, médicos acusavam outros médicos de realizarem procedimentos irregulares⁵³, assim como boticários também acusavam outros boticários. Uma verdadeira “cruzada anticurandeirismo”⁵⁴, dentro e fora da profissão. Após o fim da Fisicatura, os boticários foram galgando espaços de mais destaque em detrimento de outros práticos, e, assim, a

⁴⁹ Artes mecânicas foram as artes ligadas às técnicas manuais. Já as artes liberais foram as artes intelectuais, que necessitavam de uma formação mais sistematizada de conhecimento. *Ibidem*, p.76.

⁵⁰ VELLOSO, Verônica Pimenta. **Farmácia na Corte Imperial (1851-1887): Práticas e Saberes**. Tese de Doutorado, PPGHCS- FIOCRUZ, 2007, p. 29.

⁵¹ Refiro-me à formação não acadêmica, a formação informal.

⁵² PIMENTA, Tania Salgado. **Artes de Curar: Um estudo a partir dos documentos da Fisicatura-Mor no Brasil do começo do século XIX**. Dissertação de Mestrado. Unicamp, São Paulo, 1997. p.56.

⁵³ SAMPAIO, Gabriela. **Nas Trincheiras da Cura: As diferenças medicinais no Rio de Janeiro Imperial**. São Paulo, Editora Unicamp, 2001. p.33.

⁵⁴ *Ibidem*, p.80.

classe foi se organizando para implementar o ensino, sociedades, e voz no combate aos charlatães.

Sampaio nos apresenta algumas discussões sobre profissionais que não foram julgados como confiáveis, pois, apresentavam algum tipo de “risco à saúde da população”.

Para caracterizar o charlatão, um recurso era bastante utilizado: narrava-se casos de erro, de procedimentos equivocados de falsos médicos que acabavam mutilando e até mesmo matando muitas pessoas. Assim, curandeiros, espíritos, sangradores, parteiras, ervateiros, farmacêuticos que produziam remédios e não revelavam suas fórmulas, enfim, qualquer diferente era igualmente um perverso charlatão, que agia sempre de má-fé, enganando as pessoas para enriquecer, chegando até a mata-las. Os médicos, colocados na posição diametralmente oposta, trariam conhecimento verdadeiros, tornando-se os únicos profissionais confiáveis para questões de saúde.⁵⁵

Alguns periódicos de ampla circulação das cidades brasileiras estampavam debates públicos regados a acusações de charlatanismo ou prática irregular do ofício. Nesse período, também havia publicações em revistas especializadas como: *Propagador das Ciências Médicas (1827-1828)* e *Revista Médica Brasileira (1841-1843)*, entre outras⁵⁶. Para a farmácia, a revista especializada foi idealizada pela Sociedade Farmacêutica Brasileira (1851). Publicada a primeira versão como *Revista Pharmaceutica (1851-1855)*, parou de circular e retornou como revista *A Abelha (1862-1864)*⁵⁷; “a metáfora da abelha [que] [foi] utilizada para valorizar e ilustrar as atividades produtivas dos boticários, o que poderia ser traduzido como uma valorização do seu trabalho manual ou mesmo artesanal”⁵⁸. Na mesma analogia, os zangões seriam a representação dos charlatães, os “aproveitadores” do trabalho duro das abelhas⁵⁹. A circulação desse periódico foi de pouca duração, mas sem dúvida foi um importante impresso na história editorial da farmácia do século XIX.

Entre as disputas, temos, como um dos exemplos analisados pela historiadora Gabriela Sampaio, o caso do Dr. Figueiredo Magalhães, que ficou conhecido como Dr.

⁵⁵ *Ibidem*, p.53.

⁵⁶ FERREIRA, Luiz Otávio. Medicina Impopular: Ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840). In CHALOUB, Sidney (org) **Artes e Ofícios de Curar no Brasil**. Campinas. Editora Unicamp, 2003, p.103.

⁵⁷ EDLER, Flavio Coelho. **Boticas e Farmacias: Uma História Ilustrada da Farmácia no Brasil**. Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2006, p.82.

⁵⁸ VELLOSO, Verônica Pimenta. **Farmácia na Corte Imperial (1851-1887): Práticas e Saberes**. Tese de Doutorado, PPGHCS- FIOCRUZ, 2007, p. 104.

⁵⁹ Para ver com mais profundidade a análise da analogia do periódico A Abelha, ver VELLOSO, 2007.

Fura Uretras. O apelido jocoso foi dado pelo médico Henrique Monat, por ter realizado um procedimento que “quase levou a morte” de um paciente. Segundo Monat, o Dr. Magalhães, o Fura- Uretras, havia “esquecido uma sonda dentro da bexiga do doente”⁶⁰ e “se ele e não tivesse operado com urgência”⁶¹, para reverter o quadro, provavelmente ele teria morrido. Além do caso citado, outras acusações mútuas foram trocadas nos jornais. Sampaio diz que “a briga se estendeu por meses, sendo publicada quase que diariamente”⁶².

Durante o século XIX os médicos procuravam monopolizar suas práticas de cura, porém, havia ainda divergências em relação aos protocolos necessários a serem seguidos para cada doença. O caso do Dr. Fura Uretras foi um exemplo claro disso. Ocorreu durante 1888, nos últimos meses do Império, o que nos mostra que, mesmo com uma consolidação da medicina acadêmica, o Oitocentos foi marcado por conflitos até os seus últimos anos, e ainda seguindo para República.

Depois do caso da “quase morte”, temos também um exemplo de uma disputa entre um médico e um farmacêutico analisado pela historiadora Verônica Velloso (2007). Tratava-se da morte por envenenamento de um menino escravizado de 13 anos, por volta de 1856⁶³. O medicamento foi receitado pelo médico José Pereira Rego e foi vendido na farmácia de Ezequiel Correa dos Santos, um ilustre farmacêutico da Corte, do qual vamos tratar melhor mais à frente. A suspeita foi a de que o medicamento teve uma infeliz mistura química de “calomelanos” e “santonina”⁶⁴, um erro provavelmente cometido devido à má execução do boticário ao receituário do médico: “o caso tornou-se público somente alguns meses depois de ter acontecido, através da publicação de artigos em jornais de maior circulação”⁶⁵, porém, depois de um tempo foi “abafado”⁶⁶. A questão foi analisada pela Sociedade Farmacêutica e pela Academia Imperial de Medicina, porém, nenhum dos dois profissionais foi responsabilizado.

Em 1851, através do decreto nº828 de 29 de setembro foi criada a Junta Central de Hygiene Pública. Com a criação deste órgão, as leis tornaram-se mais específicas em

⁶⁰ SAMPAIO, Gabriela. **Nas Trincheiras da Cura: As diferenças medicinais no Rio de Janeiro Imperial**. São Paulo, Editora Unicamp, 2001, p.32.

⁶¹ *Ibidem*

⁶² *Ibidem*, p.31.

⁶³ VELLOSO, Verônica Pimenta. **Farmácia na Corte Imperial (1851-1887): Práticas e Saberes**. Tese de Doutorado, PPGHCS- FIOCRUZ, 2007, p.187.

⁶⁴ *Ibidem*, p.188.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 189.

⁶⁶ *Ibidem*.

relação às boticas e a forma pela qual elas deveriam funcionar. Dentre as exigências de funcionamento deste decreto inaugural da Junta, constava que o boticário deveria ter apenas uma botica sob sua responsabilidade. Caso tivesse outra, deveria encaminhar um outro boticário “competentemente aprovado pelas Escolas de Medicina”⁶⁷. Outra exigência presente neste decreto foi a de que os boticários tinham que transcrever as receitas nos frascos de medicamentos que estivessem “lacrados e marcados com os seus nomes e lugares de morada, assim como o modo de se fazer uso”⁶⁸. Este decreto já estava em vigência no período em que ocorreu o caso de envenenamento citado por Velloso, e mesmo assim não houve punição⁶⁹.

Sampaio e Velloso analisam dois casos em que podemos observar erros cometidos e que foram de conhecimento público, o que nos apresenta um outro lado das disputas das artes de curar, nas quais nem sempre a medicina popular era a única a ser contestada. Desta maneira podemos perceber que havia também dentro das instituições médicas e farmacêuticas disputas para legitimação do ofício.

Outros casos de disputas entre boticários em relação aos regulamentos vigentes também foram perceptíveis em trabalhos de história da farmácia. Em Minas Gerais, a historiadora Deyse Abreu (2006) nos apresenta no ano de 1869, um conflito entre um farmacêutico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, chamado Cândido José Coutinho da Fonseca, e o boticário José Nunes Moreira e Silva⁷⁰. Fonseca adquiriu o seu diploma e resolveu mudar-se com a sua família para a Vila do Pará, onde encontrou o prático em exercício José Nunes Moreira e Silva. Este assistia há muitos anos a população do lugar. A partir daí, Fonseca se mobilizou em um processo na tentativa de desabilitar o exercício do seu concorrente.

A disputa foi levada às últimas instâncias da fiscalização, saindo dos limites municipais e chegando à análise pela comissão de professores da Faculdade de Medicina

⁶⁷ DECRETO n° 828, 29 de setembro de 1851. Acessado em 20 de janeiro de 2020 às 19:10: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-828-29-setembro-1851-549825-publicacaooriginal-81781-pe.html>

⁶⁸ Ibidem.

⁶⁹ VELLOSO, Verônica Pimenta. **Farmácia na Corte Imperial (1851-1887): Práticas e Saberes**. Tese de Doutorado, PPGHCS- FIOCRUZ, 2007, p.197.

⁷⁰ Aqui, como já mencionei, eu faço a opção por distinguir boticário de farmacêutico, para fazer a distinção entre as disputas dentro do ofício.

do Rio de Janeiro⁷¹. Moreira e Silva apresentou à comissão uma licença concebida pela Fisicatura Mor no ano de 1811. Foi representado por um médico formado, o Dr. Luiz Carlos da Fonseca, o que mostra um certo prestígio do prático na relação com um médico:

[...] O dito Nunes soffrendo gravissimos prejuizos com sua Botica feixada tratou de enviar seos documentos a essa capital acompanhado de um nós abaixo assinados das milhores pessoas deste lugar, e fazendeiros, espera obter a conservação de sua Botica, e apresentou-me Cartas de pessoas dessa Capital [...].⁷²

Porém esta licença pertencia ao seu tio homônimo, faltando apenas o sobrenome Silva - que foi omitido pelo prático. O farmacêutico Cândido Fonseca logo denunciou a fraude do boticário junto à comissão, alegando que este tinha o mesmo nome do tio e que omitiu de má fé, o Silva, e que, em 1811, era apenas uma criança, o que impossibilitava a obtenção da licença naquele ano. Com a apresentação das provas falsas, Moreira e Silva conseguiu uma licença para atuar como farmacêutico prático, mas, após ser revelada a fraude pelo seu denunciante, a comissão optou por anular seu diploma⁷³.

No ano de 1857, o decreto 2.055 de 19 de dezembro⁷⁴ permitia que práticos pudessem abrir suas próprias boticas sem a habilitação em farmácia onde não houvesse prestação de serviço de saúde de um profissional devidamente habilitado. Estas “brechas” nos regulamentos foram possíveis ao longo do século XIX devido ao abandono assistencial em regiões mais longínquas das províncias. Foi o caso do boticário e do prático citados por Abreu. Antes de chegada de Fonseca, Maia Silva atuava sem maiores problemas por ter exclusividade no lugar, contudo, com a chegada do farmacêutico formado, a tensão ocorreu, e o então “legitimado” pôde através da lei reivindicar seu espaço na prática de cura. Entretanto, ele não contava com a rede de sociabilidade do boticário e com o apoio da população da região.

Havia um descontentamento entre os médicos e farmacêuticos em relação à execução das leis. Como nos mostra Abreu, apesar disso, vale chamar atenção para a

⁷¹ ABREU, Deyse Marinho de. **Arte Boticária: Uma análise a partir de boticários e boticas da comarca do Rio das Velhas na segunda metade do século XIX**. Dissertação de Mestrado. PPGH-UFMG, 2006, p 27 do cap. 2. (Está dissertação está com a paginação irregular, por isso, a especificação do capítulo)

⁷² SAÚDE PÚBLICA: SILVA, José Nunes Moreira. SP/PP1, 26. Cx.02; Doc.13. 1869. APM *apud Ibidem* p 26-27 do cap. 2.

⁷³ *Ibidem*, p 25-30 do cap 2.

⁷⁴ DECRETO n°2.055 de 19 de dezembro de 1856: Acesso 20 de janeiro de 2021: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1764-14-maio-1856-571247-publicacaoriginal-94339-pe.html>

representação que o prático teve em relação à sua denúncia. Um médico formado estava de acordo com a sua prática não oficializada na região, e foi pessoalmente apresentar a Comissão da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro a licença falsa, talvez sem o conhecimento da irregularidade do documento. Todavia podemos identificar como a rede de sociabilidade estava presente nas relações entre práticos e formados. Os práticos, que estavam há muitos anos assistindo à população, muitas vezes estabeleciam uma rede de confiabilidade com a mesma ⁷⁵, desta maneira, criavam resistência ao atendimento com novatos nas profissões de saúde.

Na Província da Parahyba⁷⁶, na cidade de Campina Grande, também podemos identificar conflitos entre boticários. Desta vez, nos últimos anos do Império, em 1883. O historiador Wuendisy Fortunato (2020) nos apresenta o caso do boticário Dionisio Affonso Diniul, proprietário de uma botica e que teria cometido “diversas infrações, tanto de caráter civil, quanto ‘profissional’”⁷⁷, em que ele fazia “uso indevido da medicina e da pharmacia; venda de remédio secreto; abuso periódico de álcool e transtorno público em decorrência deste”.⁷⁸ A denúncia foi feita pelo farmacêutico e concorrente Ildfonso d’Azevedo.

A acusação baseava-se no regulamento de 1882, o decreto nº 8.387, que proibia o exercício da função sem o título das Faculdades de Medicina. Além do exercício “irregular”, o boticário vendia uma garrafada denominada São Lazaro, indicada para os casos de bexiga e lepra. A garrafada estava classificada como remédio de segredo, denominação usada para os medicamentos dos quais os seus formuladores não revelavam a composição. A venda desses remédios sem a devida liberação da Junta de Hygiene também era proibida, segundo o regulamento⁷⁹.

O conflito chegou à opinião pública através de dois periódicos, sendo a voz do boticário o jornal *O Conservador*; e a do farmacêutico o jornal *O Liberal Parahybano*⁸⁰. Um dos argumentos utilizados pelo farmacêutico D’Azevedo, - ele mesmo escrevia no jornal as respostas ao *O Conservador* – era reivindicação de autoridade em relação à sua

⁷⁵ FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves **A Arte de Curar, cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais**. Vício de Leitura, Minas Gerais, 2002, p.194.

⁷⁶ A grafia Parahyba pertencia a forma de escrita da época.

⁷⁷ FORTUNATO, Wuendisy. **Artes de Curar em confronto? Disputas, ofícios e práticas de cura na Paraíba Imperial (1870-1880)**. Dissertação de mestrado PPGH-UFPB, 2020, p. 40.

⁷⁸ *Ibidem*.

⁷⁹ *Ibidem*, p.43.

⁸⁰ *Ibidem*, p.42. (grifos meus)

identidade como farmacêutico, D' Azevedo disse: “Pharmaceutico, Srs. do Conservador, é um título científico, que só as faculdades de medicina podem conferir; o seu prestimoso amigo [Diniul] era simplesmente um boticário licenciado”⁸¹.

Diniul chegou a ser preso devido às acusações. Com todo conflito exposto na esfera pública, a acusação foi parar na Câmara Municipal de Campina Grande, que optou por não revogar a licença concedida para Diniul. D' Azevedo, não satisfeito, publicou no jornal *O Liberal Parahybano* uma carta que tinha como destinatário o Imperador D. Pedro II⁸². Na carta, o farmacêutico faz menção ao fato de um juiz de direito estar favorável ao boticário no caso, pois, Diniul havia conseguido um *habeas corpus*. O favorecimento a uma das partes, segundo o farmacêutico, poderia estar relacionado ao “alto prestígio” que Diniul tinha na cidade, como considera o historiador Wuendisy Fortunato⁸³. O descontentamento do denunciante esteve mais relacionado não à liberdade do suposto infrator, mas à reabertura da botica por determinação da Junta Central de Hygiene⁸⁴.

As tensões ao decorrer do século XIX levaram os boticários a uma mobilização da classe. Iniciou-se então a busca de uma representação, da definição da identidade do farmacêutico, do que era a farmácia; o anseio de se cientificizar e modernizar o seguimento foram questões pensadas e discutidas pelos boticários/farmacêuticos. Situações, como a que D' Azevedo vivenciou na Parahyba, foram vistas na ocasião como necessidades urgentes para cobrar dos órgãos de saúde mais clareza e mais justiça em relação à arte farmacêutica. Segundo Gabriela Sampaio (2001), em relação a casos de denúncias por atividade irregular do ofício: “isso aconte[cia] diversas vezes, durante o Império, com os farmacêuticos não regulamentados pela Junta, que, apesar disso acabavam sendo liberados por ela para exercer a farmácia”⁸⁵.

Mesmo em meio a tensões, também foi possível perceber, de acordo com a historiografia da saúde e das doenças, como o acadêmico e o popular pertenciam ao mesmo repertório prático exercido pelos profissionais de cura no século XIX.

⁸¹ *Ibidem*, p.44.

⁸² *Ibidem*, p.46.

⁸³ *Ibidem*, p.45.

⁸⁴ *Ibidem*, p.47- 48.

⁸⁵ SAMPAIO, Gabriela. **Nas Trincheiras da Cura: As diferenças medicinais no Rio de Janeiro Imperial**. São Paulo, Editora Unicamp, 2001. p.136.

1.3 Entre o acadêmico e o popular

Será remédio de curandeiro? Talvez, mas não devemos deixar de indicá-lo: A sciatica é uma afecção tão dolorosa, tão rebelde a todos os tratamentos que não se devem desprezar os pequenos meios que a podem aliviar. [...] Nada sabemos pessoalmente, nunca experimentamos. **Os interessados que tendem a experiência.**⁸⁶

O trecho acima retrata o modo como a medicina popular e a medicina acadêmica atravessavam uma à outra no século XIX. O relato foi escrito por um médico na Província da Paraíba⁸⁷, e que, segundo os autores Wuendisy Fortunato e Serioja Mariano (2017), diante da incerteza da eficácia do tratamento, passaria a responsabilidade para o paciente sobre a opção de assumir risco⁸⁸. A postura do médico, segundo aos autores, condizia com a forma pela qual a medicina era praticada na Paraíba:

[...] a medicina da Paraíba nos parece agir de forma sutil, em um paralelo que gerava por um lado, um benefício aos métodos terapêuticos de natureza alopática que, por sua vez, absorviam das práticas tradicionais de toar popular usadas em larga escala pelos práticos as suas essências curativas; e por outro, combatendo os práticos ou rebaixando-os sempre que possível a condição de desconfiança à população[...].⁸⁹

Por falta de um tratamento de melhores resultados, o “remédio de curandeiro” não era algo confiável, mas também não era completamente condenável, ao ponto de o médico considerar a terapêutica em uma publicação de jornal de ampla circulação.

O saber médico do período exercia algumas terapêuticas que poderiam ser consideradas medicina popular. Algumas práticas ainda foram utilizadas ao longo do século XIX, nos hospitais, a exemplo da sangria⁹⁰. Até a extinção do seu uso para terapêuticas de cura nos hospitais, como as Santas Casas de Misericórdia, - que inclusive eram espaços de aprendizados na prática - a sangria foi um costume recorrente, tanto para médicos como para profissionais populares do Oitocentos. Em alguns casos é perceptível

⁸⁶ Gazeta do Sertão (PB), 26 de abril de 1889 *apud* FORTUNATO, Wuendisy.; MARIANO, Serioja R. C. Artes de Curar em combate: Medicina e Curandeirismos na Paraíba Imperial (1880-1889). In: **II Encontro Nacional de História Política: História, Rupturas Institucionais e Revoluções** 2017, João Pessoa - PB, p.7. (grifos dos autores)

⁸⁷ O que hoje corresponde ao Estado da Paraíba.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 7-8.

⁸⁹ *Ibidem*, p.7.

⁹⁰ PIMENTA, Tania Salgado. Entre sangradores e doutores: Práticas e formação médica na primeira metade do século XIX. **Cad. Cedex, Campinas**. Unicamp v. 23, n. 59, p. 91-102, abril. 2003, p.98.

que não havia uma distinção clara nas concepções de tratamentos, tanto da medicina popular como da medicina erudita.

As “medicinas” ficaram ainda mais próximas depois do lançamento e sucesso do *Dicionário de Medicina Popular Chernoviz (1845)*. A chamada vulgarização do conhecimento científico nada mais foi do que a divulgação do conhecimento acadêmico elaborado por um médico, e direcionado para leigos, mas não só. O Dicionário também se tornou um guia para médicos e principalmente farmacêuticos. O *Chernoviz* se difundiu de tal maneira que práticos populares também se apropriaram de conhecimentos acadêmicos.

O dicionário de medicina popular foi criado pelo médico polonês Pedro Luiz Napoleão Chernoviz durante o século XIX e se tornou um sucesso de vendas, com lançamento de novas edições até meados do século XX. Tinha como objetivo ser um guia médico, que pudesse alcançar os lugares mais distantes do Império, onde não haveria assistência médica para a população. Vale salientar que o *Chernoviz* não foi o único dicionário de medicina. Outros tipos de guias circularam no Brasil, como: *Erário mineral (1735)*, *Manual do fazendeiro ou tratado doméstico sobre a enfermidade dos negros (1835)*, *Guia médico das mães de família (1843)*, *O médico e o cirurgião da roça (1866)*, *Primeiros socorros (1866)*, entre outros⁹¹.

Com informações precisas, como tipos de doenças, remédios e procedimentos médicos, “Chernoviz servia, portanto, como subsídio científico aos autodidatas e aos que exerciam os ofícios da cura, muitos dos quais foram titulados pelos médicos acadêmicos de charlatães ou curiosos”⁹². O que também se tornou um ponto de discussão para a classe médica, segundo Maria Regina Guimarães (2016), em seu livro *Civilizando as Artes de Curar: Chernoviz e os manuais de medicina popular do Império*:

Essas obras [guias domésticos de medicina] contaminaram, em um movimento dialético, o conhecimento médico acadêmico e a prática clínica na lida cotidiana com os doentes. O estudo do vínculo estabelecido entre Chernoviz e seus colegas de profissão, especialmente aqueles envolvidos com a produção científica, revela um certo desprezo em relação ao médico polonês, particularmente no período inicial da divulgação de seus manuais.

⁹¹ GUIMARÃES, M. R. C.: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12, n. 2, p. 501-14, maio-ago. 2005, p. 504-505.

⁹²*Ibidem*, p.16.

Mas após a consolidação de sua obra, que ocorreu especialmente no meio leigo, as polêmicas acadêmicas foram se esvaindo.⁹³

Para além de guias de medicina, um outro ponto que complexificava as relações entre os universos científico e popular eram os usos dos remédios, as crenças religiosas e superstições: “[...] Todo remédio deveria ser tomado com fé”⁹⁴. Era comum que médicos, cirurgiões ou farmacêuticos realizassem suas terapêuticas e apostassem na fé do doente para que a cura fosse alcançada; “Se não surtisse os efeitos esperados [os remédios/procedimentos⁹⁵], sempre restava a alternativa de exclamar: ‘homem de pouca fé!’”⁹⁶. Vale lembrar que a relação da doença com o pecado ou castigo foi uma das crenças mais comuns durante o Oitocentos; através do padecimento das doenças, viria o arrependimento⁹⁷.

O século XIX carregou muito da relação com a fé da igreja católica e os praticantes das religiões africanas ou indígenas;

As religiões afro-brasileiras eram intrinsecamente fundamentadas nas forças da natureza. Portanto, o uso das ervas e raízes, além da importância terapêutica de seus princípios ativos, compreendia um elo com o sagrado. O conhecimento era adquirido em um longo aprendizado, que envolvia desde o horário certo de colher até o uso a que eram destinadas.⁹⁸

Além da religiosidade, o conhecimento de ervas medicinais das culturas africanas e indígenas contribuíram desde a Colônia para a formação e conhecimento das ervas medicinais no Brasil por parte dos jesuítas que “[ao] tentar decifrar as plantas e ervas medicinais, fossem, leigos ou religiosos, [...], tiveram de lidar com a natureza bruta do indígena, [...] que com seus ritos religiosos, protagonizados pelos pajés, foram demonizados em suas práticas curativas”⁹⁹. Para Luiz Otávio Ferreira (2003),

A medicina culta assemelhava-se à medicina popular, na medida em que expunha uma concepção da doença e apregoava uma bagagem de

⁹³ GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. **Civilizando as Artes de Curar. Chernoviz e os manuais de medicina popular do Império. Rio de Janeiro.** Editora Fiocruz, 2016. p.98-99.

⁹⁴ FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves **A Arte de Curar, cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais.** Vício de Leitura, Minas Gerais, 2002, p.118.

⁹⁵ Quando me refiro a procedimentos, falo de sangrias, aplicações de sanguessugas, entre outras práticas para manutenção da saúde, não necessariamente religiosas.

⁹⁶ *Ibidem*, p.118.

⁹⁷ *Ibidem*. p.124.

⁹⁸ ACCIOLI, Nilma Teixeira. “Quem não tem peito não toma mandinga” in COSTA, Valéria, GOMES, Flavio. **Religiões Negras no Brasil: da escravidão à pós-emancipação.** São Paulo, Selo Negro, 2016, p.175.

⁹⁹ CALAINHO, Daniela Buono. Farmacopeia e drogas medicinais no mundo luso-brasileiro setecentista. **Anais de História de Além-Mar**, Lisboa, v.7, p.56-67, 2007, p.217.

conhecimento terapêutico fundado numa visão de mundo em que coexistiam o natural e o sobrenatural, a experiência e a crença.¹⁰⁰

Com isso, compreendemos que as práticas de cura, muitas vezes, estavam associadas às relações de fé, seja com o médico ou boticário que receita o remédio com a sugestão de rezas, como para benzedeiros que iam livrar os enfermos das doenças com rituais de rezas.

Nos tempos da Fisicatura Mor identificamos um reconhecimento da prática através da concessão de licenças, porém, durante a segunda metade do século XIX, identificamos, através do historiador Wuendisy Fortunato (2020), que, mesmo com a institucionalização da medicina e da farmácia, curandeiros foram solicitados para atuarem junto ao Estado.

O caso a seguir mostra a inserção dessas terapêuticas como demandas da administração pública. O fato ocorreu na Parahyba, durante o período da seca de 1877, quando foi solicitada a contratação de práticos de cura para assistência dos refugiados na capital paraibana, a “Comissão de Socorros”. Na solicitação orçamentária do período, apresentada por Fortunato diz:

[...] havia sido fundado um hospital para nele serem tratados os doentes e para melhor regularização do serviço dos socorros públicos haviam sido nomeados empregados, sendo para o hospital dois curandeiros, um homeopata e outro alopatha, recebendo cada um a quantia de 60\$000 réis, 4 enfermeiros com o vencimento de 30\$000 réis mensais cada um, administrador do hospital com vencimento de 90\$000, e para o serviço de socorros um armazenário 90\$000, um vendedor de gêneros com vencimento de 40\$000, um secretário com vencimento de 80\$000, e um amanuense com o de 70\$000 réis, pedindo a minha aprovação declaro a essa comissão que não sendo por mim ou pela comissão especial de socorros autorizada a Colonia fundada [...].¹⁰¹

Com isso, percebemos as dinâmicas nas quais aconteciam as artes de curar no Oitocentos. Mesmo após a criação da Junta Central de Hygiene, na década de 1850, práticos eram solicitados para os cuidados em nome do Estado, como podemos acompanhar no trecho que Fortunato nos apresenta. Este foi um exemplo de como os

¹⁰⁰ FERREIRA, Luiz Otávio. Medicina Impopular: Ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840). In CHALOUB, Sidney (org) **Artes e Ofícios de Curar no Brasil**. Campinas. Editora Unicamp, 2003, p.102.

¹⁰¹ PARAHYBA DO NORTE, Comissão de Socorros da Vila de Bananeiras, 26 de agosto de 1878 *apud* FORTUNATO, Wuendisy. **Artes de Curar em confronto? Disputas, ofícios e práticas de cura na Paraíba Imperial (1870-1880)**. Dissertação de mestrado PPGH-UFPB, 2020, p. 33. (grifos do autor)

conflitos existiam, e como poderiam variar de acordo com as províncias, como foi o caso do boticário Diniul e D'Azevedo, também apresentado por Fortunato e que ocorreu na Parahyba.

Conflitos e divergências entre os saberes acadêmicos e a cultura popular durante o século XIX foram situações comuns. A busca por mudanças no cenário da saúde e das doenças foi encaminhada para a busca da identidade, necessidades de regulamentos específicos, no intuito de estruturar a imagem do profissional científico, e cada vez mais afastar-se da imagem do prático, como foi o caso da farmácia. Nesse sentido, a consolidação do ensino de farmácia foi fundamental para o processo de institucionalização, e assim, uma aproximação maior com a classe médica e o afastamento da imagem dos terapeutas populares.

1.4 Ensino e Instituições Farmacêuticas

O ensino foi uma das buscas dos farmacêuticos para o estabelecimento definitivo da arte de formular. Antes, o ofício era aprendido na prática, através dos ensinamentos de um mestre. Com o passar dos anos, a necessidade de aliar a teoria e a prática foi fundamental, principalmente para concretizar a imagem do farmacêutico. Contudo, isso não foi de um dia para o outro.

O ensino de farmácia foi, em certa medida, visto como oportunidade para ascensão social, uma vez que nem todos que gostariam de seguir na carreira de saúde desejavam ser propriamente farmacêuticos, e sim, médicos, devido ao maior prestígio social da profissão, porém, a formação em farmácia era mais acessível¹⁰². O curso de farmácia não chegava a ser de fácil acesso para todos, apesar de ser menos custoso que a formação médica, uma vez que se exigia de um certo nível de escolaridade para cursar as disciplinas. Contudo, se tornava uma opção para famílias menos abastadas, uma forma dos filhos seguirem um ofício¹⁰³.

Flavio Edler (2006) cita dois casos em seu livro *Boticas e Pharmacias*. O primeiro refere-se ao boticário Cirino, do romance *Inocência* (1872) do Visconde de Taunay, em que o personagem, após adquirir a prática e o conhecimento das drogas com familiares,

¹⁰² EDLER, Flavio Coelho. **Boticas e Pharmacias: Uma História Ilustrada da Farmácia no Brasil**. Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2006.

¹⁰³ *Ibidem*.

começou a exercer o ofício profissionalmente e chegou a se matricular na Escola de Farmácia de Ouro Preto. Contudo, acabou abandonando os estudos devido a dificuldades financeiras e seguiu nas estradas como boticário andarilho¹⁰⁴, sendo, inclusive, chamado de doutor pelos seus pacientes.

O outro caso citado por Edler foi o do jornalista José do Patrocínio, que foi formado em farmácia, mas acabou não exercendo a função. Patrocínio ingressou na Santa Casa como aprendiz na farmácia e depois iniciou curso na Faculdade de Medicina. Formado, não teve condições financeiras para abrir sua própria farmácia, e, assim, seguiu na carreira do jornalismo¹⁰⁵.

Entre os farmacêuticos formados que exerceram ou não seu ofício, temos então entre os anos de 1829-1835 na Academia Imperial de Medicina, os farmacêuticos ilustres que fizeram parte da Sessão de Farmácia:

Os “membros da Seção de Farmácia faziam parte os farmacêuticos brasileiros, Ezequiel Corrêa dos Santos, Manoel Francisco Peixoto, Juvêncio Pereira Ferreira, Francisco Felix Pereira da Costa e Estevão Alves de Magalhães, sob a presidência do farmacêutico francês diplomado em Paris, Jean Marie Soullié”.¹⁰⁶

Durante o período de atuação dos boticários na Seção de Farmácia da Academia Imperial de Medicina, foi possível pensar o currículo necessário para uma formação adequada no entendimento destes agentes. Alguns interesses estavam em jogo: “melhoria do ensino farmacêutico no Império; elaboração de um Código Farmacêutico Brasileiro que contemplasse a riquíssima flora medicinal do País; defesa de exame obrigatório dos produtos alimentícios expostos à venda; combate ao exercício ilegal da Farmácia”¹⁰⁷.

As instituições farmacêuticas criadas durante o século XIX também foram, de certa forma, resultado do processo da institucionalização da farmácia, iniciado a partir da sistematização do ensino, ainda no ano de 1832. Em 1851 foi inaugurada a Sociedade Farmacêutica Brasileira, tendo como presidente o boticário Ezequiel Correa dos Santos.

Com publicações de periódicos, os farmacêuticos exerciam a sua voz nas reivindicações relacionadas às leis e ao ensino. Depois da participação na Seção de

¹⁰⁴ *Ibidem*, p.66.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 67.

¹⁰⁶ DIEZ DEL CORRAL, F, S; SOUZA, M; NEGRÃO, O. **Do boticário ao farmacêutico: o ensino de farmácia na Bahia de 1815 a 1949**. Salvador: EDUFBA, 2009, p.46.

¹⁰⁷ *Ibidem*, p.48.

Farmácia da Academia Imperial de Medicina, a Sociedade foi um ponto de organização dos boticários. Os sócios da associação eram, segundo Flavio Edler, proprietários de boticas, trabalhadores de boticas particulares ou de hospitais militares ou das Casas de Misericórdia¹⁰⁸.

O presidente da Sociedade Farmacêutica Brasileira, o boticário Ezequiel Correa dos Santos, obteve seu título no período da Fisicatura-Mor. Segundo Verônica Velloso, Ezequiel foi uma das figuras chave para a criação da sociedade, e, mais do que isso, teve representação na classe para mobilizações e avanços políticos. A história tradicional o considera como o “pai da farmácia brasileira”¹⁰⁹.

Segundo Verônica Velloso (2007), a farmácia de Ezequiel, em momentos de epidemias, também fornecia medicamentosa para os mais pobres, como provedor da Santa Casa de Misericórdia¹¹⁰. Entre as suas reivindicações, como ilustre fundador da Sociedade Farmacêutica, e como membro da Sessão de Farmácia da Acadêmica Imperial de Medicina, estavam voltadas para a:

- criação de uma cadeira de Farmácia prática dirigida por farmacêutico e melhor organização da parte teórica, considerando que a saúde do doente não dependia somente dos conhecimentos médicos, mas também dos medicamentos e de sua preparação adequada;
- inclusão no currículo das matérias Mineralogia, Zoologia e Toxicologia;
- título de Bacharel em Ciências Naturais aos estudantes de Farmácia que fossem aprovados nos cursos teórico e 50 práticos e em todos os preparatórios exigidos para o curso médico;
- direito de farmacêuticos viajarem pela Europa, para estudos, à custa do Estado, o que já vinha acontecendo com os médicos, desde a reforma de 1832.¹¹¹

Ezequiel Correa dos Santos não foi um farmacêutico formado, apesar de possuir uma licença e gozar de prestígio. Foi aprendiz do português José Caetano de Barros e titulou-se pela Fisicatura¹¹². Como boticário-mor, foi atuante também nas disputas contra charlatães e homeopatas. No jornal *O Anti-Charlatão* (1840), um autor com o pseudônimo de *Galenista* atacou os homeopatas, e, segundo Flavio Edler, o *Galenista* se

¹⁰⁸ EDLER, Flavio Coelho. **Boticas e Pharmacias: Uma História Ilustrada da Farmácia no Brasil**. Casa Da Palavra, Rio De Janeiro, 2006, p.82.

¹⁰⁹ *Ibidem*, p.26.

¹¹⁰ VELLOSO, Verônica Pimenta. **Farmácia na Corte Imperial (1851-1887): Práticas e Saberes**. Tese de Doutorado, PPGHCS- FIOCRUZ, 2007, p.117.

¹¹¹ DIEZ DEL CORRAL, F, S; SOUZA, M; NEGRÃO, O. **Do boticário ao farmacêutico: o ensino de farmácia na Bahia de 1815 a 1949**. Salvador: EDUFBA, 2009, p.49-50.

¹¹² VELLOSO, Verônica Pimenta. **Farmácia na Corte Imperial (1851-1887): Práticas e Saberes**. Tese de Doutorado, PPGHCS- FIOCRUZ, 2007, p.32.

tratava de Ezequiel Correa dos Santos¹¹³. Nas acusações, o *Galenista* denunciava a prática homeopática de acumular duas funções como de consultar e receitar os pacientes, sem ter a formação médica para tal. Outra acusação feita pelo *Galenista* seria o uso de *pito de pango*¹¹⁴, mesmo após a proibição de 1838¹¹⁵.

O boticário-mor Ezequiel Correa dos Santos aparece na historiografia, para além de sua luta pelos interesses da classe farmacêutica, também como político liberal:

Logo em seguida à obtenção de sua carta de farmácia, Ezequiel participou ativamente dos movimentos políticos ocorridos entre a dissolução da Assembléia Constituinte em 1823 e a abdicação de Pedro I, em 1831 na Corte, quando era reivindicada a extinção de todas as instituições que representassem o Antigo Regime, inclusive da então denominada Físicatura-Mor.¹¹⁶

Ezequiel tinha influência no meio acadêmico e talvez esse tenha sido um dos motivos pelos quais a sua titulação não era questionada. Inclusive, como citamos anteriormente, a farmácia deste boticário foi acusada de envenenamento. Houve repercussão, mas não resultou em culpados. Nem o boticário, tampouco o médico. Ezequiel teve filhos; um deles, inclusive, homônimo do pai e formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, escreveu também na primeira edição da *Revista Pharmaceutica*, o que nos indica a hereditariedade do ofício e o avanço da formação acadêmica entre gerações¹¹⁷.

A lei de 03 de outubro de 1832 previa que: “Art. 13. Sem título conferido, ou aprovado pelas ditas Faculdades, ninguém poderá curar, ter botica, ou partejar, enquanto disposições particulares, que regulem o exercício da Medicina, não providenciarem a este respeito”¹¹⁸. Em outras palavras, o documento afirmava que sem a formação necessária, o boticário não poderia atuar por meios legais. Prevista na mesma lei, houve a criação do curso de farmácia na Faculdade de Medicina da Bahia e do Rio de

¹¹³ EDLER, Flavio Coelho. **Boticas e Pharmacias: Uma História Ilustrada da Farmácia no Brasil**. Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2006, p.59.

¹¹⁴ Maconha.

¹¹⁵ *Ibidem*, p.59.

¹¹⁶ VELLOSO, Verônica P. **Farmácia na Corte Imperial (1851-1887): Práticas e Saberes**. Tese de Doutorado, PPGHCS- FIOCRUZ, 2007, p.26.

¹¹⁷ *Ibidem*, p. 249.

¹¹⁸ Lei de 03 de outubro de 1832; Acesso em 25 de janeiro de 2021: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-37274-3-outubro-1832-563716-publicacaooriginal-87775-pl.html#:~:text=D%C3%A1%20nova%20organiza%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A1s%20actuaes,Rio%20de%20Janeiro%2C%20e%20Bahia.&text=Art.,Escolas%2C%20ou%20Faculdades%20de%20Medicina.

Janeiro. Para ingressar nos cursos disponíveis pelas faculdades eram feitas as seguintes exigências:

Art. 22. O estudante, que se matricula para obter o título de Doutor em Medicina, deve: 1º Ter pelo menos dezaseis annos completos: 2º Saber Latim, qualquer das duas Linguas Franceza, ou Ingleza, Philosophia Racional e Moral, Arithmetica e Geometria. O que se matricula para obter o título de Pharmaceutico, deve: 1º Ter a mesma idade: 2º Saber, qualquer das duas Linguas Franceza, ou Ingleza, Arithmetica e Geometria, ao menos plana. A mulher, que se matricula para obter o título de Parteira, deve: 1º Ter a mesma idade: 2º Saber ler, e escrever correctamente: 3º Apresentar um attestado de bons costumes passado pelo Juiz de Paz da freguezia respectiva.¹¹⁹

As disciplinas eram ministradas pelos mesmos professores dos cursos de medicina, com duração de 3 anos, eram estes:

1º ano: física médica, botânica médica e princípios elementares;
2º ano: botânica médica e princípios elementares da zoologia, e química médica e princípios elementares de mineralogia;
3º ano: química médica e princípios elementares de mineralogia, matéria médica, sobretudo a brasileira, e farmácia e arte de formular.¹²⁰

Em 1839, a Escola de Farmácia de Ouro Preto foi criada, sendo estas sem vinculação com as Faculdades do Rio de Janeiro e Bahia. “Grande parte do seu corpo docente, durante o Império, ficou constituído por farmacêuticos, diferindo nesse ponto dos cursos ministrados pelas faculdades de medicina [...]”¹²¹. Para ingressar na escola era exigido que o aluno soubesse ler e escrever, dominar a língua francesa, e saber as quatro operações aritméticas¹²². Na Escola de Farmácia de Ouro Preto,

[...] seria ensinado a Farmácia e a Matéria Médica, principalmente a brasileira. [...]. No final do curso, os alunos fariam dois exames teóricos e um prático. Os teóricos tratavam dos princípios da arte, Botânica e História Natural das drogas simples; o prático consistia da realização de testes químicos e farmacêuticos, com descrição dos materiais, processos e resultados. O exame prático teria a duração de quatro dias.¹²³

Após as reformas de ensino realizadas ao longo da segunda metade do século XIX, algumas alterações do ensino foram realizadas. Segundo a autora Deyse Abreu, o curso

¹¹⁹ *Ibidem*.

¹²⁰ EDLER, Flavio Coelho. **Boticas e Pharmacias: Uma História Ilustrada da Farmácia no Brasil**. Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2006, p.63-64.

¹²¹ *Ibidem*, p.65.

¹²² ABREU, Deyse Marinho de. **Arte Boticária: Uma análise a partir de boticários e boticas da comarca do Rio das Velhas na segunda metade do século XIX**. Dissertação de Mestrado. PPGH-UFGM, 2006, p.4 do cap 2.

¹²³ *Ibidem*.

de farmácia na escola de Ouro Preto tinha duração de 2 anos. Com uma das primeiras reformas ocorridas na década de 1850, as disciplinas foram complementadas, “no primeiro ano ensinavam-se Química e Farmácia, e, no segundo, eram Matéria Médica e Botânica”¹²⁴.

Outras reformas curriculares do período imperial ocorreram com o passar dos anos. Em geral, as mudanças foram resultado de reivindicações da classe farmacêutica para conquistar melhorias do ensino. A primeira delas foi a reforma conhecida como do Bom Retiro em 1854¹²⁵. Esta previa que o curso de farmácia teria uma duração de 3 anos, com as disciplinas: “1º ano, Física Química e Mineralogia; 2º ano, Botânica Química e Mineralogia (repetição) Química Orgânica; 3º ano, Botânica (repetição) Matéria Médica Farmácia”¹²⁶.

A segunda reforma foi a Leôncio de Carvalho em 1879¹²⁷. Nesta reforma foram organizados o ensino primário, secundário e o superior, e que “determinou que cada Faculdade de Medicina ficaria anexa a uma Escola de Farmácia”¹²⁸.

Inspirada nas universidades alemãs, essa reforma estabeleceu liberdade de frequência às aulas, permissão aos estudantes de repetir os exames das matérias nas quais não tivessem conseguido habilitação na época apropriada e permitiu, explicitamente, o ingresso de indivíduos do sexo feminino nas instituições de ensino superior, para quem eram reservados lugares separados nas aulas.¹²⁹

A terceira reforma foi Reforma Sabóia de 1884¹³⁰. Esta foi voltada para a reorganização das Faculdades do Império, o ensino médico sendo realizado em 8 anos e o farmacêutico em 3 anos. Também “passou-se a exigir dos alunos um exame prático das matérias cujas cadeiras possuíam laboratório e a obrigação de apresentarem à mesa

¹²⁴ *Ibidem*, p.5.

¹²⁵ REFORMA COUTO FERRAZ – DECRETO nº1.387 de 28.04.1854 in DIEZ DEL CORRAL, F, S; SOUZA, M; NEGRÃO, O. **Do boticário ao farmacêutico: o ensino de farmácia na Bahia de 1815 a 1949**. Salvador: EDUFBA, 2009, p.51.

¹²⁶ *Ibidem*, p.51-52.

¹²⁷ REFORMA LEONCIO DE CARVALHO – Escola de Farmácia anexa à de Medicina – DECRETO nº 7.247, de 19.04.1879 in DIEZ DEL CORRAL, F, S; SOUZA, M; NEGRÃO, O. **Do boticário ao farmacêutico: o ensino de farmácia na Bahia de 1815 a 1949**. Salvador: EDUFBA, 2009, p.57.

¹²⁸ DIEZ DEL CORRAL, F, S; SOUZA, M; NEGRÃO, O. **Do boticário ao farmacêutico: o ensino de farmácia na Bahia de 1815 a 1949**. Salvador: EDUFBA, 2009, p.58.

¹²⁹ *Ibidem*, p.59.

¹³⁰ REFORMA SABÓIA – DECRETO nº 9.311 de 25.10.1884 in DIEZ DEL CORRAL, F, S; SOUZA, M; NEGRÃO, O. **Do boticário ao farmacêutico: o ensino de farmácia na Bahia de 1815 a 1949**. Salvador: EDUFBA, 2009, p.60.

examinadora trabalhos executados durante o ano letivo no respectivo laboratório [...]”¹³¹. Antes dessa lei, houve algumas outras modificações no decreto de 1879, porém, o decreto de Sabóia conferia o título de bacharel em farmácia ou em ciências físicas e naturais, o que podia ampliar a forma de atuação profissional do formado¹³².

Além do ensino teórico e a questão burocrática pensada pelas reformas de ensino, a necessidade de um ensino prático foi uma questão para médicos e farmacêuticos durante esses anos. No ano de 1861, Ezequiel Correa dos Santos cedeu a sua botica para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro para ministrar aulas práticas. A Faculdade

[...] mantinha a divisão da parte teórica do curso em três (farmácia em geral, farmácia galênica, e farmácia química) e estabelecia duas divisões para a parte prática (manipulação farmacêuticas e químicas, principalmente das que tinham emprego em medicina; e análises químicas, principalmente das que tinham como fim reconhecer a natureza alterações das substâncias medicamentosas e algumas comerciais e alimentares).¹³³

A mobilização farmacêutica por um ensino de qualidade para os farmacêuticos fazia parte de uma busca por profissionalização do ofício. Dentre as demandas postas pela Sociedade, algumas delas foram:

- criação de um horto botânico;
- criação de um laboratório de Química;
- criação de um gabinete de História Natural;
- previsão da instalação de Oficinas Farmacêuticas no prédio de cada Faculdade de Medicina.¹³⁴

Para a formação farmacêutica regular, era imprescindível uma boa formação prática. Entretanto os primeiros anos de ensino de farmácia no Brasil foram precários em termos práticos, por falta de laboratórios, de grades curriculares vistas como suficientes, pela classe, para uma boa formação. Entre outras questões surgiam as reivindicações pelo ensino de farmácia realizado pelos próprios farmacêuticos, e não por médicos¹³⁵. Um outro ponto que os farmacêuticos requeriam, em relação à formação, era a evasão nos

¹³¹ *Ibidem*, p. 61.

¹³² *Ibidem*, p. 60-62.

¹³³ VELLOSO, Verônica Pimenta. **Farmácia na Corte Imperial (1851-1887): Práticas e Saberes**. Tese de Doutorado, PPGHCS- FIOCRUZ, 2007, p.266.

¹³⁴ DIEZ DEL CORRAL, F, S; SOUZA, M; NEGRÃO, O. **Do boticário ao farmacêutico: o ensino de farmácia na Bahia de 1815 a 1949**. Salvador: EDUFBA, 2009, p.52.

¹³⁵ VELLOSO, Verônica Pimenta. **Farmácia na Corte Imperial (1851-1887): Práticas e Saberes**. Tese de Doutorado, PPGHCS- FIOCRUZ, 2007, p.219.

curso, uma vez que a maioria dos alunos, depois de um período, migrava para a medicina, ou desistia de seguir com os estudos. Para a historiadora Isabella Oliveira (2018),

Os membros da Sociedade Farmacêutica consideravam que a desigualdade na remuneração, nas oportunidades de alocação e ascensão dentro da carreira contribuiriam para a evasão de alunos e pouca procura pelos cursos oferecidos no Rio de Janeiro, Bahia e Ouro Preto.¹³⁶

Por isso a busca por melhores condições na carreira farmacêutica foi sendo uma demanda para a classe. Entre insatisfações com a condução dos cursos de farmácia nas Faculdades de Medicina, as instituições farmacêuticas elaboraram planos para fundar sua própria Escola de Ensino superior, sob a administração das Sociedades Farmacêuticas.

Em 1858, foi criado o Instituto Farmacêutico do Rio de Janeiro¹³⁷. Segundo Velloso, boa parte dos farmacêuticos filiados ao instituto partilhavam da insatisfação com as reformas de ensino dos anos 1870 e 1880¹³⁸. Em 1877, o I Congresso Farmacêutico Brasileiro foi realizado, e o descontentamento da classe com as leis, o ensino de farmácia, a subordinação aos médicos, e o êxodo da profissão motivaram as pautas debatidas no evento. Este evento teve como resultado o envio de uma petição para a Câmara dos Deputados na qual propunham a criação de um curso superior dissociado das Faculdades de Medicina¹³⁹. E assim, inspirados no modelo de formação da Escola Superior de Farmácia de Paris, em 1884 foi fundada a Escola Superior de Farmácia, no Rio de Janeiro.

[...] o curso teria duração de 4 anos distribuídos pelas seguintes matérias: 1º série: física, botânica e química inorgânica. 2º série: mineralogia e geologia; 3º série: matéria médica especialmente brasileira e terapêutica geral farmacologia, arte de formular, e química analítica e industrial; 4º série: química toxicológica, higiene em geral, especialmente industrial, história e legislação farmacêutica.¹⁴⁰

Além das disciplinas teóricas, a Escola Superior também tinha disciplinas práticas em laboratórios, como cita Velloso: mineralogia, química industrial e farmácia prática¹⁴¹. Ainda segundo Velloso, os professores da Escola Superior de Farmácia eram só farmacêuticos e não mais médicos como nas Faculdades de Medicina. O intuito de fundar

¹³⁶ OLIVEIRA, Isabella B. **A farmácia em São Paulo é um novelo de redes: gênero e prática científica (1895-1917)**. Dissertação de Mestrado, PPGHS, USP, 2018, p.118.

¹³⁷ VELLOSO, Verônica Pimenta. **Farmácia na Corte Imperial (1851-1887): Práticas e Saberes**. Tese de Doutorado, PPGHCS- FIOCRUZ, 2007, p.123.

¹³⁸ *Ibidem*, p.273.

¹³⁹ *Ibidem*, p.285.

¹⁴⁰ *Ibidem*, p.294.

¹⁴¹ *Ibidem*.

a Escola de Farmácia seria instituir um ensino de qualidade superior aos das Faculdades de Medicina. “Pretendia-se [com a Escola] assim, viabilizar o ingresso do farmacêutico no mundo da ciência, da indústria e do comércio, conciliando os sentidos científicos e comerciais na formalização de suas atividades pelo ensino”¹⁴².

Em 1887, contudo, a Escola Superior de Farmácia encerrou suas atividades. Por falta de alunos e recursos, o curso não conseguiu se manter e teve de fechar as portas. Verônica Velloso fala sobre a reforma de Mamoré de 1886, que foi determinante para o esvaziamento da escola, em razão de a legislação prever a permissão para que práticos pudessem administrar farmácias onde não houvesse farmacêuticos formados¹⁴³.

O ensino de farmácia e as instituições de farmácia foram indissociáveis. As instituições se faziam atuantes principalmente em relação à profissão farmacêutica, nas reivindicações em relação à aplicação e melhoria das leis, das fiscalizações nas farmácias/boticas. Já o ensino regular de farmácia foi determinante para qualificar a classe nos parâmetros técnicos científicos, para além do comerciante de remédios.

1.5. Remédios e Boticas

Art. 57. Da data da execução deste Regulamento em diante não se abrirão boticas na Côrte e nas Capitaes das Provincias sem que as Autoridades Sanitarias tenham examinado se estão sufficientemente sortidas de remedios, vasilhame, instrumentos, utensilios e livros constantes de hum tabella, que para esse fim será organizada pela Junta Central, e publicada com autorisação do Governo. Das decisões das Commissões e dos Provedores haverá recurso para a Junta Central, devendo ser acompanhado de huma copia das faltas.¹⁴⁴

O trecho acima se refere ao decreto de 1851, que previa o sortimento das boticas do Império. Para ter um bom funcionamento e atender ao público de forma considerada adequada, era necessário que as boticas tivessem um padrão instrumental. Edler (2007) cita a Tabela de medicamentos, vasilhames, instrumentos, utensílios e livros, organizados pela Junta Central de Higiene Pública para as boticas do Império em 07 de outubro de 1852¹⁴⁵. A fiscalização e as exigências por parte dos órgãos responsáveis, em relação às

¹⁴² *Ibidem*. p.195.

¹⁴³ *Ibidem*, p.296.

¹⁴⁴ DECRETO Nº828 29 DE SETEMBRO DE 1851. Acesso em 04 de fevereiro de 2021. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-828-29-setembro-1851-549825-publicacaooriginal-81781-pe.html>

¹⁴⁵ EDLER, Flavio Coelho. **Boticas e Pharmacias: Uma História Ilustrada da Farmácia no Brasil**. Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2006, p.71

boticas, eram assuntos amplamente discutidos por farmacêuticos, principalmente no que se referia à formação acadêmica exigida para a função, como para estabelecimento ou práticos não habilitados que vendiam medicamentos¹⁴⁶.

Fora as boticas, os outros estabelecimentos que podiam vender medicamentos eram as drogarias. Estes poderiam comercializar medicamentos importados ou insumos para formulações nas boticas. O droguista não podia produzir medicamentos; ele era uma espécie de distribuidor, um comerciante. “art 67: Os droguistas não poderão vender drogas ou medicamentos por peso medicinal, nem poderão vender os medicamentos compostos chamados oficinais”¹⁴⁷.

Os tipos de remédios usados no século XIX estavam muito associados às concepções sobre doenças e corpo durante esse período. Durante boa parte do Oitocentos, a concepção de doença estava ligada à noção de desequilíbrio dos humores, um entendimento baseado na tradição hipocrática, que considerava que “o corpo humano seria formado por quatro elementos: ar, terra, água e fogo, que se uniriam para composição de cada uma das partes do organismo”¹⁴⁸. Com estes elementos o corpo teria características como: calor, humidade, secura, frio derivadas dos humores básicos que o constituíam: sangue, fleuma ou catarro, bile amarela e bile negra¹⁴⁹. A saúde era um estado caracterizado pelo pleno equilíbrio entre esses elementos. Caso contrário, o indivíduo seria acometido de alguma enfermidade.

A doença pode ser vista como um fator biológico e sociocultural, pois, “as variações na forma de lidar e tratar com o corpo doente são diversas e muitas vezes antagônicas”¹⁵⁰. A historiadora Betânia Figueiredo (2002) cita o exemplo do uso de remédios para a sífilis, em que no caso da ausência de sintomas considerava-se que o usuário estava curado¹⁵¹. Esta pode ser interpretada como uma concepção de cura.

¹⁴⁶ ABREU, Deyse Marinho de. **Arte Boticária: Uma análise a partir de boticários e boticas da comarca do Rio das Velhas na segunda metade do século XIX**. Dissertação de Mestrado. PPGH-UFMG, 2006, p. 20 do cap 2.

¹⁴⁷ DECRETO Nº828 29 DE SETEMBRO DE 1851. Acesso em 04 de fevereiro de 2021. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-828-29-setembro-1851-549825-publicacaooriginal-81781-pe.html> - .

¹⁴⁸ PIMENTA, Tania Salgado. **Artes de Curar: Um estudo a partir dos documentos da Fisicatura-Mor no Brasil do começo do século XIX**. Dissertação de Mestrado. Unicamp, São Paulo, 1997, p.18.

¹⁴⁹ ANDRADE, Tania L. Humores e odores: Ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, II (3): 44-96, Nov.1995-Fev-1996. p.47.

¹⁵⁰ FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. **A Arte de Curar, cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais**. Vício de Leitura, Minas Gerais, 2002, p.93.

¹⁵¹ *Ibidem*.

A noção de cura também poderia estar ligada ao sobrenatural. O trabalho referencial de Marc Bloch (1993), *Os Reis Taumaturgos*¹⁵², retrata a crença da cura pelo toque dos reis durante a Idade Média. No século XIX, como vimos em tópicos anteriores deste capítulo, a relação com a cura também foi muito relacionada com a fé. A doença era caracterizada também, em algumas situações, como um castigo divino, tendo como o padecimento o processo para o arrependimento¹⁵³: “[...] sofre-se com a doença e também para curá-la, devido ao gosto ruim do remédio”¹⁵⁴. Os remédios considerados de gosto amargo seriam considerados os de melhor efeito curativo, em uma perspectiva associativa entre sofrer e curar.

A crença sobre restabelecer a saúde através do sobrenatural também estava presente nos remédios de segredo. Estes eram produzidos e vendidos em grandes quantidades na Europa e na América Portuguesa. Desde os séculos XVII, ainda chegaram a ser bastante difundidos no Brasil do século XIX¹⁵⁵.

A partir do momento em que a fórmula é guardada em segredo cresce toda uma áurea de mistério capaz de potencializar a partir do campo emocional – os efeitos dos medicamentos e fórmula principalmente se consideramos que muitos dos problemas de saúde que os remédios prometiam resolver tinham poucas chances de solução como por exemplo as diversas tentativas de cura da sífilis. Acreditar nos efeitos daquilo que não se conhece, no desconhecimento, é um dos procedimentos que envolvem a cura pela crença da fé.¹⁵⁶

Por essa mesma razão, os remédios secretos também foram combatidos ao longo da história. Segundo o historiador José Pedro de Souza Dias (2012):

A contradição básica entre a utilização do segredo na medicina e o espírito do Iluminismo, consiste no facto de que aquilo que é mantido oculto não pode ser submetido à razão de forma universal. Não basta que aquele que o descobriu conheça o segredo e que os restantes possam comprovar se o seu efeito é ou não positivo, é necessário que tanto o autor do segredo como o conjunto da comunidade, possam submeter o objecto do segredo à experiência e ao estudo.¹⁵⁷

¹⁵² BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos: O caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

¹⁵³ *Ibidem*, p.124.

¹⁵⁴ FIGUEIREDO, Betânia G. O arranjo das drogas nas boticas e farmácias mineiras entre os séculos XVIII e XIX in CARNEIRO, H. VENANCIO, R.P. (org). **Álcool e drogas na história do Brasil.** São Paulo: Alameda, 2005, p. 150.

¹⁵⁵ DIAS, José Pedro de Souza Dias. **A Água de Inglaterra: Paludismo e Terapêutica em Portugal no século XVIII.** Portugal, Editora Caleidoscópio, 2012, p.12-13

¹⁵⁶ FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves **A Arte de Curar, cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais.** Vício de Leitura, Minas Gerais, 2002, p.110.

¹⁵⁷ DIAS, José Pedro de Souza Dias. **A Água de Inglaterra: Paludismo e Terapêutica em Portugal no século XVIII.** Portugal, Editora Caleidoscópio, 2012, p.64.

A Junta Central de Higiene passou a regulamentar a produção e venda destes medicamentos durante o século XIX no Brasil. Com base no decreto nº828, de 29 de setembro de 1851, art 73, foi determinado um controle na formulação e venda de medicamentos, principalmente para combater os remédios secretos: “Para que possam ser vendidos os remedios de composição desconhecida, seus autores os apresentarão com a receita, e com a declaração das molestias para que são proprios, á Junta Central, que os examinará”¹⁵⁸.

O decreto nº 8.387, de 19 de janeiro de 1882, continuou nas normas brasileiras a proibir a venda, anúncio, distribuição, ou preparação dos remédios ditos de segredo, salvo em parecer oficial, ou seja, caso esse medicamento fosse avaliado e autorizado, pelo órgão de saúde responsável, poderia ser comercializado. Para o decreto, era considerado remédio de segredo:

§ 2º Todos os medicamentos cujas formulas não existirem na pharmacopéa franceza ou em qualquer dos formularios nacionaes ou estrangeiros; os que não forem autorizados pelo Governo, ou preparados para cada caso particular, segundo prescrição de medico legalmente habilitado.¹⁵⁹

O século XIX foi marcado pela ampliação da produção de medicamentos, além do início dos anúncios em jornais, as ditas panaceias. Estes processos ocorreram em alternância com a prática terapêutica de médicos, que diagnosticavam e passavam as receitas com os medicamentos que os pacientes deveriam tomar. Desta forma, os pacientes iam a uma farmácia, que formulava o remédio único para o indivíduo e para a doença de que sofria; eram os ditos medicamentos magistrais¹⁶⁰. Esses tipos de tratamento com remédios específicos dividiam espaço com as formulações prontas e vendidas em boticas ou drogarias. Segundo Tania Pimenta (2004), “em meados do Oitocentos, o consumo de tonificantes, purgantes, sudoríferos, eméticos ocupava espaço importante no crescimento do comércio da época”¹⁶¹.

¹⁵⁸ DECRETO Nº 828, DE 29 DE SETEMBRO DE 1851. Acesso em 04 de fevereiro de 2021: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-828-29-setembro-1851-549825-publicacaooriginal-81781-pe.html>

¹⁵⁹DECRETO Nº 8.387, DE 19 DE JANEIRO DE 1882. Acesso em 04 de fevereiro de 2021: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-8387-19-janeiro-1882-544934-publicacaooriginal-56615-pe.html>

¹⁶⁰ ABREU, Deyse Marinho de. **Arte Boticária: Uma análise a partir de boticários e boticas da comarca do Rio das Velhas na segunda metade do século XIX**. Dissertação de Mestrado. PPGH-UFMG,2006, p. 9 do cap 3.

¹⁶¹ PIMENTA, T. S.: Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos. **História, Ciências, Saúde, Manguinhos**, vol. 11 (suplemento 1): 67-92, 2004, p.85.

A publicidade para incrementar as vendas de remédios produzidos no estrangeiro contribuiu ainda mais para divulgação e, conseqüentemente, para o consumo de medicamentos no Brasil durante o século XIX. Remédios produzidos localmente também eram divulgados através de anúncios publicitários. Outras estratégias de divulgação eram o uso de relatos de pessoas que tinham usado o medicamento para alguma moléstia, e, desta forma, relatavam-se os benefícios alcançados com o tratamento, influenciando outros consumidores, com problemas semelhantes, a comprarem o produto.

Também ao longo do Oitocentos, algumas características na percepção sobre o corpo e doenças ganharam mais espaço nas terapêuticas. A concepção de miasmas, ares pútridos, sujeira, fundamentaram a ideia de que a limpeza era um fator essencial para o estabelecimento da saúde pública. Em meio às epidemias que ocorreram no século, os cuidados e a higiene com o corpo ganharam espaços nas prateleiras das boticas. Surgiram então no mercado farmacêutico produtos de toalete, as mais diversas águas (entre perfumes e antissépticos): “de modo geral, até meados do século XIX supunha-se que as águas aromatizadas tivessem propriedades medicinais, curativas e prevenissem infecções”¹⁶².

Algumas boticas começaram a produzir seus próprios materiais de divulgação, como panfletos ou almanaques de farmácia. Eram estratégias para divulgar amplamente o comércio ou indústria fabricante, e, com isso conquistar novos públicos. Uma das farmácias do Império que utilizou deste artifício publicitário foi a Pharmacia e Drogaria Granado. A Granado foi fundada em 1870, por um português chamado José Antonio Coxito Granado. Inicialmente, a drogaria voltava-se para a importação e venda de produtos europeus, de características “higiênicas” como: perfumes, sabonetes entre outras variações.

Com o sucesso de vendas, adquirido principalmente por um público de elite, a Granado começou a produzir seus próprios produtos, e, como estratégia de marketing, lançou o *Pharol da Medicina* (1887), que foi publicado até meados de 1940¹⁶³. O *Pharol da Medicina* foi o primeiro almanaque de farmácia brasileiro com estratégia publicitária e tinha como conteúdo

¹⁶² ANDRADE, Tania L. Humores e odores: Ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, II (3): 44-96, Nov.1995-Fev-1996. p.77.

¹⁶³ EDLER, Flavio Coelho. *Boticas e Pharmacias: Uma História Ilustrada da Farmácia no Brasil*. Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2006, p.69

[...] pequenos textos, anedotas, calendários, com nomes de santos, tabelas de cambio, charadas, cartas de leitores declarando-se curados, informações sobre doenças, e atestados escritos por médicos que haviam tratado seus pacientes com medicamentos da Granado.¹⁶⁴

As dificuldades de importações durante a Primeira Guerra Mundial beneficiaram, de uma certa forma, o mercado e a produção nacional de medicamentos¹⁶⁵. O que gerou um incremento na publicidade nacional. Durante o século XX outros tipos de estratégias, como esta da Granado, foram colocadas em circulação. Um outro exemplo foi o *Almanach do Biotônico* (1920) de Cândido Fontoura, farmacêutico e fabricante do Biotônico Fontoura, que utilizou o personagem Jeca Tatu, em uma parceria com Monteiro Lobato, para o sucesso da difusão do Almanach¹⁶⁶. Contudo, já se trata de um movimento ocorrido no século XX, baseado no discurso higienista do Brasil republicano, e inspirado na associação do interior do Brasil com um povo supostamente improdutivo e doente¹⁶⁷. Mas isso já é assunto para o próximo capítulo: a farmácia no século XX, e mais especificamente, a Drogaria Rabello.

¹⁶⁴ BRASIL. **Vendendo Saúde: A história da propaganda de medicamentos no Brasil.**- Eduardo Bueno. Brasília, Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2008, p.27.

¹⁶⁵ EDLER, Flavio Coelho. **Boticas e Pharmacias: Uma História Ilustrada da Farmácia no Brasil.** Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2006, p.69.

¹⁶⁶ GOMES, M. L. Vendendo saúde! Revisitando os antigos almanaques de farmácia. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 1007-18, out.-dez. 2006, p.1013.

¹⁶⁷ BAALBAKI, Angela; CALDAS, Beatriz. Almanques de farmácia no Brasil: discursos sobre corpo e saúde. **Revista Língua & Literatura**, v. 35, n. 20, p. 131-149, jan./jun. 2018, p.146.

Capítulo 2

2. De pai para filho: o ofício de formular na Drogaria Rabello

A hereditariedade no ofício das artes manuais é comum na história. A arte é o saber fazer¹⁶⁸. A farmácia em especial foi um lugar de produção e manuseio de elementos químicos e naturais que foram destinados à cura de pessoas. Durante meados do século XIX era possível ter farmácias nas quais eram produzidos os medicamentos a partir de receitas magistrais, ou seja, aquelas prescritas pelos médicos¹⁶⁹. A farmácia exerceu um espaço importante para terapêuticas. Segundo a historiadora Betânia Figueiredo (2002) o ofício do farmacêutico, por muito tempo, ficou conhecido como um “nobre ofício”¹⁷⁰: “A própria imagem do farmacêutico estava estreitamente vinculada com a manipulação de fórmulas, aquele que trabalha com as mãos, pois a arte de formular era a base verdadeira da farmácia”¹⁷¹. E assim a farmácia instituiu laboratório, consultórios médicos dentro dos seus espaços, e alguns produziram medicamentos próprios.

Neste capítulo, apresentamos a Drogaria Rabello, um espaço de comércio e produção de medicamentos com base em uma hereditariedade no ofício de formular. O objetivo principal é apresentar o negócio da família, as relações comerciais e sociais de Antonio José Rabello e Antonio José Rabello Junior, na Parahyba do Norte. Também temos como ponto de análise a relação de sucessão do ofício farmacêutico na própria família Rabello, na sua relação com a formação científica: o pai era um prático e o filho formado. Além disso, vamos apresentar como o negócio da família evoluiu através de sociedades comerciais firmadas, a venda de medicamentos de diversos fabricantes e de produção própria, como o Elixir de Carnaúba, Sucupira Composto e a Água Rabello. A circulação comercial desses produtos em outras praças do país, assim como as participações da Drogaria Rabello em exposições nacionais e internacionais também serão objeto de análise neste capítulo.

¹⁶⁸ CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano, 1 Artes De Fazer**. Petrópolis, Vozes, 2014, p.129.

¹⁶⁹ VELLOSO, Verônica Pimenta. **Farmácia na Corte Imperial (1851-1887): Práticas e Saberes**. Tese de Doutorado, PPGHCS- FIOCRUZ, 2007, p.236.

¹⁷⁰ FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves **A Arte de Curar, cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais**. Vício de Leitura, Minas Gerais, 2002, p.200.

¹⁷¹ *Ibidem*, p.194.

2.1 Uma breve trajetória de Antonio José Rabello e Rabello Junior

Na historiografia paraibana pouco se sabe sobre a família Rabello. Alguns trabalhos produzidos por médicos memorialistas, como Oscar de Castro (1964)¹⁷² e Humberto Nobrega (1979)¹⁷³, citam algumas informações ou casos envolvendo Antonio Rabello. Por isso, a maioria das informações reproduzidas neste capítulo são baseadas em fontes encontradas em jornais ou revistas, panfletos de divulgação ou documentos profissionais e pessoais.

A família Rabello iniciou suas práticas farmacêuticas através do patriarca, Antonio José Rabello (1859-1925). Nascido na cidade de Mamanguape-PB, casou-se com Deolinda Benigna Baptista Rabello (1859-1956)¹⁷⁴, e com ela teve três filhos homens, um deles Antonio José Rabello Junior (1882-1958), que seguiu o ofício farmacêutico e as atividades comerciais da drogaria.

Antonio José Rabello foi um prático farmacêutico, aprendiz do boticário José Francisco de Moura¹⁷⁵, proprietário da Pharmacia Central¹⁷⁶, durante o Império. Com a prática do ofício, abriu a Drogaria Rabello onde vendia remédios importados e outros produtos químicos. As drogas em geral podiam ter a mesma função de boticas e farmácias no cotidiano das pessoas. Entretanto, havia leis que regulamentavam sobre o seu funcionamento e o controle de seus produtos:

art 62º - Os droguistas não poderão vender ou distribuir em dose medicinal preparação alguma, simples ou composta, á qual se attribuem propriedades curativas; poderão comtudo vender livremente a varejo, mas não em dose medicinal, os medicamentos, simples ou compostos, de uso corrente, de manipulação e a ministração isenta de qualquer inconveniente, que constarem da tabella organizada pela Junta Central.¹⁷⁷

O que fica nítido neste sentido da lei de fins do século XIX é que a drogaria era um espaço, assim como a farmácia, dedicado à venda de substâncias medicamentosas,

¹⁷² CASTRO, Oscar de. **Contribuições à História da Farmácia na Paraíba**. Separata de Vida & Cultura, Órgão Oficial da Sociedade Cultural Luso Paraibana de Estudos e Pesquisa, 1964.

¹⁷³ NÓBREGA, Humberto. **As raízes das ciências médicas na Paraíba: medicina, farmácia, odontologia e enfermagem**. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 1979.

¹⁷⁴ Certidão de casamento; Paróquia Nossa Senhora das Neves; livro 3, p.82. – Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese Paraibana.

¹⁷⁵ Panfleto de divulgação do Elixir de Carnaúba e Sucupira, p.7. – Arquivo privado Laboratório Rabelo.

¹⁷⁶ Jornal Estado da Parahyba (PB), 01 de janeiro de 1891, p.4.

¹⁷⁷ DECRETO Nº 8.387, DE 19 DE JANEIRO DE 1882. Acesso em 20 de março de 2021: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-8387-19-janeiro-1882-544934-publicacaoriginal-56615-pe.html>

mas que havia algumas restrições de funcionamento e regras para o público. Já para os anos seguintes, a historiadora Isabella Oliveira (2018) fala um pouco sobre as drogarias no contexto do século XX, e segundo ela: “as drogarias [...] deveriam restringir-se à importação e venda de preparados prontos, não estando autorizados a possuir laboratórios para manipulação dos produtos em suas dependências”¹⁷⁸, uma vez que eram espaços onde vendiam “substâncias perigosas e tóxicas”¹⁷⁹, e que, “os droguistas poderiam vender [estes produtos] somente a farmacêuticos e industriais”¹⁸⁰ através de um controle dos órgãos sanitários e de seus respectivos Estados e municípios.

Como proprietário de um estabelecimento que vendia preparados químicos, José Rabello não adquiriu um título de formação oficial, mas tinha o conhecimento prático por ter trabalhado em farmácia durante o século XIX. Com isso, a partir de algumas fontes, acreditamos que ele adquiriu, de certa maneira, prestígio na Parahyba do Norte, sendo citado por um jornal local como “pharmaceutico de velha e honrada tradição neste Estado”¹⁸¹.

O memorialista e médico paraibano Oscar de Castro (1964) faz uma breve descrição sobre Antonio José Rabello e o boticário Francisco José de Moura:

Circulavam nos almanaques de capas coloridas e nas folhinhas do mês os atestados médicos, sobre produtos medicinais. Na sobrecapa de um dêles entre o símbolo da Farmácia artisticamente desenhado, os retratos de Antonio Rabello meio enxuto de carne, cabelos curtos, bigodes imponentes e um pince nêz, que lhe conferia um ar enérgico a uma expressão de domínio e, do outro lado, o farmacêutico José Francisco de Moura muito mais gordo e de bigodes mais caídos, tendo uma expressão de bondade no olhar, de profunda bondade!¹⁸²

Já o também médico e memorialista Humberto Nobrega (1979) faz referência em sua publicação a Antonio José Rabello como:

Totonho Rabello, como também era conhecido, estabeleceu-se [...] sob a firma comercial Rabelo e Companhia em 1887 na rua Maciel Pinheiro, n. 44 com a Drogaria Rabello na cidade da Parahyba do Norte. Não era farmacêutico de profissão, porém, a Assembleia Legislativa da Província conferiu-lhe o título de farmacêutico prático.¹⁸³

¹⁷⁸ OLIVEIRA, Isabella B. **A farmácia em São Paulo é um novelo de redes: gênero e prática científica (1895-1917)**. Dissertação de Mestrado, PPGHS, USP, 2018, p.163.

¹⁷⁹ *Ibidem*.

¹⁸⁰ *Ibidem*, p.164.

¹⁸¹ O Jornal (PB), 26 de fevereiro de 1924, p.8.

¹⁸² CASTRO, Oscar de. **Contribuições à História da Farmácia na Paraíba**. Separata de Vida & Cultura, Órgão Oficial Da Sociedade Cultural Luso Paraibana De Estudos E Pesquisa, 1964, p.31.

¹⁸³ NÓBREGA, Humberto. **As raízes das ciências médicas na Paraíba: medicina, farmácia, odontologia e enfermagem**. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 1979, p.309.

O historiador Rafael Araújo (2020) nos traz, em sua dissertação, algumas informações retiradas do trabalho de Nobrega, como citado no trecho acima. Confrontando com as fontes que temos, principalmente de anúncios mais antigos de jornais, a referência da data de fundação da firma comercial Drogaria Rabello é de 1889¹⁸⁴. Não foi possível encontrar dados que comprovem a fundação no ano de 1887. Sobre o título concedido a Antonio José Rabello pela Assembleia Legislativa da Província, citado por Nobrega, tivemos acesso ao diploma recebido pela Inspeção Geral de Higiene. A Comissão de Saúde Pública concedeu o “diploma a fim de poder ter sob sua responsabilidade neste Estado uma pharmacia”,¹⁸⁵ na data de 13 de abril de 1916.

Não ter o diploma e trabalhar a partir a experiência aprendida na prática foi algo recorrente, e que atravessou o século XIX para o XX, como discutimos no capítulo passado. Os boticários durante o século XIX, como já vimos, em geral, eram práticos, ou seja, não tinham formação acadêmica. Com a institucionalização da farmácia, a exigência foi maior através das leis que obrigavam a formação, mas, em alguns momentos, também os decretos flexibilizavam a atuação dos práticos. Acreditamos que essa flexibilização aconteceu com Antonio José Rabello devido às suas relações com a praça comercial da capital.

Com as fontes encontradas para este trabalho, não identificamos envolvimento em disputas de poder em relação à formação farmacêutica por parte dos Rabello. O que está presente na documentação é o envolvimento da família no comércio da capital paraibana. Em 1902, o patriarca da família Rabello foi nomeado deputado¹⁸⁶ da Junta Commercial da Parahyba¹⁸⁷, e, no ano de 1916, se tornou Presidente do mesmo órgão¹⁸⁸. As Juntas eram espécies de instituições públicas e administrativas que regularizavam e auxiliavam os comerciantes locais. Tinham a estrutura de colegiados e elegiam seus representantes, como foi o caso de Antonio José Rabello¹⁸⁹.

¹⁸⁴ Anúncio da Drogaria Rabello, “fundada em 1889” - Almanak do Estado da Parahyba 1899, s/p - Acervo Particular Maurílio de Almeida

¹⁸⁵ Diploma concedido pelo Estado da Parahyba – Inspeção Geral de Higiene a Antonio José Rabello – Acervo privado Laboratório Rabello.

¹⁸⁶ Deputado neste sentido se refere a um representante da Junta Commercial da Parahyba.

¹⁸⁷ Nomeado pelo Presidente do Estado Deputado da Junta Commercial da Paraíba. Antonio José Rabello. 22 de novembro de 1902 - Acervo Privado Laboratório Rabello.

¹⁸⁸ Deputado Antonio José Rabello para cargo de presidente da Junta Commercial, 7 de novembro de 1916. Acervo Privado Laboratório Rabello.

¹⁸⁹ Sobre as Juntas Comerciais no Brasil e Portugal, ver: MARQUES, Tereza Cristina. A instituição do registro comercial na administração pública brasileira e os acervos de documentos para a história de

Além da atuação comercial, o senhor Rabello tentou se envolver no cenário político paraibano. No ano de 1897, o *Jornal A União* publicou uma lista com o resultado da eleição municipal da capital. O primeiro da lista, com maior número de votos, foi Antonio Soares de Pinho, e do penúltimo lugar constava Antonio José Rabello¹⁹⁰. Além desta publicação em jornal, não localizamos outros indícios de atuação política na Parahyba da família Rabello.

Para inserção e circulação em alguns espaços de poder¹⁹¹, sobretudo na Parahyba dos primeiros anos do século XX, dada a proeminência das oligarquias locais, segundo Linda Lewin (1993), eram muito importantes os “laços familiares ou personalísticos”¹⁹². Os Rabello construíram suas alianças e ocuparam espaços nas esferas de liderança em organizações comerciais, como foi o caso já citado da Junta Commercial.

Além do envolvimento em relações comerciais do Estado, a família Rabello também estabelecia redes com as ordens religiosas locais, como a Santa Casa de Misericórdia, atuando como fornecedora de medicamentos para o hospital entre os anos de 1906¹⁹³ a 1911¹⁹⁴. Antonio José Rabello também teve ligação com outras irmandades religiosas da Parahyba, como a irmandade de Nossa Senhora da Conceição¹⁹⁵ e a Irmandade Benedito da Cruz.¹⁹⁶

empresas. **3º Congresso Brasileiro de História Econômica e 4ª Conferência Internacional de História de Empresas**, 1999, p.1-19.

¹⁹⁰ *Jornal A União* (PB) – 23 de novembro de 1897, p.1.

¹⁹¹ “Os indivíduos, a partir de suas trajetórias de sociabilidade, são introduzidos em uma série de círculos sociais, o que desenha o campo social onde está inscrito. Estes círculos e estes campos normalmente se inscrevem em relações sociais com forte conteúdo de homofilia, em um primeiro momento, mas também implicam relações não necessariamente ancoradas em laços identitários fortes: é, por exemplo, o caso da afiliação dos indivíduos a grupos sociais para empreender ações com interesses pontuais”. - FONTES, B. STELZIG, S. Sobre trajetórias de sociabilidade: a ideia de relé social como mecanismo criador de novas redes sociais. *Política & Sociedade*, n.º5, outubro de 2004, p.70.

¹⁹² LEWIN, Linda. **Política e Parentela na Paraíba– Um Estudo de Caso da Oligarquia de Base Familiar**. Rio de Janeiro: Record, 1993, p.19.

¹⁹³ Relatório Santa Casa de Misericórdia da Parahyba. Apresentado em Sessão Solene. Parahyba do Norte, 02 de julho de 1906 – Arquivo Particular Maurílio de Almeida.

¹⁹⁴ Relatório Santa Casa de Misericórdia da Parahyba. Parahyba do Norte, 02 de julho de 1911 – Arquivo Particular Maurílio de Almeida.

¹⁹⁵ Certidão Antonio José Rabello como parte da irmandade de Nossa Senhora da Conceição, 3 de setembro de 1880 - Acervo Privado Laboratório Rabello.

¹⁹⁶ Certificado da participação de Antonio José Rabello na Irmandade Benedito da Cruz. 16 de janeiro de 1882- Acervo Privado Laboratório Rabello.

Além de comerciante, e envolvido com segmentos religiosos da cidade, José Rabello ganhou o título de Capitão¹⁹⁷, e de Major Cirurgião¹⁹⁸ da Guarda Nacional, através de carta patentes. A historiadora Linda Lewin (1993) explica o significado das patentes concedidas pela Guarda Nacional aos comerciantes:

Assim, na maioria dos casos, as suas patentes da Guarda Nacional eram indicativas de seu sucesso enquanto empresários urbanos que, muitas vezes, tinham desistido de seguir cursos superiores ou haviam deixado seus estudos para assumir a responsabilidade por empresas de família que estavam se tornando mais orientadas para as atividades comerciais.¹⁹⁹

Estes títulos nos apontam como o farmacêutico, de certa maneira, tinha um destaque social através do seu comércio de medicamentos, e adquiria ainda maior reconhecimento através destes títulos. A historiadora Betânia Figueiredo (2002) cita em seu trabalho um prático que tinha o título de Major na cidade de Pintangui (MG) durante o século XIX²⁰⁰; o que nos faz reafirmar o uso de títulos por farmacêuticos como destaque social, ou como uma forma simbólica de oficializar, através da certidão, a distinção da figura em seu espaço de sociabilidade. Em alguns anúncios Antonio José Rabello é citado como major²⁰¹, em outros como coronel²⁰².

Práticos e farmacêuticos conseguiam reconhecimento em suas regiões porque disponibilizavam assistência aos enfermos em momentos do acometimento de doenças. Praticavam também alguns atos de caridade e devoção religiosa, em um cenário em que a sociedade era fortemente influenciada pela igreja católica. Em algumas situações assistiam aos mais pobres, fornecendo remédios gratuitamente como ato de bondade. Por estes motivos, podemos pensar como fatores do cotidiano de diferentes localidades o destaque social gozado por farmácias, farmacêuticos ou práticos. Some-se a isso o fato de que as farmácias não eram apenas estabelecimentos que vendiam drogas; estas também

¹⁹⁷ Carta Patente Junta Governativa do Estado da Parahyba do Norte :Título de Capitão da 5º companhia do 4º batalhão da infantaria da Guarda Nacional do comando superior da comarca da capital. 12 de fevereiro 1892 – Acervo Privado do Laboratório Rabelo.

¹⁹⁸ Carta Patente, O Presidente dos Estados Unidos do Brasil, Major da 1º Brigada de Infantaria da Guarda Nacional: 23 de agosto de 1894. – Acervo Privado Laboratório Rabelo.

¹⁹⁹ LEWIN, Linda. **Política e Parentela na Paraíba– Um Estudo de Caso da Oligarquia de Base Familiar**. Rio de Janeiro: Record, 1993, p.103.

²⁰⁰ FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves **A Arte de Curar, cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais**. Vício de Leitura, Minas Gerais, 2002, p.192.

²⁰¹ Relato de uso Elixir de Carnaúba e Sucupira por Camillo Ribeiro dos Santos – Recorte de jornal (sem referência) – Acervo Privado do Laboratório Rabelo.

²⁰² O Jornal (PB) 15 de fevereiro de 1925 – Recorte de jornal - Acervo Privado do Laboratório Rabelo.

eram “espaços de encontro para os homens eruditos, homens da política, homens de destaque social enfim as elites [...]”²⁰³. Para Figueiredo (2002):

com toda esta inserção social, o dono da farmácia tornava-se pessoa interessada pela vida política da cidade e da região. Quando não é chamado a participar de modo indireto, presenciando os embates, tramas e acordos que ocorriam no interior do seu estabelecimento.²⁰⁴

Muitas vezes a sua formação acadêmica não era um fator fundamental para a confiabilidade dos seus clientes²⁰⁵. Eram respeitados muitas vezes devido a seu tempo de exercício²⁰⁶, principalmente quando a farmácia local era vista como um negócio que perdurava de geração a geração.

Seguindo os passos do pai, Antonio José Rabello Junior (1881-1958) seguiu a tradição do ofício de formular da família. Na vida pessoal, Rabello Junior casou-se com Elvira Augusta Correia Londres (1882-?) no ano de 1903²⁰⁷. Com ela teve três filhos homens. A família Londres, na Parahyba, também foi ligada ao ramo farmacêutico e estabeleceu sociedade com a família Rabello: a firma Rabello &Londres existiu entre os anos de 1895 a 1898. Em 1913²⁰⁸ Rabello Junior casou-se pela segunda vez²⁰⁹. Com sua segunda esposa Celina Rosas (1883-1966)²¹⁰ não teve filhos e foi casado até o ano da sua morte, em 1958.

Segue abaixo a árvore genealógica da família Rabello, montada a partir de diversas fontes como: atestados de óbito, certidão de casamento e jornais.

²⁰³ FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves **A Arte de Curar, cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais**. Vício de Leitura, Minas Gerais, 2002, p.194.

²⁰⁴ *Ibidem*, p.197.

²⁰⁵ *Ibidem*, p.194.

²⁰⁶ *Ibidem*, p.190-191.

²⁰⁷ "Brasil, Paraíba, Registro Civil, 1879-2007," database with images, FamilySearch (<https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HT-6BY9-L21?cc=2015754&wc=WPVB-Y1H%3A337682101%2C337682102%2C338319301> : 18 December 2017), João Pessoa > João Pessoa > Matrimônios 1889, Fev-1904, Jun > image 29 of 37; Corregedor Geral da Justicia da Paraíba (Paraíba General Justice Office), João Pessoa.

²⁰⁸ Jornal O Norte (PB), 26 de março de 1913, p.1.

²⁰⁹ Não localizamos qualquer informação sobre o fim do casamento de Rabello Junior com Elvira Londres.

²¹⁰ Brasil, Paraíba, Registro Civil, 1879-2007," database with images, FamilySearch (<https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HY-X3HS-ST9?cc=2015754&wc=WPG2-9QB%3A337682101%2C337682102%2C341220901> : 18 December 2017), João Pessoa > João Pessoa > Óbitos 1966, Out-1967, Maio > image 51 of 225; Corregedor Geral da Justicia da Paraíba (Paraíba General Justice Office), João Pessoa.

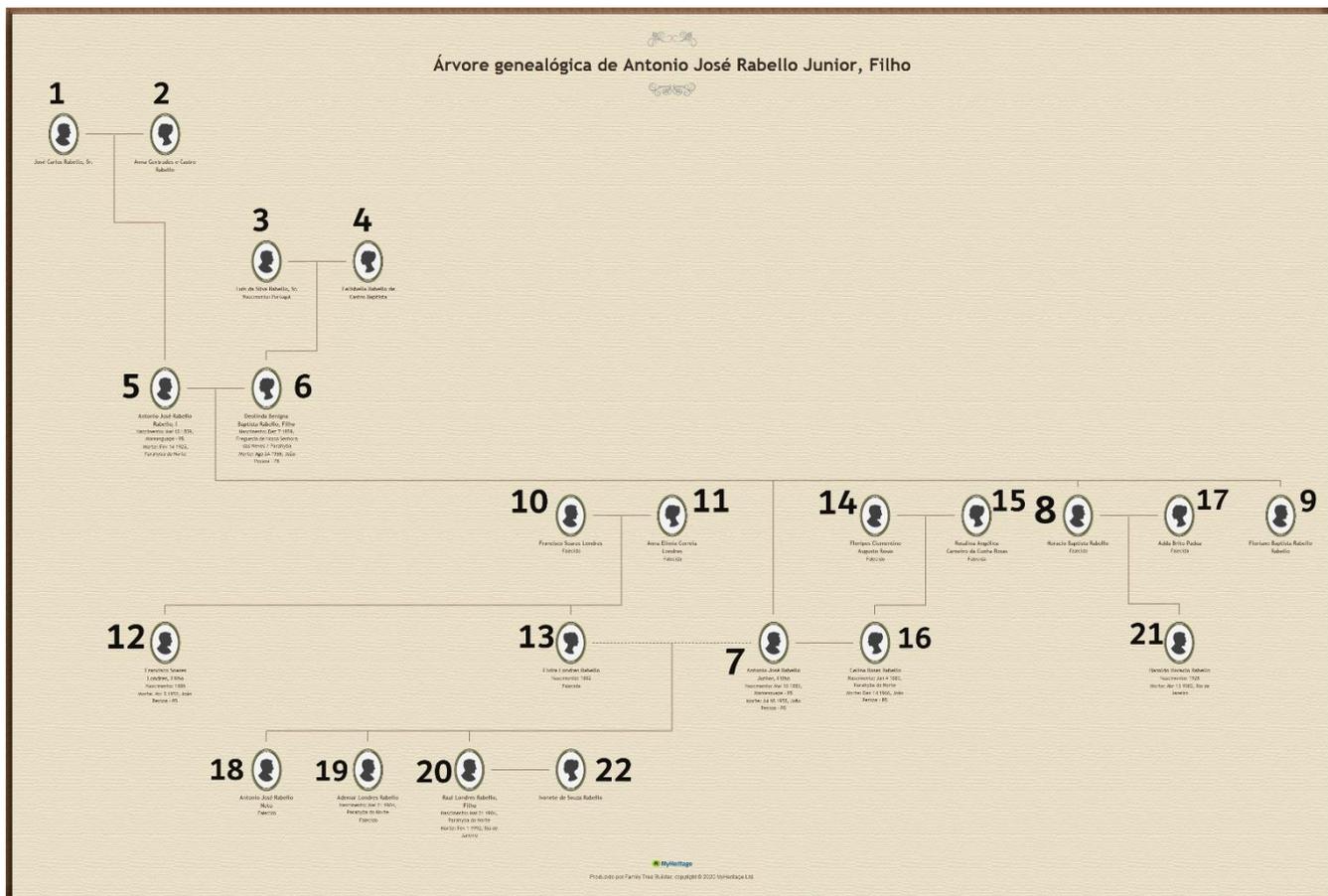


Tabela Árvore Genealógica – Família Rabello	
1	José Carlos Rabello
2	Anna Gertudres e Castro Rabello
3	Luis da Silva Rabello
4	Felisbella Rabello de Castro Baptista
5	Antonio José Rabello (1859-1925)
6	Deolinda Benigna Baptista Rabello (1859-1956)
7	Antonio José Rabello Junior (1881-1958)
8	Horacio Baptista Rabello (1895-1934)
9	Floriano Baptista Rabello
10	Francisco Soares Londres
11	Anna Emilia Correia Londres
12	Francisco Soares Londres (1866-1952)
13	Elvira Londres Rabello (1882-?)
14	Floripes Clementino Augusto Rosas

15	Rosalina Angelica Carneiro da Cunha Rosas
16	Celina Rosas Rabello (1883-1966)
17	Adda Brito Padua
18	Antonio José Rabello Neto
19	Ademar Londres Rabello
20	Raul Londres Rabello (1905-1992)
21	Haroldo Horacio Rabello (1926-1982)
22	Ivonete de Souza Rabello

Tabela 1: Árvore Genealógica da família Rabello, elaborada pela autora a partir das fontes: Family Search; Certidão de casamento, Paróquia Nossa Senhora das Neves, livro 3, p.82. – Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese Paraibana; Jornal O Norte (PB), 28 de junho de 1913, p.2.

Conhecida a família Rabello e suas ramificações parentais, partiremos para a compreensão da sucessão do ofício e um pouco sobre a trajetória de Rabello Junior.

Como vimos no capítulo anterior, boticários no processo de institucionalização da profissão buscavam afastar-se tanto da imagem do prático quanto do boticário comerciante, que podia ser compreendido como interessado apenas nos lucros e não na saúde e na ciência. Assim, Antonio José Rabello foi um prático, abriu uma drogaria, não tinha diploma, porém, apostou em seu filho Antonio José Rabello Junior e na formação científica em farmácia pela tradicional Faculdade de Medicina da Bahia, no ano de 1901²¹¹.

O profissional formado em farmácia não tinha uma distinção clara para a população em relação ao prático tradicional das cidades. Ou seja, no cotidiano, as pessoas dedicavam mais confiança, como já mencionei, àquele que há mais tempo estava no mercado. Entretanto, acreditamos que a formação de Rabello Junior foi um fator determinante para a Drogaria Rabello, que, a partir dos anos de 1901-1902, passou a produzir seus próprios medicamentos, e chegou a se tornar um laboratório. A pesquisadora Ticiano Santa Rita (2018) reflete que:

no caso dos práticos e boticários, a transmissão de conhecimento que acontecia do mais velho para o aprendiz ou de pai para filho, passou para um

²¹¹ O nome de Rabello Junior consta da lista de concluintes do ano de 1901 no livro: CORRAL, F. S., DIEZ DEL, M. (org). **Do boticário ao farmacêutico: o ensino de farmácia na Bahia, de 1815-1949**. EDUFBA, Salvador, 2009, p.144-145.

modelo acadêmico, resultado na substituição destes por farmacêuticos diplomados.²¹²

A formação de Antonio José Rabello Junior é de certa forma um movimento de modernização e transição profissional dentro da família Rabello, quando uniu-se o ofício de formular, transmitido de pai para filho, à formação científica. Deste modo foi possível reafirmar a marca Rabello a partir da tradição familiar do ofício, mas também com a autoridade da formação acadêmica.

O interesse na formação e na legitimidade científica incluiu a participação dos Rabello em eventos científicos. Em 1909, Antonio José Rabello Junior participou do 4º Congresso Médico Latino Americano, ocorrido no Rio de Janeiro, onde ele aparece como um dos vogais do evento²¹³, ou seja, como membro com direito a voz e voto. A historiadora Marta de Almeida (2006) fala em um dos seus trabalhos sobre as dinâmicas dos congressos científicos. Para a pesquisadora:

Os congressos médicos fizeram parte de um processo mais amplo de profissionalização especializada e acadêmica da prática médica, e possibilitaram diferentes manifestações da atividade, ganhando significados diferenciados, dependendo da expectativa dos participantes. Funcionavam como espaço de divulgação das novidades com relação a teorias e práticas médicas, tanto para os profissionais já formados como para os estudantes de medicina.²¹⁴

A participação de Rabello Junior como um dos vogais do 4º Congresso de Médico Latino Americano foi a única evidência de sua presença neste tipo de evento científico. A Drogaria, por sua vez, participou de algumas exposições nacionais e internacionais, entretanto, em uma perspectiva de visibilidade comercial, como vamos tratar mais à frente neste mesmo capítulo.

Rabello Junior também teve destaque social na Parahyba do Norte assim como seu pai. No mesmo ano em que ocorreu o congresso médico, ele recebeu o título de Capitão Cirurgião do 6º Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional do Estado da

²¹² SANTA RITA, Ticiania. **Práticas Farmacêuticas em Iguassú entre finais do século XIX e início do século XX através das trajetórias de José Manuel de Santa Rita e Joaquim Nery Cotrim Santa Rita.** Dissertação de Mestrado – PPGHCS, FIOCRUZ, 2018, p.50.

²¹³ Jornal O Norte (PB), 29 de maio de 1909, p.1.

²¹⁴ ALMEIDA, M.: Circuito aberto: ideias e intercâmbios médico-científicos na América Latina nos primórdios do século XX. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, v. 13, n. 3, p. 733-57, jul.-set. 2006, p.738.

Parahyba²¹⁵. Na política participou da Liga Pró Castro Pinto²¹⁶, governador na Parahyba entre os anos de 1912-1915, que demarcou o início da oligarquia política dos Pessoa no Estado²¹⁷. Epiácio Pessoa assumiu o Senado no mesmo ano de 1912, e, com isso, de acordo com Linda Lewin, “[...] assegurou o controle incontroverso da oligarquia estadual através de vitórias eleitorais que deram à sua facção o controle da delegação ao Congresso e da Assembleia, reduzindo a representação política de sua oposição ao mínimo legal”²¹⁸.

Além de farmacêutico, Rabello Junior foi um comerciante bem articulado. Ainda segundo Lewin, os comerciantes urbanos da Parahyba tinham relação com o forte poder econômico e político das oligarquias agrárias do Estado. Para a historiadora,: “Em contraste com a burguesia agrária, os homens de negócios da capital [...] estavam primordialmente envolvidos com a importação e exportação e, secundariamente, com um modesto setor industrial”²¹⁹.

Como um dos representantes da Drogaria Rabello, Rabello Junior passou a expandir os interesses comerciais dentro e fora da Parahyba, e também foi um dos membros da Associação Comercial da Paraíba, como segundo secretário²²⁰. Esta Associação foi criada em 1889 no intuito de organizar os comerciantes urbanos e agrários da região. Para a historiadora Irene Rodrigues Fernandes (1999),

[...] a ACP forma-se assumindo, como entidade de classe, os interesses de um amplo espectro social.[...] O nível de desenvolvimento das forças produtivas tem como manifestação uma íntima articulação entre a produção e a comercialização e expressa-se através de uma frágil diversificação das atividades econômicas.²²¹

A economia paraibana foi voltada para o mercado agroexportador, pois os produtores, “além de produzir algodão, [...] manufaturavam açúcar aguardente, ou criavam gado, cabras, cavalos e ovelhas para exportar carne, couros, peles e lã. Café, coco

²¹⁵ Carta Patente, O Presidente dos Estados Unidos do Brasil, 22 de julho de 1909. – Acervo Privado do Laboratório Rabelo.

²¹⁶ Jornal O Norte (PB), 22 de junho de 1912, p.1.

²¹⁷ ARAÚJO, Silvera Vieira De. **Entre o poder e a ciência: História das instituições de saúde e de higiene da Paraíba na primeira república (1889-1930)**. Tese De Doutorado, PPGH-UFPE, 2016, p.154.

²¹⁸ LEWIN, Linda. **Política e Parentela na Paraíba– Um Estudo de Caso da Oligarquia de Base Familiar**. Rio de Janeiro: Record, 1993, p.271.

²¹⁹ *Ibidem*, p.99.

²²⁰ O Norte (PB),01 de janeiro de 1913, p1.

²²¹FERNANDES, Irene R. **Comércio e Subordinação: A Associação Comercial da Paraíba no processo histórico regional (1889-1930)**, João Pessoa: Universitária/UFPB, 1999, p.227.

e fibras vegetais ceras nativas completavam a lista de suas mercadorias”²²². O desenvolvimento econômico com base na exportação, produzido no interior do Estado, contribuiu para o desenvolvimento dos espaços urbanos²²³. As cidades produtoras do interior da Parahyba estabeleciam poucas relações comerciais com a capital, firmando assim mais contato e dependência com os portos de Recife, uma vez que o porto do Varadouro²²⁴ não tinha estrutura para esse tipo de exportação; com isso, boa parte dos impostos ficava na capital pernambucana²²⁵.

Neste contexto de produção e de exportação, a Associação Comercial da Paraíba, da qual Antonio José Rabello Junior fez parte, buscava expandir os interesses econômicos de sua classe. Em 1913, ele concedeu uma entrevista ao jornal *O Norte (PB)*, com o título: “*A Parahyba: suas outras relações econômicas com os Estados do Norte*”²²⁶, na qual o tema eram as relações comerciais da Paraíba com os Estados do norte do país²²⁷. Nessa entrevista ele falava da experiência que teve nas praças do norte e as possibilidades possíveis para comerciantes paraibanos nestes Estados. O tom da entrevista é mais voltado para o incentivo a outros comerciantes para a expansão dos horizontes comerciais em outras praças.

Não há muitas informações nessa entrevista sobre os negócios que ele estabeleceu para o Laboratório Rabello nos Estados do Norte. Porém, na segunda parte, ele fala sobre produtos do seu ramo comercial, os medicamentos. Precisamente Rabello Junior também critica as dificuldades de comercialização em alguns Estados do Norte devido às porcentagens de impostos. Rabello Junior fala:

[...] Na capital do Pará os nossos gêneros encontram a mais prompta colocação.

²²² LEWIN, Linda. **Política e Parentela na Paraíba– Um Estudo de Caso da Oligarquia de Base Familiar**. Rio de Janeiro: Record, 1993, p.71.

²²³PEREIRA, William E. breves notas acerca da formação histórico-econômica de campina grande: do gado (século XIX) ao algodão (século XX). **história econômica & história de empresas** vol. 19 no 2 (2016), 295-346, p.328.

²²⁴ Varadouro é um bairro localizado no centro histórico de João Pessoa, que está precisamente localizado as margens do Rio Sanhauá; rio que deu acesso à primeira invasão europeia ao território. O porto então construído neste bairro não comportava estruturalmente as cargas para exportação vindas com mercadorias do interior da Paraíba, logo, Recife foi um caminho para a rota principal de escoamento destes produtos.

²²⁵ARAÚJO, Silvera Vieira de. **Entre o poder e a ciência: História das instituições de saúde e de higiene da Paraíba na primeira república (1889-1930)**. Tese de Doutorado, PPGH-UFPE, 2016, p.32.

²²⁶ Jornal O Norte (PB), 24 de janeiro de 1913, p.1 e Jornal O Norte (PB), 26 de janeiro de 1913, p.1.

²²⁷ Na entrevista Rabello Junior se refere ao Estado do Pará, porém, estabeleceu também relações comerciais com São Luiz do Maranhão, logo, não há uma precisão sobre se ele se referia exclusivamente às relações com as “praças do norte” como a Região Norte, ou apenas se referia aos Estados ao norte em relação geográfica com a Paraíba.

Não fosse o pesadíssimo imposto de 10% ad valorem, de toda mercadoria ali importada e as nossas transações estariam muito aumentadas.

Para se ver quanto esse 10% affectam o commercio, basta citar-lhe um facto:

Os fabricantes do conhecido produto Emulsão Scott, de New York, montam uma filial em S. Paulo. Essa filial é que faz as vendas do produto para o Brasil inteiro, menos para Belem, que, por uma combinação especial, recebe o dito produto diretamente de New York.

No dia em que, por um acordo dos respectivos governos, não pagarmos mais esses pesadíssimos 10% neste dia crescerão as nossas transações com a importante praça nortista.²²⁸

É possível que esta entrevista tenha sido realizada devido ao reconhecimento à articulação comercial de Antonio José Rabello Junior com diferentes praças do país. Seu destaque levou os produtos do Laboratório Rabello para outros centros comerciais importantes, e, sem dúvida, suas visitas a outras praças comerciais foram fundamentais para o desenvolvimento do negócio e para o alcance dos remédios produzidos no laboratório. Suas viagens comerciais, a exemplo da publicada pelo jornal *O Norte (PB)*, nos apresentam esses movimentos de articulação do farmacêutico comerciante: “Para Manaus, afim de tratar de interesses commerciaes, seguiu ante-hontem o pharmaceutico Antonio Rabello Junior”²²⁹.

No ano de 1916, o *Jornal O Norte (PB)* anunciou a dissolução da firma Rabello & Filhos criada no ano de 1901²³⁰, com a saída de Horacio Baptista Rabello da sociedade²³¹. Neste mesmo ano identificamos a criação de uma farmácia de Rabello Junior em Recife, a chamada Pharmacia Yvon.

O sr. A. Rabello Junior, proprietário da “Pharmacia Yvon” ofertou-nos um vidro do preparado do “Água Curativa Rabello”, excelente preservativo contra as moléstias da pelle. O referido produto achava-se à venda nas principais pharmacias e drogarias e no deposito da “Pharmacia Yvon.”²³²

Não se sabe ao certo por quanto tempo a Pharmacia Yvon existiu, nem as circunstâncias em que foi criada. Em 1917, o *Jornal O Norte (PB)* recebeu uma mensagem do Recife de Antonio José Rabello Junior falando sobre a mudança de

²²⁸ Jornal O Norte (PB), 26 de janeiro de 1913, p.1.

²²⁹ Jornal O Norte (PB), 27 de setembro de 1912, p.2.

²³⁰ Jornal Diário de Pernambuco (PE), 04 de julho de 1901, p.2.

²³¹ Jornal O Norte (PB), 01 de abril de 1916, p.2.

²³²Diário de Pernambuco (PE) - 12 de setembro de 1916, p.1.

endereço da sua farmácia. Já não se denominava mais como Pharmacia Yvon, e, sim, Pharmacia Rabello:

O nosso conterrâneo A. Rabello Junior, actualmente no Recife remeteu a seguinte circular.

Pernambuco, 12 de janeiro de 1917 – Ilmos snrs. Redactores d’o Norte – Parahyba [..].

Levo ao conhecimento de v.s que tendo transferido da rua imperatriz para a rua Larga do Rosário n° 40 a minha pharmacia, passa a mesma a se denominar Pharmacia Rabello.²³³

Após 1917 não identificamos mais informações da presença de Rabello Junior na praça do Recife, nem suas motivações para tais mudanças. Possivelmente pretendeu ampliar seus negócios, por aquela ser uma capital maior do que Parahyba do Norte. Mas, aparentemente, foi uma breve mudança, visto que não foi identificada nas fontes uma ausência efetiva de Rabello Junior nos negócios da Drogaria Rabello, ou como não residente na capital paraibana.

Com isso, temos a compreensão de que o farmacêutico Antonio José Rabello Junior, além de um profissional no campo da formulação, foi um comerciante atuante. Sua articulação comercial pode ser percebida pela difusão de seus medicamentos em outros Estados do país. Foram encontrados anúncios de produtos da Drogaria, como a Água Rabello e/ou do Elixir de Carnaúba e Sucupira, e dos quais tratarei adiante, em Estados como: Piauí, Pernambuco, Maranhão, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Ceará. Ainda observamos uma intensificação das propagandas dos produtos em outros Estados do país a partir da década de 1920 até a década de 1930, principalmente depois do *boom* publicitário e do mercado editorial dos jornais, tecnologias de imagens e fotografias nos periódicos.

Durante a década de 1950, e década do fim da sua vida, as relações comerciais de Antonio José Rabello Junior passam a diminuir a partir das análises das fontes. Retorna então, nestes últimos anos de vida, à sua atuação mais frequente de farmacêutico. Há registro de uma participação como sócio contribuinte na Associação Brasileira de Farmacêuticos²³⁴, e da participação VII Convenção Brasileira de Farmacêuticos, com o certificado de membro efetivo²³⁵.

²³³ Jornal O Norte (PB) – 23 de janeiro de 1917, p.2.

²³⁴ Recibos de Pagamentos a Associação Brasileira de Farmacêuticos - Acervo Privado do Laboratório Rabelo.

²³⁵ Certificado VII Convenção Brasileira de Farmacêuticos, 1951 – Acervo Privado do Laboratório Rabelo.

A presença de Rabello Junior na Drogaria e Laboratório Rabello se apresentou como fundamental, não só nas suas relações comerciais, mas na história da hereditariedade no ofício de formular. A trajetória do primogênito da família Rabello mostra como tomou a frente dos negócios e ampliou a sua visão de mercado para divulgar e comercializar, amplamente pelo Brasil, a sua principal criação, existente até a atualidade, a Água Rabello. Além do seu empenho comercial, as sociedades estabelecidas ao longo da história da Drogaria Rabello também foram contribuições para a divulgação e ampliação do negócio familiar, como no próximo tópico vamos acompanhar.

2.2 Sociedades da Drogaria Rabello

Na trajetória da família Rabello foi necessário observar as redes comerciais e relações sociais construídas durante a história do empreendimento. As mudanças no tipo de produção e comercialização também foram alteradas ao longo das sociedades comerciais estabelecidas:

- (1895-1898) – Firma Rabello & Londres;
- (1901-1920) – Firma Rabello & C – Antonio José Rabello e Filhos;
- (1922-1924) –Firma Guerra, Rabello & Cia.

A primeira firma ou sociedade estabelecida, como já citado anteriormente, foi com uma família também de farmacêuticos da Parahyba, a família Londres. Nos anos de 1903, como vimos no início deste capítulo, houve um enlace matrimonial entre as duas famílias. No ano de 1920, Francisco Soares Londres aparece em um dos anúncios da Drogaria Rabello como: “pharmaceutico responsável”, e, para os receituários médicos, ficou Antonio José Rabello Junior, “a cargo” de “um bem montado Laboratório Pharmaceutico”²³⁶.

²³⁶ Jornal O Norte (PB), 03 de junho de 1920, p.3.

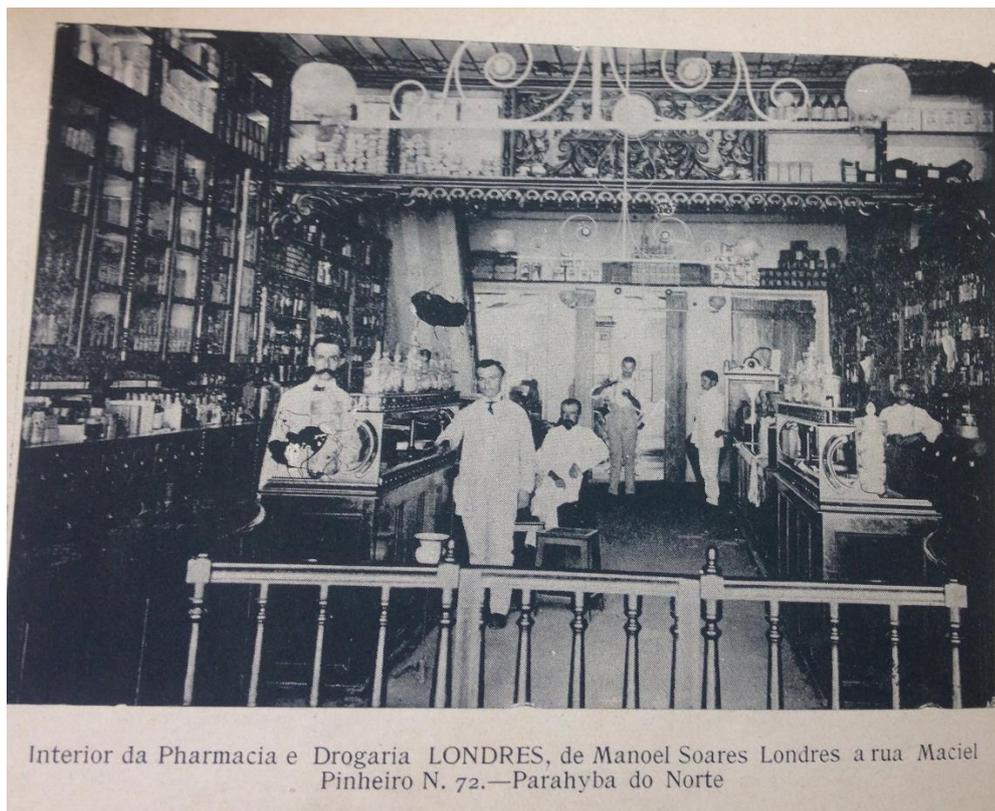


Figura 1: Drogaria Londres. Álbum Artístico e Comercial dos Estados do Maranhão, Rio Grande do Norte e Parahyba do Norte, sem página. – Fonte: Acervo Particular Maurílio de Almeida

Não foi possível encontrar fotografia da Drogaria Rabello. No entanto, a imagem da Drogaria Londres pode ser uma forma de ver como estruturalmente se constituía uma farmácia contemporânea à Drogaria Rabello na mesma cidade, a Parahyba do Norte. Possivelmente esta é uma fotografia dos primeiros anos do século XX.

Outra sociedade foi estabelecida dentro da própria família. A Rabello & Filhos ou Rabello & Cia. Consolidou-se a partir de 1901²³⁷, ano da formação acadêmica de Antonio José Rabello Junior pela Faculdade de Medicina da Bahia. Entretanto, foi dissolvida no ano de 1916, com a saída do filho, Horácio Rabello²³⁸. A firma foi dissolvida, mas os negócios continuaram com os outros integrantes da família.

A última sociedade da Drogaria Rabello foi a Guerra & Vasconcelos Rabello. Esta sociedade foi iniciada em 1922²³⁹. Durante o período da Firma Guerra Vasconcelos & Rabello, foi identificada uma mudança de endereço do setor de produção dos fármacos: houve a saída da estrutura produtiva da capital para a Fazenda Olho d'Água, propriedade

²³⁷ Jornal Diário de Pernambuco (PE), 04 de julho de 1901, p.2.

²³⁸ Jornal O Norte (PB), 18 de maio de 1920, p. 2.

²³⁹ Jornal O Norte (PB), 12 de julho de 1922, p.2

de Antonio José Rabello em sua cidade natal Mamanguape-PB. A mudança foi divulgada pelo *Jornal O Norte (PB)*:

[...] Para atender a um maior desenvolvimento na produção e obtenção da matéria prima (quasi toda nacional) pela cultura das plantas medicinaes de que carecemos installeremos a nossa fabrica no logar ‘OLHO D’AGUA’ municipio de Manmanguape, neste Estado [...] estabelecida nesta Capital a nossa sede, com escritório à Ladeira S. Francisco n° 95 [...].²⁴⁰

Linda Lewin (1993) fala que na Parahyba:

Quando financeiramente bem sucedidos em suas carreiras esses profissionais [liberais] muitas vezes fizeram investimentos no comércio ou na indústria. Ocasionalmente, possuíram também quantidades substanciais de terra em seus municípios natais [...].²⁴¹

A firma Guerra & Vasconcelos Rabello findou sua atividade no ano de 1924, quando definitivamente Rabello Junior assumiu o negócio²⁴², um ano antes da morte do patriarca da família. No ano de 1935, a Fazenda Olho D’Agua foi vendida para Joaquim Cavalcante de Albuquerque pela quantia de 5:000\$000 (cinco contos de réis)²⁴³. A Drogaria Rabello também ocupou ao longo da sua história diferentes pontos comerciais na Parahyba e não se restringiu apenas à capital paraibana.

Locais em que o estabelecimento de Antonio José Rabello funcionou na Paraíba.		
Local	Período	Cidade
Rua Maciel Pinheiro, n°36, 40, 44	1891 a 1920	Parahyba do Norte
Fazenda Olho D’agua / Ladeira S. Francisco n° 95	1922 a 1935	Mamanguape / Parahyba do Norte
Rua Cardoso Vieira,523	1926- ?	Parahyba do Norte / João Pessoa
Rua da Areia, n° 528	1949 - ?	João Pessoa
BR 230, KM 6	? – Atualmente	Cabedelo

²⁴⁰ *Ibidem.*

²⁴¹ LEWIN, Linda. **Política e Parentela na Paraíba– Um Estudo de Caso da Oligarquia de Base Familiar.** Rio de Janeiro: Record, 1993, p.102.

²⁴² O Jornal (PB), 26 de fevereiro de 1924, p.8.

²⁴³ Recibo de venda manuscrito, 10 de setembro de 1935 – Acervo Privado do Laboratório Rabelo.

Tabela 1: Quadro elaborado pela autora a partir das fontes: Jornal Estado da Paraíba, 06 de janeiro de 1891; Jornal O Commercio (PB), 15 de janeiro de 1903; O Jornal (PB), 26 de fevereiro de 1924; Panfleto de divulgação do Regulador Maciel – Acervo Privado Laboratório Rabello; Bula Água Rabello, 1949 - Acervo Privado Laboratório Rabello.



Figura 2: Laboratório Rabello na Rua Cardoso Vieira, nº523; Fonte: Acervo Privado Laboratório Rabello.

A fotografia acima mostra a Drogaria Rabello como Laboratório Rabello, estabelecido na capital paraibana. Possivelmente, esta fotografia foi registrada nos anos de 1950 ou 1960, porque podemos observar a grafia do nome Rabelo apenas com um L, adotada a partir dos anos 1950²⁴⁴.

Para analisar a parte comercial e as formas pelas quais funcionou e se estruturou a Drogaria Rabello, até se tornar um laboratório farmacêutico, partimos para o próximo tópico, quando analisaremos como nasceu este negócio, com o ponto inicial do patriarca da família, e como se tornou um negócio familiar com o ingresso dos filhos e o respaldo científico da farmácia a partir da formação do filho primogênito.

2.3 De Drogaria a Laboratório Rabello

Antes de se tornar Laboratório, foi inicialmente Drogaria e Pharmacia Rabello. Fundada em 1889, marco do início da Primeira República, o farmacêutico Antonio José

²⁴⁴ Jornal O Norte (PB), 24 de julho de 1952, p.7

Rabello iniciou seu negócio a partir do conhecimento prático adquirido por seus serviços da Pharmacia Central de Francisco José de Moura. A drogaria, assim como a farmácia, vendia remédios, porém, como já vimos, a drogaria era um estabelecimento com algumas distinções, por exemplo, as drogarias não podiam aviar receitas médicas ou produzir os medicamentos “*oficiaes*”, que precisavam de laboratório específico para sua produção. Geralmente as drogarias, neste período do Brasil, pertenciam a comerciantes que tinham articulação comercial com mercados estrangeiros, e que também vendiam medicamentos ou composições químicas para vender a atacado, assim abastecendo outras boticas e farmácias, da capital e do interior dos Estados²⁴⁵.

Para a historiadora Verônica Velloso (2007), droguistas eram aqueles “que vendiam substâncias para a manipulação de medicamentos ou os remédios já prontos, que podiam ser especialidades farmacêuticas ou remédios de fórmulas secretas”²⁴⁶. Em anúncio publicado no *Jornal A União (PB)*, no ano de 1895, pode-se observar com mais detalhes como funcionava e o que vendiam os Rabello:

DROGARIA
de
Rabello & Londres
Rua Maciel Pinheiro, n° 40
Parahyba do Norte

A Drogaria de Rabello & Londres, já bem conhecida pelo publico, pelos seus produtos de primeira qualidade, por seu grande e variado sortimento de drogas, preparações farmacêuticas de diversas nacionalidades, produtos chimicos para artes e industriais, tintas, óleo, vernizes, pinceis, utensílios para pharmacias etc. e que são em sua totalidade importados diretamente das principais fabricas da Europa e América, vai de dia para dia sendo preferida pelos consumidores, já pelas excellentes qualidades dos seus artigos de negócio e já pela sinceridade com que costumão proceder para com seus committentes.

Tendo uma importação permanente, tem sempre em deposito medicamentos novos e vendem-n’os com grandes reduções em preços, em razão das vantagens que obtem nos mercados estrangeiros.

E’, pois, convencidos de que n’este estabelecimento tereis todas as vantagens que convem aos vossos interesses e economia, que deveis dirigir vossos pedidos de drogas e medicamentos acompanhados da indicação seguinte:

DROGARIA
de
RABELLO & LONDRES
RUA MACIEL PINHEIRO N,40
PARAHYBA DO NORTE²⁴⁷

²⁴⁵ OLIVEIRA, Isabella B. **A farmácia em São Paulo é um novelo de redes: gênero e prática científica (1895-1917)**. Dissertação de Mestrado, PPGHS, USP, 2018, p.163.

²⁴⁶ VELLOSO, Verônica Pimenta. **Farmácia na Corte Imperial (1851-1887): Práticas e Saberes**. Tese de Doutorado, PPGHCS- FIOCRUZ, 2007, p.128-129.

²⁴⁷ *Jornal A União (PB)*, 04 de julho de 1895, p.3.

O nome Rabello & Londres está relacionado, como vimos no item anterior, à sociedade que ocorreu entre duas famílias paraibanas do ramo farmacêutico. Ambas as famílias utilizavam o sobrenome como marca do negócio familiar; procedimento que a historiadora Betânia Figueiredo (2002) exemplifica:

os farmacêuticos e os boticários insistiam em trazer nos nomes das farmácias os nomes das suas respectivas famílias. Além de indicar a sucessão dos proprietários das farmácias, o nome da família era uma verdadeira ‘marca’ se considerarmos os atuais conceitos de publicidade moderna: um apelo capaz de atrair a freguesia e ao mesmo tempo, a credibilidade dos serviços prestados [...] ou se acreditava na tradição para garantir a transmissão de pai para filho [...].²⁴⁸

A Drogaria Rabello virou uma marca, que uniu à tradição, ao longo dos anos, a prática científica. Rabello Junior, com sua formação, especialmente adquiriu, e, assim, uniu, tradição e ciência no estabelecimento da família; aliança que era um verdadeiro “selo” de confiança para os clientes e reguladores, como, por exemplo as Inspetorias de Higiene.

Os municípios e Estados eram responsáveis pela fiscalização da higiene pública através de suas Inspetorias de Higiene, tanto dos estabelecimentos como do exercício da profissão. Segundo Lenilde Sá (1999), o decreto nº 53, de 30 de março de 1895²⁴⁹ foi estabelecido para fiscalização do exercício da medicina e da farmácia assim como da arte dentária²⁵⁰.

Inicialmente a Drogaria Rabello vendia remédios diversos, mas não produzia seus preparados. O ano de 1895 foi o ano em que a drogaria passou a produzir medicamentos. Neste ano, Antonio José Rabello adquiriu a exclusividade para formular e comercializar o Elixir de Carnaúba e Sucupira Composto²⁵¹. Este Elixir foi uma criação de José Francisco de Moura durante o século XIX, e que teve “autorização imperial” conferida pela Junta de Higiene Pública no ano de 1885²⁵². A aquisição do Elixir de Carnaúba e Sucupira Composto tem uma simbologia, pois era a continuação da prática do mestre pelo

²⁴⁸ FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves **A Arte de Curar, cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais**. Vício de Leitura, Minas Gerais, 2002, p.201.

²⁴⁹ SÁ, Lenilde Duarte. **Parahyba: Uma cidade entre miasmas e micróbios. O Serviço de Higiene Pública de 1895-1918**. Tese de Doutorado em Enfermagem, USP, 1999, p.199.

²⁵⁰ *Ibidem*, p. 200.

²⁵¹ Jornal A União (PB), 08 de novembro de 1895, p.3.

²⁵² Panfleto de divulgação do Elixir de Carnaúba e Sucupira, p.6. – Arquivo privado Laboratório Rabello

aprendiz. A Drogaria Rabello então passou a produzir um medicamento “patenteado” por ela.

De acordo com o historiador Flavio Edler (2006), “nas duas primeiras décadas do século XX, as farmácias, além de preparar as receitas indicadas pelos médicos, dedicavam-se à fabricação de elixires, vinhos licores reconstituintes, pomadas e produtos de beleza”²⁵³. Neste mesmo período, a Drogaria Rabello passou a produzir medicamento próprio, o Elixir de Carnaúba e Sucupira Composto, e não mais apenas medicamentos importados ou nacionais. E ao longo dos anos passou a produzi-lo em maiores quantidades. No Brasil, além da Drogaria Rabello podemos citar algumas farmácias de destaque na produção de medicamentos no Brasil, segundo Monica Cytrynowicz e Ananda Stücker:

Entre os pioneiros da fabricação nacional os primeiros laboratórios farmácias a partir do século 19, pode-se citar: Souza Soares, Araújo Penna, Alves Câmara, Werneck. Marques de Hollanda, Pinto de Queiroz, Freire de Aguiar, Orlando Ragel, Griffoni, Silva Araújo, Moura Brasil, Daudt Filho, Paulo Seabra, Cândido Foutoura, Irmãos Xavier e Vital Brazil. Nomes que, em muitos casos, começaram ou chegaram ao século 20 como marcas e indústrias notáveis.²⁵⁴

O Elixir de Carnaúba se mostra como um marco na história da Drogaria Rabello, por ser um medicamento de produção e comercialização local, que de certa maneira era conhecido e fazia parte das práticas terapêuticas locais. O remédio de Francisco José de Moura se expandiu comercialmente para outras regiões através das transações comerciais praticadas pelos Rabello. Isso reflete um pouco sobre o caráter duplo deste tipo de comércio, a produção em laboratório próprio e a fabricação em larga escala do medicamento. A pesquisadora Isabella Oliveira (2018) caracterizou a farmácia como um espaço híbrido:

[...] embora os farmacêuticos repelisses a fama de comerciantes, contrapondo-a à imagem do cientista, os estabelecimentos de farmácia conciliavam, a todo momento, ações comerciais e científicas, mostrando-se um espaço híbrido de ciência e comércio.²⁵⁵

²⁵³ EDLER, Flavio Coelho. **Boticas e Pharmacias: Uma História Ilustrada da Farmácia no Brasil**. Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2006, p.97.

²⁵⁴ CYTRYNOWICZ, Monica. STÜCKER. Ananda. **Origens e trajetória da indústria farmacêutica no Brasil**. Narrativa Um, São Paulo, 2007, p.16.

²⁵⁵ OLIVEIRA, Isabella B. **A farmácia em São Paulo é um novelo de redes: gênero e prática científica (1895-1917)**. Dissertação de Mestrado, PPGHS, USP, 2018, p.172.

Apesar da forte presença comercial dos Rabello na cidade da Parahyba do Norte, a farmácia ou drogaria não se resumia apenas a um simples estabelecimento comercial. Betânia Figueiredo (2002) cita que:

Dirigir uma farmácia não é tarefa fácil para qualquer comerciante. Inegavelmente há consenso de que, entre as atividades desempenhadas pelo farmacêutico, encontra-se uma atividade comercial, qualquer e, conseqüentemente, o farmacêutico como um comerciante. A alegação principal é que remédio não é uma mercadoria como outras e o farmacêutico detém um saber especializado, presta um serviço imprescindível à população. Há um caráter social nesta atividade e dela depende o bom resultado do tratamento. É através da manipulação do remédio que a consulta médica se completa.²⁵⁶

A Drogaria Rabello importava remédios, como forma de abastecer outras farmácias do interior, mas, com o passar dos anos, foi adquirindo novas formas de se apresentar. Inicialmente estava nos anúncios como: Drogaria Rabello (1893)²⁵⁷, depois como Drogaria e Pharmacia Rabello (1902)²⁵⁸; e, por fim, Laboratório Rabello (1924)²⁵⁹. Estas mudanças de nome refletem as mudanças nas formas de atuação: a princípio era uma drogaria que vendia produtos químicos e remédios importados. Logo em seguida se apresentou em anúncios como Drogaria e Farmácia, porque, neste período, já produzia medicamentos e possivelmente funcionava nos termos e exigências sanitárias de uma farmácia, principalmente depois do título de farmacêutico adquirido por Antonio José Rabello Junior. Por fim, torna-se Laboratório em um período de produção amplificada de medicamentos. Também nesses anos algumas formulações, como a Água Rabello e o Elixir de Carnaúba e Sucupira, eram vendidas inclusive em outros Estado brasileiros, como já mencionamos. Flavio Edler (2006) fala sobre as mudanças na dinâmica das farmácias durante o século XX. Assim, ele diz que:

[...] algumas outras farmácias conseguiram se transformar em laboratórios ou entrepostos de distribuição de medicamentos prontos, diferenciando-se da maioria das farmácias, ainda voltadas exclusivamente para a formulação de medicamentos.²⁶⁰

²⁵⁶ FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. **A Arte De Curar, cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais**. Vício de Leitura, Minas Gerais, 2002, p.203

²⁵⁷ Jornal a União (PB), 02 de fevereiro 1893, p.4.

²⁵⁸ Jornal O Commercio (PB), 12 de junho 1902, p.3.

²⁵⁹ Jornal A União (RJ), 12 de outubro de 1924, p. 7.

²⁶⁰ EDLER, Flavio Coelho. **Boticas e Pharmacias: Uma História Ilustrada da Farmácia no Brasil**. Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2006, p.96.

Além de produzir medicamentos em larga escala, a farmácia Rabello também oferecia atendimentos médicos. Foi possível encontrar, em alguns anúncios de jornais, médicos que prestavam atendimentos no endereço comercial da família Rabello. O Dr. Malcher Serzedelle foi um deles. Não temos muitas informações sobre este médico, possivelmente estrangeiro, e que, segundo o anúncio, morava na Rua das Trincheiras²⁶¹, e tinha “especialidades em partos e moléstias das senhoras”²⁶². Suas “consultas [eram] das 11 às 12 na pharmacia Londres e das 3 às 4 na pharmacia Rabello”.²⁶³ Outro médico que prestou atendimento na Drogaria/Farmácia Rabello foi o Dr. José Maciel. Este tinha como “especialidades: partos, moléstias de senhoras, cirurgia e moléstias de olhos”²⁶⁴ e “[dava] consultas na Pharmacia Rabello de 10 ao meio dia”²⁶⁵.

Lenilde Sá (1999) cita o Dr. José Maciel como um dos médicos que defendia a terapêutica da sangria²⁶⁶. Sá ainda fala sobre a abertura de um laboratório de Maciel e outros médicos: “Após seu retorno ao Rio de Janeiro, os médicos José Maciel, Manoel Lemos Junior e Guedes Pereira ficaram com o seu laboratório, estabelecendo-o à rua Maciel Pinheiro²⁶⁷, incluindo ainda exames de urina, fezes, pus e exsudatos”²⁶⁸.

²⁶¹ Nos anúncios de atendimentos médicos percebemos que, além do endereço para o atendimento, este médico também deixava público o seu endereço residencial, possivelmente para casos de emergências.

²⁶² Jornal do Commercio (PB), 22 de julho 1906, p.1.

²⁶³ *Ibidem*.

²⁶⁴ Jornal do Commercio (PB), 09 de outubro de 1907, p.2.

²⁶⁵ *Ibidem*.

²⁶⁶ SÁ, Lenilde Duarte. **Parahyba: Uma cidade entre miasmas e micróbios. O Serviço de Higiene Pública de 1895-1918**. Tese de Doutorado em Enfermagem, USP, 1999, p.182.

²⁶⁷ A rua Maciel Pinheiro, onde por muitos anos foi endereço da Drogaria Rabello, fica na região central da cidade de João Pessoa (PB), no bairro do Varadouro e próximo ao Rio Sanhauá. Esta rua concentrava muitos estabelecimentos comerciais, hoje constitui o centro histórico da cidade.

²⁶⁸ *Ibidem*, p.224.



Figura 3: Laboratório Clínico na Pharmacia Rabello - Jornal O Norte (PB), 15 de novembro de 1912, p. 1. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

A partir da escrita de Lenilde Sá (1999) encontramos um anúncio de Laboratório Clínico que realizava seus exames na Pharmacia Rabello. O que representa, de certa maneira, a relação entre médicos e farmacêuticos. O historiador Flavio Edler (2006) cita como funcionava estas relações dentro das farmácias na prática:

Se a botica no século XIX foi um espaço social de convívio, as farmácias das primeiras décadas do século XX foram muitas vezes espaços de prática médica, abrigando consultórios onde jovens clínicos, ainda sem uma clientela consolidada, davam consultas à população local. Estes muitas vezes trabalhavam em troca de porcentagem sobre o que receitavam, ou recebiam dos donos das farmácias pelo número de consultas efetuadas. Além de se mostrarem como uma forma de iniciar na carreira os médicos recém-formados que tinham menos recursos, esses consultórios mantidos em várias farmácias eram, muitas vezes, a única maneira de levar os serviços médicos às regiões mais distantes dos centros urbanos.²⁶⁹

Edler ainda fala como, na década de 1920, os consultórios médicos que funcionavam em farmácias foram “criticados pelo Sindicato dos Médicos, que via nessa estrutura uma inaceitável submissão da medicina à farmácia”²⁷⁰. Em 1918, durante a pandemia da gripe espanhola, na Parahyba, a Drogaria Rabello também foi designada para prestar atendimento aos acometidos da *Influenza*. No *Jornal O Norte (PB)* foi publicado o informe: “Dr. Teixeira de Vasconcellos, diretor de higiene, designou os

²⁶⁹ VIEIRA, 1962 *apud* EDLER, Flavio Coelho. **Boticas e Pharmacias: Uma História Ilustrada da Farmácia no Brasil**. Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2006, p. 96.

²⁷⁰ *Ibidem*, p. 97.

médicos e farmacêuticos dessa repartição para fazerem assistência medica nos seguintes pontos: Dr. Pequeno de Azevedo, pela manhã, na Pharmacia Rabello [...]”²⁷¹

A *Influenza* chegou ao Brasil primeiramente pelo porto de Recife, no mês de setembro, e se espalhou por outros Estados do Brasil. No mês de outubro os primeiros casos da gripe foram identificados na Parahyba. Os sintomas desta gripe eram de resfriado e dores no corpo. Quando seriamente infectadas, sangravam pelos orifícios, e também morriam por falta de oxigênio²⁷². A gripe espanhola na Parahyba, segundo Silvera Araújo (2016), teve: “209 óbitos entre os meses de outubro e dezembro”²⁷³. Em 1919, nos primeiros meses, foram mais 39, somando 248 mortos, de um total de 50 mil habitantes²⁷⁴.

Ainda durante a pandemia da gripe espanhola, ocorreu um acontecimento relatado no jornal *O Norte (PB)* com o título: “*Desagradável Incidente: Por causa de um artigo de jornal*”. A nota se referia a uma discussão envolvendo Antonio José Rabello Junior e o jornalista Rolim Arcoverde, do *Jornal Correio da Manhã (PB)*. O jornalista fez uma declaração, em uma “alusão direta” a Antonio José Rabello Junior, na qual acusava o farmacêutico de exploração nos valores dos medicamentos vendidos.

Os nossos confrades d’o Correio da Manhã, em o seu número de hontem, noticiaram, acompanhando de deprimentes commentarios, um suposto caso de exploração por parte de uma pharmacia da terra.

Aquella folha não declinou nome para pharmacia acusada, mas acrescentou que o factio já era de absoluto domínio público.

Tratava-se, ao que disse o Correio de Manhã da venda de um medicamento de custo 6\$000 por 500\$000.

Divisando no editorial ao Correio da Manhã uma alusão direta ao seu estabelecimento, o pharmaceutico Antonio Rabello Junior ficou seriamente indignado com o referido matutino, ao qual aliás pela sua função de jornal livre e noticioso, não se pode negar a faculdade de informar os seus leitores de tudo que possa interessar ao público.

Foi assim que o sr. Rabello Junior, vendo passar hontem pela rua Maciel Pinheiro o auxiliar da aludida folha, Rolim Arcoverde, escrivão da polícia, chamou-o à sua porta e fez-lhe uma interpegação em termos acres a proposito do editorial de que se trata.

Enquanto o sr. Rolim se explicava o pharmaceutico Rabello Junior, proferia doestos contra o escrivão e a folha, não chegando, porem, agredil-o physicamente, como se propalou pela cidade.

O incidente attrahiu numerosas pessoas, algumas das quaes intervieram para apaziguar os ânimos.

O Sr. Rolim affectou o caso à autoridade do 1º districto, perante a qual compareceu espontaneamente o pharmaceutico Rabello Junior, dando as necessárias explicações.

²⁷¹ Jornal O Norte (PB), 21 de outubro de 1918, p.1.

²⁷² SCHWARCZ, Lilia. STARLING, Heloisa. **A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil**. 1º ed, São Paulo, Companhia das Letras, 2020, p.29.

²⁷³ ARAÚJO, Silvera Vieira de. **Entre o poder e a ciência: História das instituições de saúde e de higiene da Paraíba na Primeira República (1889-1930)**. Tese de Doutorado, PPGH-UFPE, 2016, p.209.

²⁷⁴ *Ibidem*.

“Esta evidenciado que a tal venda se deu affectivamente, mas nas circunstancias espaciaes em que foi realizada, privando-se o sr. Rabello de um medicamento hoje rarissimo no mercado e que elle tinha para o seu uso pessoal, não chega a comprometter a sua probidade de negociante conceituado.”²⁷⁵

Este acontecimento pode ser interpretado através de um olhar sobre as tensões existentes em meio a uma pandemia, como a gripe espanhola, além da demanda por terapias alternativas e da procura de medicamentos; esses elementos podem ter ocasionado atritos entre consumidores e farmacêuticos. No período da gripe espanhola, não encontramos anúncios da Drogaria Rabello. Sequer foi feito um movimento publicitário anunciando algum remédio pelo qual Rabello Junior tenha cobrado abusivamente, tal como foi acusado. Entretanto, sabemos através da historiografia que neste período pandêmico de 1918 o sal de quinina foi utilizado nas terapêuticas da época, pois no período da *Influenza*:

[...] as autoridades não chegavam a um consenso acerca dos tratamentos a serem dispensados, sobravam remédios prometendo verdadeiros milagres e muita sabedoria popular. O mais empregado era o sal de quinino, entendido na época como um ‘santo remédio’. O quinino, ou sulfato de quinina, é um alcaloide de gosto amargo e inodoro, em geral encontrado na forma de pó branco, que guarda funções antitérmicas e analgésicas.²⁷⁶

Medicamentos de quinina eram vendidos também na Drogaria Rabello, pois faziam parte de uma terapêutica desde os tempos da colônia, “a substância era usada na Europa desde o século XVII no combate à malária”²⁷⁷. Um exemplo de medicamento que tinha a quinina e era indicado para a mesma doença foi a Água de Inglaterra. Diversos medicamentos de quinina fizeram sucesso na Europa e ganharam outras variações das águas com o mesmo elemento²⁷⁸. A Farmácia e Drogaria Rabello tinha um sortimento de drogas, medicamentos e produtos, sobretudo variações dos remédios de quinina. Formulavam e vendiam remédios importados, nacionais, produtos químicos, veterinários entre outros.

²⁷⁵ Jornal O Norte (PB), 19 de outubro de 1918, p.1.

²⁷⁶ SCHWARCZ, Lilia. STARLING, Heloisa. **A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil**. 1º ed, São Paulo, Companhia das Letras, 2020, p.138.

²⁷⁷ BERTUCCI, Liane Maria. Remédios, Charlatanices... e curandeirices práticas de cura no período de gripe espanhola em São Paulo. In CHALHOUB, Sidney (Org). **Artes e Ofícios de Curar no Brasil**. Campinas, Editora Unicamp, 2003, p.199.

²⁷⁸ DIAS, José Pedro de Souza. **A Água de Inglaterra: Paludismo e Terapêutica em Portugal no século XVIII**. Portugal, Editora Caledoscópio, 2012.

2.4. Uma farmácia sortida

Por ser criada na transição do Império para a República, a Drogaria Rabello carregava ainda consigo características de drogarias e boticas do século XIX. A partir da análise nos anúncios de jornais percebemos um vasto sortimento por meio do qual vendiam-se remédios nacionais e importados, além de utensílios médicos, veterinários, produtos de limpeza, e até comida para crianças da marca Nestlé. Neste momento do Brasil, algumas mudanças ocorriam em estabelecimentos desta ordem, como aconteceu de fato com a Drogaria Rabello, que se transformou em farmácia e em seguida laboratório, como já vimos neste capítulo. Para o pesquisador Flavio Edler (2006):

No decorrer do século XX, esses tradicionais estabelecimentos passariam por um longo processo de transformação, que acabaria por excluir do seu perfil as atividades artesanais de preparo de substâncias empregadas na arte de curar, confiando à sua responsabilidade a comercialização de medicamentos industrializados, agora utilizados pelas ciências da saúde. Esse processo se relacionou, principalmente, ao desenvolvimento da produção de medicamentos e às consequentes modificações nas suas formas de distribuição e comercialização ocorridas nas últimas décadas do século XIX.²⁷⁹

Os Rabello passaram a produzir suas próprias fórmulas, e as produziram em larga escala, expandindo seus medicamentos para outras regiões brasileiras, como foi o caso da Água Rabello. “Apesar de ainda manterem processos semi-artesanais de trabalhos e ainda não terem um alto grau de especialização técnica, os laboratórios do fim do século XIX já fabricavam em maior escala [...]”²⁸⁰.

Além do desenvolvimento dos medicamentos em maiores quantidades, o investimento em publicidade também era algo comum entre as farmácias brasileiras. Cada farmácia se apresentava como um espaço de vasta variedade. Um dos primeiros anúncios encontrados em jornais da Drogaria Rabello foi em 1891, no *Jornal Estado da Paraíba*, referente ao medicamento *Glyco-boro Iodado*, uma espécie antisséptico, formulado por Lucindo Silva²⁸¹. O segundo anúncio mais antigo encontrado da Drogaria Rabello foi em 1893, no *Jornal A União (PB)*, para os remédios: Vinho iodo-tanúico phosphatado de

²⁷⁹ EDLER, Flavio Coelho. **Boticas e Pharmacias: Uma História Ilustrada da Farmácia no Brasil**. Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2006, p.96.

²⁸⁰ CYTRYNOWICZ, Monica. STÜCKER. Ananda. **Origens e trajetória da indústria farmacêutica no Brasil**. Narrativa Um, São Paulo, 2007, p.23.

²⁸¹ *Jornal Estado da Paraíba (PB)*, 06 de janeiro de 1891, p.4.

Girard; Floreine (remédio para espinhas entre outras inflamações de pele); Xarope e Pomada Sethyol.

Segue abaixo a tabela de remédios e produtos vendidos pela Drogaria e Pharmacia Rabello com base em anúncios de jornais:

Tabela de medicamentos/produtos vendidos pela Drogaria/ Pharmacia Rabello		
Nome do Produto	Finalidade	Formulador / Origem
Loção Glyco-boro Iodado	Antisséptico: para feridas, catarros, infecção das vias respiratórias.	Lucindo Silva
Vinho Iodo-Tanuico phosphatado	-	Girard
Xarope e Pomada Sethyol	Para o tratamento de Erysipella	-
Floreine	Para amaciar a cútis e extinguir as sardas, espinhas, cravos do rosto etc	-
Licor	Anti rheumatico	Dr. Laville
Vinho Noury - Iodado	-	-
Xarope Aubergier	Antiasmático	Aubergier
Pastilhas Aubergir	-	Aubergir
Quinium Labarraque	-	-
Elixir de Carnaúba e Sucupira	Reumatismo e sífilis	Francisco José de Moura / Antonio José Rabello
Brazilim	Para extinguir pulgas, traças, bicheiras	Insecticida Alemanha e Bélgica
Leite e Farinha Nestlé	Exclusivo para engordar	Nestlé

Black Misture	Antiputrido hemostático – para cavalos ou qualquer animal	P. Meré de Chantily
Antipisorico Lebeau	Contra sarnas e feridas ou doenças ocasionadas por parasitas (veterinário)	P. Meré de Chantily
Elixir Cabeça de Negro	Depurativo do sangue – para sífilis	Hermes de Souza Pereira
Água Inlgeza de Lisboa	Malária	Lisboa
Fucoglycine – Iodo Bromo e Phosphoro Vegetal	Substituto do óleo de bacalhau – tratamento para crianças raquíticas (uma espécie de fortificante)	Dr. Gressy
Vinho reconstituente de quinina e nogueira phosphatado	Febres de qualquer natureza. Debilidade nervosa, fraqueza muscular, irregularidades, flores brancas, tosses entre outros	Pharmaceutico Manoel S. Londres
Vinho de Kola Iodo Gleyrophosphatado	Para moléstias do sistema nervoso muscular e fibroso. (substituto do óleo de bacalhau)	Antonio José Rabello
Peitoral Joareira Composto	Peitoral balsâmico: para casos de enfraquecimento, rouquidão, tosse, e catarros dos brônquios	Antonio José Rabello
Vermifugo Sul americano	Para vermes intestinais	Antonio José Rabello
Vinho Malaga	Para pessoas fracas e doentes – para tomar na sobremesa	-
Pilulas Ante Dyspepticas	Anemia, fraqueza, irregularidades, flores brancas, inchaço do rosto e das pernas, rouquidão, náuseas, prisão de ventre, catarro, tonturas,	Dr. Heinzelman
Agua anti-ephelica	Manchas de pele, sardas, herpes, impinges.	Laboratório Silva Lima
Vinho Reconstruinte de kola quinium	Neurastenia	Laboratório Silva Lima
Opodeldoc Verde	-	Laboratório Silva Lima

Regulador Beirão	Madre	Tônico antipasmodico e sedativo, para vigorar os órgãos gestativos da mulher	Belém do Pará
Balsamo Rabello	Verde	Linimento anti-reumantico. Para dores reumáticas, nevralgias, dores de cabeça e pescoço	Rabello &Filhos
Agua Rabello		Antisséptico para uso interno e externo, com várias finalidades. Inflamações na pele, para prevenção de gripe, espinhas, queimaduras do sol, limpeza de pele, pós barba, arranhões, dor de garganta	Antonio José Rabello Junior
Chlorydro de cal	fosfato	Anemia, chlorose Lymphatismo e reumatismo. Uso para crianças, e para senhoras grávidas.	Antonio José Rabello e Filhos
Xarope Benedictos	Gardus	Anti catarral (secreções nasais)	Granado
Licor Granado	Tibaina	Para sífilis, impinges, reumatismo, afecções da pele	Granado
Elixir de do Soda	Fermiato	(kola, coca, cacao) Tônico restaurador, para esgotamento de trabalhos físicos e intelectuais	Granado
Thicol Granado		Remédio para infecções das vias respiratórias, bronquite crônica e enterites.	Granado
Vinho Tannico Glycero phosphatado	Iodo	Cardíacos, bronquite, cachexia e asma.	Granado
Quina, coca, cacaú e Glycerophosphato de cal	Kola	Tônico para o sistema nervoso – Anti neurasteniaco	Granado
Agua Granado	Ingleza de	Longas enfermidades, estimular o digestivo, evitar febres intermitentes, tonificar o organismo em geral	Granado
Agua de Sacaca		Tintura para cabelo	-
Sapolina Americana		Sabonete para o asseio da casa	-
Agua Rabello	Ingleza	Tônico febrífugo, indicado para casos de anemia, leucemia, febres intermitentes	Rabello e filhos

Tintura Estomacal	Estômago avariado, neurastenia.	Antonio José Rabello Junior
Fibrogenol	Rigidez e opulência ao busto, aparência elegância e robusta: Poderoso reconstituente. Para gripe e tuberculose	-
Regulador Maciel	A menstruação escassa, ou excessiva, indicam pobreza de sangue. “As senhoras cuja época é mensal cheia de atrasos sofrimentos devem usar o regulador Maciel, medicamento calmante e ao mesmo tempo fortificante do útero”.	Dr. José Maciel

Tabela 2 : Quadro elaborado pela autora a partir das fontes: *Jornal Estado da Paraíba (PB)*, 06 de janeiro de 1891; *Jornal a União (PB)*, 02 de fevereiro 1893, 11 de setembro de 1895; 07 de novembro de 1895; 09 de janeiro de 1896; 21 de agosto de 1896; 4 de outubro 1896; 18 de dezembro de 1896, 15 de junho de 1897, 5 de julho de 1897, 26 de outubro de 1898, 31 de janeiro de 1899; *Jornal O Commercio (PB)*, 05 de maio de 1900, 06 de maio de 1900, 15 de maio de 1900, 11 de maio de 1902, 12 de junho de 1902, 15 de janeiro de 1903, 06 de julho de 1906; *Jornal A República (PB)*, 18 de dezembro de 1907, 18 de dezembro de 1907, 11 de janeiro de 1908, 16 de janeiro de 1908, 13 de janeiro de 1908; *Jornal O Norte (PB)*, 21 de março de 1909, 04 de outubro de 1911, 20 de junho de 1913, 16 de março de 1918; *Diário de Pernambuco (PE)*, 28 de maio de 1935 – Acervos: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional; Acervo particular Maurílio de Almeida; Acervo privado Laboratório Rabelo; Acervo Online Jornais e folhetins XIX, CCHLA.

Além de medicamentos, a Drogaria Rabello vendia: pincéis, verniz, tinta, desinfetantes para limpeza da casa²⁸², fogos de artifício²⁸³, termômetros, seringas e mamadeiras²⁸⁴.

Como já vimos anteriormente, em 1895, o Elixir de Carnaúba e Sucupira Composto entrou para o *roll* de medicamentos da Drogaria Rabello. Há indícios sobre a fatura da matéria prima *Carnaúba* na produção local. Em sua tese de doutorado, Lenilde Sá (1999) fala sobre a carnaúba na região paraibana e seu uso comercial:

[...] plantas nativas eram remetidas à transformação industrial. [...] Da madeira, cera e fibras de carnaúba que resultavam vários derivados industriais e artesanais, como mobília esteiras urupemas, vassouras, chapéus e entre outros. [...] Esquecida não era a abundância de plantas que poderiam ser utilizadas no preparo de medicamentos.²⁸⁵

²⁸² Jornal O Commercio (PB), 11 de maio de 1902.

²⁸³ Jornal O Commercio (PB), 10 de fevereiro de 1903.

²⁸⁴ Jornal A União (PB), 2 de junho de 1896, p.3.

²⁸⁵ SÁ, Lenilde Duarte. **Parahyba: Uma cidade entre miasmas e micróbios. O Serviço de Higiene Pública de 1895-1918.** Tese de Doutorado em Enfermagem, USP, 1999, p.200.

Em um dos primeiros anúncios do Elixir de Carnaúba e Sucupira Composto, em 1902, no jornal *A União (PB)*, é enfatizada a informação de que o medicamento tem em sua composição a flora nacional:

Medicamentos Vegetais da Flora Brasileira de grande efeito no tratamento das moléstias syphilicas, dertosas boubonicas e gomosas, queda do cabelo devido a syphilis, etc.

Cura certa do rheumatismo de qualquer natureza, ulceras da garganta, engorgitamentos chronicos do fígado, do braço e do útero.

Durante 20 annos esste medicamento tem sido sempre coroado com honrosos elogios, como se prova com muitas atencões de pessoas de todas as classes sociaes. [...]

Medicamento depurativo e restituidor da vitalidade orgânica. Seus efeitos são rápidos e seguros e em seu uso não é exigido dieta, nem rigorosa cautela, afóra aquellas reclamada pela moléstia. De preço baratíssimo, o Elixir de Carnaúba e Sucúpira Composto está ao alcance da fortuna mais exígua, e o seu sabor agradável o torna um medicamento de fácil applicação.²⁸⁶

Segundo a historiadora Isabella Oliveira (2018), houve, de certa maneira, uma busca dos fabricantes de remédios e da indústria brasileira em se apropriar da flora medicinal: “Membros iminentes da Sociedade Farmacêutica dedicaram-se à captura e colonização da flora nacional para fins industriais e produção de medicamentos”²⁸⁷. A possível facilidade em adquirir a matéria prima local facilitava a produção deste tipo de medicamento. O Elixir de Carnaúba e Sucupira Composto foi um medicamento indicado para diversos problemas de saúde, mas principalmente indicado para a sífilis.

A sífilis, além do caráter biológico, carregava o caráter social para os acometidos pela doença. Durante a virada do século XIX para o século XX, campanhas sobre o mal da sífilis e a necessidade da regeneração do organismo, para não degenerar as futuras gerações, eram frequentes. Segundo Maria Almeida (2015):

Tudo indica que os doentes com sífilis no final do século XIX se enquadrariam nos três tipos de estigmas. As abominações do corpo seriam as diversas formas de doenças determinadas pela sífilis, das distrofias até a inclusão de novos quadros patológicos relacionadas ao sistema nervoso. Nas culpas de caráter individual estariam enquadradas principalmente as prostitutas, apontadas como as principais disseminadoras da sífilis, mas também outros grupos como os alcoólatras, já que a doença também era muito relacionada ao uso do álcool. Quanto ao terceiro grupo - o dos estigmas tribais de raça- é possível pensar da sífilis hereditária que, conforme se acreditava, passava para sucessivas gerações.²⁸⁸

²⁸⁶ Jornal A União (PB), 14 de janeiro de 1902, p.2.

²⁸⁷ OLIVEIRA, Isabella B. **A farmácia em São Paulo é um novelo de redes: gênero e prática científica (1895-1917)**. Dissertação de Mestrado, PPGHS, USP, 2018, p.92.

²⁸⁸ ALMEIDA, Maria José S. S. P. A heredosífilis no Brasil do século XIX.: estigmas, valores e comportamentos. **XXVIII Simpósio Nacional de História**. Florianópolis –SC, 2015, p.1-2.

Os remédios para sífilis geralmente que tinham em sua composição química o mercúrio. O mercúrio causava algumas reações no corpo dos sífilíticos, como a salivação, suor, diarreia excessiva, que era entendida neste momento como parte do tratamento, mas certamente era provocada pela intoxicação do corpo²⁸⁹. Ao longo do século XX, alguns medicamentos para sífilis eram remédios depurativos, ou seja, prometiam a depuração do sangue. “Isso alude à antiga crença do sangue corrompido dos sífilíticos”²⁹⁰.



Figura 4: Anúncio Elixir de Carnaúba e Sucupira Composto - Revista Pedagógica (PB) 14 de maio 1914, sem página. – Acervo Particular Maurílio de Almeida.

O único anúncio ilustrado sobre o Elixir de Carnaúba e Sucupira Composto reproduzido é este presente na Figura 4. Na imagem podemos perceber dois homens: um aparece para o médico apresentando feições adoentadas e pedindo ajuda. O médico, por sua vez, prontamente lhe apresenta o Elixir “*restaurador da saúde*”.

²⁸⁹ VÁZQUEZ, Georgiane. Vênus nos braços de mercúrio, bismuto e arsênio Notas históricas sobre sífilis gestacional antes da penicilina. *Sexualidad, Salud y Sociedad, Revista Latino Americana.* / n. 28 - abr. / abr. / abr. 2018 – p.325.

²⁹⁰ ARAÚJO, Rafael. *O "Terrível Flagello da Humanidade": Os Discursos Médico-Higienistas no Combate à Sífilis na Paraíba (1921-1940)*. Dissertação de Mestrado PPGH-UFCG, 2020, p.168.

Este e diversos outros tipos de anúncios do medicamento podem ser encontrados em periódicos como: *Jornal da União (PB)*; *Jornal O Norte (PB)*; *Jornal A Provincia (PE)*; *Jornal do Recife (PE)*; *Diário de Pernambuco (PE)*.

Em um dos manuscritos encontrados no Laboratório Rabelo localizamos a fórmula do Elixir de Carnaúba e Sucupira Composto, datada dos anos de 1952-1953²⁹¹:

- Carnaúba – 8.000g
- Sucupira – 10.000g
- Salsaparrilha – 480g
- Japacanga – 5.300g
- Caroba – 8.000g
- Velame – 6.000g
- Cabeça de Negro – 8.000g
- Sassafras – 800g
- Jurubeba – 8.000g
- Urinana – 2.000g
- Beladona – 1.000g
- Lupulo – 1.500g
- Bolb. Colchico - 800g
- Fumaria -2.500 g
- Saponaria -2.500g
- Bagas Zinibro -2.000g

A partir da formulação apresentada, com a exposição do uso de plantas medicinais, encontramos uma das primeiras publicidades sobre o produto no *Jornal A União (PB)* em 1895, ano da autorização do medicamento para fabricação e comercialização pela Drogaria Rabello, e que enaltece o uso de plantas no seu composto:

[...] Aprovado pela junta de hygiene publica do Rio de Janeiro.
Autorisado por Decreto do Governo Imperial de 14 de agosto de
1885.

Registrado na Inspeção de Hygiene da Capital do Estado da
Parahyba do Norte.

Medicamento de alto mérito therapeutico.

Preconisado pela illustrada corporação medica d'esta Capital, no
tratamento da pelle: Empingens, Darthros, panos e qualquer incomodo de

²⁹¹ Caderno manuscrito formulação do Elixir de Carnaúba e Sucupira Composto, novembro/ dezembro de 1952 – janeiro de 1953. – Acervo Privado Laboratório Rabelo.

origem herpética. Syphiles sobre suas diversas formas, bobões, gomas, manchas da pele, exastoses, reumatismo agudo ou chronico, muscular ou articular.

Ulceras syphiliticas da garganta.

Ingorgitamento chronico do Utero e do fígado etc, **Medicamento vegetal completamente inofensivo, adaptado ao nosso clima e condições higienicas, pois que é composto com hervas medicinaes [...].**²⁹²

O uso de plantas medicinais tornaria, inclusive, o medicamento livre de perigos no seu uso, seria mesmo “inofensivo”. Outro fator de destaque nos anúncios da Drogeria Rabello, em geral, eram as autorizações feitas pelas Inspetorias de Higiene, garantindo a integridade do produto e que estaria livre de possíveis fraudes ou imitações.

Outra estratégia de propaganda e de convencimento do público consumidor, recurso muito utilizado nas publicidades para medicamentos desde o século XIX, eram os relatos de uso. Por isso, os relatos de experiências próprias com determinados medicamentos eram importantes comprovações para outros clientes, através do reconhecimento da doença e do testemunho, que trazia a esperança da melhora. Alguns relatos foram produzidos sobre o Elixir de Carnaúba e Sucupira Composto. Um deles foi o do funcionário de uma Tabacaria Peixoto, na cidade da Parahyba.

UM CASO ASSOMBROSO,
UM OPERÁRIO DA TABACARIA PEIXOTO.
Parahyba, 24 de março de 1908.

[...] Em 1906 fui a sua Pharmacia e consultado com o Pharmaceutico Antonio José Rabello Junior, este aconselhou-me usar o Elixir de Carnaúba, e sem que eu lhe pedisse deu-me gratuitamente um vidro, dizendo-me que eu teria quantos precisasse. A moléstica era como sabeis Ulceras Shyphiliticas, em uma perna, ou para melhor dizer uma grande ferida que abrangia toda a perna direita. **Usei um vidro e notei ligeira melhora;** por isso discuidoso e mesmo já cansado de usar medicamentos, que de uma só qualidade usava a muito tempo, entendi que o medicamento que me havia de cura o fazia só com um vidro e em pouco tempo.

Foi o desespero a ignorância que assim me fizeram pensar.

Resolvi, então em virtude de minha falta de recursos e commodos, entrar para o Hospital de Misericórdia, o que fiz no dia de 21 de janeiro de 1907. Ahi durante dois mezes mais ou menos usei diversos depurativos, sendo que de preferencia usava um xarope de salsaparrilha, isto de janeiro a dezembro. Emfim já cansado e aborrecido resolvi a sahi do hospital pedi ao Dr. Eu me mandasse dar o Elixir de Carnauba e Sucupira, porque eu tinha fé que ele me curava. O Dr accedeu a meu pedido e eu usei 5 vidros no hospital, tendo o dr. Mandado me dar 2 vidros no dia em que sahi quando já eu experimentava uma melhora extraordinária, pois que todas as feridas estão fechadas e as dores tinham desaparecido. Enfim, quando já eu tinha **usado 8 vidros já considerava-me curado.** [...] Eulalio B. dos Santos.²⁹³

²⁹² Jornal A União (PB), 07 de novembro de 1895, p.3 (grifos meus).

²⁹³ Relato em panfleto de divulgação, Elixir de Carnaúba e Sucupira, 24 de março de 1908– Acervo privado do Laboratório Rabelo, (grifos meus).

Além de usuários comuns, profissionais de saúde como médicos também faziam os seus atestados sobre o emprego do remédio em seus pacientes. Outro relato encontrado foi no jornal *A União (PB)*, no ano de 1902:

Paulo Cavalcante Pessoa de Lacerda, doutor em medicina pela faculdade da Bahia, etc.

Attesto que tenho empregado em minha clinica o ELIXIR DE CARNAUBA E SUCUPIRA, formulado pela pharmaceutico major José Francisco de Moura, e tirando excelentes vantagens nas moléstias de pelle nas affceções rehumaticas de pelle nas afecções rheumatismaes e shyphiliticas.

O que ahi digo juro em fé de meu gráo -
Dr Paulo Cavalcante P. Lacerda.²⁹⁴

Além das permissões concedidas por órgãos fiscalizadores de higiene pública, o uso de autoridades científicas era outra forma de atestar aos consumidores a regularidade do fármaco, garantindo confiança aos que optassem pelo uso.

Remédios para sífilis foram inúmeros no mercado, em concorrência com o Elixir de Carnaúba e Sucupira Composto. Alguns deles eram: Elixir de Nogueira, Elixir Cabeça de Negro, Elixir 914, Elixir de Inhame Goulart, Elixir Tibaiana Granado, entre outros²⁹⁵. O Elixir de Carnaúba e Sucupira ultrapassou os limites do Estado da Paraíba; foram encontrados anúncios deste remédio em jornais de Pernambuco²⁹⁶ e Maranhão²⁹⁷.

Além do Elixir de Carnaúba e Sucupira Composto, houve um outro medicamento produzido e originalmente formulado pela Drogaria Rabello, especificamente pelo farmacêutico Antonio José Rabello Junior no ano de 1901: a Água Rabello²⁹⁸. Um dos primeiros anúncios encontrado da Água Rabello foi no ano de 1902, no *Jornal A União (PB)*²⁹⁹.

A Água Rabello foi um fitoterápico, que tinha em sua composição plantas medicinais: *Schinus terebinthifolius Raddi* (Aroeira Vermelha), *Peltondon radicans*

²⁹⁴ Jornal A União (PB), terça-feira, 14 de janeiro de 1902, p.2.

²⁹⁵ ARAÚJO, Rafael. **O "Terrível Flagello da Humanidade": Os Discursos Médico-Higienistas no Combate à Sífilis na Paraíba (1921-1940)**. Dissertação de Mestrado, PPGH-UFCG, 2020, p.165.

²⁹⁶ Jornal A Provincia (PE), 16 de maio de 1926, p.6.

²⁹⁷ Folha do Povo (MA), 21 de dezembro de 1923, p.2.

²⁹⁸ Durante a pesquisa tínhamos a única referência sobre a data de formulação com base no primeiro anúncio encontrado, no ano de 1902. Pensamos que este teria sido o ano de sua criação, porém, encontramos uma outra propaganda no jornal, O Jornal (RJ) 19 de outubro de 1928, p.12, que revelava que a Água Rabello tinha em 1928, 27 anos de história. Com isso, concluímos que a Água Rabello nasceu em 1901.

²⁹⁹ Jornal A União (PB), 14 de janeiro de 1902, p.4.

(Hortelã do Brasil), *Eucalyptus globulus* (Eucalípto). A sua fórmula não foi inicialmente divulgada; o que temos de informações sobre sua composição constam das embalagens nas quais os vidros de Água Rabello eram comercializados durante os anos 1950 e 1960. As informações presentes são que a cada 5 ml continham:

- Tintura de *Eucalyptous globulos* ----- 0,60ml
- Tintura de *Peltondon radicans* -----2,20ml
- Tintura de *Schinus terebinthifolius Raddi*----2,20ml³⁰⁰

Seu uso se apresentava para algumas finalidades terapêuticas, tanto de uso interno como externo. Diferente do Elixir de Carnaúba e Sucupira, não tinha uma indicação para uma doença específica, e apresentava diversas formas de uso. Em alguns reclames encontramos o título de “remédio doméstico”³⁰¹, pois era indicado em seus anúncios como um remédio para se ter em casa, em casos de alguma imprevisibilidade, ou acidente do lar.

Algumas das suas indicações eram:

Algumas das formas uso e indicações da Água Rabello	
Interno	Externo
Dor de dente ou em casos de extração do dente	Contusões
Tumores	Feridas
Garganta	Arranhões
Hemorragias uterinas	Hemorróidas
Inflamação na gengiva	Inflamação no rosto
Cólicas	Espinhas
Vômitos de sangue	Picadas de insetos
Escarros de sangue	Queimaduras; pelo fogo, pela água e em casos de insolação
Dor de estômago	Unha encravada
Digestão difícil	Brotoejas
	Calos doloridos

³⁰⁰ Informações retiradas de embalagens da Água Rabello em meados dos anos 50 -60 – Acervo privado Laboratório Rabelo.

³⁰¹ Jornal Diário da Noite (SP), 10 de setembro de 1927, p.5.

	Bico dos seios doloridos
	Olhos irritados
	Pós Barba
	Rachadura dos lábios

Tabela 3: Quadro elaborado pela autora a partir das fontes: Panfleto de divulgação, O que é a Água Rabelo? sem página, anos 50-60 – Acervo Privado Laboratório Rabello.

Por ser um fitoterápico, Água Rabello tinha ação antisséptica, por isso, sua ampla indicação para o corpo e para manutenção da saúde. Talvez este tenha sido o motivo de sua ampla aceitação. Durante as primeiras décadas do século XX, a Água Rabello ultrapassou os limites geográficos dos atuais norte e nordeste, chegando em regiões como o sudeste e centro-oeste. A Água Rabello é um medicamento secular, que está no mercado farmacêutico até os dias de hoje, assim como remédios também seculares e famosos no Brasil, como o Biotônico Fontoura (1904),³⁰² e a pomada Minâncora (1915)³⁰³.

Com o sucesso da Água Rabello durante os primeiros anos do século XX, como veremos no 3º capítulo, o Laboratório Rabello participou de exposições universais e nacionais. A participação nestas exposições lhe conferiu prêmios, medalhas e mais prestígio, como vamos acompanhar no próximo tópico.

2.5 Da Parahyba para o mundo: os produtos Rabello nas exposições nacionais e universais

Exposições aconteceram em vários lugares do mundo desde o século XIX, com o intuito de apresentar o que havia de mais moderno entre nações e Estados, em suas tecnologias e desenvolvimentos de agricultura, pecuária, comércio e indústria. Em geral, tanto as exposições nacionais como as internacionais funcionavam como grandes feiras. Estruturas arquitetônicas eram montadas, como os pavilhões, que eram construídos para apresentar a arquitetura de cada Estado ou país, a depender se fosse uma exposição nacional ou internacional. Segundo Nelson Sanjad (2017),

[...] as exposições são úteis para afirmar projetos geopolíticos em escala global, para os expositores que delas participam – industriais, comerciantes, produtores rurais e profissionais liberais – são boas oportunidades para fazer negócios e/ou divulgar seus produtos e serviços, incentivando o consumo

³⁰² CYTRYNOWICZ, Monica. STÜCKER. Ananda. **Origens e trajetória da indústria farmacêutica no Brasil**. Narrativa Um, São Paulo, 2007, p.35.

³⁰³ *Ibidem*, p.36.

enquanto hábito cultural, expandindo redes mercantis e naturalizando o comércio como base das relações internacionais e a produção industrial como base do desenvolvimento social e econômico. Para cientistas, médicos, inventores, artistas e intelectuais de diversos matizes, esses grandes eventos são espaços de compartilhamento e debate, oportunidades para a troca de experiências e o intercâmbio, para fazer avançar investimentos em inovação e tecnologia, para ampliar a audiência, a clientela ou os usuários do mercado de bens intelectuais e serviços culturais.³⁰⁴

O Brasil participou de diversas feiras internacionais. A historiadora Margareth Pereira (2010), cita que:

O Brasil participou de todas as Exposições Universais realizadas durante quase um século, primeiro somente na Europa e depois também nos Estados Unidos: de início reunindo seus produtos em algumas vitrines (Londres, 1851 e 1862; Paris, 1855 e 1867) e mais tarde construindo jardins e edifícios admiráveis (Paris, 1889; Chicago, 1893; Saint Louis, 1904; Nova Iorque, 1939).³⁰⁵

No Brasil duas grandes exposições foram realizadas, uma a de 1908 do Centenário da Abertura dos Portos, que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro. A segunda foi do Centenário da Independência, no ano de 1922, também realizada no Rio de Janeiro. Pereira (2010) cita como essas duas datas foram simbólicas para os novos tempos da República:

A abertura dos portos (1808) e a proclamação da Independência (1922) – ao representarem o fim do pacto colonial – deram início à inserção do Brasil em uma rede de relações com diferentes continentes e povos e delinearam um campo de lutas econômicas e políticas no interior do qual o país passou a dar visibilidade a si próprio como, a cada vez, reatualizar sua identidade.³⁰⁶

A Drogeria Rabello participou das duas grandes exposições brasileiras além de uma nos Estados Unidos. Existem lacunas na historiografia paraibana sobre a participação da Parahyba nas exposições nacionais e internacionais, principalmente no ano de 1922, quando o paraibano Epitácio Pessoa (1919-1922)³⁰⁷, presidente do Brasil ainda neste ano, demonstrava interesses diretos com o desenvolvimento do Estado, sobretudo no combate às secas. Durante o seu governo, houve a construção de açudes, barragens e ferrovias. A historiadora Linda Lewin (1993) fala sobre as obras de irrigação e de estradas que favoreceram o comércio e a exportação durante o período da presidência de Pessoa.

³⁰⁴ SANJAD, Nelson. As Exposições Internacionais: Uma abordagem historiográfica a partir da América Latina. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, V.4, N3, Jul-Set. 2017, p.786-787.

³⁰⁵ PEREIRA, Margareth S. A Exposição de 1908 ou o Brasil visto por dentro. **Arqtexto** (UFRGS), v. 16, 2010, p. 11.

³⁰⁶ *Ibidem*, p. 7.

³⁰⁷ Período do seu governo como presidente da república.

“Vinte e seis pequenas barragens foram construídas com recursos federais entre os anos de 1919 e 1930. Embora somente dez delas tenham sido construídas durante a presidência de Epitácio, a maior parte das restantes recebeu patrocínio político”³⁰⁸. Ainda para Lewin:

[...] em 1922, tornaram-se evidentes na economia exportadora paraibana as transformações positivas decorrentes dos melhoramentos da infraestrutura. Pela primeira vez, a maior parte das descaroçadoras, que agora chegavam a mais de seiscentas, constituía-se de máquinas movidas a vapor. Sete anos mais tarde, um levantamento revelou que mais de um terço de todas as descaroçadoras de algodão no estado já haviam sido substituídas, indicando a existência de uma disposição bastante disseminada de realizar investimentos em bens de capital para equiparar a indústria.³⁰⁹

Durante a pesquisa não encontramos informações específicas sobre as categorias das quais a Drogaria Rabello participou. Em buscas realizadas nos relatórios produzidos sobre estas exposições³¹⁰ não foi possível identificar as categorias e premiações específicas. Entretanto conseguimos localizar algumas evidências relacionadas a estes prêmios.

O Laboratório Rabelo já designou, em sua história institucional, a Água Rabello como ganhadora das premiações, porém, não há uma documentação que confirme esta informação.³¹¹ O laboratório tem em seu acervo privado os certificados das participações, entretanto, estes certificados e medalhas não declaram o motivo do prêmio. Por isso, não podemos afirmar que a Água Rabello tenha sido premiada.

A primeira participação da Drogaria Rabello em exposições foi na Exposição Universal de St Loius, nos Estados Unidos, em 1904. Segundo Paulo Santos (2009), este evento foi realizado “[...] para celebrar a compra do território da Louisiana pelos Estados Unidos”³¹². Nesta exposição, o pavilhão brasileiro teve destaque e foi reconstruído no Brasil para abrigar o Senado Federal. Pereira (2010) cita que:

[no] novo arranjo de forças transnacionais que engenheiros brasileiros se notabilizaram nas exposições realizadas nos EUA, primeiro com a premiação

³⁰⁸ LEWIN, Linda. **Política e Parentela na Paraíba– Um Estudo de Caso da Oligarquia de Base Familiar**. Rio de Janeiro: Record, 1993, p.85.

³⁰⁹ Ibidem, p.86.

³¹⁰ Após o evento foram produzidos relatórios com descrições sobre participantes e dinâmica do evento. São inúmeras informações importantes como fontes para futuras pesquisas.

³¹¹ Em embalagens antigas do produto, dos anos 1960 aos anos 2000, foi possível observar a informação de que a Água Rabello foi uma grande vencedora de prêmios, mas isto não foi comprovado por outras fontes nesta pesquisa.

³¹² SANTOS, Paulo C. **O Brasil nas Exposições Universais (1862 a 1911): mineração, negócio e publicações**. Dissertação de Mestrado. PPGÉHCT – UNICAM, 2009, p.185.

de Francisco Marcelino de Souza Aguiar em Chicago e, depois, com o projeto para o pavilhão do Brasil em Saint Louis (que seria remontado no Rio como sede do Senado Federal – o Palácio Monroe, hoje destruído).³¹³

No mesmo evento, com participação brasileira, a Drogaria e Farmácia Rabello ganhou medalha de bronze, e o certificado de participação para a firma Rabello & Filhos.



Figura 6 - Medalha de Bronze, premiação Exposição Universal de Saint Louis 1904 - Acervo Privado Laboratório Rabello.

Figura 5 - Certificado de participação da Exposição Universal de Saint Louis 1904 - Acervo Privado Laboratório Rabello. (documento ampliado tipo lupa)

Nas análises das propagandas dos medicamentos Rabello encontramos o possível ganhador do prêmio. O prêmio com medalha de bronze foi adquirido pelo Elixir de Carnaúba de Sucupira Composto, segundo um anúncio do *Jornal do Commercio (PB)*, no ano de 1906. No reclame podemos identificar que o medicamento foi premiado pela exposição norte americana com medalha de ouro.

³¹³ PEREIRA, Margareth S. A Exposição de 1908 ou o Brasil visto por dentro. *Arqtexto* (UFRGS), v. 16, 2010, p. 13

O Restaurador da Saude

ELIXIR DE CARNAUBA E SU- CUPIRA COMPOSTO

Approvedo pela Inspectoria Ge-
ral de Hygiene do Rio de Janeiro
em 1882, premiado na Exposição
Universal de S. Luiz de 1904.—Es-
tados U. America.)

Cura radicalmente todas as MO-
LESTIAS SYPHILITICAS, como
sejam: FERIDAS CANCROS —
BOURAS-FERIDAS DA GAR-
GANTA, NARIZ Poderoso AN-
TI-RHEUMATICO. Tem seu at-
testado na voz do povo.

São seus únicos Fabricantes e De-
positarios — ANTONIO RABELLO
& FILHOS — DROGARIA E
PHARMACIA RABELLO.

Rua Mauel Pinheiro n. 44—PA.

Figura 7: Elixir de Carnaúba e Sucupira Composto premiado pela Exposição Universal de St. Louis - Jornal O Commercio (PB), 06 de julho de 1906, p.4. Fonte: Acervo Online Jornais e Folhetins XIX, CCHLA.

Como citado anteriormente, a formula do Elixir de Carnaúba e Sucupira se tornou propriedade intelectual de Antonio José Rabello a partir de 1895, e, com isso, ao lado da Água Rabello, durante os primeiros anos do século XX, também se tornou um sucesso de vendas até meados do século XX, nas décadas de 1940 e 1950, tornando-se concorrente de outros medicamentos para sífilis e reumatismo.

Já no ano de 1908, a Drogaria e Farmácia Rabello participou da Exposição Nacional em comemoração ao centenário da abertura dos portos, quando foi premiada



Figura 8: Certificado da Exposição Nacional de 1908 da comemoração da Abertura dos Portos. – Acervo Particular Laboratório Rabello.

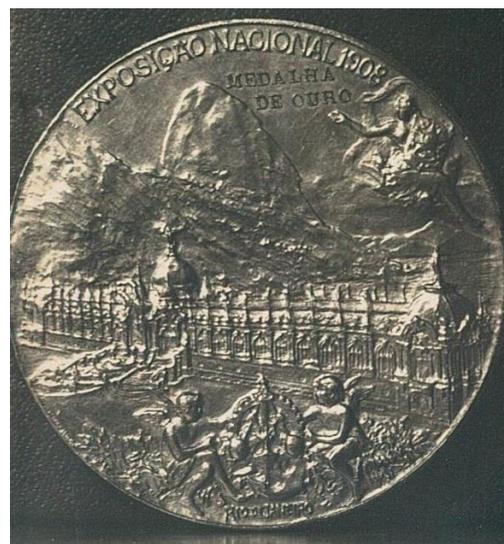


Figura 9 - Medalha de ouro Exposição Nacional de 1908 - Acervo privado Laboratório Rabello

Em outra propaganda do Elixir de Carnaúba encontramos também evidências sobre a premiação com medalha de ouro no ano de 1908.

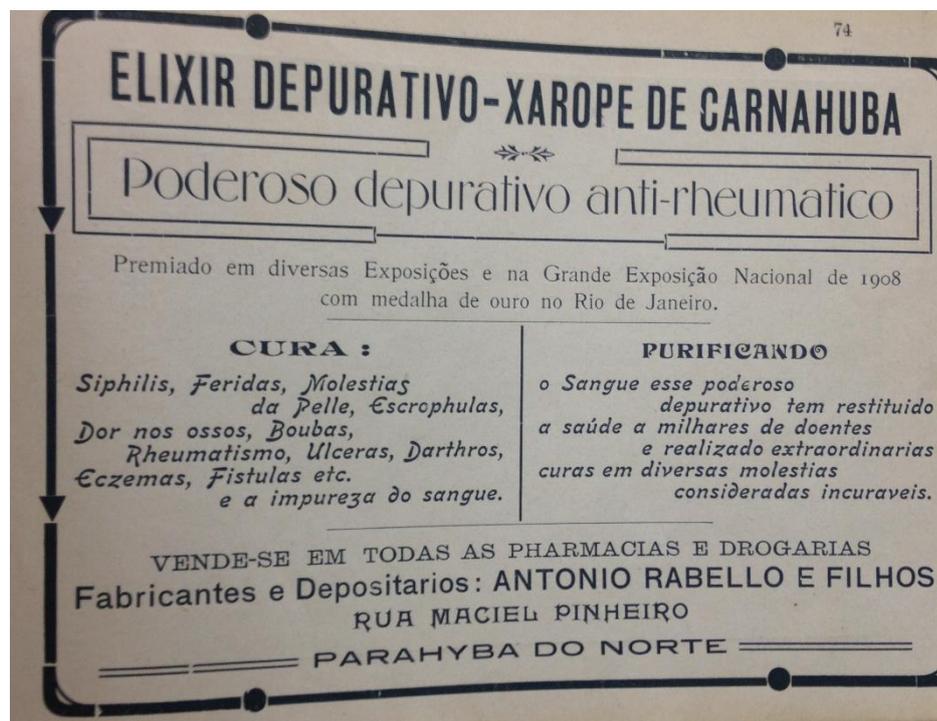


Figura 10 – Propaganda Elixir de Carnaúba - Álbum Artístico e Comercial dos Estados do Maranhão, Rio Grande do Norte e Parahyba do Norte, p.74. – Fonte: Acervo Particular Maurílio de Almeida

Margareth Pereira (2010) fala como a Exposição Nacional de 1908 demarcou um período da história do Brasil. Segundo a autora:

[...] as comemorações do primeiro centenário da abertura dos portos do país ao livre comércio foi um momento forte nesse processo. O evento pode ser considerado como o *grand finale* de um primeiro tempo de interações econômicas e culturais do Brasil com um mundo cada vez mais urbano e cosmopolita, que teve nas reformas do Rio de Janeiro, entre 1903 e 1906 uma das suas maiores expressões.³¹⁴

O evento aconteceu mais especificamente na Urca, na Praia Vermelha, na cidade do Rio de Janeiro, onde ocorreram as exposições arquitetônicas de alguns pavilhões de Estados e Nações.

Freqüentaram a Exposição Nacional de 1908 mais de um milhão de pessoas, e ela reuniu 11.286 expositores brasileiros e outros 671 portugueses. Definitivamente, colocou o Brasil diante de si próprio e do desafio de

³¹⁴ *Ibidem*, p. 7.

desenhar o seu lugar dentro de uma cultura cada vez mais globalizada e complexa.³¹⁵

No ano de 1922, ano da Exposição do Centenário da Independência, também houve a participação da Drogaria Rabello no evento igualmente realizado no Rio de Janeiro. Não há referências a premiações nessa Exposição para os produtos Rabello. Tivemos, no entanto, acesso à documentação do Instituto Agrícola Brasileiro, onde localizamos o: “Grande diploma de Honra Conferido ao Laboratório Rabello, Antonio José Rabello, pela sua notável participação na Exposição Internacional do Centenário, 1922”.



Figura 11 – Diploma de honra pela participação na Exposição do Centenário da Independência de 1922 – Acervo Particular Laboratório Rabello.

De acordo com historiadora Cinthia S. Cunha (2018), esta exposição teve a participação de Estados brasileiros e outras nações para expor seus signos modernos.

A Exposição do Centenário da República, aberta em 07 de setembro de 1922, contou com a participação de vários estados da Federação e de 15 países convidados: Argentina, Estados Unidos da América, Japão, França, Grã-Bretanha, Itália, México, Dinamarca, Noruega, Tchecoslováquia, Bélgica, Portugal, Chile, Suécia e Holanda. Segundo Margarida Neves, a ocasião do Centenário da Independência oferecia a oportunidade para a elaboração de grande celebração. Com o sucesso da exposição de 1908, parecia lógico e

³¹⁵ *Ibidem*, p. 26.

conveniente comemorar o Centenário da Independência, data magna da Nação, com uma exposição de maior vulto.³¹⁶

Durante a pesquisa, através de buscas em relatórios ou jornais da época, também não identificamos em que categoria ou como o laboratório participou deste evento, porém sabemos que a década de 1920 foi o período em que a Água Rabello mais esteve presente em anúncios de propaganda em periódicos brasileiros, como vamos acompanhar no próximo capítulo. A última parte deste trabalho analisará a publicidade em torno da Água Rabello em jornais e revistas de diferentes Estados.

³¹⁶ CUNHA, Cinthia S. [...] **a Bahia se mostrará digna do renome que a cerca: Exposições na Primeira República (1908, 1922 e 1923)**. Dissertação de Mestrado. PPGHS-UFBA, 2018, p,148.

Capítulo 3

3. “Um vidro de Água Rabello representa uma farmácia completa”

“O mundo caminha para a saúde e as riquezas universais [...] assim se explicam os debates sobre medicina e economia e a fé crescente nos xaropes e seus derivados” (Machado de Assis)³¹⁷

Ciência, economia e fé nas terapêuticas populares pode ser um bom resumo para caracterizar a Água Rabello; um negócio comercial que estabeleceu estratégias de venda e de propaganda para ampla distribuição do produto. A ciência, como foi apresentada no capítulo anterior, esteve presente com o conhecimento técnico adquirido e exercido por Antonio José Rabello Junior. Também temos a presença da ciência através da aprovação do medicamento para ampla circulação e venda nas drogarias, uma vez que seguiu todos os protocolos exigidos à época.

No fator econômico podemos identificar a Água Rabello como um produto propagandeado como acessível a todas as camadas sociais. Por fim, a fé esteve na circulação do produto, uma vez que o medicamento era designado como uma água curativa. A linguagem presente nos anúncios do remédio, que curaria as mais diversas doenças, condensava esses três elementos com vistas a seduzir os consumidores.

A Água Rabello foi um fitoterápico desenvolvido em um pequeno laboratório na cidade da Parahyba do Norte, atravessou fronteiras comerciais e dividiu espaço nos reclames de revistas e jornais com remédios dos maiores laboratórios farmacêuticos do Brasil e do mundo. Autodeclarada como “*uma farmácia completa*”, tinha diversas funcionalidades terapêuticas e “caiu no gosto popular”. Até hoje pode ser encontrada, principalmente, nas farmácias paraibanas e algumas drogarias do Brasil.

Considerando a trajetória apresentada no capítulo anterior da família Rabello e da Drogeria Rabello, vamos neste item analisar a Água Rabello como um produto promissor do mercado farmacêutico brasileiro. O objetivo é investigar o remédio no seu universo de

³¹⁷ ASSIS, Machado de *apud* SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando A. (coord.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.553.

cura popular, o seu reconhecimento técnico científico através da chancela médica, mas principalmente a sua trajetória como um negócio bem-sucedido.

Primeiro vamos compreender o universo das práticas de cura do qual a Água Rabello herdou suas tradições curativas. Depois analisaremos o contexto de hábitos terapêuticos e comportamentais nos quais o medicamento foi criado. Por fim, analisaremos os alcances publicitários do remédio para os mais diversos públicos, a partir das propagandas destinadas às suas amplas possibilidades de cura.

3.1 Tradição das Águas Curativas

Já um indígena, quando a Paraíba era coberta de mata e habitada por índios Tabajaras, em colóquio amoroso, no seio da floresta, sentiu, no pé, a picada de um escorpião. Desesperado de dôr, com o pé, percutiu com violência a terra e naquele ponto surgiu um fio d'água que serviu de remédio trazido, como foi pelas mãos amadas, como penso à ferida, antes tão dolorosa. Foi ali, no Tambiá, onde se passou o fato, que a lenda rememora e explora nos versinhos, que indicam uma **virtude dupla da água e também da terra paraibana atraente e boa, que tudo tem para os seus filhos** e, também para os de outras plagas, que em filhos sabe logo transformar. **'Bebeu água do Tambiá! Daqui não mais sairá!'** **Que virtude de água, que era remédio para o corpo e enleio para o coração!** Foi assim, bem longe, lendário, o marco inicial. E, aos poucos acompanhados a organização social, que começou com a Casa da Pólvora, a Capela das Neves, o açougue e da primitiva rua Nova e o aparecimento da primeira botica e dos primeiros médicos, em terras paraibanas.³¹⁸

O trecho escrito por Oscar de Castro (1964), memorialista e médico paraibano, em *Contribuição à História da Farmácia na Paraíba*, nos traz uma representação do mito e da ciência. No trecho, o autor se refere a uma lenda que retrata a origem sobre uma fonte de água de poder curativo: água brotada de uma terra de valor – no mito, a valorização da terra, a Paraíba – e a representação do nativo, o indígena, como parte dessa origem do povo. O autor descreve o que podemos compreender como a *paraibanidade*; um conceito formulado pelo IHGP³¹⁹, discutido pela historiadora Margarida Maria Dias (1996), que

³¹⁸ CASTRO, Oscar de. *Contribuições À História da Farmácia na Paraíba*. Separata de Vida & Cultura, Órgão Oficial da Sociedade Cultural Luso Paraibana de Estudos e Pesquisa, 1964, p.25. (grifos meus)

³¹⁹ O Instituto Histórico Geográfico Paraibano foi fundado em 1905, com vistas à criação da identidade local a partir da história oficial e para valorizar a Paraíba no cenário nacional. Muito desta necessidade se deu pela inconformidade destes homens letrados em relação à história da Paraíba, que era conhecida como parte da história de Pernambuco, ou seja, não tinha uma história oficial própria. Nesse momento, a Paraíba também vivia à margem comercial de Pernambuco. As próprias cidades do interior do Estado tinham uma relação comercial mais estreita com Pernambuco do que com a própria capital.

nada mais foi que o sentimento de identidade com a história local, e de ‘ser um ser especial por nascer nesta terra’³²⁰.

Sobre o poder curativo da água, descrito na lenda, podemos fazer uma interpretação da relação do indígena com a natureza que o “feriu”, com a picada do escorpião, e a própria natureza que se encarregou de curar, dando origem ao “*fio d’agua*” de “*virtude dupla*”, por isso, o poder curativo da terra. No fim da citação, Castro já se refere a uma “*organização social*”, a chegada da “*primeira botica e dos primeiros médicos*”, ou seja, a chegada da “ciência” em terras paraibanas.

Histórias sobre “fontes de águas curativas” podem permear o imaginário das pessoas, seja através de lendas, seja por acreditarem e conhecerem lugares onde o “fenômeno” já ocorreu. A fé nas Águas também está presente em rituais religiosos para sacramentos ou benzeduras; por meio dessa fé, os fiéis creem no seu poder curativo, protetivo e santo³²¹.

A historiadora Vera Marques (2003) relata, em *Medicinas Secretas Magia e Ciência no Brasil Setentista*, a história de uma lagoa na Vila Sabará, em meados do ano de 1749, quando um morador local havia se curado de umas chagas que carregava no corpo após banhar-se nestas águas. A notícia da lagoa milagrosa chegou até Portugal, para onde garrafas com essa água de propriedades curativas foram levadas³²². Feitos alguns experimentos na lagoa de Sabará, foi comprovado que “as águas continham vitriolo e aço e eram indicadas para problemas cutâneos [...]”³²³. Marques ainda revela como as pessoas da região reagiram a essa lagoa de águas curativas; missas foram realizadas no local, e casas foram construídas nas imediações. Devido inclusive às aglomerações descontroladas no local, principalmente devido à construção de casas, a Câmara precisou intervir³²⁴.

A partir dos relatos trazidos pela historiadora Vera Marques e pelo memorialista e médico Oscar de Castro, identificamos como o universo de crença nas curas das águas

³²⁰ DIAS, Margarida Maria. **Intrepida ab origine: O Instituto Histórico e Geográfico paraibano e a produção da história local**. João Pessoa: Almeida 1996.

³²¹ BLOCH, Marc. **Reis Taumaturgos: O Caráter sobrenatural do poder régio**. São Paulo, Companhia das Letras, 2018, p.94.

³²² MARQUES, Vera Regina Beltrão. *Medicinas secretas: Magia e ciência no Brasil setentista*. In CHALHOUB, Sidney (Org.) **Artes e Ofícios de Curar no Brasil**. Campinas, Editora Unicamp, 2003, p.163-165.

³²³ *Ibidem*, p.164.

³²⁴ *Ibidem*.

são permeados por mistérios, crenças, devoção e fé. Tratamentos e remédios carregaram o nome de *Águas* com as mais diversas finalidades ao longo da história.

A historiadora Maria Manuel Quintela (2004) nos apresenta o universo das termas como espaços de hidroterapias de cura e lazer³²⁵. Quintela faz uma análise comparativa sobre o cenário entre Brasil e Portugal, durante a transição do século XIX para o século XX, quando vários praticantes das artes de cura buscaram identificar as propriedades químicas das águas minerais com finalidades terapêuticas e indicá-las para seus pacientes, em um contexto que relacionava saúde e natureza³²⁶.

Como exemplo da relação saúde e natureza, a autora cita o exemplo da obra *Montanha Mágica* de Thomas Man, em referência a pessoas com tuberculose que se refugiavam nas montanhas em busca do ar puro, pois, neste momento, acreditava-se que o acesso a estes lugares poderia auxiliar na cura das doenças do trato respiratório.

Na busca por tratamento, “As águas termais [...] eram também reputadas como ‘milagrosas’, construindo-se socialmente as ‘estâncias de cura e repouso’ nos lugares circundantes das nascentes das águas”³²⁷. As termas e as águas minerais pertenciam a espaços que mesclavam terapia, lazer (uma vez que existia deslocamento de pessoas para ter acesso a estas fontes aquíferas), crenças milagrosas, e ciência, visto que, segundo a autora, a hidrologia, o estudo das águas, também foi pesquisada por alguns médicos que produziam e publicavam estudos relacionados ao tema³²⁸.

Desta maneira “As águas minerais foram batizadas como ‘diamantes líquidos’ ‘petróleo’, ‘ouro’, ‘remédio universal’, quer por suas virtudes terapêuticas, quer pelo potencial econômico que representam para um país ou uma região”³²⁹. A historiadora Vera Marques, assim como Maria Quintela, falou sobre o imaginário de pesquisa e a fé que rodeava as nascentes dos rios. Durante o século XVIII,

a existência de fontes de águas minerais constituía, para viajantes e estudiosos das terras brasílicas, importante sinal de que havia nas suas proximidades entranhas invisíveis de leitos naturais repletos de tesouros e poderosos segredos. Assim, águas minerais e medicamentos secretos provinham de uma

³²⁵ QUINTELA, M. M. Saberes e práticas termais: uma perspectiva comparada em Portugal (Termas de S. Pedro do Sul) e no Brasil (Caldas da Imperatriz). **História, Ciências, Saúde Manguinhos**, vol. 11 (suplemento 1), 2004.

³²⁶ *Ibidem*, p.244.

³²⁷ *Ibidem*, p.247.

³²⁸ *Ibidem*, p.252.

³²⁹ *Ibidem*, p.242.

mesma sorte de fascínio: remédios inusitados e desconhecidos que operavam milagres.³³⁰

Fontes de águas, mistérios e crenças também permeavam panaceias ou remédios de segredo. Na produção sobre a história da farmácia identificamos alguns medicamentos que levam consigo o nome de Águas. João Rui Pita e Ana Leonor Pereira (2012) assim se referem à tradição das águas terapêuticas:

Entre finais do século XVII e início do século XVIII as águas mineromedicinais conseguem alguma popularização. São publicadas algumas obras sobre a problemática das águas focando quer a sua aplicação, quer a sua análise sendo de referir já na segunda metade do século XVIII, a importância que a química de Lavoisier (1743-1794) veio a ter na caracterização das águas. No final do século XVIII, em 1783, o suíço Johann Jacob Schweppe (1740-1821) inventa um modo de produção de água carbonatada em grande escala; fundou uma empresa em Genebra que depois se mudou para a Inglaterra; estava lançada, assim, a base da marca Schwebbes. Neste particular das águas mineromedicinais em Portugal refiram-se, entre vários, o nome de Francisco da Fonseca Henriques (1665-1731), autor da célebre obra *Aquilegio medicinal* (1726). Também é incontornável o nome de Francisco Tavares (1750-1812) que dedicou parte da sua significativa obra escrita ao estudo das águas.³³¹

Já no Brasil durante o século XIX, a historiadora Deyse Abreu (2006), retrata que:

A terapêutica à base de água foi uma prática corrente na segunda metade do século XIX no território imperial. Havia boa quantidade de anúncios de vendas de diversas águas terapêuticas, que também comunicavam os horários dos banhos medicinais e os locais especializados. O manual “Prática Elementar de Hydro-Sudo-Therapia” do Dr. Ildefonso Gomes mostra como a água fria e os suadouros curavam as doenças. As práticas de cura associadas aos banhos foram incrementadas pela difusão da necessidade de asseio pessoal nos moldes higienistas nos oitocentos.³³²

Entre o uso de águas minerais diretamente das fontes ou engarrafadas e vendidas em vasta produção, temos uma aproximação de tipos de medicamentos muito difundidos desde o século XVII e XVIII até o século XIX, inicialmente na Europa, e, em seguida no Novo Mundo, dentre eles, as chamadas panaceias e/ou os chamados remédios de segredo.

³³⁰ MARQUES, Vera Regina Beltrão. *Medicinas secretas: Magia e ciência no Brasil setentista*. In CHALHOUB, Sidney (Org.) **Artes e Ofícios de Curar no Brasil**. Campinas, Editora Unicamp, 2003, 164-165.

³³¹ PITA, João Rui.; PEREIRA, Ana Leonor. A arte farmacêutica no século XVIII, a farmácia conventual e o inventário da Botica do Convento de Nossa Senhora do Carmo (Aveiro). **Ágora. Estudos Clássicos em Debate** 14.1 (2012), p.233.

³³² ABREU, Deyse Marinho de. **Arte Boticária: Uma análise a partir de boticários e boticas da comarca do Rio das Velhas na segunda metade do século XIX**. Dissertação de Mestrado. PPGH-UFMG, 2006, cap. IV, p.12.

Os remédios de segredo foram preparados que prometiam a cura de diversas enfermidades. Ainda assim, seus idealizadores não revelavam a fórmula para amplo conhecimento. Foram inovações terapêuticas que surgiram durante o século XVII, mas que alcançaram uma popularidade maior durante o século XVIII em Portugal através de médicos como João Curvo Semedo (1635-1719). A proposta terapêutica dos remédios de segredo advinha da destilação dos elementos químicos das matérias primas de origem metal, mineral e vegetal, prática desenvolvida a partir dos estudos baseados nos conhecimentos difundidos pelo médico e alquimista Paracelso (1493-1541)³³³. Deste modo, passava-se a extrair os princípios ativos dos insumos para assim adquirir uma maior potência nos efeitos dos fármacos, além de uma maior perecibilidade para as drogas.

Entre os remédios de segredo produzidos e vendidos durante o século XVIII, a Água de Inglaterra foi um dos mais difundidos. Água de Inglaterra ou derivações deste nome, como Água Ingleza, foram medicamentos produzidos por diversos fabricantes ao longo dos séculos XVIII até meados do século XX³³⁴. Sua indicação terapêutica foi sugerida para enfermidades como febres intermitentes. De acordo com Pita e Pereira:

Esta droga vegetal [a quina] teve pela primeira vez informação escrita na literatura europeia na obra de Pedro Barba, *Vera praxis adcuracionem tertianae* (1642). Também são dignas de registro as rotas comerciais que se proporcionaram com estas drogas. Entre elas merece uma referência específica a quina. Bernardino António Gomes, médico português, extraiu da quina o *chichonino* (1810), o primeiro alcalóide daquela droga vegetal; mais tarde, Pelletier e Caventou, em 1820, em França, extraíram o *quinino*, poderoso *anti-palúdico* e *febrífugo*. No estudo que realizámos, a quina foi a droga mais consumida no Hospital Escolar da Universidade de Coimbra, em finais do século XVIII. A quina passou a ser incluída nas farmacopeias europeias, incluindo as portuguesas, tanto no aspecto monográfico como na preparação de diversos medicamentos e sob várias formas farmacêuticas. A *Água de Inglaterra*, famoso medicamento secreto, incluía quina na sua composição.³³⁵

³³³ DIAS, José Pedro de Souza. **Droguistas, boticários e segredistas. Ciência e Sociedade na Produção de Medicamentos na Lisboa de Setecentos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2007, p.19.

³³⁴ O autor cita um período de XVII a XIX, porém, foi possível encontrar nesta pesquisa remédios com o nome de Água Inglaterra, com a quinina no seu princípio ativo até o século XX. Vamos explorar ainda neste tópico estas informações.

³³⁵ PITA, João Rui.; PEREIRA, Ana Leonor. A arte farmacêutica no século XVIII, a farmácia conventual e o inventário da Botica do Convento de Nossa Senhora do Carmo (Aveiro). **Ágora. Estudos Clássicos em Debate** 14.1 (2012), p.230-231.

A Água de Inglaterra foi empregada nos mais diversos tratamentos, principalmente em períodos pandêmicos, como veremos mais à frente.

O “remédio inglês”, inicialmente produzido na Inglaterra por Robert Talbor (1642-1681), especialista em febres durante o século XVII³³⁶, foi levado a Portugal por Fernando Mendes (1645-1724), para o tratamento de D. Pedro de Portugal, que, na época, sofria de paludismo³³⁷.

Já um outro nome ligado à Água de Inglaterra foi Jacob de Castro Sarmiento (1691-1762). Para o autor José Pedro de Souza Dias, Sarmiento tomou para si, diante da “[...] opinião pública, como o verdadeiro autor da água de Inglaterra”³³⁸. Entretanto, o que fica claro sobre a autoria do remédio é de que não havia uma precisão quanto aos formuladores. A Água de Inglaterra adquiriu ao longo do tempo várias fórmulas e vários “legítimos formuladores”; conflitos e imprecisões foram comuns na história deste medicamento, como apresentaremos exemplos a seguir.

A pesquisadora Vera Marques (1999) nos mostra outros desdobramentos do processo de criação e amplo comércio da Água de Inglaterra:

Se Fernando Mendes foi iniciador do comercio da água em terras lusitanas, não foi, no entanto, seu comerciante mais notável, nem era de sua autoria essa água que chegava ao Brasil em 1802. Em fins do setecentos, tanto a Água consumida em Portugal quanto a transportadora para as colônias eram produzidas principalmente por André Lopes de Castro, sobrinho do eminente Dr. Jacob de Castro Sarmiento, que dizia ter herdado do tio a legítima fórmula do medicamento, sendo que Lopes de Castro nem boticário era. Isto fazia com que os boticários pressionassem a Real Junta do Protomedicato a respeito de tal privilégio [...].³³⁹

A Água chegou a ser comercializada no Brasil no início do século XIX, no Rio de Janeiro, e na Bahia havia anúncios desse remédio. De acordo com Vera Marques: “[...] no período compreendido entre 1808 e 1822 encontravam-se à venda no Rio de Janeiro garrafas de ‘Água de Inglaterra’ de várias procedências [...]. Na Bahia anunciava-se a ‘Água de Inglaterra’ de Antonio Jose de Sousa Pinto [...]”³⁴⁰.

³³⁶ DIAS, José Pedro de Souza. **A Água de Inglaterra: Paludismo e Terapêutica em Portugal no século XVIII**. Portugal, Editora Caledoscópio, 2012, p.19.

³³⁷ *Ibidem*, p.21.

³³⁸ *Ibidem*, p.27.

³³⁹ MARQUES, Vera Regina Beltrão. **Natureza em Baiões. Medicinas e boticários no Brasil Setentista**. São Paulo, Unicamp, 1999, p.239.

³⁴⁰ *Ibidem*, p.256.

Baseado em Marques, a chegada e comercialização da Água de Inglaterra no Brasil inicia-se em 1802. Porém, na citação acima, ela fala sobre as águas de “*várias procedências*” entre “*1808 e 1822*”. Isso ocorreu devido à ampla propagação da água; os mais diversos formuladores tomaram para si a ideia terapêutica principal, com o vinho de quina, e com isso desenvolveram suas próprias fórmulas. No Brasil, houve as mais diversas fórmulas da Água de Inglaterra, além das citadas pela autora.

A Água foi produzida e reproduzida ao longo dos séculos XVIII até meados do século XX em meio a conflitos e disputas. O que podemos perceber, de acordo com a bibliografia produzida sobre este medicamento, é de que foi um remédio promissor, do ponto de vista terapêutico, mas também rodeado de mistérios. Além disso foram remédios produzidos em larga escala, com emprego de recursos de divulgação publicitária na imprensa. Para José Pedro Dias:

As características essenciais do modo de produção destes medicamentos aproximam-se das da indústria farmacêutica contemporânea, nomeadamente no que respeita à separação entre produção e a comercialização, à utilização de nomes de marca e de técnicas de publicidade e influência sobre médicos e doentes.³⁴¹

A farmácia Granado, uma das mais influentes farmácias do Rio de Janeiro³⁴², teve a sua própria água: Água Ingleza de Granado³⁴³. A Drogeria Rabello também teve a sua Água Ingleza Rabello, presente em anúncios do início do século XX.

³⁴¹ DIAS José Pedro de Souza. **A Água de Inglaterra: Paludismo e Terapêutica em Portugal no século XVIII**. Portugal, Editora Caledoscópio, 2012, p.13.

³⁴² A farmácia Granado foi uma farmácia criada no Rio de Janeiro durante o século XIX, que em 1880 ganhou o título de: Farmácia Oficial da Família Imperial Brasileira e que produzia remédios e produtos de higiene. Até os dias de hoje a farmácia Granado produz seus cosméticos, hoje exclusivamente produtos de cuidados com o corpo e não mais medicamentos. <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=17884> : Acesso em 25 de junho de 2021

³⁴³ Jornal O Commercio (PB), 13 de janeiro de 1908, p.4.



Figura 12: Anúncio da Água Inglesa Rabello - Jornal O Norte (PB), 04 de outubro de 1911, p.3. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

No periódico mensal *Gazeta da Pharmacia (RJ)*³⁴⁴, um artigo foi publicado sobre a Água Inglesa no ano de 1952, intitulado: “Água Inglesa, notas históricas”. O texto falava inicialmente sobre um livro publicado durante o século XIX, chamado: *Formulário Oficial e Magistral Internacional*, do autor Pires de Almeida. Neste livro foi publicado o que a revista chama de “*primitiva fórmula*” da Água Inglesa. O artigo como um todo tem como objetivo apresentar os avanços da “indústria farmacêutica brasileira”. São citados alguns proprietários de laboratórios farmacêuticos que criaram, a partir da fórmula da Água Inglesa, as suas próprias versões do preparado. Um dos citados no texto foi o farmacêutico Freire Aguiar, que se propôs a: “elaborar um substitutivo, quanto ao processo de preparação, com a denominação de Água Tônica e Febrífuga”. A publicação tem uma narrativa de exaltação ao progresso farmacêutico. O Laboratório Rabello também foi citado:

Sempre fabriquei a Água Inglesa, que no Laboratório da Farmácia Rabêlo sob a direção do saudoso farmacêutico Antonio Rabelo (Senior) e, depois do Laboratório da ÁGUA RABÊLO, todos fundados por aquele MESTRE DA ARTE FARMACEUTICA. Hoje é este nosso produto preferido entre os congêneres de maior reputação. Esta preferência é o prêmio do profissional que trabalha obedecendo a rigorosa ética profissional. Entre a população do Nordeste a ÁGUA INGLEZA é usada pelas parturientes, na convalescença de moléstias prolongadas, agudas, no curso do tratamento das moléstias de origem palúdicas, da malária etc. A ÁGUA INGLEZA, sendo como é um VINHO QUINADO DE ALTA CLASSE é sem

³⁴⁴ *Gazeta da Pharmacia (RJ)*, novembro de 1952, p. 21.

dúvida um ótimo aperitivo, um excelente estomacal que pode ser usado de preferência antes das refeições.

Está assim realizada a minha contribuição do HISTÓRICO DA AGUA INGLEZA; em homenagem aos amigos do 'LABORATÓRIO RABÊLO' – O Laboratório da ÁGUA RABÊLO.³⁴⁵

Os usos terapêuticos da Água Ingleza ou Água de Inglaterra se inserem na cultura de práticas de cura do Brasil. No início do século passado também foi possível identificar permanências de usos destas águas curativas durante a pandemia de gripe espanhola. Versões do vinho de quina ou sal de quinino surgem na historiografia que analisa o período da *Influenza* como remédio utilizado no momento de crise. A historiadora Liane Maria Bertucci (2003) produziu estudos nos quais analisou o emprego da *quinina* durante a pandemia de 1918. Bertucci escreveu:

Incansavelmente procurada pelo sertão tupiniquim, ingredientes indispensáveis de poções como a água de Inglaterra ou água inglesa, que atravessou os séculos sendo empregada como remédio para quase todas as enfermidades, a quina era ainda no século XX utilizada para o combate a muitos males.³⁴⁶

No entanto o emprego do sal de quinina ou remédios como a Água de Inglaterra, que tinha em sua composição a *quinina*, segundo a antropóloga e historiadora Lilia Schwarcz (2020), não foi uma unanimidade entre os médicos da época para o tratamento dos acometidos pela *Influenza*, pois, pouco se sabia da efetividade do tratamento no combate à gripe espanhola. O uso, principalmente quando não orientado pelos médicos, segundo Schwarcz, provocava alguns efeitos colaterais nos indivíduos que optavam por este tipo de uso, e:

[...] os mais comuns [efeitos colaterais], sobretudo quando se utilizava o quinino sem prescrição médica e em doses exageradas, eram a perda reversível da audição, náuseas e vômitos. Em casos extremos, ocorriam também distúrbios visuais, erupção cutânea, perda de audição e zumbido.³⁴⁷

Bertucci explica como o uso do *sal de quinino* em situações de desconhecimento de algumas moléstias empregava-se estes tipos de remédios, como foi o caso da *Influenza*:

³⁴⁵ Gazeta da Pharmacia (RJ), novembro de 1952, p. 21.

³⁴⁶ BERTUCI, Liane Maria. Remédios, Charlatanices... e curandeirices práticas de cura no período de gripe espanhola em São Paulo. In CHALHOUB, Sidney (Org.) **Artes e Ofícios de Curar no Brasil**. Campinas, Editora Unicamp, 2003, p.199.

³⁴⁷ SCHWARCZ, Lilia. STARLING, Heloisa. **A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil**. 1º ed, São Paulo, Companhia das Letras, 2020, p.138.

Os medicamentos compostos de quinino, ou que se valeram do nome da substância para ganhar a preferência popular, estiveram entre os primeiros a serem apresentados para a população como panaceia contra a epidemia, que, mesmo parecendo tão conhecida e inofensiva, estava matando os moradores de São Paulo.³⁴⁸

Os remédios que tinham em geral a quina como componente eram direcionados aos tratamentos do paludismo, entretanto, como podemos identificar na historiografia sobre o remédio, a fé na cura através destes medicamentos foi ampliada, para ser considerada uma droga que curaria as mais diversas moléstias, como no caso da crise sanitária de 1918.

Uma outra doença contra a qual a Água de Inglaterra, ou sulfato de quinino, foi utilizada, em meados do século XIX, foi a febre amarela. Segundo Verônica Velloso este medicamento era mais uma das alternativas terapêuticas utilizadas para a cura³⁴⁹. A *quinina* ganhou espaço na farmacologia resistindo há séculos nos preparados farmacêuticos, sendo, até os dias atuais, um princípio ativo importante, como a *cloroquina*, que auxilia no tratamento da malária³⁵⁰.

Concluimos então que os medicamentos que carregavam a noção de águas curativas apresentavam uma perspectiva ampla nas terapêuticas de cura. As águas naturais foram fontes de saúde e crenças místicas, e, a partir disso, outros medicamentos foram inspirados nestas terapêuticas. Desta forma, os mais variados tipos de medicamentos tidos como Águas foram utilizados para as mais diversas doenças, como foi o caso da malária, da *Influenza* e da febre amarela.

3.2. As águas e a higienização pessoal como um hábito moderno e de consumo

Além de produção de águas curativas no combate a doenças consideradas “graves”, a partir do século XIX, houve um movimento de mudança de padrões de comportamentos higiênicos na sociedade. O consumo de águas minerais para banhos tornou-se uma recorrência. De acordo com o historiador Azemar Soares Junior (2011):

³⁴⁸ BERTUCI, Liane Maria. Remédios, Charlatanices... e curandeirices práticas de cura no período de gripe espanhola em São Paulo. In CHALHOUB, Sidney (Org.) **Artes e Ofícios de Curar no Brasil**. Campinas, Editora Unicamp, 2003, p.203-204.

³⁴⁹ VELLOSO, Verônica Pimenta. **Farmácia na Corte Imperial (1851-1887): Práticas e Saberes**. Tese de Doutorado, PPGHCS- FIOCRUZ, 2007, p.126.

³⁵⁰ *Ibidem*, p.139.

[...] o banho total sempre foi a melhor forma de asseio. É nele que o corpo por inteiro é higienizado. A água que escorre pelo corpo durante o banho limpa, hidrata, protege. Afasta a doença, elimina os maus odores, seduz. A sensualidade é parente do ato de lavar-se por inteiro, deixa o corpo pronto para si e para o outro. Os banhos deixam de ser apenas uma medida médica, tornam-se requisitos fundamentais para a higiene, e para isso o consumo de alguns produtos possíveis para assepsia foram incorporados nos hábitos de uso. Os banhos passaram a se tornar hábitos recorrentes das pessoas.³⁵¹

A pesquisadora Deyse Abreu (2006) relata em seu trabalho, como boticários incorporaram a suas boticas e farmácias produtos voltados para higiene pessoal:

Era comum encontrarmos anúncios de produtos ligados à higiene como pós dentifrícios, águas aromatizantes, essências de vegetais e sabão para banhos. Na Corte, havia depósitos de distribuição de medicamentos, vasilhames e outros utensílios, onde os boticários poderiam adquirir, por exemplo, a “Água Vegetal Econômica” indicada contra caspa os “Sabonetes de arêa” para amaciar as mãos e a “Pasta de Lyrio de Florença para a alvura e brilho dos dentes”.³⁵²

Desta maneira se intensificou durante o início do século passado um padrão de corpos limpos e livres de odores, e que poderia, na concepção de higiene da época, ser uma iniciativa preventiva à proliferação de doenças através do odor³⁵³. “O outro passa a ser visto como sinal de perigo pela falta de higiene de seu corpo, que, pelo mau odor, denuncia ou prenuncia a doença”³⁵⁴.

Durante o século XX foi possível identificar, em periódicos publicados na Parahyba, anúncios que incentivavam os cuidados individuais como estratégia para a construção de hábitos higiênicos. Soares Junior cita em seu trabalho um trecho de um jornal católico³⁵⁵ que publicava incentivos aos seus leitores sobre a assepsia do corpo, com o uso de produtos indicados para limpeza, assim, reiterando o valor moral da assimilação destes novos hábitos.

“Um reputado clinico patricio nos dizia que asseio é coisa que não custa muito, só depende de uma ponta de boa vontade”. Assim, anunciava no periódico católico, em 20 de julho de 1921, a necessidade do asseio como

³⁵¹ SOARES JUNIOR, Azemar do Santos. **Corpos Hígidos: O limpo e o sujo da Paraíba (1912-1924)**. Dissertação de Mestrado, PPGH-UFPB, 2011, p.116.

³⁵² ABREU, Deyse Marinho de. **Arte Boticária: Uma análise a partir de boticários e boticas da comarca do Rio das Velhas na segunda metade do século XIX**. Dissertação de Mestrado. PPGH-UFGM, 2006, cap IV, p. 3.

³⁵³ VIGARELLO, Georges. **Lo limpio y lo sucio: La higiene del cuerpo desde la Edad Media**. Alianza Editorial. 1991, p.117.

³⁵⁴ SÁ, Lenilde Duarte. **Parahyba: Uma cidade entre miasmas e micróbios. O Serviço de Higiene Pública de 1895-1918**. Tese de Doutorado em Enfermagem, USP, 1999, p.65.

³⁵⁵ A Imprensa (PB), 20 de julho de 1921.

sendo algo simples, de alto valor social, moral e ético. **Assegurar a limpeza do corpo com água, sabão, loções, cremes, perfumes causaria uma sensação de leveza, segurança, bem estar ao corpo e aos que estão por perto.** “Asseio e higiene” eram as palavras de ordem nessa empreitada educadora que começava com os cuidados sobre as mãos e os pés”.³⁵⁶

Com este trecho podemos perceber que havia uma produção de materiais que se destinava à educação higiênica das pessoas. Os jornais foram fundamentais para o incentivo de novas práticas de comportamento e de consumo, como foi o caso citado por Soares Junior do jornal *A Imprensa*. O autor ainda fala sobre os hábitos de compras na capital paraibana aquecidos pelas novas tendências comportamentais:

O comércio da capital respirava os ares europeus, anunciando seus mais sortidos produtos chiques, que encantavam e seduziam aos que desfilavam pelas calçadas. A modernidade apresentada pelas lojas ofertava um modelo de moda, beleza e higiene que deveria passar a ser adotado como sinônimo de estar em comum acordo com as tendências estrangeiras. Ser hígido estava muito próximo de ser chique, de ser moderno.³⁵⁷

Os novos hábitos de higiene e moda serviram de inspiração para conduzir modelos de aquisição de produtos no Brasil. Por isso, os mais diversos produtos podiam ser encontrados nas boticas e farmácias, desde cosméticos importados aos nacionais. As mais diversas águas antissépticas e águas aromáticas, os chamados produtos da *toilette*, foram produzidos e vendidos pelas mais diversas drogarias. A farmácia Granado, por exemplo, também dedicou sua produção à higiene pessoal, como sabonetes, perfumes, cremes hidratantes.

Era comum encontrarmos anúncios de produtos ligados à higiene como pós dentifrícios, águas aromatizantes, essências de vegetais e sabão para banhos. Na Corte, havia depósitos de distribuição de medicamentos, vasilhames e outros utensílios, onde os boticários poderiam adquirir, por exemplo, a “Água Vegetal Econômica” indicada contra caspa.³⁵⁸

A partir do momento em que se estabeleceram novos hábitos de assepsia, criaram-se novas necessidades de produção e compra. A Água Rabello, por nascer no primeiro ano do século XX, carregava algumas características destes momentos de cuidados. Era

³⁵⁶ SOARES JUNIOR, Azemar do Santos. **Corpos Hígdos: O limpo e o sujo da Paraíba (1912-1924)**. Dissertação de Mestrado, PPGH-UFPB, 2011, p.119. (grifos meus)

³⁵⁷ *Ibidem*, p.115.

³⁵⁸ ABREU, Deyse Marinho de. **Arte Boticária: Uma análise a partir de boticários e boticas da comarca do Rio das Velhas na segunda metade do século XIX**. Dissertação de Mestrado. PPGH-UFGM, 2006, p. 3 do cap. IV.

diferente das águas curativas apresentadas com a finalidade de terapêuticas contra doenças, como a Água de Inglaterra.

A Água Rabello foi produzida em um contexto de assepsia corporal e carregava fortemente esta característica, posto que se tratou de um fitoterápico muito mais voltado à prevenção e socorro em emergências domésticas. O que nos leva a crer que a Água Rabello fez parte de uma tradição de águas curativas, que permeavam o imaginário popular de curas, prevenção, e cuidados com o corpo.

3.3 “Água Rabello, a maravilha brasileira”³⁵⁹

A Água Rabello foi um medicamento criado no período de transição entre o século XIX para o século XX, quando novas tendências de mercado iniciaram no país. Os farmacêuticos, que buscaram a institucionalização da profissão, como vimos no capítulo 1 desta dissertação, buscaram o reconhecimento entre os outros profissionais da saúde, e sobretudo, os órgãos de fiscalização, começaram a focar na produção nacional como caminho que alinhava ciência e mercado.

Por se tratar de um fitoterápico, a Água Rabello apresentou na sua composição o uso da flora nacional para a sua produção, uma tendência identificada principalmente durante o século XX. Os produtores de remédios então passaram a “instrumentalizar as chamadas “virtudes terapêuticas” da flora nacional”³⁶⁰. Visando assim a “formação prática do farmacêutico, capacitando-o tanto para o trabalho terapêutico quanto industrial”³⁶¹. O domínio da flora nacional para produção de medicamentos aponta um desejo da classe de industrializar o processo de fabricação e distribuição de medicamentos.

Algumas plantas foram visadas por estes profissionais por sua viabilidade para produção em larga escala. Oliveira (2018) escreveu sobre uma delas, a citada pelo farmacêutico Luiz Queiroz (1895), a *Schinus terebinthifolius* ou *Aroeira Vermelha*³⁶²:

³⁵⁹ Jornal A Noite (RJ), 14 de agosto de 1924, p.7.

³⁶⁰ OLIVEIRA, Isabella B. **A farmácia em São Paulo é um novelo de redes: gênero e prática científica (1895-1917)**. Dissertação de Mestrado, PPGHS, USP, 2018, p.42.

³⁶¹ *Ibidem*, p.41.

³⁶² *Ibidem*, p.47.

O autor descreveu três produtos terapêuticos que, extraídos das diferentes partes da Aroeira, poderiam ser manejados pelo farmacêutico: resina extraída do caule e utilizada no tratamento do reumatismo; os frutos com suas potencialidades diuréticas e a casca, que poderia ser mobilizada em banhos para a terapêutica de edemas nas pernas. O autor também utilizou o espaço da publicação para citar os medicamentos que seu laboratório produzia a partir da Aroeira.³⁶³

Deste modo podemos perceber um caminho seguido por farmacêuticos que compartilhavam suas experiências de acordo com o uso da flora nacional, e a partir dela produziam seus próprios medicamentos. Para Tania Maria Fernandes (2004):

A investigação acadêmica na área de plantas medicinais no Brasil se expandiu e se consolidou a partir de meados do século XX e está relacionada à implementação de instituições de pesquisa e à organização das disciplinas que a estudam, principalmente a botânica, a química e a farmacologia.³⁶⁴

A *Aroeira* também foi uma das plantas medicinais utilizada na formulação da Água Rabello. Possivelmente farmacêuticos, que compartilhavam suas experiências de produção, inspiravam outros profissionais a produzirem seus próprios medicamentos a partir do uso de plantas nacionais. Trabalhos, como os de Luiz Queiroz nos apontam que havia divulgações de estudos sobre plantas medicinais contemporâneas à elaboração da Água Rabello.

Em um dos panfletos de divulgação do Laboratório Rabello, cujo o título é: “*O que é à Água Rabelo*”, Antonio José Rabello Junior descreve sobre as plantas medicinais utilizadas na preparação do remédio Rabello. Ele cita sobre a *Aroeira/Corneiba*:

O outro elemento da fórmula da AGUA RABELO, é a CORNEIBA. É uma planta da flora brasileira SCHINUS TEREBINTHIFOLIUS RADDIANACAR-DIACEAE. Esta planta possui propriedades adstringentes, antissépticas e cicatrizantes. É eficaz no curativo das úlceras. É uma planta francamente aromática, cujas folhas são muito utilizadas por vários farmacêuticos brasileiros, bem assim as cascas.³⁶⁵

Este trecho nos ajuda a refletir sobre a relação entre a produção, a partir de plantas locais, e sua difusão entre farmacêuticos brasileiros. Rabello Junior formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia no mesmo ano em que formulou a Água Rabello, 1901.

³⁶³ *Ibidem*, p.48

³⁶⁴ FERNANDES, Tania M. **Plantas medicinais: memória da ciência no Brasil**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004, p.27.

³⁶⁵ Panfleto “*O que é à Água Rabelo*”, sem página, sem datação (possivelmente pós 1950) – Fonte: Acervo privado do Laboratório Rabello.

Com isso, possivelmente, seus estudos para o desenvolvimento da fórmula estavam de acordo com as pesquisas de época.

O ano de 1901 também foi um ano que representou importante mudança no status do estabelecimento. A partir do momento em que Rabello Junior se apresenta, publicamente nos anúncios da Água Rabello, como um formulador formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, a Drogaria Rabello ganha maior respaldo legal, por ter como um dos seus sócios um farmacêutico formado. A Drogaria Rabello passa, então, como já discutimos, a ter duplo reconhecimento: através do Sr. Rabello, que tinha, a seu favor, a experiência e o reconhecimento da prática, e com Rabello Jr, que possuía a legitimidade oficial na prática do ofício junto aos órgãos fiscalizadores.

Neste misto de artes populares de cura com a formação “científica” do ofício, temos a criação do produto. Versátil na sua composição e proposta de tratamento, a Água Rabello atingiu um público amplo. Em um dos materiais de divulgação da marca o produto foi descrito como:

A **ÁGUA RABELLO** é um < hydro- alcoolato”>, e assim é obtido por destilação de plantas medicinaes. Nos cuidados observados em sua preparação e acondicionamento obedecemos mais modernos methodos de assepsia, segundo os quaes todos os utensílios são submetidos a esterilisação. Deste modo produto conserva-se incorruptível e oferece a mais absoluta confiança para tratamento de *urgência*. É pois, a **ÁGUA RABELLO** um **Medicamento de Urgencia, de Prompto Socorro**, sempre em condições de ser aplicado na ocasião ou após os accidentes, de que resultem ferimentos, contusões, queimaduras, escaldellas, torceduras, fracturas expostas etc. agindo como poderoso antiseptico, desinfectante e antiphilogistico.³⁶⁶

No trecho acima foi possível considerar, em um breve resumo, o que foi a Água Rabello do ponto de vista dos seus produtores para os seus consumidores da época. Divulgado neste recorte como um: “*Medicamento de Urgencia de Prompto Socorro*”, se define como um remédio que pode auxiliar em causas emergenciais, por exemplo, accidentes domésticos ou escoriações no corpo. Neste mesmo panfleto de divulgação, a Água Rabello também foi considerada como um “*poderoso hemoestático*”³⁶⁷, pois “[...] *é constantemente observado seu enorme poder de estancar o sangue, quer dos ferimentos*

³⁶⁶ Panfleto de divulgação: *A Água Rabello*, p.1, sem datação. Fonte: Acervo Privado Laboratório Rabelo. (grifos da fonte)

³⁶⁷ *Ibidem*, p.4.

produzidos por instrumentos de qualquer qualidade ou outras causas”³⁶⁸. Nos modos de uso o fabricante indicava aos consumidores que:

Nos casos em que a Água Rabello tem que ser aplicada externamente, deve-se há molhar, ou banhar cuidadosamente e pacientemente as feridas e envolvendo-as em uma compressa embebida da Água Rabello, conservando-a sempre húmida. Deverá haver vigilante atenção afim de que não seja retirado ou removido o panno ou compressa, enfim o penso, e não expor a ferida à poeira. Estes cuidados tem o fim de evitar uma infecção, que poderia retardar a cura ou em certos casos determinar consequencias mais ou menos graves.³⁶⁹

Com componentes antissépticos na sua fórmula, a Água Rabello foi idealizada em um tempo em que a assepsia dos corpos passou a ser um hábito entre as pessoas, e assim, se fez como um produto “indispensável”³⁷⁰. Mas não só para cuidados externos ao corpo ela era indicada. A Água Rabello também tinha recomendação para o uso interno, como para: “Cólicas, diarreias, vômitos ou náuseas, dor do estomago, vômitos de sangue ou escarros sanguíneos, dor de garganta e dos ouvidos, inflamação do nariz e coriza, olhos inflamados [...]”³⁷¹. Outros casos que tinham a indicação eram os casos de hemorragias e escoriações vaginais, além do uso no pós parto³⁷². Nos modos de usar internamente, temos também a indicação da Água Rabello em casos de extração de dentes:

Extracções de Dentes: - A extracção de dentes é ordinariamente seguida de hemorragias que podem ser mais ou menos abundantes. Não só para fazer cessar estas, como para praticar a desinfecção e cicatrização do orifício (alvéolo) é de exito seguro fazer uma pequena irrigação ou lavagem, após o que deverá ser posto no orifício um pequeno pedaço de algodão hydrophilo secco. Se continuar a hemorragia é conveniente insistir com este tratamento até a sua completa suspensão.³⁷³

O consumo de Água Rabello também estava ligado à prevenção de doenças. Manter as regiões internas asseadas poderia prevenir possíveis doenças, como gripes e resfriados, através do asseio da boca, nariz e ouvidos.

Nesses casos o uso da Água Rabello impõe-se, e os resultados são admiráveis. Usa-se em gargarejos Agua Rabello pura ou diluída em agua fervida ou morna com um pouco de mel de abelhas ou agua de rosas. Poder-se-há empregar duas colheres das de sopa de Agua Rabello e 4 colheres d’agua fervida, ou 2 colheres de Agua Rabello e duas de agua fervida e uma de mel

³⁶⁸ *Ibidem.*

³⁶⁹ *Ibidem*, p.4.

³⁷⁰ Jornal A Provincia (PE), 03 de agosto de 1926, p.6.

³⁷¹ Jornal Diário de Pernambuco (PE), 13 de janeiro de 1937, p.10.

³⁷² Panfleto de divulgação: *A Água Rabello*, p.5, sem datação - Fonte: Acervo Privado Laboratório Rabelo

³⁷³ *Ibidem.*

de abelhas, para gargarejar 2 a 4 vezes por dia. É conveniente não beber qualquer liquido após o gargarejo e suspender o uso do fumo ou tabaco.³⁷⁴

Além dos benefícios do remédio em si, a Água Rabello assumiu, com os anos, uma identidade visual mais bem definida. A linguagem visual de uma marca, de um produto, apresenta geralmente signos de uma época e características dos interesses que o produtor quer transmitir para os seus consumidores. Seguem duas imagens de embalagens da Água Rabello:

³⁷⁴ *Ibidem*, p.5-6.



Figura 13: Embalagem Água Rabello. Na esquerda rótulo pré 1930 (Acervo Digital Biblioteca Nacional), da direita rótulo pós 1930 (Acervo Privado Laboratório Rabelo).

As duas embalagens da Água Rabello apresentam poucas mudanças de acordo com o tempo. O rótulo da esquerda mostra um Rabello Junior jovem. A grafia Rabello com dois L garante ser uma embalagem anterior aos anos 50, e por conter a cidade Parahyba do Norte, antes, inclusive, de 1930. Ainda existe a referência à rua Maciel Pinheiro, nº 44, forte indício de que essa embalagem pertence a uma produção da década de 1920. Já na embalagem da direita, temos um Rabello Junior de mais idade, e pela grafia do Rabelo com um L, consideramos que se trata de uma produção da década de 1950 em diante.

Além da aproximação das datas sobre a produção destes dois rótulos, cumpre observar as representações utilizadas no produto. Em ambas as embalagens podemos

encontrar a imagem de uma enfermeira fazendo um curativo em um homem. De acordo com o tempo os trajes mudam, porém, a representação presente na figura da enfermeira nos revela um símbolo de ciência, além da representação da figura feminina marcada pelo imaginário da mulher que cuida, que ampara na enfermidade.

Outro fato presente na linguagem com o público do Laboratório Rabello é a informação de que a Água Rabello tem a aprovação dos órgãos de higiene da época, o que pode passar ao consumidor a segurança de que aquele remédio foi fiscalizado e aprovado. Desta maneira, a identidade visual e as informações dos rótulos da Água Rabello garantem uma fórmula original, livre de cópias ou “charlatanices”.

Por fim temos a fotografia de Antonio Jose Rabello Junior nas duas embalagens, apresentando ao público a figura de quem criou o medicamento. Uma forma de demarcação da propriedade, inclusive intelectual, possivelmente para afastar imitações.

Outras estratégias de publicidade do Laboratório Rabello foram os recursos muito conhecidos e utilizados pelos remédios da época, e que já comentamos em itens anteriores: os conhecidos atestados de uso. Médicos e usuários contavam suas experiências, como os medicamentos operavam em suas funcionalidades, e, como em casos específicos, o usuário obteve a cura. Esses relatos influenciavam o uso de outros consumidores através do reconhecimento da legitimidade de quem escrevia, ou pela semelhança do problema citado e pela experiência de uso do remédio.

Os relatos de médicos que utilizavam a Água Rabello eram uma outra forma de dar ainda mais legitimidade ao fármaco. A maioria dos atestados feitos por médicos são voltados ao uso em seus pacientes, assim: “*obtendo bons resultados*”. Como foi o caso do Dr. Castro Silva, que teve o seu atestado de uso publicado em um jornal pernambucano.

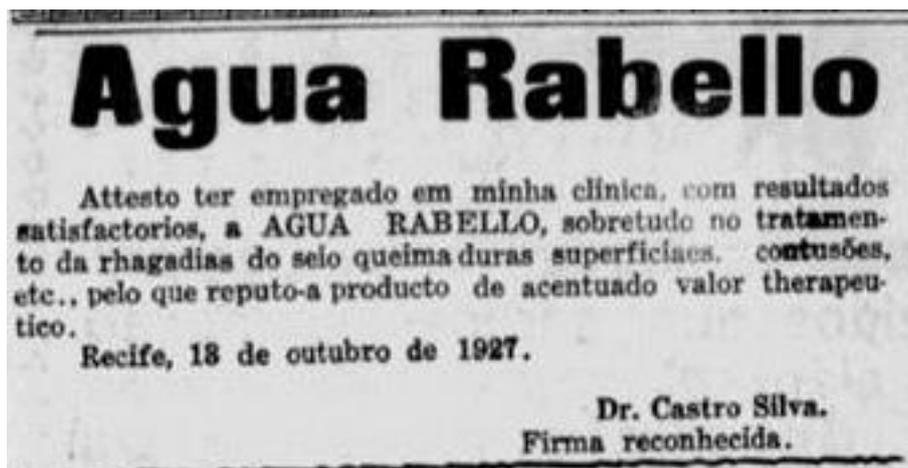


Figura 14: Atestado de uso da Água Rabello publicado em Jornal do Recife (PE), 10 de novembro de 1927, p3. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Um outro médico, próximo ao Laboratório Rabello, foi o Dr. José Maciel, que como citamos no capítulo anterior, fez atendimentos clínicos na Drogaria Rabello. Este atestou que fez o uso da Água Rabello em operações realizadas no Hospital Santa Isabel³⁷⁵, localizado na cidade da Parahyba do Norte:

Após operações sangrentas tenho empregado no **Hospital Santa Isabel** a **Água Curativo Rabello**, com resultados admiráveis, e ainda há poucos dias tive ocasião de ver a confirmação disso n'um caso de *Hernia estrangulada*. Feita a operação, o primeiro penso foi imbebido em **Água Curativa Rabello**, e assim com os subsequentes; pois bem, em alguns dias a cicatrização se fez por primeira intensão. No Hospital de Santa Izabel é o que se emprega para mitigar dores após as cauterizações de ulceras a Paquelin e nas simples curetagens. Não me canso de probalar, com certeza, absoluta do resultado, o valôr inconfundível desse excelente preparado resultante de criteriosa experiencia e alcançado com felicidade rara.³⁷⁶

O relato do Dr. José Maciel é um forte indicativo de que a Água Rabello foi um medicamento antisséptico, hemostático, e que era empregado em hospitais, ou seja, auxiliava em situações como: “*operações sangrentas*”. Situações consideradas mais graves do que os acidentes domésticos, nos quais o medicamento geralmente era indicado nos seus anúncios de jornais. O relato do Dr. Maciel nos mostra como o uso da Água Rabello estava para além de apenas um medicamento popular direcionado para automedicação; ela estava presente nos tratamentos hospitalares, o que agregava maior

³⁷⁵ O Hospital Santa Isabel foi um dos hospitais de caridade administrados pela Santa Casa na Parahyba do Norte. Além do Santa Isabel, tinham os hospitais: Sant'Anna e o Azilo Sant'Anna. - ARAÚJO, Silvera Vieira de. **Entre o poder e a ciência: História das instituições de saúde e de higiene da Paraíba na primeira república (1889-1930)**. Tese de Doutorado, PPGH-UFPE, 2016, p.83-84.

³⁷⁶ Panfleto de divulgação: *A Água Rabello*, p.3, sem datação - Fonte: Acervo Privado Laboratório Rabelo. (grifos da fonte)

valor à fórmula³⁷⁷. O atestado de uso do Dr. José Maciel foi publicado em uma espécie de panfleto de divulgação da Água Rabello. Também constavam publicações em jornais, como foi o caso do relato do Dr. Castro Silva, divulgado no *Jornal do Recife (PE)*, e que consta da Figura 14.

Além do Laboratório Rabello, grandes farmácias e laboratórios utilizavam este tipo de estratégia para alcançar novos públicos, como foi o caso do *Pharol da Medicina, Almanaque do Biotônico Fontoura, Saúde da Mulher e Bromil*³⁷⁸. Os almanaques traziam consigo, além da divulgação dos produtos produzidos pela marca, outros atrativos, caso do Biotônico Fontoura: “A LAVOURA DO MÊS, a outra, HORÓSCOPO DO MÊS, e há uma terceira coluna que traz AS FASES DA LUA, e logo em seguida uma lista dos santos padroeiros de cada um dos dias do mês”³⁷⁹.

O historiador Mário Luiz Gomes (2006) analisou algumas publicações de almanaques produzidos por laboratórios farmacêuticos, e também cita o método do uso de atestados de usos para uma maior difusão da experiência do produto. Segundo o autor:

A tradicional técnica dos testemunhos representou uma das formas promocionais mais utilizadas nos almanaques. Consistia na participação direta dos consumidores através de cartas enviadas aos laboratórios. Os depoimentos de cunho pessoal narravam geralmente em linguagem exageradamente dramática – os percalços em busca do remédio ideal, terminando por enaltecer os efeitos alcançados com o uso (enfim) daquele determinado produto. Repassando página a página, o forte conteúdo emocional dos discursos incentivava os leitores identificados com a situação a tentarem também a mesma experiência. O volume recebido (e sempre citado) desses atestados funcionava como mais um elemento de estímulo agregado à sua propaganda.³⁸⁰

Além dos testemunhos realizados por médicos que usavam a Água Rabello em seus pacientes, existiam os usuários comuns e os usuários “importantes”. Nos dois fragmentos apresentados, temos duas opiniões sobre o produto dos Rabello:

³⁷⁷ Como já citamos no capítulo anterior, a família Rabello tinha relações com a Santa Casa de Misericórdia, à qual fornecia medicamentos entre os anos de 1906 a 1911. Além disso, o que consta das fontes é que o Dr. Maciel também tinha relações comerciais e possivelmente pessoais com os Rabello.

³⁷⁸ CALDAS, Beatriz. BAALBAKI, Angela. Almanaque de farmácia no Brasil: discursos sobre corpo e saúde. *Revista Língua & Literatura*, v. 35, n. 20, jan./jun. 2018, p.134.

³⁷⁹ *Ibidem*, p.137. (letras garrafais das autoras)

³⁸⁰ GOMES, M. L. Vendendo saúde! Revisitando os antigos almanaques de farmácia. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, out.-dez. 2006, p.1011.



Figura 15 - Atestado de uso da Água Rabello, feito por João Felipe dos Santos, que considerava o medicamento "Um amigo da família. Jornal A Provincia (PE), 13 de maio de 1924, p.2. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Figura 16 - Atestado de uso da Água Rabello por Orestes Britto, que definiu seu relato como "Uma informação sem favor". Jornal A Provincia (PE), 26 de junho de 1924, p.2. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.



Os dois atestados foram de homens que explicavam os seus usos da Água Rabello e como obtiveram sucesso nos seus lares. O relato da Figura 15, feito por João Felipe dos Santos, refere-se à Água Rabello como “*Um amigo da família*”. Ele fala sobre a importância de ter o remédio em casos de pequenos incidentes como talhos e queimaduras, assim como em casos de acidentes domésticos, como o que ocorreu com o seu filho. João Felipe se referiu à importância do medicamento que auxiliava em ocasiões domésticas, por isso, a Água Rabello foi considerada “*Um amigo da família*”.

Já o anúncio da Figura 16 chama atenção pelo fato do relatante ter a sua posição social destacada como: “*do alto comercio da Parahyba do Norte*”. O atestado feito por Orestes Britto foi divulgado no estado vizinho, Pernambuco; por isso, há de se considerar o fato de destacar a sua posição social, por parte da publicidade, uma vez que os leitores do jornal pernambucano não saberiam de quem se tratava. Deste modo entendemos que, seu pertencimento à alta sociedade comercial da Parahyba, na visão dos que publicaram o anúncio, daria mais legitimidade ao seu testemunho, além de considerar o uso da Água Rabello por pessoas de posses³⁸¹.

Britto cita que o seu relato tratava de “*Uma informação sem favor*”, ou seja, possivelmente ele teria alguma relação pública de proximidade com a família Rabello, uma vez que eram do mesmo círculo de comerciantes do Estado. No entanto, ele procurava garantir ao leitor que seu relato seria legítimo, e, assim, afastar qualquer suspeita.

Assim consideramos a Água Rabello como um produto cultural híbrido, pois, ao mesmo tempo em que ela apresenta características das tradições das águas curativas, fruto das crenças populares terapêuticas dos séculos XVIII e XIX, como as que já citamos neste trabalho, ela adquire e apresenta, no seu tempo, a legitimação científica, através dos órgãos de fiscalização e dos médicos. Outra característica diferencial da Água Rabello está no remédio em si, que não é indicado para uma doença única. Sua indicação era ampla, podendo tanto ser utilizada como medicamento quanto como cosmético. De

³⁸¹ Quem podia consumir a Água Rabello? Nos anos 1920 um vidro de Água Rabello custava 4\$000 (quatro mil réis) (Diário Nacional [SP] 04/09/1928 p.10). Este valor era considerado um valor acessível. A partir de uma entrevista concedida por Liane Bertucci, ela citou os preços abusivos dos remédios durante a pandemia de gripe espanhola. Com isso, segundo a historiadora o governo interveio nos preços dos remédios, que durante a pandemia chegaram a custar 320\$000 (trinta e dois mil réis), e declarou que: “[deveriam] estar ao alcance das classes pobres” pelo preço de 3\$000 (três mil réis). A entrevista concedida por Bertucci em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-53576486> - Acesso em 08 de agosto de 2021.

acordo com o discurso implícito nas propagandas, tais características resultariam em um produto singular, ou seja, diferente das demais águas curativas até então produzidas.

3.4 A Água Rabello nos anúncios de jornais e revistas (1902-1940)

Os periódicos, principalmente a partir do século XIX, foram fontes de informação e divulgação, expressão política e científica na sociedade brasileira. Ao nos depararmos com essas publicações, geralmente, é possível encontrar propagandas publicitárias, afinal, ajudavam nos custos para as impressões dos jornais e revistas do período. Se fazia assim a troca de interesses entre comerciantes e jornalistas. Através dos periódicos, a Água Rabello também foi divulgada em alguns estados brasileiros, não limitando-se apenas ao Estado da Paraíba.

Neste tópico vamos analisar as primeiras 5 décadas do século XX nas quais os anúncios das Água Rabello foram veiculados nos periódicos brasileiros. O critério de análise por décadas se faz necessário para compreendermos os avanços gráficos das publicidades do produto, desde o primeiro ano de lançamento até os anúncios mais elaborados e com mais recursos. Deste modo compreenderemos também os avanços quantitativos das propagandas ao longo das décadas, tendo assim a noção do alcance destas propagandas pelo Brasil. Além disso analisaremos também as linguagens publicitárias utilizadas a cada decênio, para o alcance de um público mais diverso.

- 1900-1909

Nesses anos, os anúncios publicitários sobre a Água Rabello foram direcionados a um público amplo, devido também às diversas finalidades que o produto oferecia. As primeiras propagandas da Água Rabello, como já foi anteriormente citado, foram encontradas durante o ano de 1902, no *Jornal A União (PB)*; *O Commercio (PB)*; e *O Arauto (PB)*.

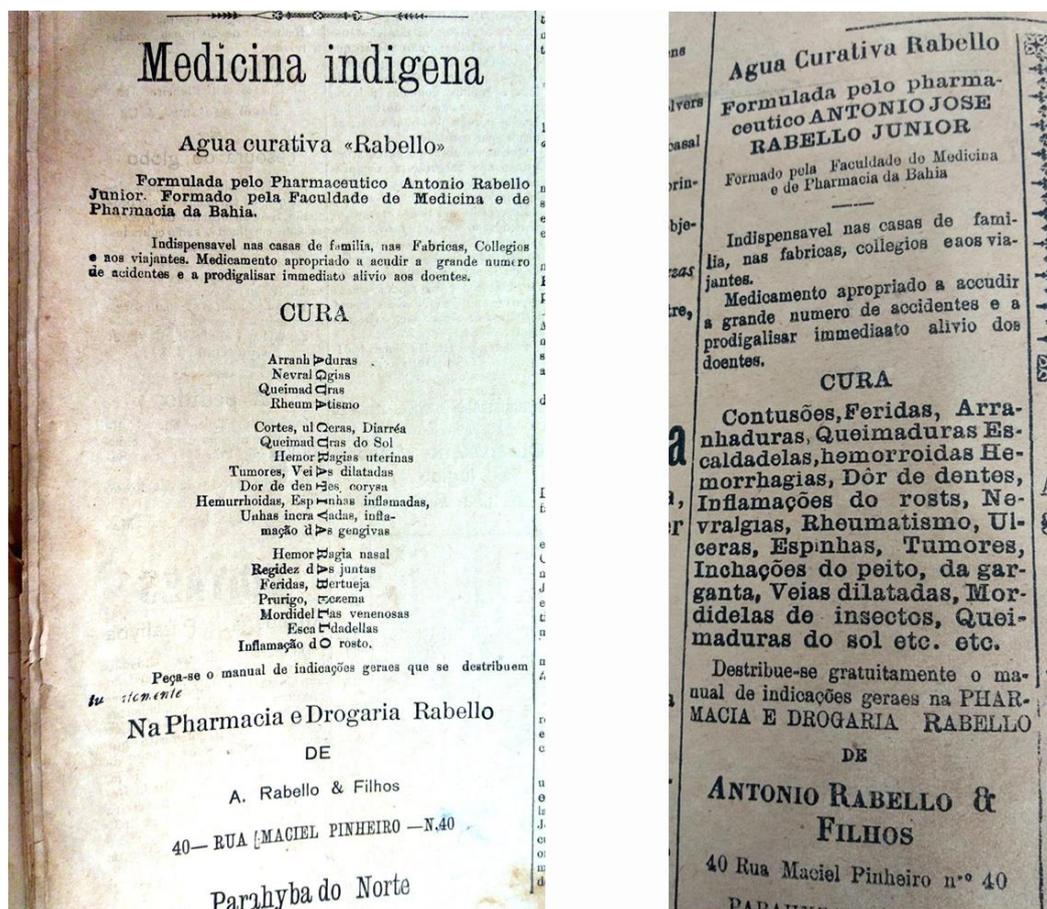


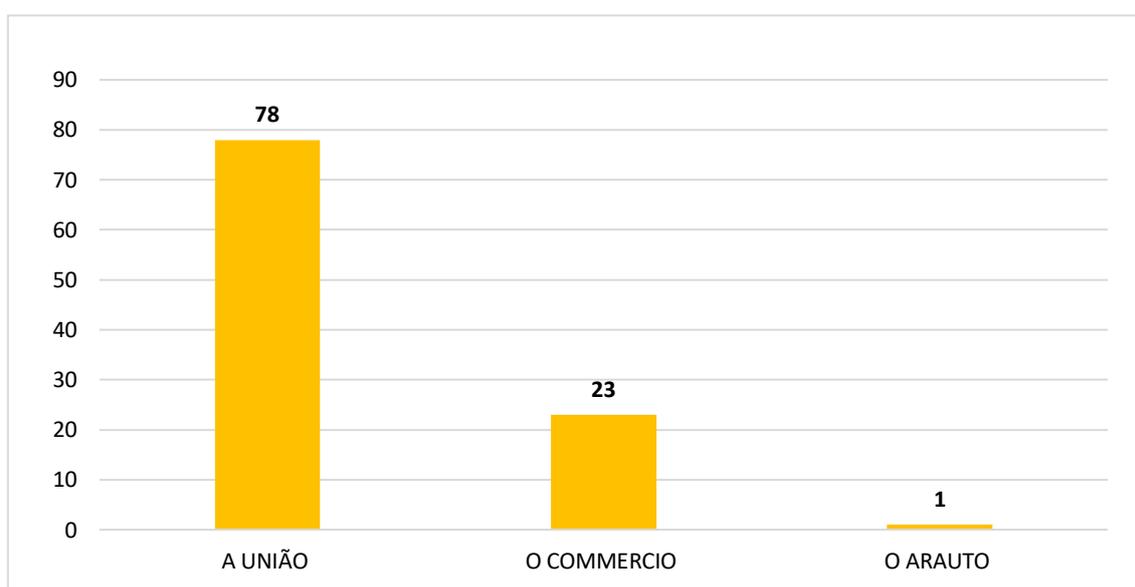
Figura 17: Anúncio da esquerda, Medicina Indigena, *Jornal A União (PB)*, 14 de janeiro de 1902, p.4. Anúncio da direita, A Água Curativa Rabello, *Jornal O Commercio (PB)*, 09 de janeiro de 1902, p.?. Fonte: Acervo Particular Maurílio de Almeida.

O anúncio da direita se repete tanto no *Jornal O Arauto (PB)*, como no *Jornal O Commercio (PB)*. Já o anúncio da esquerda foi o primeiro e único anúncio encontrado sobre a Água Rabello no *Jornal A União (PB)*. Ambas as publicações foram voltadas para a apresentação do produto, as quais, além de citar o formulador, demonstram a sua capacidade terapêutica listando as enfermidades passíveis de cura através do uso do remédio.

Na propaganda apresentada na Figura 17 temos um dos reclames intitulado como: Medicina Indígena³⁸², que significava neste período algo relacionado ao que pertencia ao país, o que era nativo, neste caso o uso das plantas medicinais nativas para o preparado farmacêutico. Além disso temos o recurso do acróstico, no qual é utilizado o nome Água Rabello para, a partir das letras, inserirem, de forma visual, as doenças e os casos para os usos apresentados pelos fabricantes da fórmula.

No Gráfico 1, podemos compreender a quantidade de anúncios, por periódicos paraibanos, nos quais estes primeiros reclames foram publicados.

Gráfico 1: Anúncios da Água Rabello por periódico no ano de 1902



Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir da quantidade de propagandas encontradas nos jornais citados

Estes anúncios foram encontrados entre os meses de janeiro a agosto de 1902. Não utilizavam recursos gráficos como ilustrações; foram basicamente descritivos sobre o produto. Estas primeiras publicações são importantes para definirmos o período de criação e divulgação do medicamento, que, neste ano, como podemos observar, foram divulgações voltadas especificamente para o Estado da Paraíba.

³⁸² “Natural do paiz falando das pessoas, e também de animaes, e vegetaes.” – PINTO, Luiz Maria Silva. **Dicionário da Língua Portuguesa**, Typografia de Silva, Ouro Preto, 1832. Acesso 26 de julho de 2021 - <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000038026&bbm/5414#page/453/mode/1up>

- 1910 - 1919

As relações comerciais estabelecidas por Antonio José Rabello Junior certamente possibilitaram a expansão da Água Rabello para as demais localidades brasileiras. Durante o ano de 1913, encontramos os primeiros anúncios desta década, ainda na Paraíba, mas, a partir do ano de 1916, identificamos os primeiros anúncios da formulação de Rabello Junior em Pernambuco. Durante a segunda década do século XX, encontramos propagandas no: *Jornal O Norte (PB)*; *Pequeno Jornal (PE)*; e o *Diário de Pernambuco (PE)*.

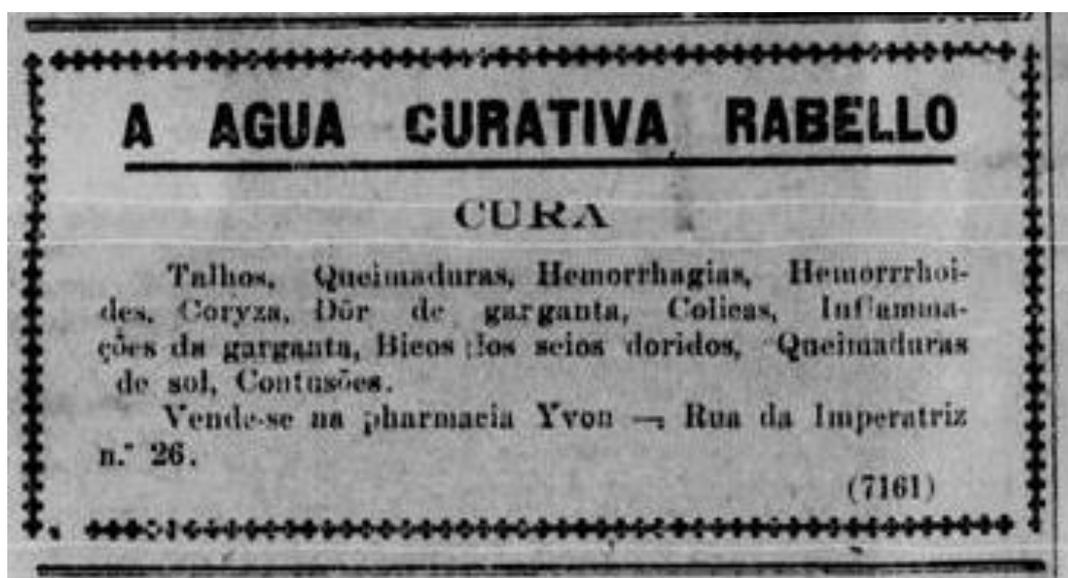


Figura 18: Anúncio da Água Rabello; Diário de Pernambuco (PE), 20 de maio de 1916, p.7. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Nos campos de *foot.ball* deve haver,
 como uma providencia,
 alguns vidros da
Agua Curativa Rabello
 Vende-se nas drogarias.

Couve-flor—Repclho
Espargos de Garanhuns
No Centro Agricola
Imperatriz 73

Vomitos de sangue, escarros sangui-
 neos — Usar a
Agua Curativa Rabello
 Vende-se nas pharmacias e drogarias.

co- nagens...
 de- reis o metro na CASA COSTA.
 o e
 s e
 ori-
 em-
 a. PARA a cura das feridas e sesões
 não ha melhor remedio do que
 a AGUA RABELLO, do pharmaceu-
 tico Antonio Rabello Junior.

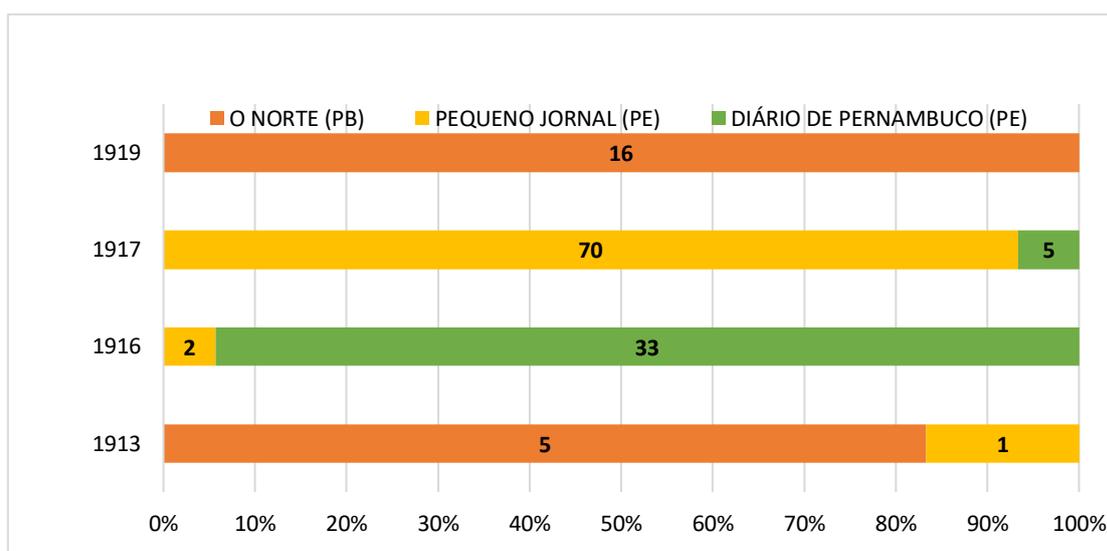
Figura 19: Anúncio da esquerda; *Pequeno Jornal (PE)*, 30 de junho de 1917, p.1. Anúncio da direita; *Jornal O Norte (PB)*, 30 de março de 1919, p.1. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Durante os primeiros anos da década de 1910 podemos identificar que os anúncios são modestos, pois, são apenas descritivos, e não ocupavam grandes espaços nos periódicos. Como podemos observar na Figura 19, o anúncio do *Pequeno Jornal (PE)* dividia espaço com outras chamadas, muito próximas uns dos outros, e que se repetiam no decorrer das páginas.

O anúncio de maior tamanho encontrado durante esta década foi o demonstrado na Figura 18 do *Jornal de Pernambuco (PE)*. Apresentava de forma sucinta as indicações do medicamento, e, além disso, este anúncio apresentava a Pharmacia Yvon, que, como vimos no capítulo anterior, se tratou de um empreendimento de Rabello Junior na capital pernambucana.

A partir do Gráfico 2 podemos identificar a quantidade de anúncios encontrados, por periódico e por ano.

Gráfico 2: Quantidade de anúncios por ano e periódico (1913-1919)



Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir da quantidade de propagandas encontradas nos jornais citados

Como já mencionamos, a partir do ano de 1913 surgem os primeiros anúncios da Água Rabello na Paraíba durante a década de 1910 do século XX. Como analisamos também no capítulo anterior, o ano de 1913 foi um ano em que Rabello Junior se mobilizou dentro da sociedade comercial paraibana, ocupando cargo na Associação Comercial da Paraíba, e concedeu entrevista ao jornal *O Norte (PB)*.

Os anos de 1916 e 1917 foram aqueles com maior número de propagandas da Água Rabello em terras pernambucanas. Neste período, Rabello Junior abriu uma farmácia em Recife, a chamada Pharmacia Yvon. Ao que tudo indica, esta nova farmácia não durou muito tempo, pois, logo em seguida, já no ano de 1919, os anúncios da Água Rabello passaram a estampar exclusivamente o jornal *O Norte (PB)*, como podemos identificar no Gráfico 2, e não sendo mais encontrada anúncios ou menções da Água Rabello e da Pharmacia Yvon nos periódicos.

Com isso, temos durante estes 10 anos de propagandas a primeira saída da Água Rabello do território paraibano, quando também começou a alcançar outros públicos. Desta forma, podemos identificar durante os anos 1920, a ampliação significativa de anúncios em periódicos de outros Estados.

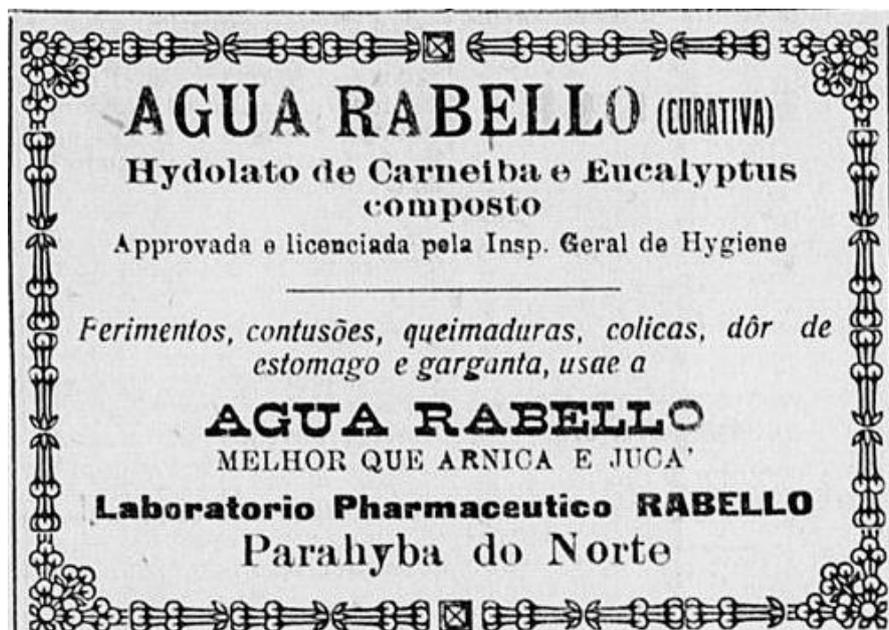
- 1920-1929

A década de 1920 foi marcada por uma forte divulgação do produto em alguns Estados do Brasil, como: Paraíba, Piauí, Pernambuco, Ceará, Maranhão, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Mato Grosso. Os periódicos foram: *Diário de S. Luiz (MA)*; *Jornal da Pacotilha (MA)*; *A União (RJ)*; *Jornal do Commercio (MT)*; *A Noite (RJ)*; *O Jornal (RJ)*; *Jornal do Recife (PE)*; *A Província (PE)*; *Vida Capichaba (ES)*; *Correio Paulistano (SP)*; *Diário Nacional (SP)*; *O Combate (SP)*; *Diário da Noite (SP)*; *O Imparcial (CE)*; *Diário da Manhã (ES)*; *A Imprensa (PI)*; *Gazeta de Notícias (RJ)*; *O Jornal (PB)*.



Figura 20: Anúncios da Água Rabello na década de 20. Acima: *Jornal A Pacotilha (MA)*, 03 de setembro de 1923, p. 1. Abaixo: *Jornal Diário de S. Luiz (MA)*, 12 de setembro de 1923, p.1. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

As primeiras propagandas foram datadas nesta década a partir do ano de 1923 no *Diário de São Luiz (MA)* e o *Jornal Pacotilha (MA)*. Depois passou a preencher os demais jornais nos anos consecutivos: 1924, 1925, 1926, 1927, 1928 e 1929. A partir da nossa pesquisa estes dez anos foram anos de constância de propagandas da Água Rabello no maior número de Estados do Brasil.



AGUA RABELLO (CURATIVA)
Hydolato de Carneiba e Eucalyptus
composto
Aprovada e licenciada pela Insp. Geral de Hygiene

*Ferimentos, contusões, queimaduras, colicas, dôr de
estomago e garganta, usae a*

AGUA RABELLO
MELHOR QUE ARNICA E JUCA'

Laboratorio Pharmaceutico RABELLO
Parahyba do Norte

Figura 21: Água Rabello Curativa – Jornal A União (RJ), 12 de outubro de 1924, p.7 – Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional



Uma preciosidade

PARA

FERIMENTOS. CONTUSÕES, QUEIMADURAS,
COLICAS, DORES DE ESTOMAGO
E GARGANTA
INDISPENSÁVEL APÓS A BARBA

AGUA RABELLO
É O REMEDIO DAS FAMILIAS.

Figura 22: Anúncio Uma Preciosidade – Revista Vida Capichaba (ES), 23 de maio de 1927, p.158. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Si vossa pelle se irrita, ao vos barbeardes, é natural que o vosso sangue fique contaminado pelos microbios que enchem o ambiente e mesmo pela propria navalha.

AGUA RABELLO

CURATIVA

INDISPENSÁVEL APOS A BARBA

AO PASSO DO BARBEADOR E DO BARBEADO



Defendei-vos desse perigo, fazendo uma loção com **Água Rabello (curativa)**. Só assim conseguireis conservar a pelle sempre limpa e sadia.

Agentes depositarios: Cia. MELHORAMENTOS e BALNEARIO DE CAMBORY S. A.
 Secção de representações: Rua Jeronymo Monteiro, 26 - Phone, 384
 Caixa postal, 3757 - VICTORIA - E. E. Santo

O RADIO FALA AO MUNDO

UMA PRECIOSIDADE!
POR 4 \$ 000



SARFOS
 FEBRILIDADES
 DIARRHEIA
 GOLDES
 QUEIMADURAS
 CONTUSÕES
 IRRITAÇÃO DA PELLE
 COLICAS INTESTINAES
 DORES DE ESTOMAGO
 QUALQUER FERIMENTO
 MURCIBRIDES
 MURCIBRIDES

RECORREI A
AGUA RABELLO

(CURATIVA)
 O BALSAMO DA VIDA.
 O REMEDIO DA FAMILIA.
 A MAIS PROMPTA MEDICACAO DE URGENCIA
 NAS PHARMACIAS E DROGARIAS.
 AGENTES IRMAOS CASTRO LTD.
 R. SEBASTIAO FERREIRA, 66 - S. PAULO.
 "A NORDESTINA" TEL. 00.7091

Figura 23: Anúncios da Água Rabello na década de 20. Acima: Vida Capichaba (ES), 03 de outubro de 1929, p. 9. Abaixo: Jornal Diário Nacional (SP), 04 de setembro de 1929, p.10. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

CONSERVE este ALPHABETO

B

Banho das Creanças
Deitae na agua em que tiverdes de banhar vossos filhinhos, um pouco de **AGUA RABELLO** (Curativa)
Ella evita as irritações nas regiões axillares, acalma o prurido e torna a elle fresca e sadia.
Pharmacias e Drogarias
Deposito: Phone Norte 2720



CONSERVE este ALPHABETO

C

CAINDO NA RUA!
e em toda a parte onde fór possível um Acidente de que resultem talhos, pancadas ou contusões, deve existir um frasco da **AGUA RABELLO** (curativa)
Pharmacias e Drogarias
Deposito: Phone Norte 2720



CONSERVE ESTE ALPHABETO

D

Dór! Oh! Que Sofrimento!
As queimaduras, as cauterisações, a Thermo-cauterio, o Nitrato de prata, produzem dór aguda. Embebei um chumaço de algodão hydrophilo em **AGUA RABELLO** (curativa) e applicae á região dolorosa. A dór passa immediatamente e a cicatrização se faz em pouco tempo.
Pharmacias e Drogarias. — Deposito: Phone Norte 2720



CONSERVE ESTE ALPHABETO

E

Escoriações - Espinhas
Nos climas quentes o suor irrita as regiões axillares, produzindo cocelras que degeneram em escoriações mais ou menos dolorosas. Espinhas inflamadas ou irritadas
Use a **AGUA RABELLO** (Curativa)
Pharmacias e Drogarias
Deposito: Phone Norte 2720



CONSERVE ESTE ALPHABETO

F

FOOT-BALL
Exigi de vosso Club a inclusão na ambulancia respectiva, de uma provisao de **AGUA RABELLO** (curativa). Lembrae-vos dos accidentes tão communs nas luctas e que a **AGUA RABELLO** (curativa) é o unico medicamento de resultados assombrosos.
Pharmacias e Drogarias
Deposito Phone Norte 2720



CONSERVE ESTE ALPHABETO

G

GRIPPE
Evitar o seu contagio, como? Lavando a bocca, nariz e garganta, diariamente, mais de uma vez, com a **AGUA RABELLO** (Curativa)
Pharmacias e Drogarias
Deposito Phone Norte 2720



Figura 24: Anúncios da Água Rabello na década de 20; Jornal A Noite (RJ), nos meses de 18 de abril, p. 7; 09 de maio, p.7; 13 de junho, p.7; 14 de julho, p.7; e 01 de setembro de 1929. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Observamos que o maior número de anúncios durante a década de 1920 ainda são descritivos, ocupando poucos espaços nas páginas de jornais e revistas. Nas Figuras 21 e 22, temos exemplos de anúncios descritivos maiores, que assumem uma linguagem direta e exploram o estilo da tipografia e os tamanhos das letras para chamar atenção dos consumidores. Já a partir da década de 1920 podemos identificar alguns elementos ilustrativos nas primeiras propagandas.

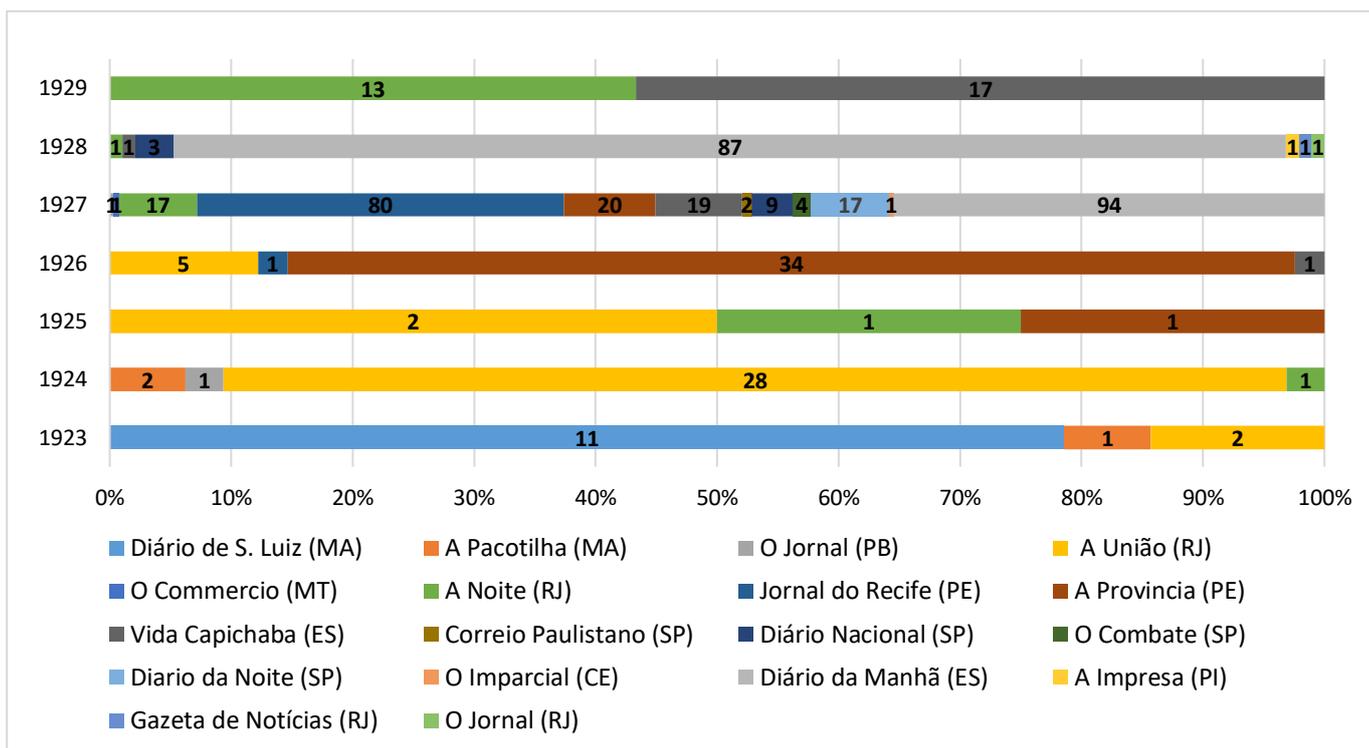
Nas Figuras 23 e 24 podemos observar exemplos de algumas mudanças nos reclames, principalmente no ano de 1929. Nestes dois exemplos temos a inclusão de alguns elementos figurativos nos reclames. Na Figura 23 temos dois anúncios, o de cima da revista *Vida Capichaba (ES)*, apresentava a necessidade do uso da Água Rabello em casos de irritação de pele no pós barba. Na imagem é possível identificar um garoto e um adulto. A figura não apresenta muita nitidez, mas, podemos compreender a partir da temática do anúncio que se trata de um menino que presta serviço de barbeiro para o homem.

O segundo anúncio demonstrado na Figura 23, temos a propaganda: “*O Rádio Fala ao Mundo*”, o símbolo de um alto falante que divulga as doenças curáveis pela Água Rabello, e em cada seta havia uma funcionalidade do medicamento. Além disso, este anúncio divulga o valor de 4\$000 (quatro mil réis) por um vidro do remédio.

Já na Figura 24, anúncios publicados no *Jornal A Noite (RJ)*, são propagandas específicas e não encontradas, nos mesmos moldes, em outros periódicos. Nestes reclames foi utilizado um abecedário em uma tentativa de demonstrar ao público que as funcionalidades da Água Rabello seriam tão variadas ao ponto de atender casos e usos a partir de cada letra do alfabeto.

A partir do Gráfico 3 acompanhamos, de forma quantitativa, o número de anúncios da Água Rabello por periódicos e por ano.

Gráfico 3 - Quantidade de anúncios por ano e por periódico durante a década de 1920



Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir da quantidade de propagandas encontradas nos jornais citados.

De acordo com o gráfico acima percebemos uma diversificação dos locais de veiculação das propagandas neste período, a começar por São Luiz do Maranhão, com o *Diário de S. Luís (MA)* e *A Pacotilha (MA)*. Acreditamos que essa ampliação da publicidade tenha sido resultado das campanhas comerciais que Rabello Junior se propôs a fazer naqueles anos, tal como anunciou na entrevista já citada de 1913 ao jornal *O Norte (PB)*.

Logo em seguida, a partir do ano de 1924, podemos identificar avanços para a então capital do país, o Rio de Janeiro. Estes primeiros anúncios da Água Rabello na capital fluminense eram modestos, e geralmente apresentavam relatos de como o jornal recebeu o fármaco, tal como apareceu na propaganda do *Jornal A Noite (RJ)* de 1924, a seguir:

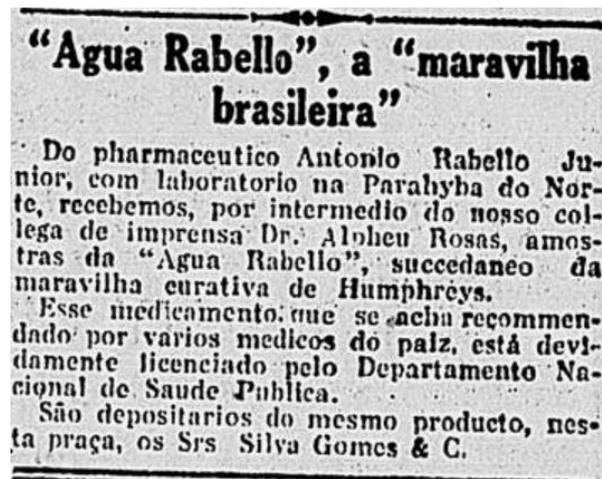


Figura 25: Água Rabello, a maravilha brasileira; Jornal A Noite (RJ), 14 de agosto de 1924, p.7. – Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Digital.

Este anúncio nos traz informações importantes: intitula a Água Rabello como “*a maravilha brasileira*”, como um produto médico genuinamente nacional. Refere-se ao medicamento informando que era “*recomendado por vários médicos*”, e, além disso, “*licenciado pelo Departamento Nacional de Saúde Pública*”, que era o órgão federal que centralizava as políticas de saúde pública no período. Por fim, a propaganda fala sobre o depositário da Água Rabello no Rio de Janeiro, o senhor Silva Gomes & C.

Muitos anúncios a partir da década de 1920 apresentavam um depositário, ou seja, uma firma que redistribuía, ou era responsável diretamente pela venda da Água Rabello em cada Estado. A presença da informação dos depositários se intensificou no decorrer dos anos. O anúncio sobre o uso da Água Rabello para o pós barba, contido na Figura 23, também apresenta a informação de um depositário no Espírito Santo.

Estas informações são relevantes para compreendermos melhor o que se tornou neste período o Laboratório Rabello, que passou a produzir em grandes quantidades, e com isso começou a distribuir para os demais Estados, onde representantes ficavam encarregados de venderem e/ ou distribuírem os medicamentos para as farmácias das cidades.

Este movimento de logística foi possível, conforme já citamos no capítulo anterior, quando, durante a década de 1920, a Drogaria Rabello fez sociedade com firma Guerra & Vasconcelos, uma parceria que durou de 1922 até 1924. Nesta época abriu uma sede na Fazenda Olho d’Água, localizada na cidade de Mamanguape (PB), onde pôde se expandir estruturalmente realizando assim uma maior produção. Segundo Edler (2006),

“[...] Algumas farmácias brasileiras conseguiriam ampliar sua capacidade de produção, transformando-se em laboratórios farmacêuticos, produtores em maior escala das primeiras especialidades farmacêuticas que começavam a surgir”³⁸³. Desta maneira podemos considerar que a Drogaria Rabello, nesta época, se tornou um laboratório que também expandiu suas estratégias comerciais.

Há de se considerar, a respeito da grande divulgação da Água Rabello durante a década de 1920, o advento da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Este foi um período que resultou em um grande desenvolvimento para o mercado de produção farmacêutica nacional devido à escassez de remédios importados³⁸⁴, o que contribuiu positivamente para a produção nacional nos anos seguintes ao período da guerra.

Não podemos afirmar que este fator contribuiu diretamente na expansão de anúncios da Água Rabello nos Estados, mas é certo que o aquecimento do mercado nacional impactou o mercado farmacêutico brasileiro. Cytrynowicz e Stücker (2007) citam que: “De acordo com o censo, a indústria química farmacêutica era, em 1920, o quarto grupo industrial mais importante do País, com 8% da produção total, estando apenas atrás apenas da indústria de alimentos (40%), têxtil (28%) e vestuário (8,2%)”³⁸⁵.

Deste modo podemos concluir que a Água Rabello, durante a década de 1920, alcançou um maior número de Estados brasileiros através de uma quantidade expressiva de anúncios, com reclames diversificados em seus tamanhos, estilos, e a partir desta década, propagandas mais ilustrativas surgiram timidamente. No decorrer das demais décadas as propagandas ganharam novos formatos e propostas de usos do medicamento.

³⁸³ EDLER, Flavio Coelho. **Boticas e Pharmacias: Uma História Ilustrada da Farmácia no Brasil**. Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2006, p.96.

³⁸⁴ CYTRYNOWICZ, Monica. STÜCKER. Ananda. **Origens e trajetória da indústria farmacêutica no Brasil**. Narrativa Um, São Paulo, 2007, p.55.

³⁸⁵ *Ibidem*, p.33.

- 1930 -1939

A década de 1930 aumentou quantitativamente a divulgação da Água Rabello pelo Brasil. Os jornais em que foram encontrados anúncios da Água Rabello, foram: *A Revista A Menina (PB)*; *A União (PB)*; *Mundial Clube (PB)*; *Diário de Pernambuco (PE)*; *A Batalha (RJ)*; *Diário de Notícias (RJ)*; *O Jornal (RJ)*; *Diário Carioca (RJ)*; *Beira Mar (RJ)*; *O Jornal (CE)*; *A Ilustração (PB)* *A Gazeta da Pharmacia (RJ)*; *A Noite Ilustrada (RJ)*.



Figura 26: Anúncio da Não esqueça que... Água Rabello; Revista A Ilustração (PB), 20 de junho de 1930, p.31. Fonte: Arquivo Particular Maurílio de Almeida

GRIPPE Previna-se contra a invasão da GRIPPE usando internamente e fazendo a lavagem da booca, nariz e gárganta com ::

AGUA RABELLO

AGUA RABELLO! Maravilha das maravilhas. Em casa, nas pias, nos campos, nos toucadores, no sports, em viagens, etc. a AGUA RABELLO é o medicamento de emergência. A' venda nas pharmacies

Srs. Viajantes! Si tiverdes na vossa "valise" um vidro de AGUA RABELLO, tereis ao vosso alcance em qualquer parte onde vos encontrardes, um medico sob a forma de um medicamento de urgencia. Picadas de insectos, queimaduras, talhos, hemorragias etc. curam-se com a AGUA RABELLO. A' venda nas pharmacies

Si praticardes um esporte qualquer, e fôrdes vitima de um accidente, recorrei á AGUA RABELLO como medicamento de urgencia de effeito seguro e evitaredes uma infeção. A' venda nas pharmacies.

Figura 27: Anúncios da Água Rabello em jornais pernambucanos; Esquerda, de cima para baixo: Diário de Pernambuco (PE), 31 de julho de 1932, p.1; 12 de setembro de 1933, p.1; Direita, de cima para baixo: Diário de Pernambuco (PE), 31 de agosto de 1933, p.1; 07 de setembro de 1933, p.1. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

SIN^{ds} BANHISTAS
USAE AGUA RABELLO
Contra queimaduras do Sol.
REFRESCA E AMACIA A PELLE

Rumo às Praias

Fuja do ambiente viciado das cidades para respirar o ar tonificante do mar. Seja, porém, precavido: LEVE UM VIDRO DA INIMITAVEL

AGUA RABELLO



Figura 28: Anúncio da Água Rabello sobre o uso do produto para queimaduras do sol; Revista A Menina (PB), 15 de outubro de 1935, (sem página). Fonte: Arquivo Particular Maurílio de Almeida.

Uma forma especial de aplicação de "Óleo Essencial de EUCALIPTO, isenta de "Hydrocarburetos" :

"ÁGUA RABELO (CURATIVA)"

Obtida por destilação (Hydro-alcoolate) da planta, associada a outras plantas medicinaes aromaticas da FLORA NORDESTINA. Actua energicamente como antiflogistico, cicatrizante e anti-septico, impedindo a formação de pus, reconstituindo os tecidos, beneficiando-os na formação de novas células, reduzindo as cicatrizes, cicatrizando os ferimentos por PRIMEIRA INTENÇÃO.

UTILÍSSIMO no "TOUCADOR", nos cuidados da "CUTIS", nas queimaduras pelo SOL, na irritação após a BARBA, NAS QUEIMADURAS EM GERAL.

Uso interno e externo

Póde ser usado como CARMINATIVO. Energico no TRATAMENTO DAS MOLESTIAS DA BOCCA E DA GARGANTA.

Ler os prospectos

Encontra-se em todas as Pharmacias e nas Drogarias SILVA GOMES & Cia., Largo São Francisco; Araujo Freitas & Cia., Rua dos Ourives; G. Filippone & Cia., Rua Senador Dantas, 75.

Vidro original de 100 cc, 3\$500. ¼ litro, 6\$000.

Figura 29: Anúncio da Água Rabello em revista especializada; Gazeta da Pharmacia (RJ), janeiro de 1939, p. 14. – Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Os anúncios da década de 1930 se apresentam, de certa forma, como uma continuação do que foram nos anos 1920. Não há grandes mudanças na forma de se comunicar com os consumidores; ambas as décadas apresentam propagandas em estilos semelhantes, tanto exclusivamente descritivos, como também no uso de ilustrações.

A Figura 26, publicação da revista *A Ilustração* (PB), apresenta a embalagem da Água Rabello e uma breve mensagem como alerta: "PREVINA-SE". A imagem além de não se estender em longos textos, utiliza uma linguagem rápida e simples, sugerindo ao cliente a necessidade do consumo do produto.

Já na Figura 27 temos alguns pequenos anúncios exclusivamente descritivos. Estas foram as propagandas que mais ocuparam o jornal *Diário de Pernambuco* (PE), em que são encontradas ao lado de pequenas propagandas de outros produtos no decorrer das páginas. Na publicidade de 12 de setembro de 1933, a Água Rabello é tratada como um verdadeiro médico de urgência, ou seja, como um produto incontornável no cotidiano doméstico, nos imprevistos diários mais diversos.

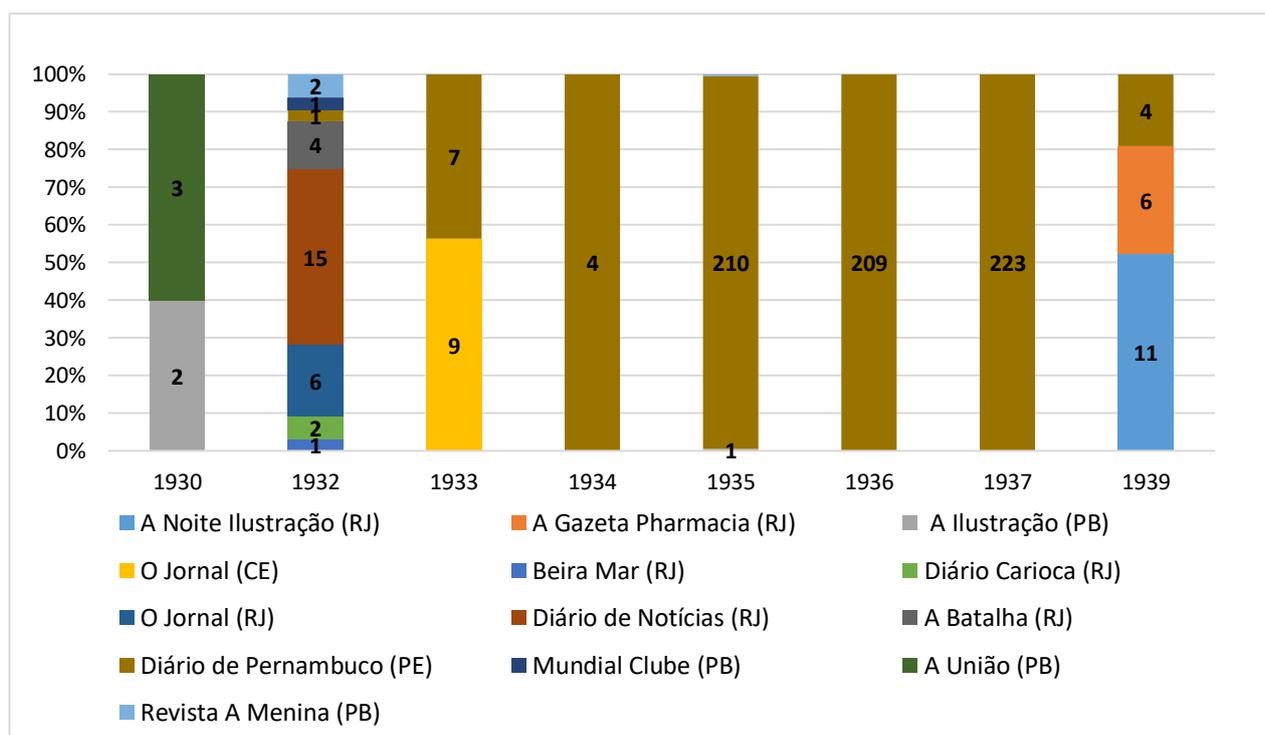
Um outro anúncio representado na Figura 28 foi publicado na revista *A Menina* (PB), durante o ano de 1935. Nesta propaganda é possível identificar uma linguagem

voltada mais diretamente para o público feminino, e mais especificamente para as mulheres que tinham o hábito dos banhos de sol, e que, em decorrência das eventuais queimaduras ocasionadas pela exposição, poderiam utilizar a Água Rabello como forma de amenizar o incômodo na pele.

A última propaganda então aqui representada na Figura 29 consta de um reclame publicado na revista especializada a *Gazeta da Pharmacia (RJ)*. Nesta revista algumas publicações da Água Rabello no ano de 1939 foram encontradas. Este anúncio apresenta uma linguagem diferente das demais propagandas; nele observamos um discurso mais voltado para um público que, supostamente, conhecia a arte de formular. Exemplo que consta do anúncio: “Uma forma especial de aplicação do ‘óleo essencial’ de eucalipto [...]” ou “Obtida por destilação (Hydro-Alcoolato) da planta associada a outras plantas medicinais aromáticas da FLORA NORDESTINA”. Esta propaganda também demarca o que já discutimos neste capítulo sobre a relação da Água Rabello como um produto híbrido. Ao mesmo tempo em que carrega características de um remédio popular, estabelece a relação de legitimidade científica na composição.

No gráfico abaixo podemos compreender melhor como se deu a distribuição dos anúncios por anos e periódicos e Estados.

Gráfico 4- Quantidade de anúncios por ano e periódico durante os anos 1930



Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir da quantidade de propagandas encontradas nos jornais citados.

De acordo com a demonstração quantitativa citada acima, foi prevalente o número de anúncios da Água Rabello no jornal *Diário de Pernambuco (PE)* especialmente nos anos de 1934, 1935, 1936 e 1937. Os tipos de anúncios neste jornal podem ser observados na Figura 27.

Percebemos aqui também a concentração de propagandas nos Estados do Rio de Janeiro, Pernambuco, Ceará e Paraíba. Uma diminuição considerável no número de Estados se comparados ao Gráfico 3. De 9 estados na década de 1920, caíram para 4 Estados na década de 1930. Todavia, globalmente, os anos 1930 superam o número total total de anúncios da década de 1920.

Também durante a década de 1930, mais precisamente no ano de 1931, foi lançado o primeiro decreto para regulamentação da profissão farmacêutica no Brasil e da regularização legal das propagandas de remédios³⁸⁶. O Decreto nº20.377³⁸⁷, implementado durante o governo de Getúlio Vargas determinava:

Art. 33. O nome do farmacêutico responsável deverá sempre figurar nas contas, faturas e anúncios do estabelecimento que dirigir. [...]

Art. 121. O responsável e o proprietário de especialidades farmacêuticas que consignar nos rótulos, anúncios, bulas ou prospectos, propriedades ou efeitos não aceitos ou não admitidos pelo Departamento Nacional de Saúde Pública, por ocasião do licenciamento, ou não satisfizerem as exigências da licença, pagarão a multa de 200\$0 a 500\$0, dobrando nas reincidências, podendo ser cassada a licença

Art. 122. Os anúncios das especialidades farmacêuticas, fora dos jornais científicos e das publicações técnicas, limitar-se-ão exclusivamente aos termos da licença concedida pelo Departamento Nacional de Saúde Pública.³⁸⁸

Segundo os autores Araújo, Bochner e Nascimento (2012), anterior a 1931 houve o Decreto nº 16.300, o chamado Regulamento Sanitário Federal do ano de 1923, conhecido também como “Reforma Chagas”, que apontava para um novo panorama da regulação sanitária³⁸⁹. Neste regulamento de 1923, não havia especificações e/ou um direcionamento para a produção e publicação de propagandas de remédios. Com isso:

³⁸⁶ ARAÚJO, C. BOCHNER. R. NASCIMENTO. A. Marcos legais da propaganda de medicamentos: avanços e retrocessos. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 22 [1], 2012. p.334.

³⁸⁷ DECRETO 20.377 DE 08 DE SETEMBRO DE 1931. Acesso 01 de julho de 2021. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-20377-8-setembro-1931-498354-publicacaooriginal-1-pe.html>

³⁸⁸ *Ibidem*.

³⁸⁹ ARAÚJO, C. BOCHNER. R. NASCIMENTO. A. Marcos legais da propaganda de medicamentos: avanços e retrocessos. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 22 [1], 2012. p.333.

Foi apenas o início, e um tanto tímido, do controle sobre as propagandas de medicamentos, porque, no alvorecer da década de 30, começou a ficar claro que se tornara inadiável a tarefa de fiscalizar e regulamentar o mercado no qual para ficar apenas em um exemplo, uma substância como a cocaína era anunciada como se fosse um composto banal e prescrita inclusive para crianças.³⁹⁰

Durante o Governo Vargas houve uma política de controle de drogas no País³⁹¹. Desta maneira, leis regulamentadoras foram elaboradas para uma maior fiscalização de forma geral a todos os comércios farmacêuticos, incluindo a publicação das propagandas. Neste cenário, as propagandas da Água Rabello se mantiveram presentes nos periódicos brasileiros.

- 1940 - 1949

Os anos 1940 foram marcados por anúncios ilustrados, com fotografias, e principalmente a presença mais marcante de propagandas em revistas cariocas. Alguns dos periódicos em que encontramos alguns anúncios da Água Rabello foram: *A Scena Muda (RJ)*; *Sport Ilustrativo (RJ)*; *A Semana (RJ)*; *Diário de Notícias (RJ)*.

³⁹⁰ BRASIL. **Vendendo Saúde: A história da propaganda de medicamentos no Brasil.**- Eduardo Bueno. Brasília, Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2008, p.72-73.

³⁹¹ Ver mais em: SILVA, Maria de Lourdes. **Drogas da Medicina à repressão policial: A cidade do Rio de Janeiro entre 1921 e 1945** – Rio de Janeiro, Outras Letras, 2015.



Figura 30: Anúncios ilustrados da Água Rabello. Esquerda :Revista A Cena Muda (RJ), 30 de janeiro de 1940, p.30. Direita: A Cena Muda (RJ), 5 de março de 1940, p.31. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

<p>Conselho e caldo de galinha, não fazem mal a ninguém!... Procure conhecer e fazer uso da "AGUA RABELLO", medicamento de urgencia indispensavel em toda parte.</p> <p>Distribuidores: España Paramés & Irmãos — R. da Alfandega, 181 Tel. 43-2417.</p>	<p>O MELHOR DENTIFRÍCIO é aquelle que desinfecta a bocca. Use a "AGUA RABELLO" (Curativa)</p> <p>Distribuidores: ESPAÑA PARAMÉS & IRMÃOS R. da Alfandega 181 — Telephone: 43-2417</p>
<p>NÃO ADEANTA CHORAR! Trate o seu ferimento com "AGUA RABELLO". E' um producto genuinamente brasileiro e puramente vegetal.</p> <p>Distribuidores: ESPAÑA PARAMÉS & IRMÃOS R. da Alfandega 181 — Telephone: 43-2417</p>	<p>AS CRIANÇAS gostam da "AGUA RABELLO" porque é o meio seguro e pratico de curar pequenos ferimentos produzidos por suas travessuras quotidianas.</p> <p>DISTRIBUIDORES: ESPAÑA PARAMÉS & IRMÃOS RUA DA ALFANDEGA, 181 — TEL.: 43-2417</p>

Figura 31: Anúncios da Água Rabello Esquerda: Revista Sport Ilustrativo (RJ), 4 de abril de 1940, p. 25; 11 de abril de 1940, p.20; Direita Revista Sport Ilustrativo (RJ), 11 de abril de 1940, p.15; 28 de março de 1944, p.15. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional



Figura 32: Anúncios da Água Rabello no mesmo modelo com pequenas diferenças. Propaganda da Esquerda: Revista da Semana (RJ), 4 de maio de 1940, p.2; Propaganda da Direita Revista da Semana (RJ), 9 de março de 1940, p. 7. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

O Carnaval "desconcertou" vosso estomago e intestinos? Tomae uma colherada de AGUA RABELLO adicionada de igual quantidade dagua potavel

QUER EVITAR A GRIPPE? — Faça, diariamente, o asseio da bocca, nariz e garganta com "AGUA RABELLO"

VAE VIAJAR ? SEJA PREVIDENTE ! PONHA EM SUA VALISE UM FRASCO DE « AGUA RABELLO »

SENHORA ! Complete a educação de seus filhos ensinando-lhes fazer uso da "AGUA RABELLO" nos casos de pequenos accidentes

Figura 33: Anúncios da Água Rabello publicados no Diário de Notícias (RJ), 08 de fevereiro, p.9 e 05 de março p.2; Direita: Diário de Notícias (RJ), 6 de março de 1940, p.9, 5 de março de 1940, p.16. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Durante a década de 1940 encontramos propagandas da Água Rabello apenas no ano de 1940, e especificamente em periódicos do Rio de Janeiro. Os anúncios em sua grande maioria são ilustrados e ocupam grandes espaços, principalmente nas revistas. A propaganda “*Não Ligue ao Sol*”, na revista *Sport Ilustrado (RJ)*³⁹², ocupava o espaço de uma página inteira.

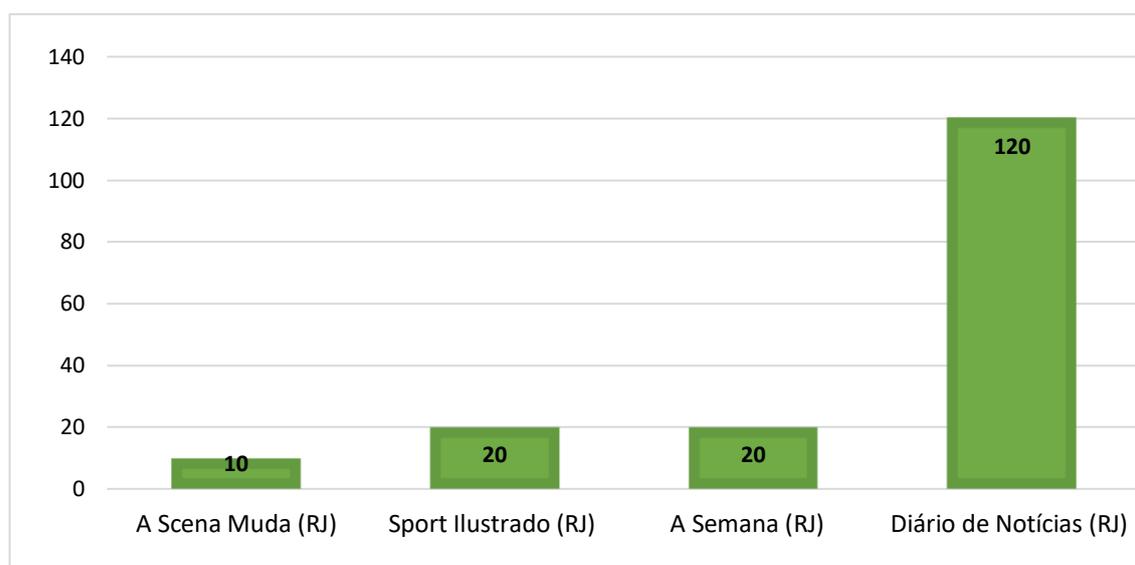
Os reclames deste ano são diversos, e apresentam características gráficas que até então não foram observadas nas propagandas das décadas anteriores. Na Figuras 31 e 33, identificamos pequenos anúncios que não especificam as propriedades da Água Rabello, porém, estas publicações são destinadas a um público amplo, com uma linguagem curta e direta: “*Quer evitar a gripe? Faça, diariamente, asseio de boca, nariz e garganta com a Água Rabello*”. Estratégia introduzida para atrair a atenção dos leitores dos periódicos.

Analisando os anúncios da Água Rabello durante essa primeira metade do XX, e pela diversidade dos formatos, das estruturas, dos tamanhos, mesmo tendo uma linguagem uniforme, a exemplo dos mesmos adjetivos utilizados como: “*maravilha das maravilhas*”, entendemos que estas propagandas foram criadas e publicadas sob responsabilidade de cada distribuidor local, pois, não existe exatamente um padrão; elas se modificam de acordo com o Estado e o período. Identificamos a informação sobre os distribuidores da Água Rabello no Rio de Janeiro durante o ano de 1940, sob a responsabilidade de España Paramés & Irmãos, localizado na Rua da Alfandega, nº 181, como consta das propagandas apresentadas nas Figuras 30 e 32.

A partir do Gráfico 5, assim podemos observar como se distribuíram os anúncios encontrados durante 1940.

³⁹² Sport Ilustrado (RJ), 22 de fevereiro de 1940, p.34.

Gráfico 5 - Quantidade de anúncios em periódicos em 1940



Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir da quantidade de propagandas encontradas nos jornais citados.

Os maiores números de reclames foram os publicados no jornal *Diário de Notícias (RJ)*, entretanto, estes anúncios possuem um tamanho menor se comparados aos publicados nas revistas, como expusemos na Figura 33. Já nas revistas *Sport Ilustrado (RJ)* e *A Semana (RJ)* temos o mesmo número de propagandas. Na revista *A Scena Muda (RJ)* encontramos a metade dos anúncios então publicados nas duas outras revistas citadas. Não encontramos informações na pesquisa que nos permitam afirmar que esta variação no número de anúncios tenha relação com o preço cobrado nos diferentes periódicos para a venda de espaço de publicidade. Esta é, no entanto, ao nosso ver, uma possibilidade.

A década de 1940 apresenta uma mudança considerável de forma quantitativa em referências principalmente em comparação com as décadas de 20 e 30. Nos anos de 1900 até 1909 foram poucos os primeiros anúncios localizados. A partir de 1910-1919 foi perceptível um aumento, principalmente com as publicações no Estado de Pernambuco. E, então, nas décadas de 1920-1929 e 1930-1939 vemos que a Água Rabello alcançou os maiores números de anúncios e de circulação em diferentes nos Estados. A partir dos anos 1940 há uma grande redução no número de reclames e diversidade de Estados, contudo, são anúncios mais elaborados do ponto de vista publicitário; passam a ganhar visualmente maior destaque e mais recursos gráficos, principalmente com apelos ilustrativos utilizados pelo mercado editorial e tipográfico. “Um dos primeiros sinais de que o Brasil esforçava-se para entrar no século XX foi o advento de novas técnicas de propaganda,

nas quais não apenas o texto tornou-se mais dinâmico e moderno como a ilustração passou a desempenhar papel importante”³⁹³.

A partir da pesquisa realizada até a conclusão deste trabalho não foi possível localizar anúncios da Água Rabello durante a década de 40 em outros periódicos e/ou em outros Estados. Nos anos 1950 e 1960 ainda encontramos algumas propagandas, todavia, elas fogem dos pontos de análises para este trabalho, pois, nos anos 1950 os anúncios da Água Rabello foram encontrados nas propagandas das rádios pernambucanas em periódicos. Exemplificando: as rádios publicavam seus anúncios nos quais promoviam seus programas e concursos, então, neste mesmo espaço, constava: “Hoje, às 21:05 horas, na Rádio Tamandaré, Nova Audição do Alô Telegrafo! Patrocínio da Água Rabello”³⁹⁴.

Já nos anos 1960 foram encontrados anúncios da Água Rabello voltados exclusivamente para a revista *Gazeta da Pharmacia (RJ)*; revista especializada para farmacêuticos. A Água Rabello já havia publicado anúncios nesta mesma revista nos anos 30, como podemos ver na Figura 29, entretanto, os anúncios da década de 60 continham menos informações, ao contrário das publicações dos anos 30.

As propagandas dos anos 60 possivelmente eram de responsabilidade do próprio Laboratório Rabello, porque não há mais referências sobre a localização para compra do produto nas respectivas cidades que sediavam os periódicos que veiculavam os anúncios; constava apenas o endereço do próprio laboratório na Paraíba.

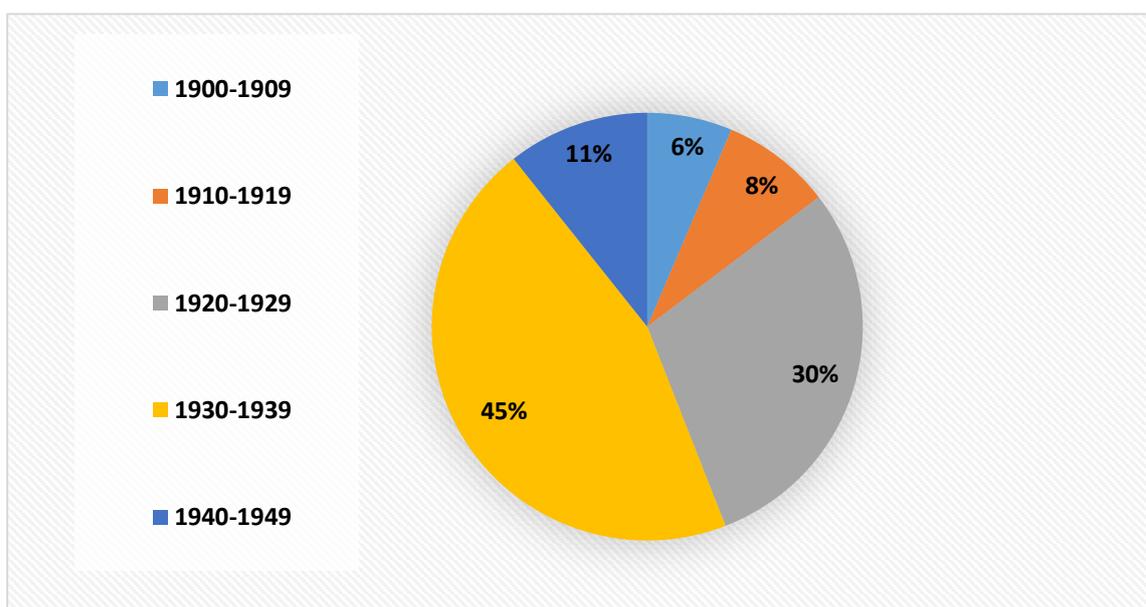
Por uma questão de continuidade na linguagem das propagandas da Água Rabello, optamos por fazer o recorte deste estudo nos anos 1940, período em que o produto foi associado aos hábitos de assepsia, comportamento e estética. Após 1940 há outros fatores a serem analisados, outras realidades históricas, como, por exemplo, propagandas veiculadas nas rádios nos anos 50, e nos anos 60 a exclusividade de anúncios em revistas especializadas, como na *Gazeta da Pharmacia (RJ)*. Assim identificamos um tipo de discurso contínuo sobre a Água Rabello, e que esteve presente na maioria dos anúncios de 1902 até 1940: como já ressaltamos, a ideia de que se tratava de um medicamento “sem igual”.

Com isso, vamos à conclusão quantitativa de anúncios por Estados:

³⁹³ BRASIL. **Vendendo Saúde: A história da propaganda de medicamentos no Brasil.** - Eduardo Bueno. Brasília, Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2008, p.35.

³⁹⁴ Jornal Diário de Pernambuco (PE), 12 de abril de 1953, p.21.

Gráfico 6 – Porcentagem dos anúncios por décadas de 1900 a 1949



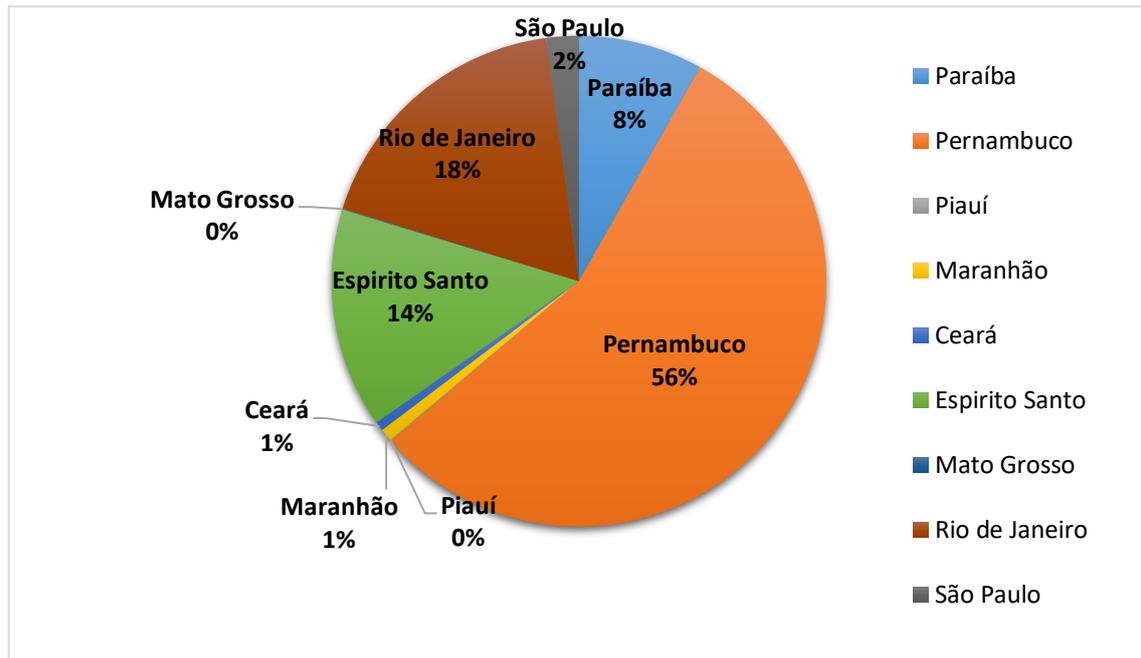
Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir da quantidade de propagandas por décadas a partir dos jornais citados.

De acordo com o Gráfico 6 podemos compreender, em uma comparação entre os anos 1920 com os anos 1930, um aumento no número de propagandas. Ainda no Gráfico 6 apresentamos a porcentagem de propagandas em cada década na qual encontramos a Água Rabello. São 470 anúncios entre 1920-1929 para 723 anúncios entre 1930-1939. A década de 20 representou o momento de expansão a partir da divulgação, e os anos 1930 nos sugerem um mercado consolidado, fruto da expansão da década anterior.

Como já mencionamos, na década de 1920 a Drogaria Rabello se tornou um Laboratório Farmacêutico, com isso, houve uma ampliação da produção e consequentemente da distribuição do medicamento pelo Brasil. O processo de crescimento dos anúncios de 1910 até 1930 foi resultado tanto da articulação comercial de Rabello Junior desde 1913, quanto também pelas sociedades comerciais estabelecidas.

As relações comerciais refletiram nos alcances que as propagandas tiveram nos Estados, e onde possivelmente comerciantes locais, os chamados distribuidores das regiões, como já citamos neste tópico, realizaram o patrocínio e produção das propagandas da Água Rabello nos periódicos locais, para promover as vendas após o recebimento do produto vindo da Parahyba do Norte, do Laboratório Rabello.

Gráfico 7 – Porcentagem de anúncios por Estado (1902-1940)³⁹⁵



Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir da quantidade de propagandas encontradas por Estados.

No Gráfico 7 podemos perceber o número expressivo de anúncios da Água Rabello nos jornais de Pernambuco, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Paraíba, como os principais Estados que publicavam propagandas do remédio dos Rabello. Consideramos que o investimento em publicidade deve ter sido proporcional ao retorno financeiro que os comerciantes locais dos Estados tiveram nas vendas dos produtos, todavia, também devemos ponderar que o investimento em propagandas são formas de acessar novos públicos, novos mercados. Presumimos que ambos os movimentos devem ter se combinado na expansão verificada na publicidade nas décadas de 1920 e 1930.

3.5 Tipos e públicos das propagandas da Água Rabello

Como vimos no item anterior, muitos anúncios da Água Rabello foram difundidos pelos periódicos brasileiros durante as primeiras décadas do século XX, pois tratava-se de um produto com boa aceitação no mercado. Vamos discutir agora quais eram os públicos-alvo destas propagandas.

³⁹⁵ Os Estados do Piauí e Matogrosso estão neste gráfico com 0%, pois, ambos apresentaram em seus periódicos apenas 1 anúncio encontrado sobre a Água Rabello. O que para a porcentagem em relação aos demais representou o número de 0%, que significa não chegar a 1% no número de anúncios.

A Água Rabello exibiu uma ampla forma de comunicação com o seu público através dos anúncios. Percebemos, em algumas publicações sobre a Água Rabello, padrões que se repetem ao longo das décadas, como reclames informativos sobre o produto, de modo a esclarecer as diversas funcionalidades do remédio. Foram muitos também os anúncios voltados ao público feminino, principalmente entre as décadas de 1920 até a década de 1940. Eram direcionados às mães e esposas, mas continham, especialmente, uma leitura sobre a mulher moderna ideal neste período. Por fim, os anúncios voltados ao público esportista, um novo padrão de comportamento assimilado à sociedade desde os primeiros anos do século XX.



Figura 34: Propaganda Água Rabello (anos 20-30) Fragmento de uma propaganda da Água Rabello
Fonte: Acervo Privado do Laboratório Rabelo.

Em todas estas propagandas, podemos perceber a busca de uma identidade visual para a Água Rabello, com algumas frases de efeito para impressionar possíveis consumidores.

Este anúncio acima da Água Rabello apresenta signos de modernidade como o navio, o trem, e o dirigível (avião). “A publicidade e a propaganda conectam os

consumidores com os objetos e conceitos cuja aquisição remete ao envolvimento como os sonhos e desejos típicos da modernidade”³⁹⁶. As propagandas, em geral, são datadas pelos modos de vida de uma determinada época, além de apresentarem uma determinada tendência social de ideias, de consumo e de práticas.

Outro ponto em relação à identidade do medicamento é a frase: “*Um vidro de Água Rabello representa uma farmácia completa*”, ou seja, indica a ideia de um remédio plurivalente, que serve para muitas enfermidades e ocasiões, capaz de substituir o médico e outros preparados medicamentosos a um só tempo.

Segundo Roger Chartier (1988): “As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam”³⁹⁷. A representação está estabelecida no campo das ideias, é uma construção utilizada para obter reconhecimento. No caso desta propaganda, em que a Água Rabello representaria uma “*farmácia completa*”, identificamos uma ideia associada à categoria abstrata de cura, além da noção relacionada à economia de recursos financeiros e praticidade de emprego e uso, já que o remédio seria indicado para todos “os entes humanos” em inúmeras finalidades terapêuticas.

Por suas qualidades curativas e sem apresentar contraindicações, as propagandas da Água Rabello geralmente eram voltadas para todos os públicos. Devido à sua ampla funcionalidade, o remédio Rabello era sempre apresentado com adjetivos positivos, como: “*uma preciosidade*”³⁹⁸, ou “*verdadeira maravilha*”³⁹⁹. No momento em que os anúncios publicitários utilizam estes adjetivos para o produto, eles induzem o consumidor a adquiri-lo, com isso podemos entender que:

A comunicação publicitária desperta nas pessoas os mecanismos que conduzem a um determinado comportamento. A comunicação publicitária é constituída por duas componentes fundamentais: por um lado, está a componente de carácter informativo, que trata de informar, de dar a conhecer algo sobre o objecto do anúncio; por outro lado, está a componente persuasiva, que, de uma forma mais clara, trata deliberadamente de exercer

³⁹⁶ SANTOS, Moacir. J. CARNIELLO, Monica F. História da Publicidade e da Propaganda: Campo Historiográfico da Comunicação e da História do Brasil. In **10º Encontro Nacional de História da Mídia**. ALCAR, 2015, UFRGS, p.6.

³⁹⁷ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas representações**. 2 ed. Diefel, 1988, p.17.

³⁹⁸ Vida Capichaba (ES), 23 de maio de 1927, p.158

³⁹⁹ Jornal da Manhã (ES), 15 de novembro de 1927, p.3.

influência nas pessoas. Ambos os aspectos, o informativo e o persuasivo, estão estreitamente unidos na intencionalidade da própria publicidade.⁴⁰⁰

Em outros anúncios a Água Rabello se apresentava como: o “*remédio doméstico*”, “*remédio da família*”⁴⁰¹ ou “*remédio de urgência*”. Estas determinações sobre o medicamento, remetem à própria necessidade imediata da aquisição.



Figura 35: O remédio Doméstico em Diário Nacional (SP), 11 de setembro de 1927, p.7. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A ideia de “remédio doméstico” também pode remeter aos cuidados íntimos e cuidados individuais com o corpo. Com essa ideia encorajava a compra através da automedicação, uma vez que não havia restrições para casos médicos ou diferenças locais, de idade, gênero, corte socioeconômico ou situações. Além disso, seria facilmente encontrável, como se depreende da propaganda abaixo:

⁴⁰⁰ MARTINHO, RUI M. G. **A Imprensa e a Farmácia: Publicidade e Medicamentos no Século XIX.** Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas, Lisboa, 2012, p. 28.

⁴⁰¹ Vida Capichaba (ES), 23 de maio de 1927, p.158

Água Rabello

Medicação de urgência

<p>Este maravilhoso preparado deve existir em todos os lares, nas Fabricas, Casas comerciais, escritorios Bancos, Barbearias, estâbulos Oficinas Enfermarias, Colegios, HOTÉIS Pensões, BARS CAFÉS, GABINETES MÉDICOS e DENTÁRIO</p>	<p>É o remédio de urgência para curar:</p> <p>Golpes, Heridas, Contusões, Ferimentos Arranhaduras, Queimaduras, em geral, Inflamações, Picadas de insetos, Hemorragias, Dores do estomago e garganta Coliccas etc. etc.</p>
--	---

Remédio de ação certa e que deve existir onde for possível um acidente

Não mancha a roupa! Não é irritante! Não é caustico! Não é veneno!

Vende-se em toda parte

Figura 36: Água Rabello Medicação de urgência, em periódico O Jornal (CE), 28 de maio de 1933, p.1. – Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A Água Rabello não se resumiu ao seu consumo apenas nos lares das famílias. Em alguns reclames identificamos indicações do remédio também para estabelecimentos, inclusive consultórios médicos.

Os reclames da Água Rabello eram diversos, todavia, podemos perceber nas análises dos periódicos que as mulheres se tornaram um alvo a partir de meados da década de 1920. Outros bens de consumo da época também adotaram uma perspectiva feminina para vender. A proposta publicitária se relacionava principalmente à ideia de que a mulher era “responsável pelo bem estar da família”, mas não só isso, havia o interesse em enfatizar, através de imagens, a performance feminina e as tendências de corpo e beleza. Embora acreditemos que uma análise mais profunda sobre gênero ultrapassaria os limites deste trabalho, encontramos um material robusto sobre as propagandas da Água Rabello voltadas ao público feminino.

Durante o século XX a mulher passou a assimilar “responsabilidades desejáveis” para a sociedade. Cuidar do lar e dos filhos se resumia, de certa maneira, ao papel da mulher. Entretanto, o que nos aparece também muito presente nos anúncios e almanaques farmacêuticos, são as variedades de propagandas voltados ao “controle da mulher”. Uma

infinidade de medicamentos foi destinada a este público como forma higienização e regulação.

No discurso dos almanaques, são focalizadas as “fragilidades” naturais do corpo feminino, associando-se diretamente o estado uterino à saúde mental das mulheres. Na modernidade, o útero, como nos diz Mary Del Priore (1999), passa a centralizar as preocupações no campo da saúde feminina, não somente em termos de bem-estar físico, mas também como critério regulador da saúde mental da mulher. A então limitada compreensão sobre o corpo feminino, sujeito às oscilações menstruais, levava à difusão da mulher como física e mentalmente inferior ao homem e submissa à sua fisiologia, portanto, alvo por excelência de intervenção médica. Também levava à crença de que males uterinos reverberavam em atribulações da alma feminina, vítimas da melancolia e outros transtornos do espírito como a histeria e a ninfomania.⁴⁰²

As autoras Beatriz Santos e Idilva Germano (2020) levam-nos a pensar que o tipo de discurso apresentado pelos almanaques e propagandas demonstravam que, a partir da fisiologia feminina, as mulheres precisariam de determinados remédios ou produtos para controlar suas “fragilidades naturais”, físicas e mentais.

Dos anúncios da Água Rabello voltados para o público feminino, o único encontrado, e o mais explicativo, e que se dirige diretamente à saúde íntima da mulher, foi localizado em um panfleto informativo produzido pelo próprio laboratório Rabello:

Nas *Escoriações* e irritações dos grandes lábios e vagina, é de muita eficácia a aplicação da **Água Rabello**, em locções e irrigações, pura ou adicionada d'água conforme a extensão do mal e grão de sensibilidade da doente.

Água Rabello deverá ser preferida para asseio, a hygiene íntima das senhoras, por possuir em alto grão propriedades antisepticas e bactericidas. Evita as fermentações e infecções e é um optima desodorante nos casos de Flores brancas, onde age com enorme poder para combater os germes que pullam nas secreções tão abundantes.

Cuidados do Parto

Água Rabello é preferível ao acido phenico, LISOL SUBLIMADO CORROSIVO e outros tóxicos conhecidos nas lavagens indispensáveis pós o parto porque apresenta as seguintes vantagens: 1° não é um veneno; 2° em doses elevadas não causa irritação; 3° não coagula os lochios; 4° seu odor é agradável; 5° age como estimulante uterino, provocando e mantendo a secreção uterina. Além disto a Água Rabello é um anti-putrido e um anti fermenticivel poderoso que evita o perigo do puerperismo.⁴⁰³

A Água Rabello neste anúncio demonstra sua amplitude terapêutica nos casos de escoriações íntimas, nos casos de infecções ocasionando mal odor, além dos cuidados pós

⁴⁰² SANTOS, Beatriz. GERMANO, Idilva. Regulação do corpo feminino no almanaque de farmácia d'A Saude da Mulher. **Revista Estudos Feministas**, 28(1), Florianópolis, 2020, p.8.

⁴⁰³ Panfleto de divulgação: *A Água Rabello*, p.7, sem datação - Fonte: Acervo Privado Laboratório Rabelo. (grifos da fonte).

parto. Compreendemos assim a necessidade de estabelecer remédios, ou antissépticos para a higienização íntima da mulher, como forma de mantê-la sempre asseada, livre de odores e corrimentos. Alguns medicamentos que circularam desde meados da década de 20⁴⁰⁴, com nome de “reguladores” foram indicados às mulheres, como, por exemplo, o Regulador Fontoura, destinado a “corrigir as perturbações do organismo feminino”⁴⁰⁵. Outro regulador com as mesmas funções foi o Regulador Maciel, sendo este comercializado pelo Laboratório Rabello⁴⁰⁶. Através destas análises percebemos que:

[...] a lista de afecções femininas abrange, num mesmo rol, as “flores brancas” e os corrimentos, as cólicas uterinas, as hemorragias, as suspensões, a escassez das regras, enfim, todas as doenças derivadas do funcionamento irregular do útero e dos ovários, inclusive os “sintomas histéricos” considerados oriundos de doenças que acometem o útero.⁴⁰⁷

Deste modo podemos pensar que a saúde da mulher estava além da ideia da prevenção e tratamento de doenças no trato uterino, mas era também relacionada ao controle das emoções através da concepção de que o útero estava diretamente ligado a sintomas nervosos, como a histeria.

A mulher, a partir das primeiras décadas do século XX, passou a ter sua imagem associada ao “sexo frágil”, mas também adquiriu “deveres” idealizados a partir da maternidade como uma função nacional e atrelada a uma suposta condição biológica do gênero. O que:

Ainda que intrinsecamente vinculado à natureza feminina, ao associar-se ao projeto modernizador nacionalista o exercício da maternidade ultrapassava os limites da esfera doméstica e adquiria um novo caráter, de missão patriótica e função pública. Tratava-se não mais de garantir filhos ao marido, mas sim cidadãos à Pátria.⁴⁰⁸

Em propagandas da Água Rabello observamos parte deste discurso direcionado à figura da mãe carinhosa, cuidadora, dona de casa. Sobretudo durante o século XX foi

⁴⁰⁴ Anúncios do Regulador Fontoura, por exemplo, foram encontrados em propagandas durante a década de 20 [A Cigarra (SP), 15 de janeiro de 1925, p. 28] até meados de 1941, onde constam nas publicações dos Almanques Fontoura.

⁴⁰⁵ CALDAS, Beatriz. BAALBAKI, Angela. Almanques de farmácia no Brasil: discursos sobre corpo e saúde. **Revista Língua & Literatura**, v. 35, n. 20, jan./jun. 2018, p.144.

⁴⁰⁶ Conferir Tabela 3 desta dissertação.

⁴⁰⁷ SANTOS, Beatriz. GERMANO, Idilva. Regulação do corpo feminino no almanaque de farmácia d’A Saúde da Mulher. **Revista Estudos Feministas**, 28(1), Florianópolis, 2020, p.9.

⁴⁰⁸ FREIRE, Maria Martha de Luna. ‘Ser mãe é uma ciência’: mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.15, supl., jun. 2008. p.154.

possível perceber um movimento de tornar os cuidados com os filhos mais ligados ao conhecimento científico e não apenas como uma ação natural, “intuitiva”⁴⁰⁹. Quando a criação das crianças passou a ser uma espécie de projeto de Estado, dicas em almanaques e revistas direcionadas ao saber cuidar e saber educar, começaram a estampar estes folhetins.



Figura 37: Anúncio Oh! mães carinhosas – Diário Nacional (SP), 16 de setembro de 1927, p.7 – Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.



Figura 38: Anúncio uma boa "dona de casa" – Revista A Noite (RJ)– 08 de agosto de 1939, p.16 – Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

O anúncio chama atenção com o destaque: “*Oh! Mães carinhosas*” ou “*uma boa dona de casa*”. Estes reclames apresentam, de certa maneira, uma forma de chamar atenção das mulheres reiterando o seu papel social na família de cuidar dos filhos, mantendo-os saudáveis e limpos; “os ensinamentos da higiene poderiam ser utilizados pelas mulheres no amplo universo da vida infantil”⁴¹⁰. A partir deste contexto, as

⁴⁰⁹ *Ibidem*, p.161.

⁴¹⁰ *Ibidem*, p.163.

propagandas voltadas para produtos alimentares, cuidados com o corpo, entre outros, começaram a utilizar recursos de linguagem para chamar a atenção das mães, apelando para o pressuposto de que toda mãe busca invariavelmente o melhor para os seus filhos:

Às mulheres desse período seria oferecido um leque de produtos, fruto do processo do estabelecimento de um mercado consumidor que vinha se constituindo desde o final do século XIX. Em seus múltiplos, porém muito bem demarcados papéis, como os de dona de casa, mãe e esposa, foi atribuída à mulher a responsabilidade pelo cuidado com a higiene da família. As novas “maravilhas” do lar seriam oferecidas a esse público específico por uma imprensa modernizada, com o aumento da tiragem de jornais e revistas e a melhoria na qualidade da impressão.⁴¹¹

Uma outra estratégia das propagandas foram as voltadas para a mulher como alvo dos cuidados com a pele usando Água Rabello. “Nesse sentido, o corpo limpo passou a ter um novo cheiro através da ‘arte da toaleta’, em que a limpeza parcial proporcionava ‘frescor’ e ‘pureza’, resultando em ‘consequências sanitárias e estéticas, até encarnar a ‘alma da beleza’”⁴¹².

Uma preciosidade!
água Rabello

Exma.:

Temos a honra de chamar a atenção de V. Exa. para o preparado AGUA RABELLO, cuja acção anti-séptica e emoliente, balsâmica e anestésica, o colloca entre os artigos de primeira ordem para o -tocado- mais elegante e caprichoso. Em loções sobre a nuca, após o corte do cabelo, para o rosto, regiões axilares e cuidados íntimos, a Agua Rabello é verdadeiramente uma preciosidade.

O seu cheiro é agradável. Não mancha os tecidos nem a pelle. Este artigo pode ser usado puro, ou com agua fervida, quente ou fria.

AGENTES DEPOSITARIOS:

Cia. Melhoramentos e Balnearia de Cambury S. A.
Secção de Representações: Rua J. Monteiro, 26 — Phone, 384
Caixa postal, 3757—VICTORIA—E. E. Santo

Figura 39: Anúncio Água Rabello uma preciosidade. - Revista Vida Capichaba (ES) 12 de maio de 1929, p.12. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

No anúncio publicado na *Revista Vida Capichaba (ES)*, temos a representação de uma mulher sentada em sua penteadeira, com um corte de cabelo típico da moda *la*

⁴¹¹ KOBAYASHI, Elizabete Mayumy. A saúde via consumo: a representação idealizada das donas de casa, mães e esposas nos manuais de economia doméstica e nos anúncios das revistas O Cruzeiro e Manchete, 1940-1960. *História, Ciências, Saúde* – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.25, n.3, jul.-set. 2018, p.744.

⁴¹² SCHOSSLER, Joana. CORREA, Silvio. Dos cuidados com o corpo feminino em reclames na Revista do Globo da década de 1930. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 19(1): janeiro-abril/2011. p.66.

garçonne, o que nos permite interpretar que se tratava de uma mulher moderna, que era mãe, que não assumia ainda expressivos espaços no mercado de trabalho, mas que já circulava na vida pública.

No próprio reclame são citadas as diversas funcionalidades da Água Rabello, para usar na nuca, após o corte de cabelo, no rosto, nas axilas e nos cuidados íntimos. Com esta propaganda compreendemos a Água Rabello como um produto a ser adicionado à toalete da mulher moderna. Não se resumia mais apenas a um medicamento para emergências e acidentes.



Figura 40: O segredo da beleza de minha cútis. A Semana (RJ), 06 de abril de 1940, p. 2. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Durante o século XX, percebemos, a partir da historiografia, uma tendência da época voltada a cuidados com o corpo a partir da saúde preventiva, e com ênfase nos resultados estéticos destes novos costumes. “A saúde passou a ser verdade e também

utopia do corpo, aposta da ordem social e de uma ordem internacional [...]”⁴¹³. Exercícios físicos e exposição ao sol passaram a se tornar hábitos de saúde, bem estar e beleza; costumes, aliás, que também contariam com a companhia da Água Rabello.



Figura 41:- Anúncio da Água Rabello destinado a exposição ao sol. Revista A Ilustração (PB) – 20 de junho de 1930 – Fonte: Acervo Particular Maurílio de Almeida.

O uso da pele mais bronzeada passou a ser uma tendência *chique*. Durante a década de 1920, por exemplo, “a estilista Coco Chanel, que teria sido uma das primeiras mulheres a exibir um ‘bronzado chique’”⁴¹⁴. A exposição ao sol e os banhos de mar passaram a ser indicados por médicos para prevenção de doenças⁴¹⁵. Além disso, ter a

⁴¹³ MOULIN, Anne M. O corpo diante da Medicina. In CORBIN, A. COURTINE, JJ. VIGARELLO. G. **História do Corpo; 3º As mutações do olhar. O século XX**. Editora Vozes, 4º ed. Petrópolis, RJ, 2011, p.18.

⁴¹⁴ SCHOSSLER, Joana. CORREA, Silvio. Dos cuidados com o corpo feminino em reclames na Revista do Globo da década de 1930. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(1): janeiro-abril/2011. p.54.

⁴¹⁵ *Ibidem*, p.56.

pele com a tonalidade mais bronzeada era condição ligada à saúde, à beleza, e ao status relacionado ao tempo livre de trabalho e disponível para “práticas de veraneio”⁴¹⁶.

O corpo saudável passa a ter relação com o estético, além da concepção de saúde preventiva. De acordo com Soares Junior:

Os exercícios físicos não asseguravam apenas a beleza, mas também a saúde do corpo. Para isso, os jornais e revistas passaram a intensificar a quantidade de matérias publicadas sobre a importância da cultura física, sua metodologia e predicados que tornavam o corpo um objeto que despertava desejos.⁴¹⁷

As capitais brasileiras passaram a ter clubes esportivos, e, com o aumento da demanda de praticantes de esportes diversos, a Água Rabello, por suas propriedades terapêuticas, passou a ser um produto também indicado para acompanhamento dos novos costumes. Com isso, algumas propagandas foram voltadas aos consumidores atléticos, inclusive alguns esportes específicos eram enfatizados nos anúncios, como futebol, hipismo e boxe.

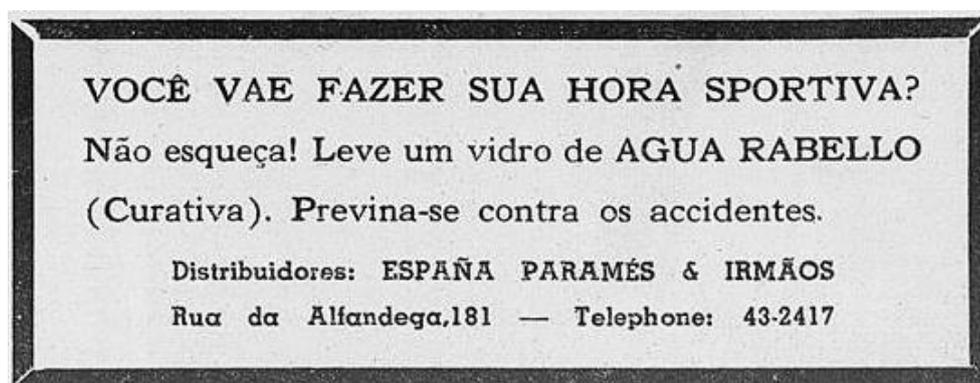


Figura 42:– Anúncio da Água Rabello relacionado às práticas esportivas. Revista Sport Ilustrado (RJ), 13 de abril de 1940, p.13. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A educação física nas escolas passou a fazer parte da realidade dos alunos da época. As atividades físicas estavam relacionadas ao aperfeiçoamento do corpo, ao sentido de disciplina e ética estabelecida pelas regras de cada modalidade esportiva. “Exercícios para a infância tinham o sentido de extravasar energias em abundância, na puberdade de corrigir as más posturas e afastar doenças”⁴¹⁸. De acordo com Soares Junior:

⁴¹⁶ *Ibidem*, p.59.

⁴¹⁷ SOARES JUNIOR, Azemar do Santos. **Corpos Hígidos: O limpo e o sujo da Paraíba (1912-1924)**. Dissertação de Mestrado, PPGH-UFPB, 2011, p.165.

⁴¹⁸ *Ibidem*, p.171.

“Nos clubes da capital paraibana adotou-se o *foot ball* como um tipo de esporte que levou ao ‘aperfeiçoamento physico da infância [...] porque levamos a meninada de uma inércia muscular quase completa a um dispêndio formidável de energia’”⁴¹⁹.



Figura 43: Anúncio *Foot Ball* e a *Água Rabello* – *Jornal do Recife (PE)*, 02 de agosto de 1927, p.3. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

O *foot ball*, um esporte popular no Brasil, ganhou mais adeptos ao longo do século XX, e, graças a esse interesse crescente, também foi visado pelos anúncios publicitários. Por ser um esporte com muito contato físico, e no qual as quedas são comuns aos seus praticantes, os reclames da *Água Rabello* foram direcionados aos casos de escoriações em decorrência do exercício. Da propaganda do *Jornal do Recife (PE)* acima consta: “[...] *exigi do vosso Club a inclusão na ambulância respectiva de uma provisão deste medicamento*”.

Não só os praticantes do *foot ball* foram alvos dos anúncios da *Água Rabello*. Durante a década de 1940 encontramos algumas revistas em que a *Água Rabello* dedicou-se a angariar outros esportistas:

⁴¹⁹ *Ibidem*, p.174.



Figura 44: Anúncio da Água Rabello pugilistas - Sport Ilustrado (RJ) – 08 de fevereiro de 1940, p.28; Anúncio da Água Rabello Amazona- Sport Ilustrado (RJ) – 07 de março de 1940, p.14. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Ambas as propagandas falam sobre as propriedades curativas da Água Rabello em relação aos possíveis acidentes ocasionados por atividades esportivas intensas. A propaganda que traz a imagem dos pugilistas fala que: *“Só assim tereis a segurança absoluta de uma cura prompta e rápida e a garantia contra perigosas infecções”*.

Já no reclame com a imagem de uma amazona, temos a representação da mulher praticando esportes, o que remete ao ar de modernidade. Assim como os homens, a boa forma através de exercícios físicos também foi aplicada às mulheres. O que de certa maneira estimulou a indústria também neste sentido a se destinar ao público feminino: *“A “mulher esportiva, os cuidados com o corpo não escaparam da nova indústria de produtos farmacêuticos, de cosméticos e de trajes esportivos”⁴²⁰*.

⁴²⁰ SCHOSSLER, Joana. CORREA, Silvio. Dos cuidados com o corpo feminino em reclames na Revista do Globo da década de 1930. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 19(1): janeiro-abril/2011. p.65.

Assim como a higiene do corpo, sobretudo para as mulheres neste período, a prática difundida do esporte foi mais um caminho para mudanças no estilo de vida. De acordo com Soares Junior:

O esporte passou a ser entendido como parte de uma vida moderna de uma parcela da sociedade, que assumia um lugar de prestígio social. O corpo representava tal prestígio. Estar dentro dos padrões eugênicos, higiênicos e esportivos da época dava valor ao cidadão com tudo no lugar. O corpo rígido ganhava sintonia com o mundo moderno. Não se tratava de um reconhecimento pleno de toda a sociedade, mas de grupos ditos ‘científicos’ que divulgavam o modelo de corpo esportista, como também daqueles homens e mulheres que se encantavam com os novos padrões estéticos.⁴²¹

Certamente não podemos estender estas realidades para a sociedade como um todo, pois, nem todos tinham acesso a esses tipos de informações. Sem considerar o analfabetismo no Brasil desta época, havia também a inacessibilidade dos produtos culturais voltados para o público culto e de posses. Muitos dos anúncios da Água Rabello eram anúncios escritos; esta publicidade portanto, de certa forma, era direcionada aos que pudessem ler. O uso das imagens decerto ampliava os públicos possíveis do produto.

Devemos considerar aqui a importância, principalmente, do “boca a boca”. Nem todos que tinham como acessar as propagandas escritas da Água Rabello, porém, neste caso compreendemos a relação do remédio com as práticas populares de cura, quando um remédio que “representa uma farmácia completa” se tornou parte das terapêuticas, principalmente daqueles que não podiam muitas vezes recorrer a um atendimento médico. Na Paraíba, principalmente, a Água Rabello é amplamente conhecida, e junto aos mais velhos sempre é comum ouvir alguma memória associada ao remédio. Além disso, Água Rabello é um dos poucos medicamentos centenários nacionais que ainda em circulação. Para muitos consumidores ainda é a “maravilha brasileira”.

⁴²¹ SOARES JUNIOR, Azemar do Santos. **Corpos Hígidos: O limpo e o sujo da Paraíba (1912-1924)**. Dissertação de Mestrado, PPGH-UFPB, 2011, p.174.

Considerações Finais

Esta pesquisa teve como principal objetivo apresentar a Água Rabello como uma das águas curativas do Brasil, resultado de uma tradição de terapêuticas de curas populares, mas cuja história também apresenta características de uma formulação alinhada aos saberes técnicos-científicos. Esses elementos, conjuntamente, foram acionados nas propagandas do produto em revistas e jornais entre os anos de 1902 e 1940, e essa publicidade foi o principal material arquivístico analisado na dissertação.

No primeiro capítulo, apresentamos ao leitor as artes de curar do século XIX, período em que as farmácias eram mais conhecidas como boticas, e quando o ofício do boticário estava interligado às demais artes terapêuticas praticadas por sangradores, barbeiros, parteiras, curandeiros, entre outros. Com o fim da Físicatura-Mor e a implementação de cursos de farmácias, em meados de 1832, nas Faculdades de Medicina no Rio de Janeiro e da Bahia, os farmacêuticos passaram a exercer um certo destaque social através da sua formação. Entretanto, mesmo com a formação regular através do ensino de farmácia, boticários mais experientes, e que tinham o domínio do ofício, conservaram boa parte de sua legitimidade e permaneceram atuando na profissão.

Neste primeiro capítulo o objetivo foi o de apresentar ao leitor as disputas ocorridas nesse período entre os profissionais de cura. Em situações diversas apresentadas, demonstramos como ocorriam impasses entre médicos e boticários, médicos e curandeiros, boticários e charlatães, assim como entre boticários. Estes conflitos eram muitas vezes ocasionados por práticas consideradas inadequadas à profissão, motivados pelo receio de comprometer o reconhecimento social das classes profissionais em disputa. Como desdobramento, incluíram desde embates jurídicos até controvérsias públicas em periódicos. Vimos também que, ao mesmo tempo em que havia legislações proibindo o exercício de práticos não formados, muitos destes continuaram exercendo suas funções à revelia das leis, especialmente em situações de crise, como nas epidemias.

Já no capítulo dois foram apresentadas as mudanças ocorridas no universo das artes de formular na virada do século XIX para o século XX; panorama no qual localizamos parte da trajetória profissional de José Rabello e Rabello Junior. Rabello pai foi um prático reconhecido socialmente na Paraíba, que uniu a tradição do seu ofício farmacêutico com a formação acadêmica alcançada por seu filho, Rabello Junior. Pai e

filho, então traduzem, as continuidades e descontinuidades do ofício e do processo de institucionalização da prática farmacêutica nos produtos da Drogaria Rabello, principal negócio comercial da família.

Neste capítulo, também apresentamos as características comerciais paraibanas nas quais a Drogaria Rabello esteve inserida. Percebemos, nesta segunda parte do trabalho, que a família tinha uma atuação de destaque na vida comercial da capital, Parahyba do Norte, e nos seus espaços de sociabilidade, como, por exemplo, irmandades católicas, Junta Comercial e na Associação Comercial da Paraíba. Destacamos algumas informações também sobre as suas sociedades nos negócios, sobre o percurso da Drogaria ao Laboratório Rabello, e os seus principais remédios produzidos e distribuídos, como a Água Rabello e o Elixir de Carnaúba e Sucupira Composto.

No terceiro e último capítulo, discutimos a tradição das águas curativas. Apresentamos algumas águas utilizadas para combater enfermidades desde o século XVIII, com destaque para a Água de Inglaterra, indicada contra paludismo e febres, dentre outras doenças. Também apresentamos a discussão sobre as propriedades de cura das águas minerais e as crenças em águas milagrosas. Abordamos ainda, a consolidação de novos hábitos de higiene na sociedade brasileira ao longo do XIX e suas permanências no XX. A disseminação da concepção de que um corpo limpo e cheiroso afastava as doenças, como mostramos, é aspecto indispensável para a compreensão das indicações terapêuticas da Água Rabello como asséptico nesse período. Com isso, a Água Rabello foi apresentada em suas propagandas como um remédio de uso interno e externo, como um medicamento que, afinal, “servia para tudo”, devido à extensa lista de casos nos quais poderia ser usado sem qualquer contra indicação.

Por fim, ainda no último capítulo buscamos analisar as propagandas da Água Rabello. Através destes anúncios, conseguimos identificar a circulação deste medicamento por alguns Estados brasileiros, em análise segmentada por décadas. A partir desta investigação pudemos compreender as linguagens dos anúncios, a quantidade nas quais eles apareciam nos periódicos, e como houve um aumento progressivo na publicidade e circulação do produto nas décadas de 1910, 1920 e 1930, seguido de uma redução dos anúncios na década de 1940.

Chegamos à conclusão, ainda neste capítulo, de que o Laboratório Rabello fazia a distribuição da Água Rabello, mas as publicidades encontradas eram de responsabilidade

dos comerciantes locais, uma vez que não havia uma padronização gráfica dos anúncios. Existia uma semelhança na linguagem empregada no que se referia às propriedades terapêuticas e possíveis usos do medicamento, como, por exemplo: “remédio da família” e “remédio doméstico”. Quando se voltavam às mulheres, por exemplo, os anúncios eram direcionados ao seu papel social ideal como: “donas de casa”, “mães carinhosas”. Quando destinados aos praticantes de esportes, havia uma linguagem como: “exija no seu clube Água Rabello”.

Com isso, compreendemos a Água Rabello como um medicamento que alcançou destaque terapêutico entre consumidores comuns e profissionais de saúde. Possivelmente, seus anúncios resultaram em um maior conhecimento do público sobre o produto, mas também acreditamos que suas propriedades antissépticas, derivadas de plantas como Aroeira, Hortelã e Eucalipto, constituíram parte de seu trunfo publicitário. As propagandas também incluíram, como vimos, relatos pessoais com descrição da obtenção de bons resultados terapêuticos, o que decerto ajudou a Drogaria Rabello e comerciantes locais a alcançarem um bom número de vendas do produto. Em parte, tal sucesso também poderia estar relacionado à ausência de produtos concorrentes com as mesmas características e finalidades, como parecem indicar as propagandas de jornal analisadas.

Por fim, acreditamos que o trabalho tenha fornecido contribuições importantes para a historiografia das ciências e da saúde, principalmente sobre a história da farmácia no Brasil do século XX.. Ao longo de nosso trajeto, pudemos acompanhar a ascensão dos saberes médico-científicos no Brasil , sobretudo, por meio da institucionalização da profissão farmacêutica e do estabelecimento de laboratórios nacionais voltados para o mercado interno.

Na atualidade, desde o ano de 2013, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) determinou que a Água Rabelo sairia da categoria de medicamento passando a ser classificada como enxaguatório bucal⁴²². Entretanto, continua sendo amplamente conhecida e utilizada na Paraíba.

⁴²² <https://www.aguarabelo.com.br/empresa>, Acesso em 15 de outubro de 2021.

REFERÊNCIAS

Arquivos Pesquisados

- Acervo Online Jornais e Folhetins XIX CCHLA (AOJF): <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo.html>;
- Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese Paraibana (AEAP);
- Arquivo da Igreja da Misericórdia (AIM);
- Arquivo Particular Maurílio de Almeida (APMA);
- Arquivo Privado do Laboratório Rabelo (APLR);
- Family Search (FS)- <https://www.familysearch.org/pt/>
- Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (HDBN): <https://bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> ;

Fontes:

- Certidão de casamento; Paróquia Nossa Senhora das Neves; livro 3, p.82. – Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese Paraibana.
- Panfleto de divulgação do Elixir de Carnaúba e Sucupira, p.7. – Arquivo Privado Laboratório Rabelo.
- Anúncio da Drogeria Rabello, “fundada em 1889” - Almanak do Estado da Parahyba 1899, s/p - Acervo Particular Maurílio de Almeida.
- Diploma concedido pelo Estado da Parahyba – Inspeção Geral de Hygiene a Antonio José Rabello – Acervo privado Laboratório Rabelo.
- Presidente do Estado Deputado da Junta Commercial da Paraíba. Antonio José Rabello.
- 22 de novembro de 1902 - Acervo Privado Laboratório Rabelo.
- Deputado Antonio José Rabello para cargo de presidente da Junta Commercial, 7 de novembro de 1916. Acervo Privado Laboratório Rabelo.
- Relatório Santa Casa de Misericórdia da Parahyba. Apresentado em Sessão Solene. Parahyba do Norte, 02 de julho de 1906 – Arquivo Particular Maurílio de Almeida.
- Relatório Santa Casa de Misericórdia da Parahyba. Parahyba do Norte, 02 de julho de 1911 – Arquivo Particular Maurílio de Almeida.
- Certidão Antonio José Rabello como parte da irmandade de Nossa Senhora da Conceição, 3 de setembro de 1880 - Acervo Privado Laboratório Rabelo.
- Certificado da participação de Antonio José Rabello na Irmandade Benedito da Cruz. 16 de janeiro de 1882- Acervo Privado Laboratório Rabelo.

- Livro de Sepultamento ano 1925 da Santa Casa de Misericórdia – Arquivo da Igreja da Misericórdia.
- Relato de uso Elixir de Carnaúba e Sucupira por Camillo Ribeiro dos Santos – Recorte de jornal (sem referência) – Acervo Privado do Laboratório Rabelo.
- Carta Patente Junta Governativa do Estado da Parahyba do Norte :Título de Capitão da 5º companhia do 4º batalhão da infantaria da Guarda Nacional do comando superior da comarca da capital. 12 de fevereiro 1892 – Acervo Privado do Laboratório Rabelo.
- Carta Patente, O Presidente dos Estados Unidos do Brasil, Major da 1º Brigada de Infantaria da Guarda Nacional: 23 de agosto de 1894. – Acervo Privado Laboratório Rabelo.
- Carta Patente, O Presidente dos Estados Unidos do Brasil, 22 de julho de 1909. – Acervo Privado do Laboratório Rabelo.
- Recibos de Pagamentos à Associação Brasileira de Farmacêuticos - Acervo Privado do Laboratório Rabelo.
- Certificado VII Convenção Brasileira de Farmacêuticos, 1951 – Acervo Privado do Laboratório Rabelo.
- Recibo de venda manuscrito, 10 de setembro de 1935 – Acervo Privado do Laboratório Rabelo.
- Caderno manuscrito formulação do Elixir de Carnaúba e Sucupira Composto, novembro/ dezembro de 1952 – janeiro de 1953. – Acervo Privado Laboratório Rabelo.
- Embalagem da Água Rabelo em meados dos anos 50 -60 – Acervo privado Laboratório Rabelo
- Panfleto de divulgação: A Água Rabello, p.5, sem datação - Fonte: Acervo Privado Laboratório Rabelo
- CASTRO, Oscar de. **Contribuições à História da Farmácia na Paraíba.** Separata De Vida & Cultura, Órgão Oficial da Sociedade Cultural Luso Paraibana De Estudos E Pesquisa, 1964.
- NÓBREGA, Humberto. **As raízes das ciências médicas na Paraíba: medicina, farmácia, odontologia e enfermagem.** João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 1979.

Jornais e Revistas

A Scena Muda (RJ) -1940

Sport Ilustração (RJ), 1940

A Ilustração (PB) – 1930

A Semana (RJ) – 1940

A Noite (RJ) – 1940

Vida Capichaba (ES) - 1929

A União (PB) – 1893, 1895; 1897,1902; 1924

A União (RJ) - 1924

Diário da Manhã (ES) - 1927

Diário da Noite (SP) - 1927

Diário de Pernambuco (PE) – 1901; 1916

Diário Nacional (SP) - 1927

Folha do Povo (MA) - 1923

Jornal A Provincia (PE)- 1926

Jornal do Recife (PE) - 1927

Jornal Estado da Parahyba (PB) – 1891

Jornal Estado da Paraíba (PB) - 1891.

Jornal O Commercio (PB)- 1902;1903;1906;1907

Jornal O Norte (PB) – 1912;1913; 1916;1920;1922;1952

O Jornal (PB) – 1924;1925

O Jornal (RJ)- 1928

O Jornal (CE) – 1933

Leis e Decretos

DECRETO nº2.055 de 19 de dezembro de 1856: Acesso 20 de janeiro de 2021:
<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1764-14-maio-1856-571247-publicacaooriginal-94339-pe.html>

Lei de 03 de outubro de 1832; Acesso em 25 de janeiro de 2021:
https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-37274-3-outubro-1832-563716-publicacaooriginal-87775-pl.html#:~:text=D%C3%A1%20nova%20organiza%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A1s

[%20actuaes,Rio%20de%20Janeiro%2C%20e%20Bahia.&text=Art.,Escolas%2C%20ou%20Faculdades%20de%20Medicina.](#)

DECRETO Nº828 29 DE SETEMBRO DE 1851. Acesso em 04 de fevereiro de 2021. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-828-29-setembro-1851-549825-publicacaooriginal-81781-pe.html>

DECRETO Nº 8.387, DE 19 DE JANEIRO DE 1882. Acesso em 04 de fevereiro de 2021: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-8387-19-janeiro-1882-544934-publicacaooriginal-56615-pe.html>

DECRETO 20.377 DE 08 DE SETEMBRO DE 1931. Acesso 01 de julho de 2021. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-20377-8-setembro-1931-498354-publicacaooriginal-1-pe.html>

DICIONÁRIO

PINTO, Luiz Maria Silva. **Dicionário da Língua Portuguesa, Typografia de Silva**, Ouro Preto, 1832. Acesso 26 de julho de 2021 - <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000038026&bbm/5414#page/453/mode/1up>

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Deyse Marinho de. **Arte Boticária: Uma análise a partir de boticários e boticas da comarca do Rio das Velhas na segunda metade do século XIX**. Dissertação de Mestrado. PPGH-UFGM, 2006.

ACCIOLI, Nilma Teixeira. “Quem não tem peito não toma mandinga” in COSTA, Valéria, GOMES, Flavio. **Religiões Negras no Brasil: da escravidão à pós-emancipação**. São Paulo, Selo Negro, 2016.

AIRES, José Luciano de Queiroz. A Fabricação do Mito João Pessoa: Batalhas de Memória na Paraíba (1930-1945). In NETO, Martinho Guedes dos Santos, COSTA, Robson Xavier (org.). **Pesquisa em História: temas e abordagens**. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB/PPGH-UFPB, 2009.

ALMEIDA, Maria José S. S. P. A heredosífilis no Brasil do século XIX.: estigmas, valores e comportamentos. **XXVIII Simpósio Nacional de História**. Florianópolis –SC, 2015.

ALMEIDA, Marta de.: Circuito aberto: idéias e intercâmbios médico-científicos na América Latina nos primórdios do século XX. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, v. 13, n. 3, p. 733-57, jul.-set. 2006.

ANDRADE, Tania L. Humores e odores: Ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, II (3): 44-96, Nov.1995-Fev-1996.

ARAÚJO, C. BOCHNER. R. NASCIMENTO. A. Marcos legais da propaganda de medicamentos: avanços e retrocessos. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 22 [1], 2012.

ARAÚJO, Rafael. **O "Terrível Flagello da Humanidade": Os Discursos Médico-Higienistas no combate à sífilis na Paraíba (1921-1940)**. Dissertação de Mestrado PPGH-UFCG, 2020.

ARAÚJO, Silvera Vieira De. **Entre o poder e a ciência: História das instituições de saúde e de higiene da Paraíba na primeira república (1889-1930)**. Tese De Doutorado, PPGH-UFPE, 2016.

BAALBAKI, Angela; CALDAS, Beatriz. Almanques de farmácia no Brasil: discursos sobre corpo e saúde. **Revista Língua & Literatura**, v. 35, n. 20, p. 131-149, jan./jun. 2018.

BELTRÃO, J.F.: “Arte de curar dos profissionais de saúde popular em tempo de cólera: Grão-Pará do século XIX. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos vol VI (suplemento), 833-866, setembro, 2000, p,849.

BERTUCCI, Liane Maria. Remédios, Charlatanices... e curandeirices práticas de cura no período de gripe espanhola em São Paulo. In CHALHOUB, Sidney (Org). **Artes e Ofícios de curar no Brasil**. Campinas, Editora Unicamp, 2003.

BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos: O Caráter Sobrenatural Do Poder Régio, França E Inglaterra**. São Paulo: Companhia Das Letras, 1993.

BRASIL. **Vendendo Saúde: A história da propaganda de medicamentos no Brasil**. Brasília, Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2008.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo CED. UNISINOS, 2003.

- CALAINHO, Daniela Buono. Farmacopeia e drogas medicinais no mundo luso-brasileiro setecentista. **Anais de História de Além-Mar**, Lisboa, v.7, p.56-67, 2007
- CERTEAU, Michel De. **A Invenção do Cotidiano, 1 Artes De Fazer**. Petrópolis, Vozes, 2014.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas representações**. 2 ed. Diefel, 1988.
- CHURCH, Roy. The British Market for Medicine in the late Nineteenth Century: The Innovative Impac of S M Burroughs & Co. **Medical História**, 2005, 49. p.281-298.
- CORRAL, F. S., DIEZ DEL, M. (org). **Do boticário ao farmacêutico: o ensino de farmácia na Bahia, de 1815-1949**. EDUFBA, Salvador, 2009.
- CUNHA, Cinthia S. [...] **a Bahia se mostrará digna do renome que a cerca: Exposições na Primeira República (1908, 1922 e 1923)**. Dissertação de Mestrado. PPGHS-UFBA, 2018.
- CYTRYNOWICZ, Monica. STÜCKER. Ananda. **Origens e trajetória da indústria farmacêutica no Brasil**. Narrativa Um, São Paulo, 2007.
- DIAS, José Pedro de Souza Dias. **A Água de Inglaterra: Paludismo e Terapêutica em Portugal no século XVIII**. Portugal, Editora Caledoscópio, 2012
- _____, José Pedro de Souza. **Droguistas, boticários e segredistas. Ciência e Sociedade na Produção de Medicamentos na Lisboa de Setecentos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2007.
- DIAS, Margarida Maria. **Intrepida ab origine: O Instituto Histórico e Geográfico paraibano e a produção da história local**. João Pessoa: Almeida 1996.
- DIEZ DEL CORRAL, F, S; SOUZA, M; NEGRÃO, O. **Do boticário ao farmacêutico: o ensino de farmácia na Bahia de 1815 a 1949**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- DINIZ, Ariosvaldo. As Artes de Curar nos tempos do cólera: Recife 1856. In CHALHOUB, Sidney (Org) **Artes e Ofícios De Curar No Brasil**. Campinas, Editora Unicamp, 2003.
- EDLER, Flavio Coelho. **Boticas e Pharmacias: Uma História Ilustrada da Farmácia No Brasil**. Casa da Palavra, Rio De Janeiro, 2006.

FARIAS, Rosilene Gomes. Pai Manoel, o curandeiro africano, e a medicina no Pernambuco imperial. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.19, supl., dez. 2012, p.215-231.

FERNANDES, Irene R. **Comércio e Subordinação: A Associação Comercial da Paraíba no processo histórico regional (1889-1930)**, João Pessoa: Universitária/UFPB, 1999.

FERNANDES, Tania M. **Plantas medicinais: memória da ciência no Brasil**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004.

FERREIRA, Luiz Otávio. Medicina Impopular: Ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840). In Chalhoub, Sidney (Org) **Artes E Ofícios De Curar No Brasil**. Campinas, Editora Unicamp, 2003, p.102-122.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves **A Arte De Curar, cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais**. Vício de Leitura, Minas Gerais, 2002.

_____, Betânia G. O arranjo das drogas nas boticas e farmácias mineiras entre os séculos XVIII e XIX in CARNEIRO, H. VENANCIO, R.P. (org). **Álcool e drogas na história do Brasil**. São Paulo: Alameda, 2005.

FONTES, B. STELZIG, S. Sobre trajetórias de sociabilidade: a ideia de relé social como mecanismo criador de novas redes sociais. **Política & Sociedade**, nº5, outubro de 2004.

FORTUNATO, Wuendisy. **Artes de Curar em confronto? Disputas, ofícios e práticas de cura na Paraíba Imperial (1870-1880)**. Dissertação de mestrado PPGH-UFPB, 2020.

_____, Wuendisy.; MARIANO, Serioja R. C. Artes de Curar em combate: Medicina e Curandeirismos na Paraíba Imperial (1880-1889). In: **II Encontro Nacional de História Política: História, Rupturas Institucionais e Revoluções**, João Pessoa – PB, 2017.

FREIRE, Maria Martha de Luna. ‘Ser mãe é uma ciência’: mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, supl., jun. 2008.

GOMES, M. L. Vendendo saúde! Revisitando os antigos almanaques de farmácia. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 1007-18, out.-dez. 2006.

GRUNZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo. Companhia da Letras, 2001.

GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. **Civilizando as Artes de Curar. Chernoviz e os manuais de medicina popular do Império**. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 2016.

_____, M. R. C.: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, v. 12, n. 2, p. 501-14, maio-ago. 2005.

KOBAYASHI, Elizabete Mayumy. A saúde via consumo: a representação idealizada das donas de casa, mães e esposas nos manuais de economia doméstica e nos anúncios das revistas O Cruzeiro e Manchete, 1940-1960. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.25, n.3, jul.-set. 2018.

LEWIN, Linda. **Política e Parentela na Paraíba– Um Estudo de Caso da Oligarquia de Base Familiar**. Rio de Janeiro: Record, 1993.

MARQUES, Tereza Cristina. A instituição do registro comercial na administração pública brasileira e os acervos de documentos para a história de empresas. **3º Congresso Brasileiro de História Econômica e 4ª Conferência Internacional de História de Empresas**, 1999, p.1-19.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. **Natureza em Baiões. Medicinas e boticários no Brasil Setentista**. São Paulo, Unicamp, 1999.

_____, Vera Regina Beltrão. Medicinas secretas: Magia e ciência no Brasil setentista. In CHALHOUB, Sidney (Org.) **Artes e Ofícios de Curar no Brasil**. Campinas, Editora Unicamp, 2003.

MARTINHO, RUI M. G. **A Imprensa e a Farmácia: Publicidade e Medicamentos no Século XIX**. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas, Lisboa, 2012.

MOULIN, Anne M. O corpo diante da Medicina. In CORBIN, A. COURTINE, JJ. VIGARELLO. G. **História do Corpo; 3º As mutações do olhar**. O século XX. Editora Vozes, 4º ed. Petrópolis, RJ, 2011.

OLIVEIRA, Isabella B. **A farmácia em São Paulo é um novelo de redes: gênero e prática científica (1895-1917)**. Dissertação de Mestrado, PPGHS, USP, 2018.

PEREIRA, Margareth S. A Exposição de 1908 ou o Brasil visto por dentro. **Arqtexto** (UFRGS), v. 16, 2010.

PEREIRA, William E. breves notas acerca da formação histórico-econômica de campina grande: do gado (século XIX) ao algodão (século XX). **história econômica & história de empresas** vol. 19 no 2 (2016).

PIMENTA, Tania Salgado. **Artes de Curar: Um estudo a partir dos documentos da Fisicatura-Mor no Brasil do começo do século XIX**. Dissertação de Mestrado. Unicamp, São Paulo, 1997.

_____, Tania Salgado. Entre sangradores e doutores: Práticas e formação médica na primeira metade do século XIX. **Cad. Cedes, Campinas**. Unicamp v. 23, n. 59, p. 91-102, abril. 2003.

_____, Tania Salgado. Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX. In CHALHOUB, Sidney (Org) **Artes e Ofícios De Curar No Brasil**. Campinas, Editora Unicamp, 2003.

_____, T. S.: Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, vol. 11 (suplemento 1): 67-92, 2004.

PITA, João Rui.; PEREIRA, Ana Leonor. A arte farmacêutica no século XVIII, a farmácia conventual e o inventário da Botica do Convento de Nossa Senhora do Carmo (Aveiro). **Ágora. Estudos Clássicos em Debate** 14.1 (2012).

PORTER, Roy. Before de Fringe: 'Quackerey' and the Eighteennt -Century Medical Market in COOTER, Roger. **Studies in the History of Alternative Medicine**, THE MACMILLAN PRESS LTD, London, 1988.

QUINTELA, M. M. Saberes e práticas termais: uma perspectiva comparada em Portugal (Termas de S. Pedro do Sul) e no Brasil (Caldas da Imperatriz). **História, Ciências, Saúde** Manguinhos, vol. 11 (suplemento 1), 2004.

RIBEIRO, Maria A. Indústria farmacêutica na era Vargas. São Paulo 1930-1945. **Cadernos de História da Ciência** – Instituto Butantan – vol. II, 2006.

SÁ, Dominichi Miranda de. A voz do Brasil: Miguel Pereira e o discurso sobre o “imenso hospital”. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, v.16, supl.1, jul. 2009, p.333-348.

SÁ, Lenilde Duarte. Parahyba: **Uma cidade entre miasmas e micróbios. O Serviço de Higiene Pública de 1895-1918.** Tese de Doutorado em Enfermagem, USP, 1999.

SAJAD, Nelson. As Exposições Internacionais: Uma abordagem historiográfica a partir da América Latina. **História, Ciência, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, V.4, N3, Jul-Set. 2017.

SAMPAIO, Gabriela. **Nas Trincheiras da Cura: As diferenças medicinais no Rio de Janeiro Imperial.** São Paulo, Editora Unicamp, 2001.

SANTA RITA, Ticiania. **Práticas Farmacêuticas em Iguassú entre finais do século XIX e início do século XX através das trajetórias de José Manuel de Santa Rita e Joaquim Nery Cotrim Santa Rita.** Dissertação de Mestrado – PPGHCS, FIOCRUZ, 2018.

SANTOS, Beatriz. GERMANO, Idilva. Regulação do corpo feminino no almanaque de farmácia d'A Saude da Mulher. **Revista Estudos Feministas**, 28(1), Florianópolis, 2020.

SANTOS, Moacir. J. CARNIELLO, Monica F. História da Publicidade e da Propaganda: Campo Historiográfico da Comunicação e da História do Brasil. In **10º Encontro Nacional de História da Mídia.** ALCAR, 2015, UFRGS.

SANTOS, Paulo C. **O Brasil nas Exposições Universais (1862 a 1911): mineração, negócio e publicações.** Dissertação de Mestrado. PPGEHCT – UNICAM, 2009.

SCHOSSLER, Joana. CORREA, Silvio. Dos cuidados com o corpo feminino em reclames na Revista do Globo da década de 1930. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(1): janeiro-abril/2011.

SCHWARCZ, Lilia. STARLING, Heloisa. **A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil.** 1º ed, São Paulo, Companhia das Letras, 2020.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando A. (coord.). **História da vida privada no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA FILHO, Wellington Bernardelli. Terapêuticas e flora brasílica no contexto da farmácia portuguesa do século XVIII. **História e Ciência: Ciência e Poder na Primeira Idade Global,** Porto, 2016, p.122-141.

SOARES JUNIOR, Azemar do Santos. **Corpos Hígidos: O limpo e o sujo da Paraíba (1912-1924)**. Dissertação de Mestrado, PPGH-UFPB, 2011.

STÜCKER, Amanda (Org). **Origens E Trajetória Da Indústria Farmacêutica No Brasil**. Narrativa Um, São Paulo, 2007.

VÁZQUEZ. Georgiane. Vênus nos braços de mercúrio, bismuto e arsênio Notas históricas sobre sífilis gestacional antes da penicilina. **Sexualidad, Salud y Sociedad, Revista Latino Americana**. / n. 28 – abr, 2018.

VELLOSO, Mônica Pimenta. O Modernismo e a questão nacional in FERREIRA, Jorge (Org). **O Brasil Republicano: O Tempo do Liberalismo Excludente da Proclamação Da República À Revolução De 1930**. Vol.1. 9ª Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2017.

VELLOSO, Verônica Pimenta. **Farmácia na Corte Imperial (1851-1887): Práticas e Saberes**. Tese de Doutorado, PPGHCS- FIOCRUZ, 2007.

VIGARELLO, Georges. **Lo limpio y lo sucio: La higiene del cuerpo desde la Edad Media**. Alianza Editorial. 1991.

ANEXO I - Propaganda da Água Rabello onde em 1928 falou-se que a Água Rabello completaria 27 anos, logo ano de criação 1901. Fonte: O Jornal (RJ) 19 de outubro de 1928, p.12. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

AGUA CURATIVA RABELLO

—◆—

**UM PRODUCTO QUE SE VEM
IMPONDO HA 27 ANNOS!**

Todo o Norte do Brasil conhece a "Agua Curativa Rabello", fabricação do Laboratorio Rabello Ltda. da Parahyba do Norte.

Ha vinte e sete annos era esse producto lançado no mercado dos productos pharmaceuticos.

A "Agua Curativa Rabello" é um medicamento de urgencia e, como tal, deve estar sempre ao alcance da mão. E' recommendada nos casos de quedas, choques, contusões, golpes, torceduras, feridas, queimaduras, hemorragias, espinhas, picadas de insectos, etc.

Producto puramente vegetal, não mancha a pelle nem as roupas e é isento de qualquer substancia venenosa.

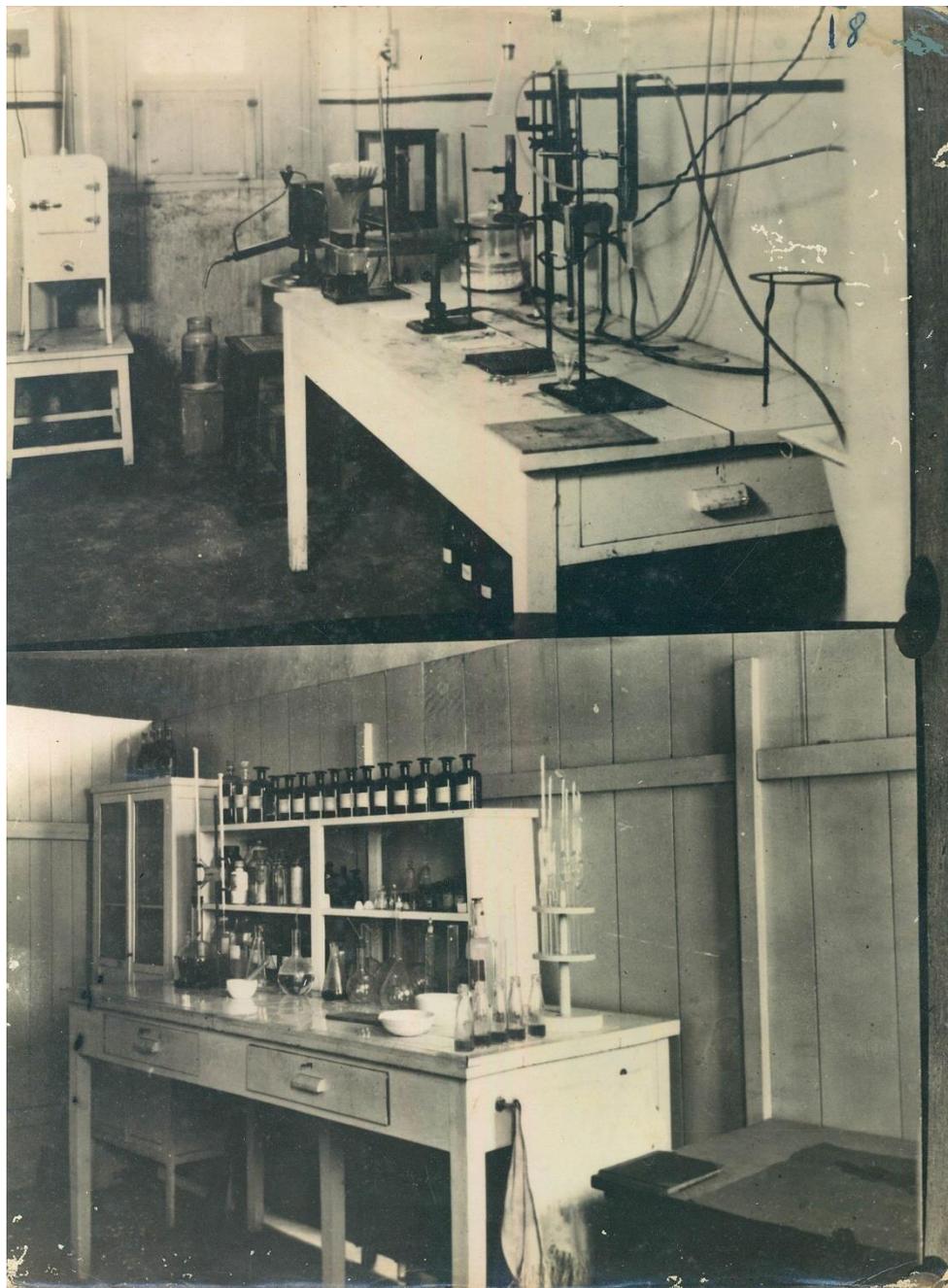
ANEXO II: Fotografia do mostruário de produtos da Água Rabello. Foto possivelmente tirada em meados dos anos 40 ou 50. Fonte: Acervo Privado do Laboratório Rabelo



ANEXO III: Fotografia do Laboratório Rabello de meados dos anos 40 ou 50: Fonte: Acervo Privado do Laboratório Rabello



**ANEXO IV: Laboratório de experimentação científica do Laboratório Rabello.
Fotografia sem datação. Fonte: Acervo Privado do Laboratório Rabello**



ANEXO V: Laboratório de experimentação científica do Laboratório Rabello. Fotografia possivelmente anos 40 ou 50. Fonte: Acervo Privado do Laboratório Rabello



ANEXO VI: Trabalhadoras do Laboratório Rabello. Fotografia de meados dos anos 40 ou 50. Fonte: Acervo privado do Laboratório Rabello.



ANEXO VII: Trabalhadoras no processo de higienização do vidro de remédio e na preparação para embalagens. Fotografia de meados dos anos 40 ou 50. Fonte: Acervo privado do Laboratório Rabelo.



ANEXO VIII: Trabalhadoras no processo de enchimento dos vidros de Água Rabello. Foto dos possíveis anos de 40 ou 50. Fonte: Acervo privado do Laboratório Rabelo.



ANEXO VIX: Trabalhadores no processo de fabricação da Água Rabello. Foto de meados das décadas de 40 ou 50. Fontes: Acervo privado do Laboratório Rabelo.



ANEXO X: Trabalhadores no processo de encaixotamento para distribuição dos produtos produzidos pelo Laboratório Rabello. Fonte: Acervo Privado do Laboratório Rabello.



ANEXO XI: Caixas do Laboratório Rabello para distribuição dos medicamentos.
Fonte: Acervo Privado do Laboratório Rabello.



**ANEXO XII: Fotografia de Antonio José Rabello Junior em meados dos anos 50.
Fonte: Acervo Privado Laboratório Rabelo.**

